



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR**

**DA "ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE" À  
"ESPORTIVIZAÇÃO DA ESCOLA":  
TRADIÇÃO E ESPETÁCULO NOS JOGOS DA PRIMAVERA DE  
SERGIPE (1964-1995)**

Salvador  
2008

HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR

**DA "ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE" À  
"ESPORTIVIZAÇÃO DA ESCOLA":  
TRADIÇÃO E ESPETÁCULO NOS JOGOS DA PRIMAVERA DE  
SERGIPE (1964-1995)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Celi Nelza Zulke Taffarel

Salvador  
2008

Biblioteca Anísio Teixeira – Faculdade de Educação / UFBA

D192 Dantas Junior, Hamilcar Silveira.

Da “escolarização do esporte” à “esportivização da escola”:  
tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe (1964-1995) /  
Hamilcar Silveira Dantas Junior. - 2008.  
333 f.

Orientadora : Profa. Dra. Celi Nelza Zulke Taffarel.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de  
Educação, 2008.

1. Esportes. 2. Competições escolares - Sergipe - 1964-1995.  
I. Taffarel, Celi Nelza Zulke. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade  
de Educação. III. Título.

CDD 796.071– 22. ed.

## TERMO DE APROVAÇÃO

HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR

### **DA "ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE" À "ESPORTIVIZAÇÃO DA ESCOLA": TRADIÇÃO E ESPETÁCULO NOS JOGOS DA PRIMAVERA DE SERGIPE (1964-1995)**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação,  
Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Celi Nelza Zulke Taffarel - Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Universidade Federal da Bahia

Cláudio de Lira Santos Júnior \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia

Rosa Fátima de Souza \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Araraquara)

Sara Martha Dick \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia

Victor Andrade de Melo \_\_\_\_\_  
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho, RJ  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Salvador, 25 de abril de 2008

## DEDICATÓRIA

Sonhos. Desejos. Anseios. Frustrações. Paixões. Amores. Alegrias. Tristezas. Prazer. Dor. Agonia. Cartas. E-mails. Teses. Existem palavras que possam exprimir a complexidade maravilhosa da vida? Penso que não! A vivência da infinitude de sentimentos, pensamentos e ações que geraram essa tese, só se expressa e se vale no sorriso dos que, infinitamente, amo: minha esposa, **Eliane**, e meus filhos, **Maria Clara** e **Guilherme**. A vocês, que foram meus sonhos de ontem e são a realidade de hoje, dedico, o que de bom fica, nessa árdua trajetória. Nosso futuro é a expressão mais transparente de que a vida, vale ser vivida. Amo vocês, minhas simples e maravilhosas razões de viver!

[...] Vida, vida, vida  
que seja do jeito que for.  
Mar, amar, amor  
se a dor quer o mar dessa dor, ah!  
Quero meu peito repleto  
de tudo que eu possa abraçar.  
Quero a sede e a fome eternas  
de amar e amar e amar e amar.  
Vida, vida, vida!

"*Maravida*"  
Luiz Gonzaga Junior, 1982.

## AGRADECIMENTOS

A todos os seres, forças e elementos que conspiram pela harmonia do universo, inclusive as nossas possibilidades de felicidade.

Ao povo brasileiro que subsidia a universidade pública e que me possibilitou concluir o Doutorado com bolsa de estudos pública via CAPES.

Aos meus pais Hamilcar e Risalva, pela vida, pelas oportunidades e por tudo que sou. Ao meu querido pai, com saudades e desejo de ser um dia metade do que foste. À minha irmã Ana que me deu lições diárias de amor incondicional (saudades eternas). À minha sogra, D. Maria, pelas orações diárias e pelo acolhimento de um novo filho.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Celi Taffarel, pela generosidade com que me acolheu, entendeu meus limites e me deu liberdade para criar, cair e levantar, sempre com uma palavra de carinho em meio à dureza da vida cotidiana. A você, Celi, meu terno agradecimento por lições que vão para além da Academia.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Dick, pela leitura cuidadosa da Tese, pelas sugestões no exame de qualificação e pelo auxílio a este projeto acadêmico.

Ao Prof. Dr. Cláudio Lira Santos Junior, enquanto colega do LEPEL pelas palavras de incentivo e pela torcida cotidiana, e como membro da banca de defesa de Tese pela leitura crítica e com olhares diferenciados acerca do objeto e dos rumos da investigação.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosa Fátima de Souza pela generosidade com que se dispôs a ler os primeiros ensaios do Projeto de Tese, pelas críticas e sugestões e pela participação na banca de defesa de Tese. No mundo acadêmico em que imperam as vaidades, sua postura, seu gesto e suas palavras são alentos para a constante renovação de minha prática.

Ao Prof. Dr. Victor Andrade de Melo pelo carinho, pela torcida, pela leitura crítica, pela inspiração, sobretudo pelo abraço amigo. Obrigado por tudo, irmão. Amo você!

Aos queridos colegas da UFBA, que as agruras do cotidiano me impediram de conviver mais. Os colegas do LEPEL: meu querido irmão Alcir, Helena, Welington, Adriana, Kátia, Bené, Bartira, Amália, Tina e todos os outros. Os colegas que convivi nas disciplinas e me ensinaram muito com suas posturas e opções teóricas e políticas: João Neto, Márcea Sales e Fábio Zoboli. De modo especial meu irmão Coriolano Junior. Grande "Cori", valeu a força!

Aos muito caros professores da UFBA, pela postura íntegra e acadêmica, especialmente: Maria Cecília, César Leiro, Dora Rosa, José Albertino Lordelo, Mauro Castelo Branco de Moura, Genildo Ferreira da Silva e Jorge Nóvoa.

Às professoras da UFS que me mostraram o que é seriedade acadêmica e compromisso institucional, além de sempre me incentivarem à construção de uma carreira séria e responsável e me mostrarem o prazer de ensinar: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marta Vieira Cruz e Prof.<sup>a</sup> Dra. Wilma Porto de Prior.

Aos colegas do Departamento de Educação Física da UFS pela liberação para cursar o Doutorado e por suprirem minha ausência neste período em que renovo meus compromissos.

Aos colegas do Departamento de Educação, especialmente Dr. Miguel Berger e Dra. Maria José Nascimento Soares, por permitirem minha integração ao Programa de Qualificação Institucional (PQI) que possibilitou as condições objetivas para a conclusão do curso.

Aos caríssimos amigos do "Núcleo de Pesquisa Sociedade e Educação" (NPSE/UFS), Maria José, Marcos, Angélica, Acácio, Silvana pela torcida incondicional à minha formação, sobretudo à querida Prof.<sup>a</sup> Dra. Dilma Maria Andrade Oliveira pela confiança, pela torcida e apoio, por debater comigo as angústias, auxiliando sempre a minha formação e por entender minhas ausências às atividades do grupo, ao qual retorno com novo fôlego para tocarmos nossos projetos.

Aos queridos colegas do Grupo de Pesquisa "História Popular do Nordeste" (HPOPNET/UFS), especialmente o Prof. Dr. Fernando Sá (leitor crítico e sagaz dos primeiros passos da tese), por acolherem e apoiarem tão imensamente este humilde aprendiz dos ofícios do historiador.

Aos meus eternos amigos: Tarcísio e Ana Grunennvaldt, pelos incentivos e carinho incondicionais que sempre me dedicaram; meus irmãos Randeantony e Sérgio Dorenski que trilham, desde 1993, esta carreira junto comigo e sempre estiveram torcendo por mim e me ajudando a construir novos rumos; meus queridos Roger Carlos, Carlos Antônio Júnior e Mariza Guimarães pelos momentos felizes e sempre enriquecedores, para toda a vida, que passamos juntos. Amo imensamente vocês!

Aos caríssimos homens e mulheres que construíram, e continuam a construir, difíceis e belas histórias e que se disponibilizaram a compartilhar suas memórias comigo: Cândido Pereira, Raimundo Monte, Curt Vieira, Lígia Almeida, Margarida Silva, José Robson Santos, Thaís Mansur, Luiz Antônio Barreto, Rosália Santos e Consuelo Camilo. A vocês, meus mais sinceros agradecimentos e louvores às suas histórias.

Aos queridos colegas/mestres que gentilmente cederam fontes para este estudo: Luiz Carlos Vieira Tavares (Mestre Lucas), Marco Arlindo, Chrystiane Toscano, Denise Guimarães, Francisco de Assis Macedo. Principalmente, agradeço àqueles que não se dispuseram a disponibilizar fontes, pois tenho clareza que a história também se faz por acomodações, omissões e ocultações.

Aos generosos colegas de diversos locais do país que, ao longo desses anos, me ajudaram com críticas, textos, teses e dissertações: Silvana Goellner (UFRGS), Meily Linhales (UFMG), Léa Perez (UFMG), Fábio Palácio (Centro de Estudos e Memória da Juventude-SP), Mônica Kornis (FGV).

Ao grupo de "guerreiros" (instituições e funcionários) que, nas mais adversas condições, preservam as fontes históricas no estado de Sergipe.

De modo especial, agradeço ao amado amigo que me iniciou nesta jornada: Prof. Jurinha Lobão. Em 1994, Jurinha me pegou pela mão e disse: "Eu acredito em você!". Portanto, essa vitória é sua também, Mestre! Quanta saudade....

Hoje eu quero a rua cheia de sorrisos francos,  
De rostos serenos, de palavras soltas,  
Eu quero a rua toda parecendo louca  
Com gente gritando e se abraçando ao sol.

Hoje eu quero ver a bola da criança livre,  
Quero ver os sonhos todos nas janelas,  
Quero ver vocês andando por aí.

Hoje eu vou pedir desculpas pelo que eu não disse,  
Eu até desculpo o que você falou,  
Eu quero ver meu coração no seu sorriso  
E no olho da tarde a primeira luz.

Hoje eu quero que os boêmios gritem bem mais alto.  
Eu quero um carnaval no engarrafamento,  
E que dez mil estrelas vão riscando o céu  
Buscando a sua casa no amanhecer.

Hoje eu vou fazer barulho pela madrugada,  
Rasgar a noite escura como um lampião.  
Eu vou fazer seresta na sua calçada,  
Eu vou fazer misérias no seu coração.

Hoje eu quero que os poetas dancem pela rua,  
Pra escrever a música sem pretensão.  
Eu quero que as buzinas toquem flauta-doce  
E que triunfe a força da imaginação.

*"Sem mandamentos (Tema dos esportes no Vale)"*  
Oswaldo Montenegro, 1997



## RESUMO

O século XX foi marcado pelo avanço da industrialização, pela transnacionalização econômica, pela bipolaridade entre capitalismo e socialismo, pela expansão da educação básica em meio à ampliação da barbárie capitalista. Sobretudo o século do espetáculo, um fenômeno que, sob a dinâmica da modernidade, formatou a compreensão do mundo e as relações sociais à lógica imagética frenética do capital, alterando as rotinas humanas em suas experiências práticas. Educação e esporte foram dois dos elementos centrais deste século enquanto a juventude, face às suas características de frenesi, euforia e inserção social, tornou-se o principal alvo do espetáculo. No âmbito dos projetos educacionais modernos, o esporte, como produção histórico-cultural da modernidade pautada na institucionalização de temas lúdicos da cultura corporal, foi apropriado como saber a ser escolarizado. Essa "*escolarização do esporte*" passou, a partir da década de 1950, com a solidificação dos meios de comunicação de massa e da reconstrução das tradições sob a forma do espetáculo, à sua exacerbação como conteúdo único, culminando com a "*esportivização da escola*", uma vinculação de toda a dinâmica escolar à lógica esportiva consubstanciada no controle, rendimento, selecionamento e eficácia. Em larga medida, tal processo sofreu interferências políticas, vicejou interesses mercadológicos, oportunizou inserções culturais e refletiu distintas práticas pedagógicas, intra e além-muros escolares. A explosão desse processo na escola teve como um dos pilares, os eventos esportivo-educacionais, os conhecidos jogos estudantis os quais, em Sergipe, enraizaram-se na memória social como "Jogos da Primavera". Desenvolvido ao longo do período de 1964 a 1995, com paralisações, enfraquecimentos e consolidações, os Jogos da Primavera materializaram as tensões entre as concepções de escola e esporte, a definição da prática pedagógica e os distintos projetos de formação humana no seio escolar, que levaram à questão: quais as dimensões, contradições e representações materializadas nos Jogos da Primavera de Sergipe, no âmbito do processo global de "esportivização" da escola? Objetiva, portanto essa tese, analisar o processo histórico de "esportivização" da escola pela compreensão da gênese, fortalecimento, contradições e representações dos Jogos da Primavera de Sergipe, mediando tradição e espetáculo. Caracterizando-se como uma pesquisa histórica que media a diacronia e a sincronia, assentada nos diálogos tensos entre materialismo histórico e história cultural, foram utilizadas fontes variadas: das fontes oficiais representativas dos interesses dos gestores educacionais às fontes que oportunizaram verificar as práticas e suas representações no limite das experiências dos homens, a saber; periódicos, iconografia e fontes orais. Concluiu-se que a "esportivização" da escola é a síntese educativa da sociedade do espetáculo. Tal síntese se consolidou, via jogos estudantis, com a contínua reconstrução das tradições ritualísticas esportivas em espetáculo, com a ênfase no caráter mercantil do esporte, inebriando o seio escolar com sua lógica de produtividade e selecionamento. Esse processo se instaurou com a resistência ativa de professores e alunos envolvidos nas práticas, tornando possível, nos tempos modernos, a projeção e construção de novas práticas assentadas em políticas culturais, voltadas para a formação humana.

Palavras-chave: escolarização; esporte; jogos estudantis; tradição; espetáculo

## ABSTRACT

The 20<sup>th</sup> century was highlighted by the growth of industry, by the economic transnationalization, by the bipolarity between capitalism and socialism, by the expansion of basic education in the midst of an economic barbarism. Specially the century of spectacle, a phenomena which, under the dynamics of modernity, shaped the comprehension of the world and the social relationships to the frenetic imagetic logics of capital, altering human routines in its practical experiences. Education and sport were two of the central elements of this century while the youth, facing its social insertion, euphoria and frenzy characteristics became the main target of the spectacle. In the field of modern educational projects, the sport, as a cultural and historic production of modernity guided by the institutionalization of entertaining themes belonging to the bodily culture, was appropriate as knowing how to be schooled. This “*sport schooling*” came, beginning in the 50s, along with the strengthening of mass communication means and the reconstruction of traditions as a spectacle, to its exacerbation as a unique content, reaching the status of “*school sporting*”, a connection of the whole school dynamics to the sports logics consubstantiated in control, performance, selection and efficacy. This process largely suffered political interferences, foresaw marketing interests, took advantage of cultural insertions and reflected specific teaching practices, both inside as well as outside school limits. The explosion of this process at school had sport-educational events as one of the main pillars, the famous student games which, in Sergipe, got incrustated into the social memory as “Spring Games”. Developed during the period between 1964 and 1995, with stops, weakening and strengthening episodes, the Spring Games brought to surface the tensions between the concepts of school and sport, the definition of teaching practice and the distinctive projects of human development at school, which brought up a question: what dimensions, contradictions and representations were materialized within Sergipe’s Spring Games, as to the global process of “sporting” the school? This thesis aims, therefore, to analyze the historical process of “sporting” the school by means of genesis comprehension, strengthening, contradictions and representations of the Spring Games of Sergipe, mediating tradition and spectacle. Characterizing itself as a historical research which measures the diachrony and synchrony, laying on the tense dialogs between historical materialism and cultural history, several sources were used: from official sources representing the interests of administrators to sources that made possible to verify the practices and their representations at the limits of man experiences, to know: newspapers, iconographies and oral sources. It is concluded that “sporting school” is the educational synthesis of the spectacle society. Such synthesis was consolidated, via student games, with the continuous rebuilding of sport ritual traditions into spectacle, with emphasis in the commercial character of the sport, stunning the school environment with its logics of productivity and selection. This process came about from the active resistance of teachers and students involved in those practices making possible, in modern times, the projection and the construction of new practices which lay on cultural policies, made towards human development.

Key words: schooling; sport; student games; tradition; spectacle

## LISTA DE FIGURAS

|                  |  |     |
|------------------|--|-----|
| <b>Figura 1</b>  | Mosaico " <i>Vedetes do século do espetáculo</i> "   | 98  |
| <b>Figura 2</b>  | Manifesto dos "Panteras Negras"  | 112 |
| <b>Figura 3</b>  | O "Setembro Negro"   | 113 |
| <b>Figura 4</b>  | O fogo sagrado em " <i>Olympia</i> "   | 125 |
| <b>Figura 5</b>  | Selos Postais dos "Jogos da Primavera" do <i>Jornal dos Sports</i>                                   | 127 |
| <b>Figura 6</b>  | Símbolo dos IV Jogos da Primavera  | 148 |
| <b>Figura 7</b>  | Os desfiles dos <i>Jogos da Primavera</i> : iniciando a tradição                                     | 154 |
| <b>Figura 8</b>  | A Deusa Ateniense  | 155 |
| <b>Figura 9</b>  | O Anjo Olímpico  | 155 |
| <b>Figura 10</b> | Símbolo dos IX Jogos Escolares Sergipanos  | 186 |
| <b>Figura 11</b> | Pira Olímpica nos I Jogos Estudantis Sergipanos  | 188 |
| <b>Figura 12</b> | Desfile dos troféus – "VI" Jogos da Primavera  | 200 |
| <b>Figura 13</b> | Condução da tocha olímpica – "VI" Jogos da Primavera   | 206 |
| <b>Figura 14</b> | Símbolo máximo dos "Jogos da Primavera" de Sergipe   | 210 |
| <b>Figura 15</b> | Ginásio lotado nos "VII" Jogos da Primavera  | 211 |
| <b>Figura 16</b> | Cartaz publicitário do Colégio Arquidiocesano, glorificando seu tricampeonato nos Jogos da Primavera | 240 |
| <b>Figura 17</b> | Cartaz publicitário do Colégio Arquidiocesano, referente ao oitavo título dos Jogos da Primavera     | 240 |

## LISTA DE SIGLAS

**ABE** - Associação Brasileira de Educação  
**ACDS** - Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe  
**ACES** - Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe  
**Ande** - Associação Nacional de Educação  
**Andes** - Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior  
**Anped** - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação  
**APES** - Arquivo Público do Estado de Sergipe  
**APMESE** - Associação dos Profissionais do Magistério do Estado de Sergipe  
**Arena** - Aliança Renovadora Nacional  
**BPED** - Biblioteca Pública Epiphânio Dória  
**CBD** - Confederação Brasileira de Desportos  
**CEAS** - Colégio Estadual Atheneu Sergipense;  
**CEBs** - Campeonatos Escolares Brasileiros;  
**CEE** - Conselho Estadual de Educação (SE);  
**CES** - Colégio Estadual de Sergipe;  
**CND** - Conselho Nacional de Desportos  
**CNRH** - Centro Nacional de Recursos Humanos, do Ministério do Planejamento  
**CNTE** - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação  
**COEF** - Coordenadoria de Educação Física  
**COI** - Comitê Olímpico Internacional  
**DED** - Departamento de Educação Física e Desportos (MEC)  
**D.E.F.** - Divisão de Educação Física (MEC)  
**ENEFD** - Escola Nacional de Educação Física e Desportos  
**EPT** - "Esporte para Todos"  
**EUA** - Estados Unidos da América  
**EXNEEF** - Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física  
**Faes** - Federação Atlética dos Estudantes em Sergipe  
**Fasc** - Festival de Arte de São Cristóvão  
**FBAPEF** - Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física  
**Fiep** - Federación Internationale D'Education Physique  
**Fifa** - Fédération Internationale de Football Association  
**FMI** - Fundo Monetário Internacional  
**Fundesb** - Fundação Estadual do Desporto  
**Histedbr** - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"  
**IHGS** - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe  
**Ipea** - Instituto de Pesquisas e Estudos Avançados  
**JEBs** - Jogos Estudantis Brasileiros  
**JES** - Jogos Estudantis Sergipanos  
**JUS** - Jogos Universitários Sergipanos  
**Lepep** - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer  
**MDB** - Movimento Democrático Brasileiro  
**MEC** - Ministério da Educação e Cultura  
**Mobral** - Movimento Brasileiro de Alfabetização

**NPSE** - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no estado de Sergipe"  
**PCB** - Partido Comunista Brasileiro  
**SEC** - Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SE)  
**SEED** - Secretaria Estadual de Educação Física e Desportos (SE)  
**SEEL** - Secretaria de Estado do Esporte e Lazer  
**Semed** - Secretaria Municipal de Educação (Aracaju-SE)  
**SESI** - Serviço Social da Indústria  
**UFBA** - Universidade Federal da Bahia  
**UFS** - Universidade Federal de Sergipe  
**UNE** - União Nacional dos Estudantes  
**Unesco** - United Nations Education, Scientific and Cultural Organization  
**Unicamp** - Universidade Estadual de Campinas  
**URSS** - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
**Usaid** - United States Agency for International Development

## SUMÁRIO

|            |  |            |
|------------|--|------------|
| <b>1</b>   | <b>PRELÚDIO</b>  | <b>16</b>  |
| <b>2</b>   | <b>INTRODUÇÃO: DA "ESCOLARIZAÇÃO" À "ESPORTIVIZAÇÃO": OS JOGOS DA PRIMAVERA DE SERGIPE</b>                               | <b>23</b>  |
| <b>2.1</b> | <b>História, Cultura e Experiência: um itinerário de pesquisa</b>  | <b>50</b>  |
| <b>3</b>   | <b>JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E ESPORTE: TENSÕES E ESTABILIDADES NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO DO ESPETÁCULO</b>                  | <b>71</b>  |
| <b>3.1</b> | <b>Educação: para quem e por quem?</b>   | <b>86</b>  |
| <b>3.2</b> | <b>A juventude na história: entre a História e a Memória</b>   | <b>93</b>  |
| <b>3.3</b> | <b>A esportivização: tradição e espetáculo</b>   | <b>102</b> |
|            | 3.3.1 Esporte e modernidade: tensões   | 102        |
|            | 3.3.2 O mundo é esportivo! O discurso e a prática educacional do esporte   | 117        |
| <b>4</b>   | <b>"O ESPORTE É A FÔRÇA VIVA DE UM POVO": A INICIAÇÃO DOS JOGOS DA PRIMAVERA EM SERGIPE (1964-1967)</b>                  | <b>130</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Políticas de Educação Física e Esporte: incongruências</b>  | <b>132</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Das práticas à criação da festa: tradições, representações e tensões</b>  | <b>136</b> |
| <b>4.3</b> | <b>Fim dos <i>Jogos!</i> Ou... um intervalo para arrumar a casa</b>  | <b>162</b> |
| <b>5</b>   | <b>JOGOS ESTUDANTIS SERGIPANOS (1970-1978): FORMAÇÃO DE PROFESSORES, TRADIÇÃO E ENSAIO DA "ESPORTIVIZAÇÃO" DA ESCOLA</b> | <b>166</b> |
| <b>5.1</b> | <b>Formando professores de educação física em Sergipe: formando para os <i>Jogos?</i></b>                                | <b>171</b> |
| <b>5.2</b> | <b>Qualificando as práticas e reconstruindo tradições</b>  | <b>180</b> |
|            | 5.2.1 Os JES: a inviabilidade da "esportivização" da escola  | 183        |
| <b>6</b>   | <b>JOGOS DA PRIMAVERA DE SERGIPE: O RETORNO (1979-1995) ... OU DE COMO SE ESPORTIVIZOU A ESCOLA!</b>                     | <b>196</b> |
| <b>6.1</b> | <b>Jogos da Primavera: o retorno</b>   | <b>198</b> |
| <b>6.2</b> | <b>Críticas, práticas, tensões e o fim dos <i>Jogos</i></b>  | <b>215</b> |
| <b>6.3</b> | <b>O esporte como mercadoria e a Escola como Clube</b>   | <b>233</b> |

|            |   |     |
|------------|---|-----|
| <b>6.4</b> | <b>Quais os rumos?</b>  | 241 |
| <b>7</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES...: DA "ESPORTIVIZAÇÃO" DA ESCOLA À "EDUCAÇÃO ESPORTIVA"</b>   | 244 |
|            | <b>FONTES</b>   | 254 |
| <b>1</b>   | <b>Arquivos pesquisados</b>   | 254 |
| <b>2</b>   | <b>Fontes Bibliográficas</b>  | 254 |
| <b>3</b>   | <b>Documentos oficiais</b>  | 255 |
| <b>4</b>   | <b>Diários de Classe</b>  | 260 |
| <b>5</b>   | <b>Manifestos e Cartas</b>  | 260 |
| <b>6</b>   | <b>Jornais/Periódicos (Coleção)</b>   | 261 |
| <b>7</b>   | <b>Jornais/Periódicos (Artigos e Matérias)</b>  | 261 |
|            | <b>7.1 1ª Fase (1964-1969)</b>  | 261 |
|            | <b>7.2 2ª Fase (1970-1978)</b>  | 262 |
|            | <b>7.3 3ª Fase (1979-1995)</b>  | 264 |
| <b>8</b>   | <b>Entrevistas</b>  | 266 |
|            | <b>REFERÊNCIAS</b>  | 268 |
|            | <b>APÊNDICES</b>  | 284 |
|            | <b>APÊNDICE A - Jogos da Primavera pelo Brasil (relação de fontes digitais na World Wide Web)</b>   | 285 |
|            | <b>APÊNDICE B - Estabelecimentos educacionais participantes das Edições dos Jogos da Primavera de Sergipe e dos Jogos Estudantis Sergipanos</b> | 288 |
|            | <b>APÊNDICE C - Estabelecimentos de ensino proclamados Campeões Gerais de cada edição dos Jogos da Primavera</b>                                | 318 |
|            | <b>APÊNDICE D - Carta de Cessão de Direitos sobre Entrevistas</b>   | 320 |
|            | <b>APÊNDICE E - Roteiro das Entrevistas</b>   | 321 |
|            | <b>APÊNDICE F - Caderno iconográfico</b>  | 324 |

## 1 PRELÚDIO<sup>1</sup>

*"Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração, toda vez que o adulto balança, ele vem pra me dar a mão [...] Bola de meia, bola de gude o solidário não quer solidão, toda vez que a tristeza me alcança o menino me dá a mão"*<sup>2</sup>

Crescer num país como o Brasil, inebriado pela identificação cultural com o futebol, é ter, no horizonte infantil, múltiplas possibilidades de vivências corporais nos mais distintos espaços: da rua à escola. Uma infância brincante na qual o esporte era um veio de prazer, de sociabilidade e aprendizado, me é fácil reconhecer o valor dessa prática no meu desenvolvimento integral, e também, sua importância na escolha profissional.

Iniciei o curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1993, com o anseio de me tornar treinador esportivo, afinal não havia fronteiras para mim entre professor e treinador. O contato na graduação com professores que apontavam outras direções no trato com o esporte, e com uma literatura a qual advogava um repensar da educação física na escola, então subsumida ao esporte de rendimento e seus caracteres alienantes, descortinaram novos olhares sobre a área solidificando algumas contradições. Se existia educação física como algo distinto de esporte, por qual motivo eu só havia praticado esporte ao longo de minha vida escolar? Se o esporte era uma produção ideológica, massificada para alienar a população brasileira, eu sempre fui um alienado e meus professores ou eram alienados também ou significativamente perversos. As contradições foram se resolvendo, sendo reelaboradas à medida que me formava e adentrava os espaços de trabalho em escolas particulares e públicas.

---

<sup>1</sup> A idéia de um "prelúdio" surgiu das sugestões do Prof. Dr. Mauro Castelo Branco de Moura, quando cursava a disciplina "*Leituras sobre O Capital de Marx*", do Mestrado em Filosofia da UFBA. Tal conceito utilizado em sua tese de doutoramento indica — ao contrário de prólogo que se refere ao que vem antes do *Logos*, da palavra, do pensar e da razão — o que vem antes do *Ludus*, do jogo, do prazer contemplativo, vivenciado com prazer. Este exercício árduo da pesquisa científica, seguida do rigor intelectual necessário, não pode desconsiderar o prazer, o lúdico de desvelar a realidade, dá-la a conhecer e, conseqüentemente, se auto-conhecer. Ao prof. Mauro Castelo Branco de Moura, meus agradecimentos pelo estímulo ao difícil "jogo do pensar".

<sup>2</sup> NASCIMENTO, M.; BRANT, F. Bola de meia, bola de gude. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. **Amigo**. São Paulo: Warner Music Brasil, 1995. 1CD. Faixa 10. Remasterizado em digital.



Meu retorno à UFS em 1998, desta feita como professor, me impeliu a continuar tencionando essas contradições com os alunos. Esses, nas suas vivências cotidianas, apresentavam-me novos/velhos elementos a serem repensados: "o que fazer professor, se as escolas só querem oferecer esporte e nos contratar pela modalidade que dominamos?"; "qual a justificativa para trabalhar na educação física, com outros temas a exemplo de jogos, ginástica, danças, se o único foco das escolas são as competições escolares?"

A supremacia evidente do esporte, como conteúdo da educação física, me parecia o primeiro problema a investigar: em que momento isso se deu e em que condições? De que modo professores e alunos lidavam com esse processo? Realizando-se esse esforço, cabia-nos pensar, enquanto Universidade, em vínculos efetivos com a realidade escolar os quais problematizassem o esporte, suas condições formativas e seus meios de diálogo com novas linguagens e proposições pedagógicas.

O enraizamento do esporte na cultura brasileira e dos jogos escolares na memória das últimas gerações conflui com a nossa experiência no ato de construir a existência. Diante disso, detectava-se um desafio histórico na educação física em Sergipe: resolver a contradição entre os problemas oriundos dos jogos escolares, aqui denominados *Jogos da Primavera*, e o fato dos mesmos serem vistos como a única possibilidade de legitimação do trabalho do professor de educação física.

Nesse processo superei uma contradição: descobri que se o esporte pode ser utilizado para alienar, também pode ser um "despertar" de consciências, posto que, resgatando na memória, foi através do esporte que aprendi a "ler" o mundo.

Aos 8 anos de idade, assistindo pela TV à Olimpíada de Moscou em 1980, emocionei-me com o efeito do mascote dessa, o Ursinho Misha, deixando rolar uma lágrima que simbolizava o encerramento da festa. Deliciei-me com o evento esportivo, com os feitos dos atletas, identificando-me com as tentativas de conquista da medalha de ouro por parte de João Carlos de Oliveira, o nosso "João do Pulo". Esse evento é ilustrativo pois pela primeira vez ouvi falar em capitalismo e socialismo e comecei a me perguntar por que os Estados Unidos, grande força olímpica, não enviaram seus atletas? Então, descobri a existência de um país chamado Afeganistão, invadido por tropas soviéticas, gerando o motivo (pelo menos no discurso) do boicote americano. Tal ato seria revidado quatro anos depois, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, com a não participação dos países do Leste Europeu.

Dois anos depois, assistia extasiado à materialização do que mais se aproximava do termo "futebol-arte": a Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo da Espanha. No dia 5 de julho de 1982, a seleção mágica de Sócrates, Zico e Falcão caía ante a Itália, de um

tal Paolo Rossi, frustrando todo o país. Nos Estados Unidos diz-se que todos os humanos vivos na década de 1960, recordam-se onde estavam quando receberam a notícia do assassinato do Presidente John Kennedy. Guardadas as devidas proporções, toda minha geração lembra o local em que se encontrava ao final desse jogo. Não obstante o momento catártico, descobri que o tal Paolo Rossi saíra da cadeia pouco antes da Copa, lugar para onde tinha ido, por se envolver com a máfia da loteria esportiva a qual manipulava resultados no campeonato italiano.

Obviamente, nada entendia, acerca de capitalismo e socialismo, acerca das tensões políticas resultantes da Guerra Fria, nem como os sistemas econômicos conectavam suas tensões com o esporte. Todavia, foram as transmissões esportivas, as leituras de revistas especializadas como "*Placar*", o bate-papo com os colegas e professores na rua e na escola, que me possibilitaram ampliar meus horizontes de conhecimento por meio do esporte.

De maneira mais próxima, um evento esportivo na minha vida escolar foi de largo aprendizado e assento na memória, os *Jogos da Primavera* de Sergipe. Indo aos recônditos da memória, lembro de uma tarde de sábado no mês de setembro de 1987. Ao longo dos 900 metros da Avenida Barão de Marujim, no centro da cidade de Aracaju, milhares de pessoas iam se aglomerando em suas calçadas. Vindas de diversos pontos da cidade, inclusive de vários municípios do interior do estado, a população parecia deslocar-se toda para essa região. Trafegavam a pé, de automóvel, sobretudo de ônibus, tendo em vista que nesse dia, linhas exclusivas eram disponibilizadas para o povo. Esse ia se misturando aos vendedores ambulantes, policiais, bombeiros, agentes de saúde, distribuidores de panfletos políticos, e às autoridades políticas abancadas em um palanque no centro da avenida.

Com isso a avenida coloria-se, mudava o aspecto sisudo do cotidiano, para dar passagem às cores e aos sons das escolas sergipanas, mas, essencialmente, dar passagem aos anseios e desejos de jovens estudantes, pais, diretores escolares e professores que seriam aquecidos nesse dia: o dia do desfile de abertura dos *Jogos da Primavera*. Desejos e anseios canalizados ao longo dos próximos doze ou quinze dias nas competições esportivas, a serem realizadas em diversos pontos da cidade.

Na manhã seguinte e nos próximos dias, num raio de dois quilômetros no centro do "quadrado de Pirro"<sup>3</sup>, a juventude explodia em sua movimentação frenética na busca pelos palcos de disputas esportivas. Os ginásios Charles Moritz e Constâncio Vieira, os clubes do

---

<sup>3</sup> A cidade de Aracaju foi projetada em 1854 com ruas em linhas retas e cruzamentos a cada 100 metros pelo engenheiro Sebastião José Basílio Pirro, perfazendo a figura de um imenso tabuleiro de xadrez, adjetivado para posteridade de "quadrado de Pirro".

Cotinguiba, Associação Atlética de Sergipe, Iate Clube, Vasco, Clube do Trabalhador, o Estádio Estadual Lourival Baptista e o Parque Aquático do Batistão eram os espaços onde as competições de futebol, futebol de salão, basquetebol, handebol, voleibol, tênis, judô, ginásticas rítmica e artística, natação, pólo aquático, saltos ornamentais se desenrolavam, materializando as perspectivas e desejos construídos por professores, alunos e pais ao longo de todo o ano letivo. Estavam abertos oficialmente, os *Jogos da Primavera do estado de Sergipe* (doravante referenciados como *Jogos*), evento esportivo institucionalizado que reunia em disputa as escolas das redes estadual, municipal, federal e particular de ensino, sob a égide do conagraçamento e com objetivos "sócio-educativos".

Era sob esse cenário que os sergipanos viviam intensamente um importante acontecimento que mobilizava alterações nas suas rotinas escolar, familiar, política, econômica e cultural. Todos os olhares voltavam-se aos *Jogos*, conformando a vida da cidade de Aracaju à sua realização.

Foi no desfile dos *Jogos* e nas competições que pude observar as radicais diferenças entre escolas particulares e públicas: no desfile luxuoso, no vestuário, no material esportivo, na postura dos atletas, na relação alunos e professores, no trato da arbitragem. De igual modo, percebia com estranheza a reverência feita aos políticos que se punham no palanque do desfile e vinham entregar medalhas e troféus no encerramento dos *Jogos*.

De maneira geral, os *Jogos* tornaram-se a referência das concepções acerca de esporte e educação física em todo o estado, estabelecendo, no âmbito da formação dos professores, uma visão dicotômica entre aqueles que os vislumbram como o ápice da educação física e aqueles que percebem uma série de problemas a reboque do evento, afetando o sistema educacional em sua totalidade.

Trafegando na história de aluno-atleta e aluno-espectador, passando pelo curso de Educação Física como aluno e professor da Licenciatura em Educação Física, até a construção de uma trajetória como pesquisador, passei a perceber que a gradativa penetração e predominância do esporte na escola apresentava alguns ecos políticos, econômicos e culturais os quais não se localizavam apenas no estado de Sergipe, mas refletiam o recrudescimento do esporte universalizado na lógica da modernidade capitalista, suas determinações e oposições. Tal lógica materializava-se por meio dos Jogos Olímpicos e dos jogos escolares.

Os *Jogos da Primavera* de Sergipe realizados de modo irregular no período de 1964 a 1995, portanto, constitui-se aqui, um objeto de estudo com recortes espacial e temporal próprios, inserindo-se na interseção entre história e memória, entre o que é fato e o que é representação do fato. A pesquisa se articula com a história de vida, tendo em vista que me

encontro no "centro do processo", vivendo/atuando na história e tomando por base ângulos diferenciados de intervenção, os quais me possibilitam "navegar" entre várias esferas de análise, levando-me à tentativa hodierna de desnudar suas contradições. Assumo, então, a perspectiva de Adolfo Sánchez Vázquez quando afirma que,

[...] o 'eu' nunca existe como um ente absoluto, fechado ou auto-suficiente à margem do 'não-eu'. O que existe efetivamente é o indivíduo como feixe de todo um conjunto variado e invariável de circunstâncias diversas que, já de saída, podemos dividir em acadêmicas e extra-acadêmicas, teóricas e práticas<sup>4</sup>.

Nesse feixe de circunstâncias diversas, o objeto *Jogos da Primavera* enraíza-se na memória coletiva das últimas gerações, dentre as quais faço parte. Considero, com base em Paul Connerton, que as nossas experiências do presente dependem de nosso conhecimento e das imagens que trazemos do passado, transmitidos e conservados em performances mais ou menos rituais<sup>5</sup>. Nesse enraizamento memorialístico, as cerimônias comemorativas e as práticas corporais são elementos centrais ao que o autor denomina de "sedimentação da memória social corporal". A educação, em sua forma escolar, e o esporte são práticas fundantes e solidificadoras dessa memória; e eventos como os *Jogos*, que imbricam os objetivos educacionais e a catarse esportiva, se consubstanciam no fulcro do conflito entre os interesses ditos e silenciados, mostrados e ocultos, os anseios externados e aprisionados. É nesse processo que os homens se movem, em um jogo entre regras e burlas, entre desejos, realizações e frustrações.

Dialogando com Maurice Halbwachs e o seu conceito de memória coletiva, Connerton afirma que:

toda recordação, por muito pessoal que possa ser, mesmo a de acontecimentos que só nós presenciamos, ou a de pensamentos e sentimentos que ficaram por exprimir, existe em relação com todo um conjunto de idéias que muitos outros possuem: com pessoas, lugares, datas, palavras, formas de linguagem, isto é, com toda a vida material e moral das sociedades de que fazemos parte, ou das quais fizemos parte<sup>6</sup>.

Todavia alerta o fato de que Halbwachs não percebe que é mediante as performances e cerimônias, com maior ou menor grau de ritualidade, que se transmite e conserva a memória social.

---

<sup>4</sup> VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia e circunstâncias**. Tradução Luiz Cavalcanti de M. Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 35.

<sup>5</sup> CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Tradução Maria Manuela Rocha. 2. ed. Oeiras: Celta, 1999.

<sup>6</sup> Id. Ibid. p. 41.

Os *Jogos*, com seus rituais de caracteres olímpicos, suas múltiplas manifestações corporais nos espaços escolares, esportivos e fora deles, transparecem, nesse contexto, uma seara aberta à investigação entre o proposto e o feito, o desejado e o realizado, entre o pensado e o acontecido. Constitui-se pois, na base de mediação entre os avanços e retrocessos da educação física em Sergipe, ocultos no espaço entre os fatos e as representações, considerando que ambos são a história dos sujeitos os quais agem e representam, falam e silenciam, mostram e escondem.

Enquanto sujeitos históricos, assumimos e demarcamos posições e ações em função da realidade objetiva. Essa nos apresenta as opções possíveis, não obstante os fatores subjetivos, numa relação dinâmica e recíproca de determinantes e determinados, referendem as opções/ações escolhidas. A intenção de investigar tal evento representativo da sociedade sergipana, os *Jogos da Primavera*, à luz da História, consolida sua demarcação como objeto para compreensão do processo global de ritualização da modernidade e fixação da educação e do esporte como ápices representativos da mesma.

Necessário ressaltar aqui, a distinção clara entre esporte e seu campo de inserção na escola, a educação física. Entendo educação física, conforme Coletivo de Autores<sup>7</sup>, como uma disciplina escolar que trata pedagogicamente os temas da cultura corporal, quais sejam; jogos, ginástica, dança, lutas, capoeira, esportes. A pedagogização desse conhecimento vital à formação da juventude, representativo da produção histórica dos homens, volta-se à apreensão da expressão corporal como linguagem. Por seu turno, esporte se constitui em uma prática histórico-cultural que institucionaliza temas da cultura corporal, redimensionando-a num complexo de códigos, sentidos e significados próprios da sociedade que o cria e pratica. No seu nascedouro, o esporte vinculou-se à educação física, nas *Public Schools* da Inglaterra na segunda metade do século XIX. Entretanto, o mesmo evoluiu, adquiriu autonomia ao longo do século passado, mudando, paulatinamente, de um conteúdo de ensino – algo a ser escolarizado – a um conteúdo exclusivo da educação física na escola, esportivizando-a e suprimindo-a enquanto disciplina escolar.

Reconheço que diante da auto-evidência do esporte, posta nas nossas vivências e na nossa memória, dos anseios dos professores, dos interesses políticos e econômicos e da vontade da juventude no retorno e reafirmação dos *Jogos* (encerrados em 1995 e retomados em 2004), compreender a história pela lógica do processo, entendendo-a como em permanente construção é *conditio sine qua non* para a construção de novas possibilidades de

---

<sup>7</sup> COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

ação. Entendo que a pesquisa histórica tem por fundamento compreender as relações sociais que construíram as redes de sociabilidades e fortaleceram suas instituições, de modo a revelar a chave da multiplicidade dos debates, das novas construções sociais e dos projetos históricos.

O desafio histórico, enquanto professor do Curso de Educação Física da UFS, pesquisador do "*Núcleo de Pesquisa História, Sociedade e Educação no estado de Sergipe*" (NPSE/UFS), vinculado à rede de pesquisadores "*História, Sociedade e Educação no Brasil*" (HISTEDBR), sediada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e do "*Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer*", sediado na Universidade Federal da Bahia (LEPEL/UFBA) foi lançado.

O exercício criterioso da pesquisa está intrinsecamente unido à dinâmica memorialística de minha própria existência. Com isso, o deleite e o prazer da prática esportiva, as alegrias e as tristezas em participar dos Jogos da Primavera, estão ligadas de modo irreversível, ao prazer de pensar, resgatar, desnudar a história, construindo possibilidades do celebrar novas condições para a educação, educação física e o esporte no Brasil e em Sergipe. Esse trabalho conduziu-se, portanto, em torno do esforço de uma grande síntese entre ciência e existência, ou seja, as motivações subjetivas do pesquisador em mediações objetivas que são postas pelas necessidades sociais.

## 2 INTRODUÇÃO

### DA "ESCOLARIZAÇÃO" À "ESPORTIVIZAÇÃO": OS JOGOS DA PRIMAVERA DE SERGIPE

*“Aqui na terra tão jogando futebol, tem muito  
samba, muito choro e rock’n’roll.  
Uns dias chove, noutros dias bate sol.  
Mas o que eu quero é te dizer que a coisa aqui tá  
preta”<sup>1</sup>.*

A segunda metade do século XX materializou uma série de movimentos que proporcionaram uma reorganização mundial, na esfera individual e coletiva, em diversas frentes: política, econômica, social e cultural.

O planeta se bipolarizara, política e economicamente, entre Estados Unidos e União Soviética, entre capitalismo e socialismo. A economia transnacionalizou-se avançando e rompendo fronteiras e territórios. A industrialização ganhou uma representatividade jamais vista, a ponto de ocasionar uma explosão demográfica urbana, até nos países do chamado Terceiro Mundo. A necessidade de trabalhadores qualificados despertou os governos para uma ação emergencial e duradoura: a expansão da educação básica. Todas essas "revoluções" implicaram uma tensão em escala planetária por garantirem a manutenção das relações hegemônicas, chegando a extremos, como no caso de grande parte dos países da América do Sul, notadamente o Brasil, de tentar garanti-la com a repressão de um Estado de exceção.

Não obstante, nenhum movimento deixou tantas marcas quanto uma "revolução cultural" que segundo Eric Hobsbawm<sup>2</sup>, tinha a força da juventude. O mundo se tornara eminentemente moderno ou, dada a velocidade dos avanços e rupturas históricas, tornara-se, cada vez mais, urgentemente moderno. Nesse sentido, revelaram-se algumas características: a juventude passava a ser o estágio final do pleno desenvolvimento humano; assumia um caráter cada vez mais internacionalista, além de tornar-se a cultura predominante nas economias de mercado desenvolvidas ou em desenvolvimento. Em síntese, era a materialidade dinâmica da modernidade.

---

<sup>1</sup> BUARQUE, C.; HIME, F. Meu caro amigo. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. **Chico Buarque – Millenium**. São Paulo: Polygram, 1998. 1 CD. Faixa 1. Remasterizado em digital.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Ao contrário do que possa parecer, a juventude não é uma categoria acabada, um momento da vida localizado entre a infância e a vida adulta, que seja passível de aprisionamento em marcos temporais estanques como, por exemplo, entre os 10 e 20 anos de idade. Para Levi e Schmitt, a juventude é uma construção social e cultural<sup>3</sup>. Ainda que limitada nas margens móveis entre a fragilidade infantil e a autonomia adulta, a juventude tem uma característica fugidia, cheia de significados, símbolos, promessas, ameaças e potencialidades. A análise histórica da ação dos jovens não pode partir de sua idealização, é premente situá-los no contexto de movimento, corporificando seus interesses, anseios, possibilidades e limites de prática social. Para Luisa Passerini, a partir da década de 1950, inventa-se o termo adolescência e a idéia da juventude como turbulência, em choque com as responsabilidades do futuro<sup>4</sup>. Havia um choque entre o Estado, que cabia proteger a juventude, e o mercado, que "juvenilizava" seus produtos. Os jovens tomavam, então, o centro da cena histórica da modernidade. Não importava a idade, importava ser, estar ou sentir-se jovem. Algumas instituições serão campo fértil às suas ações, especialmente a escola e o esporte.

A compreensão de modernidade passa, então, por entender a dinâmica das alterações institucionais nas relações sociais, alterações que se dão por discontinuidades. Para Anthony Giddens, uma das características da modernidade são as alterações de modo "extensional" e "intensional", ou seja, alterações as quais promoveram formas de conexão social globais que, por conseguinte, produziram modificações radicais na vida cotidiana dos indivíduos. Tais discontinuidades revelam o ritmo da modernidade: as instituições modernas (o Estado, a produção tecnológica, a mercadoria, o esporte) têm, na sua natureza intrínseca, os signos de emergência e velocidade modernos, algo inerente ao ser/manter-se jovem<sup>5</sup>.

Uma característica essencial da modernidade é a necessidade de estabelecer unidade e coesão em meio a conflitos e desigualdades. Ganha força nesse aspecto, algo de mudança mais lenta que o ritmo veloz acentuado por Giddens, as tradições. A princípio, parecem antigas e imemoriais, porém são, em larga medida, recentes e inventadas. Hobsbawm define "tradições inventadas" como;

---

<sup>3</sup> LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História dos Jovens 1: da antiguidade à era moderna**. Tradução Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-17.

<sup>4</sup> PASSERINI, L. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 319-382.

<sup>5</sup> GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.



[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado<sup>6</sup>.

Tais tradições têm por função, garantir coesão social, legitimar instituições, status e relações de autoridade, sobretudo socializar imagens unificadoras, especialmente em cerimônias, espaços e símbolos públicos, além das práticas corporais socialmente aceitas e reconhecidas. A escola e o esporte, com suas características e rituais que remetem às tradições, têm essas funções, principalmente por se comunicarem e abarcarem a juventude em seus seios.

Noutra esfera analítica, Guy Debord afirma que a vida na modernidade transfigurou-se numa imensa acumulação de espetáculos<sup>7</sup>. A vida passou a ser uma representação em que o fundamento da existência e das relações sociais é a imagem. As instituições modernas e suas tradições têm suas funções de coesão social solapadas pela efemeridade da vida espetacular.

Tudo é conduzido por uma lógica de produção e consumo em que, se o “ser” já havia sido descartado nos albores da sociedade industrial, o “ter” já não é mais representativo, pois o fundamental é “parecer”. A pauta do dia é o consumo do “visto” para “ser visto”, em uma velocidade de oferta que determina as formas da existência, resultando na fabricação de “modelo ideais” no âmbito do conteúdo e da forma. Para Debord:

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares — informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos —, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. (Grifos do autor)<sup>8</sup>.

Era, então, um período de efervescência cultural global. Parte da juventude movimentava-se em direção à construção de um novo projeto histórico que, à época, tinha como horizonte o socialismo em suas diversas vertentes: leninistas, trotskistas, maoístas. A música, o teatro, o cinema, a literatura, as artes plásticas tornavam-se espaços de tensões e

<sup>6</sup> HOBBSAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: \_\_\_\_\_; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a. p. 9.

<sup>7</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

<sup>8</sup> Id. Ibid. p. 14.

demonstrações de inquietude. Para Marcelo Ridenti, esse período de “romantismo revolucionário”, que tem seu apogeu no “Maio de 1968” e seu arrefecimento no fim do socialismo existente em 1991, caracterizava-se pela vontade de transformação, de mudança da história pela ação. Tal movimento, no Brasil, coincidiu com o apoio às reformas de base no início dos anos 1960, a luta contra a ditadura nas duas décadas seguintes, nas diversas estratégias utilizadas pela esquerda brasileira<sup>9</sup>, e finalmente, com a tentativa de redemocratização política do país.

*Pari passu*, consubstanciam-se a internacionalização da juventude e a tentativa de demarcar os anseios do povo brasileiro pela via do nacionalismo. No âmbito das leituras maniqueístas que opunham esquerda e direita, alienados e alienantes, engajados e acomodados, o campo da cultura engajada ganhou destaque como a expressão lídima da resistência cultural e política. Não obstante, compreendo que a construção do nacionalismo ganha corpo em todas as ações dos homens, ainda que em resistências silenciosas e não consideradas pela historiografia, como a ação pedagógica dos professores. O fato de apoiar a ditadura ou de não se opor abertamente a ela, assumindo-se indiferente, é também a opção por um nacionalismo, um sentimento desigual que se manifesta em um pertencimento, numa identificação coletiva em torno de objetivos comuns.

Estou partindo do entendimento que a modernidade se caracterizou pelas alterações na vida cotidiana e subjetiva, de modo que a sensorialidade norteou o sentido das imagens como mediação das relações sociais. Segundo Leo Charney e Vanessa Schwartz, a modernidade se desnudou: numa cultura urbana geradora de novas formas de entretenimento e lazer; numa centralidade do corpo no “fazer” e no “ver”; numa audiência de massa que submetia as respostas individuais à coletividade; numa crescente indistinção entre a realidade e suas representações; por fim, em uma nova dimensão cultural de consumo das diversões<sup>10</sup>. O elemento central dessa modernidade, para os autores, foi o cinema. Entendo que, afora essa manifestação cultural, a educação, em sua forma escolar, e o esporte se tornaram legítimos representantes dos anseios de modernidade.

Nesse momento histórico, todos os Estados desenvolvidos (capitalistas ou socialistas), ou que buscavam alcançar esse patamar, referendavam políticas de expansão

---

<sup>9</sup> Ridenti usa o termo “esquerda” para referir-se às forças políticas que estabeleciam críticas à ordem capitalista e identificavam-se com a luta dos trabalhadores por sua emancipação. Inseriam-se aqui, posto que os trabalhadores atuavam pouco nessa conformação crítica e eram vistos como a massa inerte que precisava ser despertada ou conscientizada pela vanguarda, os intelectuais de classe média e partidos políticos engajados, sobretudo artistas, professores e estudantes universitários. Cf. RIDENTE, M. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>10</sup> CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução Regina Thompson. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 17-29.

educacional, dado que tal expansão poderia, a médio e longo prazo, produzir resultados satisfatórios nos campos político, econômico e cultural. A escola tornara-se, então, palco fundante para a ação de intelectuais que ora coadunavam, ora resistiam, ora eram indiferentes ao processo, todavia, estavam imersos nele.

A escola tornara-se o equivalente secular da Igreja na fabricação do "cimento social". De posse dos ideais iluministas e da modernidade capitalista, foi projetada para ser racional, ativa e eficiente. Na escola assentava-se a condição de futuro dos jovens e dos países. Mas era na escola também, com seus rituais de entrada e saída, de recepção e formação, com seu planejamento arquitetônico, estrutura hierárquica e moldes curriculares que seria erigido um processo de disciplinarização dos corpos da juventude. Uma educação que "[...] é intermediada por múltiplos saberes e práticas que vão da higiene às boas maneiras, dos usos da água como lugar de prazeres específicos ou como local de trabalho aos banhos como limpeza, dos modos de alimentar-se, vestir-se, amar, dos modos de adoecer, curar-se, de nascer e morrer"<sup>11</sup>. Enquanto uma das instituições tradicionais que buscam unidade social, a escola também representa um espaço de insurgências dos sujeitos, sejam os professores diante dos "pacotes pedagógicos", das determinações administrativas e das práticas educativas socialmente recomendadas, sejam os alunos ante o processo de acomodação de seus corpos às estruturas disciplinares.

Por seu turno, o esporte é um esteta da modernidade por variados motivos. Primeiro por seu vínculo, nessas décadas, às justificativas formativo-educacionais, bem como de seus argumentos voltados à saúde individual e coletiva. Nesse ínterim, ressalte-se que a modernidade estabelece conexões institucionais e redes de sociabilidade que tornam muito tênues as fronteiras dos interesses das instituições política, econômica, cultural, por consequência, educacional e esportiva. Segundo, porque nas características aventadas da modernidade, o esporte estabeleceu alguns vínculos vitais. É profundamente ligado ao ser/manter-se jovem. Suas manifestações ritualísticas, como tradições, sedimentam a coesão social e a memória coletiva em torno de distintos interesses e representações. É de caracterização internacionalista e globalizante. O esporte move as pessoas a um volume de consumo imenso ligado à sua imagem. Do ponto de vista da linguagem e dos códigos, é na conceituação de Giddens, extensional, pois promove conexão global entre indivíduos e coletividades, e do ponto de vista das alterações no cotidiano é intensional, posto que promove o movimento dos sujeitos à prática ou assistência, impelindo-os a "serem

---

<sup>11</sup> SOARES, C. L. Prefácio. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M.A. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. xiii.

esportivos", conforme afirma Pierre Bourdieu, em um ensaio clássico<sup>12</sup>. Os Estados, fossem capitalistas ou socialistas, investiram no esporte visando a garanti-lo como "direito social", e também como "vitrine" de regimes políticos. Principalmente, o esporte consolidou uma aproximação identitária entre os sujeitos que se corporificaram, de modo mais patente, nas suas representações nacionalistas. Daí compreender o entusiasmo da "pena" de Nelson Rodrigues quando o Brasil tornara-se bicampeão mundial de futebol (1958 e 1962), e superava o complexo de ser um "vira-lata" entre os homens e entre as nações<sup>13</sup>.

A trajetória histórica da educação e do esporte conecta-se, de modo indubitável, ao processo incessante da reprodução material humana. Nesse processo, todas as formações culturais que tendem a se institucionalizarem desvelam a capacidade humana em reproduzir-se biológica e socialmente. A família, a religião, a política, a arte, a economia, a educação, a produção das idéias não se tornam, portanto, tão somente categorias explicativas ou meros reflexos, mas se constituem no apanágio da sociabilidade humana, a vivência prática da construção e reconstrução de sua existência. A educação e o esporte não se consubstanciam como reflexos sociais, reproduções de algo externo ao homem, mas como produção vivida da sua capacidade de se humanizar socializando-se, ainda que não se perceba, enquanto sujeito constituinte desse movimento.

O século XX apresenta uma marca dinâmica: a reconstrução de tradições nas práticas sociais sob as formas do espetáculo<sup>14</sup>. A cultura deste século é profundamente imagética. Os elementos que unificam a teia social são vistos e absorvidos socialmente. A memória coletiva, conforme exponho, se solidifica pela imagem das manifestações ritualísticas e das práticas corporais. Tais processos são garantidos pelas tradições. Contudo, a explosão dos meios de comunicação de massa (rádio, cinema, televisão) transformou o processo de identificação dos sujeitos com as práticas e os grupos sociais que até então se identificavam. A nação, a escola, a equipe esportiva, as associações de bairro, os partidos, os sindicatos tendem, de agora em diante, a diluírem-se num processo de "homogeneização cultural". Segundo Stuart Hall,

[...] quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares,

---

<sup>12</sup> GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**, op. cit.; BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Tradução Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

<sup>13</sup> RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>14</sup> Cf. BURKE, P. Cultura, Tradição, Educação. In: GATTI JÚNIOR, D.; PINTASSILGO, J. (Org.). **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2007. p. 13-22.

histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente" (grifo do autor)<sup>15</sup>.

Nessa tensão entre o global e o local, Hall enxerga novas identidades culturais locais se constituindo e resistindo em meio ao avanço da globalização unificadora. Por outro lado, analisando a escola e o esporte, vislumbro que há um processo de reconstrução das tradições em espetáculo.

Para alguns, a forma espetacular estaria representada no "fetichismo do fetichismo". A explicação dessa dinâmica tem origem no conceito de "fetichismo" enunciado por Marx em "*O Capital*". Ao analisar o mundo das mercadorias e as relações sociais que desembocarão na tríade mercadoria-dinheiro-capital, Marx afirma que tais relações sociais tendem a tornarem-se naturalizadas, onde as "[...] sutilezas metafísicas e manhas teológicas"<sup>16</sup> da mercadoria convertem-na em produto sobre-humano, dotado de vontade própria, eclipsando a distinção entre o aparente e o real. A reprodução material da humanidade torna-se reificada, pois os produtos culturais tornam-se coisas, e as relações humanas, não mais sociais, coisificadas.

No âmbito do espetáculo, Debord infere que,

o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por 'coisas supra-sensíveis embora sensíveis', se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência<sup>17</sup>.

Tudo que é visto, é humano e sobre-humano ao mesmo tempo, e se não visto, não mostrado, peremptoriamente, não existe; daí a "fetichização do fetichismo".

Nesse decurso, a educação e o esporte unem-se ao espetáculo, na convergência a outra dimensão fetichista: a da juventude. Segundo Wolfgang Haug, a fetichização da juventude, ou a obrigatoriedade de manter-se jovem, estabeleceu um padrão cultural, pautado na estética (na imagem, no visto), circunscrito à dinâmica do efêmero. Os produtos para a juventude — música, roupas, cinema, educação, esporte, até a política – promovem cotidianamente, o novo como oposição ao velho, ao que deve ser descartado como via de mantermos uma imagem juvenil<sup>18</sup>. Para além de qualquer determinismo, esse processo não é

<sup>15</sup> HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 75.

<sup>16</sup> MARX, K. **O Capital**. Livro 1, v. 1. Tradução Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas). p. 197.

<sup>17</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**, op. cit. p. 28.

<sup>18</sup> HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria**. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

imposto e acatado, mas vivenciado no conflito crescente entre o proposto pelo mercado, pelo Estado; e os desejos e ações dos homens, no construir de suas histórias. Por conseguinte, entendo que o esporte aumenta sua capacidade de universalização, mediado pela tensão entre o mercado esportivo, sua instrumentalização política, o anseio dos homens em serem “esportivos”, e essencialmente, a prática dos sujeitos no terreno educacional.

Concordo com Stuart Hall que o fim do século XX produziu uma reversão notável dos rumos históricos, visto que a violenta onda da globalização não conseguiu conter o surgimento de novas formas de nacionalismo e identidades comunitárias particulares. De igual modo, a noção de "espetáculo" como um "beco sem saída", posta por Debord, não coaduna com a possibilidade, que acredito, de novos horizontes históricos, construídos com base nas práticas cotidianas, conflitando e mediando com os *mass media*. Um horizonte possível é concordar com García Canclini que a globalização não é uma simples homogeneização sócio-cultural, todavia reflete um reordenamento das diferenças e desigualdades sociais sem suprimi-las. Não obstante, entende que, diante da heterogeneidade cultural a qual caracteriza a América Latina, podemos pensar a nação como uma comunidade hermenêutica de consumidores, de sujeitos os quais dialogam e se relacionam de modo peculiar com as informações e bens culturais circulantes. O consumo é concebido então, como um processo histórico, em que selecionamos de modo racional, o publicamente valioso<sup>19</sup>.

O trajeto deste trabalho é demonstrar que ao lidarem com a escola e o esporte, os sujeitos imergiram na constituição da tradição como espetáculo, com efeito, em eventos esportivo-escolares como os *Jogos*, nos quais foram produzidas acomodações e resistências, legando-nos problemas a resolver e desafios a superar. O principal deles, o abandono da "escolarização do esporte", assumindo uma patente "esportivização da escola".

São notáveis os estudos que tratam da constituição da educação física nas escolas brasileiras, desde meados do século XIX, de início como atividade, *a posteriori* como disciplina escolar. Alguns demonstram como as bases políticas do liberalismo, amalgamadas com a base científica do positivismo, construíram um discurso e uma prática higienista pautados na intervenção disciplinar dos militares e na intervenção científica dos médicos, principalmente na transição entre o Império e a República<sup>20</sup>. Alguns estudos destacam as

---

<sup>19</sup> CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução Maurício Santana Dias. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

<sup>20</sup> Cf. GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.; BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.; CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.; BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister,

reflexões pedagógicas de educadores comprometidos com distintas correntes progressistas burguesas e com a educação brasileira, de maneira a incluir a educação física como elemento formativo e disciplinador da mocidade, principalmente intelectuais ligados ao chamado movimento escolanovista<sup>21</sup>. Outros estudos articularam um projeto de país com um projeto de educação física, pautado na militarização da juventude, inclusive vinculando a formação de professores a este projeto, que se apresentava de uma tríplice maneira, segundo a perspectiva de Alcir Lenharo: "moralização do corpo pelo exercício físico; o aprimoramento eugênico incorporado à raça; a ação do Estado sobre o preparo físico e suas repercussões no mundo do trabalho"<sup>22</sup>.

Todas estas obras fundamentais ao avanço da pesquisa histórica em educação física, e à compreensão da constituição da disciplina escolar Educação Física, apresentam três linhas de argumentação que podem, hoje, ser postas em suspeição.

Primeiro, a subsunção da escola, de modo específico a educação física, aos planos político e econômico numa situação de determinantes e determinados. Tal aspecto obscurece a lógica interna do espaço educacional, sua relativa autonomia e seu amplo campo de manobra. Tendo em vista que não se preocuparam em investigar as práticas escolares, privilegiando o pensamento e a política educacionais, eclipsaram a ação dos professores e os conflitos presentes no "fazer escolar". Segundo, articularam a educação física aos projetos de higienização e militarização da sociedade brasileira. Considerando que tais projetos tinham largo alcance social, a penetração de seus ideários atravessava todas as instituições, inclusive a escola. Atribuir à educação física, centralidade nesses projetos, me parece extremamente

1992.; SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001.

<sup>21</sup> Cf. PAGNI, P. A. **Fernando de Azevedo: educador do corpo**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.; CAMARGO, E. A. S. P. **A militância de Fernando de Azevedo na educação brasileira: a educação física (1915)**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.; NASCIMENTO, C. C. **Inezil Penna Marinho: o tempo de uma história**. 1997. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.; MACHADO, M. C. G. **Rui Barbosa: pensamento e ação: uma análise do projeto modernizador para a sociedade brasileira com base na questão educacional**. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 2002.; GRUNENVALDT, A. C. R. **Europa, Brasil e Sergipe: desvendando as trilhas da educação física**. 2005. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

<sup>22</sup> LENHARO, A. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986. p. 78. Além desta obra, se inserem nesta linha e cabe uma visita: GRUNENVALDT, J. T. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.; GOELLNER, S. V. O método francês e militarização da educação física na escola brasileira. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física brasileira**. Vitória: CEFD/UFES, 1996. p. 123-143.; BERCITO, S. D. R. Educação física e construção nacional (1932-1945). In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física brasileira**. Vitória: CEFD/UFES, 1996. p. 145-160.

injusto do ponto de vista histórico, uma vez que a disciplina era neófito nas bases curriculares brasileiras, ainda que tivesse um componente catártico importante para arregimentar as crianças em torno de determinados princípios. Do mesmo modo, o distanciamento da investigação das práticas escolares não nos permite visualizar como os sujeitos resistiram à disciplinarização de seus corpos.

Finalmente, todos os estudos destacam a ginástica como conteúdo exclusivo da educação física, ora no predomínio do método sueco com ênfase na conservação da saúde ora na adoção do método francês, flutuante entre a militarização social, a pedagogização da educação física e a preparação para o trabalho. Num país com tantas disparidades regionais, tantas comunidades étnicas, tantos projetos educacionais ligados a distintos grupos religiosos e seculares, sobretudo tantas práticas corporais em circulação, desvelando um amplo e plural espectro cultural, limitar o terreno escolar à prática ginástica, seria reduzir o alcance acadêmico de nossos intelectuais, os interesses dos grupos educacionais, as possibilidades criativas dos professores e as artimanhas dos alunos. Isso posto, alguns estudos vêm refutando essas teses, revelando que o esporte vem tendo um destacado uso pedagógico nas escolas brasileiras desde fins do século XIX.

Estudos de Victor Melo, José Moraes dos Santos Neto e Leonardo Pereira vêm demonstrando que o futebol goza de penetração escolar no Brasil desde a década de 1880, principalmente em colégios confessionais como o Colégio Anchieta em Nova Friburgo (RJ) e o Colégio São Luís em Itu (SP), além de escolas estatais como o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro<sup>23</sup>. Cabem aqui, dois destaques: a atualidade e o tirocínio pedagógico dos jesuítas que "escolarizavam" uma prática inglesa recentíssima; e a desmontagem do "mito fundador" do futebol trazido ao Brasil por Charles Miller, somente em 1894. Corroborando a visão educativa apurada dos religiosos, Maria Cecília de Paula Silva analisou a prática pedagógica no Colégio Granbery, de matriz protestante, em Juiz de Fora (MG), revelando que o esporte já era largamente utilizado como símbolo de progresso, formando um ideal de homem disciplinado nos moldes da moral burguesa, sendo vital inclusive, para a emancipação da mulher nas práticas esportivas, já na década de 1920<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> MELO, V.A. Educação física nas escolas brasileiras do século XIX: esporte ou ginástica? In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física** 3. Aracruz: FACHA, 1998. p. 48-68.; PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.; SANTOS NETO, J. M. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

<sup>24</sup> PAULA SILVA, M. C. **O esporte na prática pedagógica de educação física do Colégio Granbery: uma compreensão histórica**. 1998. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.



Em sentido contrário, demonstrando a força cultural do esporte e as possibilidades insurgentes dos sujeitos, Tarcísio Vago, ao analisar a implantação da educação física nos recém-construídos grupos escolares da Belo Horizonte (MG) do início do século passado, mostra como, da planta da escola à prática pedagógica, passando pelo controle dos espaços e horários livres, a escola e a educação física, via ginástica, coadunavam com o projeto de higienização social e "domesticação dos corpos". Contudo, revela como os alunos traziam da rua para a escola, adotando artimanhas e estratégias várias, a prática proibida do futebol, que passou a ser, gradativamente assumido pela escola como um conteúdo possível<sup>25</sup>.

No estado de Sergipe, em estudos recentes, o esporte também surge com visibilidade, enquanto conteúdo da educação física, no alvorecer do século XX. Marlaine Almeida investiga a penetração do ideário esportivo nas escolas femininas, fato que resultou inclusive na fundação de uma associação classista de relevo social na década de 1910, o Clube Desportivo Feminino<sup>26</sup>. Em minha Dissertação de Mestrado pude demonstrar a relevância do esporte como conteúdo da educação física nas escolas estaduais e sua representatividade social em competições como os "*Jogos de Verão do Município de Aracaju*", já na década de 1930, com participação de clubes esportivos, da Escola Normal e do Atheneu Pedro II<sup>27</sup>.

As práticas esportivas na transição do século XIX para o século XX estavam então, profundamente enraizadas no cotidiano brasileiro. A sua incorporação à escola seguiu ritmos distintos, conforme as características geográficas e institucionais que co-habitam o país, possibilitando inferir que o esporte "escolarizou-se" desde sua chegada ao país. Assumo, por extensão, a dupla definição de escolarização proposta por Vago. Primeiro, a consecução

---

<sup>25</sup> VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

<sup>26</sup> ALMEIDA, M. L. **Práticas esportivas em Aracaju no início do século XX**: um estudo sobre a participação da mulher. 2004. 74 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

<sup>27</sup> DANTAS JUNIOR, H. S. **Estado, Educação e hegemonia**: reflexos da Pedagogia Experimental na educação física em Sergipe (1947-1951). 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE). Cabe ressaltar outros estudos nesse rumo de investigação: ELIODORIO, E. S. **As práticas corporais no tempo de lazer no processo de urbanização da cidade de Aracaju (1900-1920)**. 2004. 67 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.; SANTOS, J. T. V. **Os primeiros passos do basquetebol em Sergipe: o que dizem os jornais?** 2004. 38 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.; RIBEIRO, S. D. D. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo**: tecendo os fios da história de um "casamento feliz". 2005. 304 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Curso de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.; OLIVEIRA, F. F. **Contribuições de Pierre Bourdieu para a história do voleibol em Sergipe (1920-1930)**. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

de processos e políticas de organização de redes institucionais responsáveis pelo ensino formal. Segundo, a escola, ou a forma escolar ressaltada como espaço de socialização e transmissão de conhecimentos, de articulação de sentidos e significados<sup>28</sup>. O esporte, enquanto manifestação cultural, rica de caracteres simbólicos é um saber a ser escolarizado, enquanto que as múltiplas formas de organização pedagógica e disseminação deste saber extrapolam as dimensões dos muros escolares.

Seguindo essa trilha, em análise profundamente original, Meily Linhales, ao examinar os debates gerados no seio da Associação Brasileira de Educação (ABE), ao longo das décadas de 1920 e 1930, constatou a construção de um projeto cultural para a escolarização do esporte no país<sup>29</sup>. Das reflexões de católicos e escolanovistas, passando pela criação da seção de Educação Física e Higiene em 1925, à realização do VII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em 1935, que teve a educação física como temática central, a ABE referendou o esporte como um conteúdo necessário à modernização da escola brasileira.

Segundo a autora, ocorria uma interpenetração de interesses entre as instituições escolares e esportivas num compartilhamento próprio de socialização. Constatou que a escola incorporava valores, códigos e normas do esporte, pedagogizando-o. Constituiu-se o esporte, portanto, como um dispositivo disciplinar que se amparava numa transmissão cultural, um saber a ensinar (conteúdo) e uma sociabilidade escolar, ou seja, condutas a inculcar (disciplina). Interessante ressaltar que, ao contrário das análises correntes, Linhales destaca que os sujeitos os quais absorvem essa forma escolar do esporte, não o fazem de modo a apenas transpor saberes em técnicas de ensino-aprendizagem. Enfatiza a capacidade criativa dos que fazem a escola, sua capacidade de re-elaboração de práticas culturais, pensamentos e políticas educacionais.

Amparado nessas digressões, refuto qualquer tipo de análise que estabeleça vínculos lineares entre a educação física e os projetos de higienização e militarização sociais, pela via da ginástica, bem como a absorção desordenada do esporte por parte das escolas brasileiras. Parto do princípio de que havia uma "*escolarização do esporte*" a qual passa, a partir da década de 1950 com a solidificação dos meios de comunicação de massa e do processo de espetacularização social, a uma exclusão paulatina da ginástica, enquanto

---

<sup>28</sup> VAGO, T. M. A Educação Física na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Org.). **A Educação Física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Prosul, 2003. p. 197-221.

<sup>29</sup> LINHALES, M. A. **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

conteúdo, uma exacerbação do esporte, enquanto conteúdo único, culminando com uma "esportivização da escola", ou seja, uma vinculação de toda a dinâmica escolar à lógica esportiva. Em larga medida, tal processo sofre interferências políticas, viceja interesses mercadológicos, oportuniza inserções culturais e reflete distintas práticas pedagógicas, intra e além-muros da escola. A explosão destas demandas pode ser visualizada em eventos esportivo-educacionais como os *Jogos*.

O neologismo "esportivização" deriva do que Norbert Elias denomina de "desportivização"<sup>30</sup> ou o processo mediante o qual, os passatempos, divertimentos e jogos vão se convertendo em práticas institucionalizadas, denominadas desportos, no âmbito da sociedade inglesa do século XIX, daí exportados em escala global como avanço civilizatório. Utilizo o termo "esportivização" para designar a substancial passagem do esporte, nas aulas de educação física, de conteúdo escolarizado a conteúdo exclusivo, sendo gerador de uma nova forma de organizar o conhecimento, os espaços, tempos e relações sociais dentro e fora da escola.

A conjuntura internacional da segunda metade do século XX – com o sucesso das Olimpíadas modernas, a consolidação da Copa do Mundo da FIFA (Fédération Internationale de Football Association) como evento verdadeiramente mundial a partir de 1958, o acirramento dos "ânimos" com a Guerra fria que se travou com radicalidade nos "campos de batalha" esportivos – estava inebriada de esporte. Diversas instituições esportivas e educacionais ressaltavam o valor pedagógico-formativo do esporte. Vieram a público vários documentos basilares para compreensão do movimento em torno da prática esportiva e suas relações com o sistema educacional global erigindo um autêntico internacionalismo esportivo: *Manifesto Mundial sobre o Desporto* (1968), *Manifesto Mundial de Educação Física* (1971), *Manifesto sobre o "Fair play"* (1972), *Carta Européia do Esporte para Todos* (1975), *Carta Internacional da Educação Física e do Desporto* (1978).

Enquanto efervescia o movimento esportivo mundial, o Brasil, conjunturalmente, imergia nos problemas próprios da América Latina. A tentativa de contenção do movimento socialista internacional, que, dentre outros fatores, gestara a revolução cubana, sobretudo a manutenção da perspectiva nacionalista-estatista, produziram o golpe de Estado de 1964, que objetivava conter o avanço popular, a implementação das reformas de base e consolidar uma direção político-econômica, com ênfase no capital financeiro, atrelado ao capitalismo estadunidense. A restrição ao Legislativo e a centralização do poder nas mãos do Executivo

---

<sup>30</sup> ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: \_\_\_\_\_. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 187-221.

militar instituíram um princípio de “estatolatria”, próximo ao conceito denunciado por Gramsci<sup>31</sup>, que precisava garantir a base de hegemonia nas instâncias da sociedade civil. Os sistemas educacional e esportivo receberam, então, uma intervenção político-diretiva nas três décadas posteriores, jamais vista em períodos anteriores. Com isso, era nos intestinos das instituições oficiais, notadamente a escola, que seriam travados os conflitos entre os interesses proclamados e as ações sociais de aceitação e resistência.

Para autores como Ivani Fazenda, José Willington Germano, Otaíza Romanelli e Luiz Antônio Cunha<sup>32</sup>, o Estado pós-1964, interessado no “Brasil Grande”, priorizou os gastos com o objetivo de investimento e acúmulo de capitais, gerando o endividamento interno e externo, crise fiscal e a quebra do próprio Estado.

É importante ratificar que a política educacional constituiu-se de aumento significativo da escolarização e democratização de acesso a todas as esferas de ensino, do primário à pós-graduação<sup>33</sup>. Em contrapartida, a ampliação resultou no desgaste da escola pública, cada vez mais municipalizada e, conseqüentemente, refém dos interesses oligárquicos locais, e a expansão, sob o signo da qualidade e competência, do ensino privado. As leis e reformas legais gestadas durante as décadas de 1960 e 1970 advogavam, segundo Saviani, a reforma da organização escolar para garantir o preceito liberal da escola como *locus* gerador de ascensão social<sup>34</sup>. Em seu entendimento, a legislação serviu como lastro de consolidação hegemônica cuja sociedade política hipertrofiada objetivava sufocar os organismos e reivindicações latentes no seio da sociedade civil.

No âmbito da educação física e esporte consolidou-se a intervenção política em duas frentes complementares entre si: uma legislação educacional e uma legislação esportiva as quais se interpenetravam. Concernente à política educacional, esta sempre imputou à educação física o utilitarismo de manutenção saudável das estruturas orgânicas do indivíduo, ampliando-se, a partir da década de 1960, para a formação da força de trabalho. Em sua relação escolar com o esporte, reforçou-se uma função cívica manifestada nos desfiles e

---

<sup>31</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere 3**. Tradução Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 279.

<sup>32</sup> FAZENDA, I. C. A. **Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.; GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil: 1964-1985**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.; ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil: 1930/1973**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.; CUNHA, L. A. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Niterói, UFF; Brasília, FLACSO do Brasil, 2001.

<sup>33</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do século XX**. Brasília: IBGE, 2004. 1 CD-ROM.

<sup>34</sup> SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. 4. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1999.

comemorações pátrias, bem como nos campeonatos esportivos, eventos e cerimônias já enraizados nas tradições escolares.

Não obstante, esse caráter utilitário foi solapado pelo Decreto n.º 69.450, de 1º de novembro de 1971, que faculta a prática de educação física aos alunos do curso noturno, maiores de 30 anos de idade, que tenham prole, que estejam prestando serviço militar e portadores de deficiências, infecções e afecções congênicas<sup>35</sup>. Para Dalva Beltrami, esse caráter excludente não foi considerado pelos profissionais da área, pois é clara a aliança dos mesmos às proposições governamentais. De clara postura corporativista, os professores assumiram as deliberações oficiais e implementaram a disposição disciplinar-ideológica de interesse do Estado brasileiro<sup>36</sup>.

Tornava-se premente a partir dos anos de 1960, a relação intrínseca entre esporte, educação e desenvolvimento do país. Arlindo Lopes Corrêa, à época Secretário-executivo do Centro Nacional de Recursos Humanos (CNRH) do Ministério do Planejamento, acreditava em uma relação nítida entre o desenvolvimento socioeconômico de uma nação e o progresso desportivo. Todavia, os resultados obtidos pelo Brasil nas Olimpíadas de 1964 e 1968 (Tóquio e Cidade do México, respectivamente) revelavam o distanciamento do esporte concernente aos índices de desenvolvimento nacionais almejados. Como o "governo revolucionário" estava investindo nos aspectos sociais de desenvolvimento, não haveria por que descurar do esporte. Necessária se fazia uma legislação específica para o sistema desportivo, estabelecendo conexão direta ao sistema educacional, afinal "... a escolarização entra no circuito pelo fato de a iniciação esportiva e a prática sistemática de educação física ocorrerem, primordial e inicialmente, nos estabelecimentos de ensino, especialmente os de nível primário"<sup>37</sup>.

É notável por essa direção, a formulação do documento intitulado: "*Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil*". Elaborado em 1971, por Lamartine Pereira da Costa, intelectual renomado da Educação Física brasileira e vinculado à burocracia militar, foi encomendado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Avançados (IPEA), através do CNRH,

---

<sup>35</sup> BRASIL. Decreto n.º 69.450, de 1 de novembro de 1971. Regulamenta o art. 22 da Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e a alínea "c" do art. 40 da Lei n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 5-12. Interessante ressaltar que, decorridos 32 anos e mesmo após a redemocratização, tais dispositivos encontram-se em vigor, reformulados pela Lei n.º 10.793, de 1 de dezembro de 2003 - *Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional" e dá outras providências*.

<sup>36</sup> BELTRAMI, D. M. **A Educação Física no âmbito da política educacional no Brasil pós-64**. 1992. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

<sup>37</sup> CORRÊA, A. L. Esporte e desenvolvimento. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportiva**, Brasília, n. 9, 1970. p. 8.

que tinha o próprio Arlindo Lopes Corrêa à frente. O "*Diagnóstico*" constituiu-se num estudo quantitativo dos níveis de desenvolvimento da educação física e dos esportes no país, apontando horizontes possíveis e ações políticas emergenciais, para a sua efetiva ampliação. Nesse sentido, diagnosticava-se e/ou planejava-se: o aumento do número de Escolas Superiores de Educação Física; a produção de material e a construção de instalações desportivas; a atuação de professores graduados em Educação Física nas escolas, o que em tese, possibilitaria uma intervenção "cientificamente" qualificada; o incremento do intercâmbio desportivo; o investimento no desporto comunitário de lazer nos centros urbanos; e, fundamentalmente, a implementação de legislação específica para educação física e esportes que garantisse o desenvolvimento das práticas, *pari passu* do país<sup>38</sup>.

O elemento, que buscava subsumir a escola aos ditames da instituição esportiva, era a tese considerada e advogada no "*Diagnóstico*", da escola como base de uma pirâmide esportiva, em que o incentivo ao desporto de massa e ao desporto estudantil culminaria no ápice da revelação de uma elite esportiva, representativa do poderio internacional de um país em franco desenvolvimento.

Consoante o exposto, o esporte impregnou-se de um discurso legitimador educativo, deixando de ser conteúdo para ser sinônimo de educação física, não mais um "saber a ensinar" e um elemento distinto, existente fora da escola e nela pedagogizado. O esporte assumia por função, dar visibilidade às manifestações de nacionalidade as quais mobilizavam a população brasileira à adequação aos moldes da moral e do civismo próprios do regime de exceção em voga. Para Eduardo Manhães, os discursos nacionalista, moral e cívico e disciplinador oriundos da primeira legislação esportiva nacional no Estado Novo, obtiveram um tratamento continuísta na Lei n.º 6.251, de 08 de outubro de 1975<sup>39</sup>, dado que, apesar da fragmentação do sistema desportivo em desporto comunitário, estudantil, militar e classista, centralizou todas as ações no Executivo, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), a elaboração do Plano Nacional de Educação Física e Desportos e ao Conselho Nacional do Desporto (CND), a normatização e controle do desporto nacional. Tais ações revelam a estrutura tecnoburocrática em franca escalada, que caracterizaria práticas

---

<sup>38</sup> COSTA, L. P. **Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil**. Brasília: Centro Nacional de Recursos Humanos/Ministério do Planejamento; Divisão de Educação Física/Ministério da Educação e Cultura, 1971.

<sup>39</sup> MANHÃES, E. D. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. A referência feita por Manhães é da Lei n.º 6.251, de 8 de outubro de 1975, que institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências.

políticas, pautadas no clientelismo, populismo, reservas de mercado e mitificação de ídolos e slogans como o "Pra frente Brasil"<sup>40</sup>.

Esses aspectos que representariam a base de toda a legislação específica de educação física e esporte, e deveriam ser o norte das ações dos profissionais da área, para as próximas décadas, receberam a partir da década de 1980, críticas contundentes de intelectuais que se inseriam numa perspectiva teórica de base crítica, em sua maioria, filiada a alguma corrente do marxismo.

Estudos como os de Kátia Cavalcanti, Luiz Carlos Rigo, Ricardo Lucena, Edson Valente e Luiz Fernando Veronez<sup>41</sup>, além dos já citados, Ghiraldelli Júnior, Castellani Filho, Betti, Bracht, Beltrami e Coletivo de Autores que apresentam distintas colorações ideológicas e referenciais teóricos, estabeleceram uma leitura diacrônica da história da educação física e do esporte no Brasil, principalmente as políticas específicas das décadas de 1960 e 1970<sup>42</sup>. As leituras apresentaram críticas a uma intervenção normativo-burocrática do Estado, que terminou por: tornar o esporte, referência exclusiva para a intervenção pedagógica na educação física escolar; padronizar a ação dos professores e alunos aos códigos e normas do esporte institucionalizado, a saber, técnica esportiva, repetição à exaustão, selecionamento, exacerbação da competitividade, especialização de papéis e burocratização; perpetuar a educação física como "atividade complementar", não como uma "disciplina curricular" com um conhecimento sistemático, fundamental à formação dos escolares; consolidar a ideologia

---

<sup>40</sup> Em análise que corrobora as conclusões de Eduardo Manhães e se estende ao período da Nova República e às novas leis sobre o desporto, principalmente a "Lei Zico" (Lei n.º 8.672, de 6/7/93 - *Institui normas gerais sobre o desporto, e dá outras providências*), insere-se o trabalho de LINHALES, M. A. **A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos**. 1996. 288 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

<sup>41</sup> CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: Ibrasa, 1984.; RIGO, L. C. **A pseudoconcreticidade da esportivização escolar ou... a educação física fora de forma**. 1992. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.; LUCENA, R. F. **Quando a lei é a regra: um estudo da legislação da educação física escolar brasileira**. Vitória: CEFD/UFES, 1994.; VALENTE, E. F. **Esporte para todos: a desescolarização da Educação Física e do Esporte e o universalismo olímpico**. 1996. 186 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas; e VERONEZ, L. F. C. **Quando o Estado joga a favor do privado: as políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988**. 2005. 386 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

<sup>42</sup> Das obras citadas apenas a de Lino Castellani Filho se pretende um estudo histórico, sendo um marco na construção de um viés interpretativo da história da educação física, abrindo possibilidades à consolidação de uma tradição de intelectuais que passaram a utilizar a ciência da História para compreender o trajeto de afirmação da área de Educação Física e Esporte no Brasil. As demais obras são referências obrigatórias de análise dada sua importância na conformação das leituras possíveis acerca da educação física por parte dos professores, pois se dedicaram em momentos dos textos a fazerem uma leitura da área por um olhar de historicidade ainda que, exclusivamente, diacrônicas. Para uma análise mais balizada e contundente do estado da arte desta questão, cf. DANTAS JUNIOR, H. S. A esportivização da educação física no século do espetáculo: reflexões historiográficas. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, n. 29, p. 215-232, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>.

do regime, posto que as atividades esportivas serviriam para desmobilizar o movimento estudantil e anestesiar as consciências, conformando e contendo as investidas e reivindicações de caráter popular.

Entendo que tais análises são essencialmente diacrônicas, ou seja, buscam entender e explicar as origens e o desenvolvimento do objeto. Por princípio teórico, perspectivo que, para aprofundar a análise da educação, educação física e esporte, é preciso estabelecer um diálogo entre diacronia e sincronia: como estes elementos surgem, se comunicam, tencionam e se auto-determinam, de modo que não privilegiemos o objeto por ele mesmo, nem apenas um espaço institucional de comunicação, seja a economia, a política, a estética, a cultura.

Essas análises diacrônicas prescreviam a existência e intervenção do Estado como um grande "monólito vivo", capaz de, pela força da lei, conter as aspirações e deter as ações humanas. Para o italiano Antonio Gramsci, mesmo que seja, em algum momento, necessária a "estatolatria" a fim de garantir o desenvolvimento de uma civilização, para posterior transferência do poder decisório à sociedade como um todo, jamais essa perspectiva de Estado mantém-se sem resistência<sup>43</sup>. A consciência, que move os sujeitos à ação, não pode ser aprisionada, mesmo dependente das estruturas e instituições sociais; mesmo que os aparelhos de hegemonia (escolas, igrejas, meios de comunicação) engessem as tentativas de ação, a própria natureza intrínseca do ser histórico impele-o ao movimento. Portanto, a leitura da dinâmica de uma "estatolatria" brasileira que usa as práticas esportivas, seja na escola ou fora dela, como adestramento e controle dos indivíduos, não se me revela satisfatória.

De igual modo, a crítica de que foi nos Estados capitalistas que houve uma ênfase no paradigma da aptidão física<sup>44</sup> e na esportivização da escola, eclipsa a mesma ênfase dada nos Estados do socialismo existente. Para Debord, o que distinguia os Estados socialistas dos Estados capitalistas avançados é o fato de eles se imbricarem ao "espetacular concentrado" e ao "espetacular difuso", respectivamente. No primeiro caso, próprio do capitalismo burocrático, as mercadorias e a cultura em geral eram controladas por uma via de coesão

---

<sup>43</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** 3. op. Cit.

<sup>44</sup> Segundo o COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. op. cit. p. 36, o paradigma da aptidão física "*apóia-se nos fundamentos sociológicos, filosóficos, antropológicos, psicológicos e, enfaticamente, nos biológicos para educar o homem forte, ágil, apto, empreendedor, que disputa uma situação social privilegiada na sociedade competitiva de livre concorrência: a capitalista*". Tal questão deve ser matizada: primeiro, que qualquer ação corporal física sistemática e sistematizada implica num dado grau de desenvolvimento de aptidão física, e segundo, que as características significantes da aptidão física também são culturais, portanto próprias das contradições das sociedades humanas. Desta forma, entendo necessário transferir essas características aos países socialistas que, se não preparavam para a concorrência, preparavam para a defesa do Estado burocrático e materialização de seu ideário nas "vitrines" esportivas.



totalitária, em que as escolhas dos sujeitos já foram efetuadas nos altos escalões do poder. No caso do “espetacular difuso”, a abundância de mercadorias e escolhas encobre a apreensão fragmentária da cultura, na qual o consumo crescente dos fragmentos impede a vivência total dessa “felicidade mercantil”. Para o autor, o aparente conflito, entre essas duas vias, produziu o “espetacular integrado”, no qual não se vislumbra quem governa (o âmbito burocrático decisório) e todos os produtos culturais são “acessíveis”, pois “[...] já não existe nada, na cultura e na natureza, que não tenha sido transformado e poluído segundo os meios e os interesses da indústria moderna”<sup>45</sup>.

Entendo que a esportivização da sociedade civil caminhou, desde o pós-2ª Guerra, demarcada pelos princípios do “espetacular integrado”, nos quais a razão mercantil reuniu todas as manifestações culturais, sob a égide da relação social do capital como imagem. A utilização do esporte como campo imagético, por excelência da supremacia dos Estados socialistas sobre os capitalistas e vice-versa, circunscreve essa inferência. A democratização do esporte se dá, então, pelo viés do mercado, proclamando: “se não praticar, posso ao menos exercitar o olhar, torcer e consumir”, o que em tese, e em contrapartida revela um dado grau de participação, que pode ser, inclusive, crítico. Por conseguinte, torna-se forçoso compreender a determinação das práticas sociais, pelo viés impositivo do Estado ou do mercado, não obstante caiba refletir acerca das ações dos indivíduos, ao construírem suas existências, que podem ser de aceitação ou resistência.

Nesse sentido, têm sido escassos, os trabalhos que se debruçam sobre esse período e temática em outras esferas de análise. Marcus Tabora de Oliveira apresenta possibilidades analíticas diferenciadas ao considerar que: houve uma ênfase do Estado sobre as relações entre educação física, esporte e o desenvolvimento nacional, atrelando-os a um discurso "cientificista" com viés legitimador, disciplinarização como via de controle social, sobretudo no investimento à prevalência do treino esportivo na escola<sup>46</sup>. Não obstante, ao analisar a ação dos professores na Rede Municipal de Ensino em Curitiba, no mesmo período, percebeu que a intervenção dos sujeitos pautou-se não só em adesão aos interesses em vigência, mas também em resistência, dado que alguns perspectivavam um trato pedagógico, com outras práticas corporais e valores sociais para além do esporte institucionalizado<sup>47</sup>.

<sup>45</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. Cit. p. 173.

<sup>46</sup> TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984)**: entre a adesão e a resistência. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

<sup>47</sup> Entendo "institucionalização" nos termos conceituados por Peter Berger e Thomas Luckmann, qual seja, toda atividade humana que sujeita a freqüente reprodução configura-se em *hábito*, conservando o caráter significativo para os indivíduos, mas implicando em rotinas com alívio de sobrecargas existenciais. Dessa forma, toda institucionalização implica em *historicidade e controle*. Um produto humano torna-se institucionalizado quando

Posto isso, as análises aqui aventadas impõem uma questão que entendo fundamental em História da Educação: a relação entre a política educacional e a prática social de professores e alunos na escola. A política educacional sempre foi tomada como projeto de direção impositiva, sem destacar as possibilidades de ação dos sujeitos na escola. Entendo que tal relação pode ser linear, complementar ou contraposta. Compreender que a política educacional determina as ações dos professores em seu *locus* de atuação, é desconsiderar o sujeito em suas possibilidades de construção da história. Parto do pressuposto que, para o professor, a política educacional e as direções indicadas pelas mesmas podem ser: compreendidas e acatadas; não compreendidas ou sequer conhecidas, gerando práticas singulares; compreendidas e não aceitas, estabelecendo-se a resistência. De igual modo, o aluno traça estratégias diferenciadas e peculiares para lidar com as normas sociais, escolares e com o conhecimento transmitido e assimilado no contato com a atividade de ensino-aprendizagem.

Compreendo que é *na* experiência e *pela* experiência que os sujeitos se constituem, indivíduos ou classes sociais. A escola é um campo fértil às múltiplas possibilidades de experimentação e o esporte um espaço, ao mesmo tempo fraterno e tenso, de convívio e construção de concepções de mundo. Para Edward Thompson,

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário, etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas<sup>48</sup>.

Os estudos levantados, à exceção de Taborda de Oliveira, enfatizam a direção política, mas não as experiências e contradições, inerentes ao processo histórico, entre as determinações e as ações. O que me leva a algumas ponderações. Os professores podem ter se

---

está sob controle social. Daí que o esporte enquanto produto humano é, em si, uma instituição. A questão que se impõe aqui é verificar o grau de autonomia da escola, enquanto instituição educacional, frente à instituição esportiva. Cf. BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>48</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 189. Cabe destacar que no âmbito da Educação Física, a categoria "experiência" vem sendo discutida com propriedade pelo Prof. Reiner Hildebrandt ao pensar o processo de ensino-aprendizagem da educação física no qual a "experiência" surge como uma categoria didática. Concebendo que o processo pedagógico media a experiência do mundo cotidiano com as determinações científicas manifestas como técnica, entende importante reconhecer que conhecimento e organização da ciência incidem sobre nossas experiências físicas e corporais impondo à educação física a percepção, pedagogização e mediação dessas experiências. Cf. HILDEBRANDT, R. Experiência: uma categoria central na teoria didática das aulas abertas. In: VALENTE, M. C. (Org.). **Pedagogia do movimento**: diferentes concepções. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 17-29.

mantido alheios e reproduzido os interesses políticos vigentes ou mesmo estabelecido alguns graus de oposição aos mesmos. Os professores também podiam ter clareza de tais interesses ou não. Considerando que houve ênfase do Estado para o desenvolvimento do esporte na consecução da escola como base da pirâmide esportiva e aceitando a tese de que as ações dos professores convergiram nessa direção, é fato que não nos tornamos uma "nação olímpica"<sup>49</sup>.

Para autores como Bracht e Coletivo de Autores ocorria um prolongamento da instituição esportiva na escola, implantando-se o "esporte na escola", sem construir as possibilidades do "esporte da escola". Essa tinha as suas funções redimensionadas aos cânones da instituição esportiva: rendimento, competição, comparação de resultados, regulamentação rígida, sucesso como sinônimo de vitória no esporte, racionalização de meios e técnicas. O esporte nas aulas de educação física foi canalizado como finalidade, não como meio, portanto a aprendizagem limitava-se às técnicas esportivas e à incorporação de suas normas. A escola não conseguiria mais discutir o esporte, recriá-lo, desenvolver valores assentados no coletivismo, pensar a integração do corpo discente sem seleção dos melhores, enfim, a escola tornou-se incapaz de criar um "esporte da escola", com base em suas características e necessidades culturais<sup>50</sup>.

Entendo que tais conclusões, acerca da instituição do "esporte na escola", são generalizantes, totalizantes e não levam em conta a pluralidade de espaços, sujeitos e práticas escolares. Os espaços escolares no Brasil, notadamente no sistema público de ensino, em sua imensa maioria, não comportam tratar o esporte em seus códigos de rendimento, dadas as impossibilidades físicas, materiais e humanas. Mesmo reconhecendo o impacto do ambiente espetacularizado da modernidade, impondo o esporte como único saber a ensinar na educação física, a realidade escolar torna imperioso que professores e alunos, no afã de quererem tematizar o esporte ou mesmo montar suas equipes escolares, cotidianamente re-elaborem as práticas, adaptem-nas e recriem-nas, construindo, dia a dia, "esportes da escola".

O esporte, não obstante, tornou-se o conteúdo praticamente exclusivo da educação física. A "esportivização" da escola se deu — na escola particular pela prática e na escola pública pelo desejo da prática — pela confluência de um movimento histórico internacional que radicava uma cultura moderna, jovem e espetacular, reconstruindo as tradições aos moldes do espetáculo. Compreendo que tais reflexões/inquietações, atinentes ao processo de

---

<sup>49</sup> Desde o indicativo do "*Diagnóstico*" em 1971, acerca da necessidade de investimento na educação física pelo viés do esporte escolar foram realizadas nove edições dos Jogos Olímpicos. Dos Jogos Olímpicos de Munique (1972) aos Jogos de Atenas (2004), o aumento do número de medalhas brasileiras foi significativo, mas muito distante de sequer aproximar-se de uma potência olímpica.

<sup>50</sup> BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. op. cit.; COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. op. cit.

"esportivização" da sociedade, em pleno vigor das relações espetaculares, incidem diretamente sobre o estado de Sergipe na condução da política educacional, das relações entre educação física e esporte nos jogos escolares, sobretudo na ação efetiva dos professores.

Conforme já aludido, os *Jogos da Primavera* é o evento esportivo-educacional que referencia a educação física no estado de Sergipe, por habitar a memória dos professores e da sociedade como a representação franca da vivacidade, talento e nacionalidade da juventude sergipana<sup>51</sup>. Compreendendo o evento como de larga expressão social, na tentativa de visualização de suas contradições na materialização da memória social, principalmente dos professores de educação física sergipanos, classifico-o metaforicamente, afinal, falamos de esporte em três fases: Iniciação, Aperfeiçoamento e Treinamento<sup>52</sup>.

A primeira fase é de *Iniciação* ou de primeiros contatos com uma organização que envolve múltiplos fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, mas, tacitamente, começa a tratar, de modo institucionalizado com a organização esportiva, seguindo os cânones de um evento reconhecido nacionalmente, os Jogos da Primavera do *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro. Esse movimento esportivo, iniciativa pioneira do jornalista Mário Filho, proprietário do *Jornal dos Sports*, reunia os grandes clubes e as grandes escolas da cidade em verdadeiras maratonas olímpicas. Para Ludmila Mourão Boccardo, sua materialização consolida o esporte como movimento social integrador, marca um processo de democratização desta prática para a mulher e solidifica a mídia esportiva, como a principal impulsionadora do esporte<sup>53</sup>. Os Jogos da Primavera do Rio de Janeiro tornaram-se a grande fonte inspiradora para Sergipe.

Essa primeira fase compreende o período dos quatro primeiros *Jogos* (1964-1967). Seu surgimento é um híbrido de interesses entre o governo do estado de Sergipe,

---

<sup>51</sup> Memória é um artefato simbólico de representação das relações sociais que se constrói pela experiência. Duas práticas sociais de solidificação da memória são as de "incorporação" e "inscrição". A incorporação se refere à comunicação entre corpos presentes – aperto de mãos, abraços, sorrisos, palavras dirigidas - que se processam enquanto os corpos estão se comunicando. Já a prática de inscrição alude às ações intencionais de capacitação e conservação de informação, muito depois do organismo humano ter deixado de informar – fotografias, fitas de áudio, imprensa. Na esfera cultural, o cinema, a literatura, a música e a televisão seriam práticas de inscrição, enquanto o teatro seria uma prática de incorporação pois de comunicação direta entre os artistas e espectadores. As práticas educacional e esportiva exigem os dois tipos de ação, ou seja podem ser inscritas e/ou incorporadas. Os Jogos, portanto, se consubstanciam como práticas enraizadas, por incorporação e inscrição, na memória social sergipana. Cf. CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. op. cit.

<sup>52</sup> Tomando por princípio que o recorte temporal de um objeto estabelece nexos central com a construção da problemática, o recorte do objeto, qual seja, o processo de “esportivização da escola”, assenta-se na segunda metade do século XX. Contudo, como recortes temporais vinculam-se a recortes espaciais, tomo por base que sendo os Jogos da Primavera em Sergipe o *locus* de investigação desse processo, uma delimitação temporal de análise das fontes situa-se entre 1964, início da tradição dos Jogos em Sergipe, e 1995, ano de seu segundo encerramento em meio à materialização da “escola esportivizada”. Cf. BARROS, J. D. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

<sup>53</sup> BOCCARDO, L. M. **Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização**. 1998. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

personificado no Secretário interino de Estado da Educação Curt Vieira, com apoio de José Carlos Marques, professor paulista de educação física, contratado pelo governo para incrementar a educação física no estado no ano de 1963, e as demandas práticas dos estudantes universitários de iniciativa do Presidente da Federação Atlética dos Estudantes de Sergipe (FAES), Raimundo Monte.

Os *Jogos* foram realizados com esforços de vários segmentos da comunidade aracajuana. O Governo do estado dava total apoio à sua realização, cedendo os espaços, organizando o desfile de abertura, inscrevendo escolas da rede estadual. A imprensa oferecia ampla cobertura nos impressos e nas Rádios. As casas comerciais apressavam-se em oferecer troféus e medalhas aos competidores.

As três primeiras edições dos *Jogos* reuniram as escolas superiores do estado, escolas estaduais, federais e particulares situadas na capital. A partir da IV edição, as escolas superiores já não participaram, provocando uma cisão enfraquecedora no processo. Diante desse grupo de escolares, entendo que, nessa fase, solidificou-se a memória social em torno da representação do esporte<sup>54</sup>. O desfile de abertura pelas ruas do Centro de Aracaju, com carros alegóricos, tocha olímpica, juramento do atleta, comissão julgadora da mais bela exposição escolar no desfile são ilustrativos desse momento. A reprodução peculiar dos rituais olímpicos enraíza o princípio de identificação com o passado, via tradição, consolidando a memória por via das performances.

Acredito que a euforia na cidade em torno da pujança da juventude, no desvelar da civilidade, com a disciplina sendo a base de depuração da raça, revela o choque entre o tradicional e o moderno. Os *Jogos* colaboraram com uma tentativa extremamente particular de modernização de uma sociedade estruturada, em moldes oligárquicos<sup>55</sup>. As tradições como elementos modernizadores, porém unificadores em torno de um passado comum, se convertem, nesse momento, no fator predominante nas práticas cerimoniais dos *Jogos* e na prática social dos sujeitos.

Após as quatro edições iniciais, criou-se um hiato entre 1968 e 1970, pois não é realizado nenhum torneio esportivo de alcance estadual, envolvendo os estabelecimentos educacionais. No ano de 1970, o Governo do estado era ocupado pelo Sr. João Andrade

---

<sup>54</sup> Adoto o termo representação a partir do conceito de *representação cultural* de Stuart Hall. Para o autor, as práticas e sentidos sociais são construções históricas vividas que só têm significância quando produzem sentido, produzem identificação, pertencimento, daí que construímos nossas identidades como representações culturais. Cf. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. op. cit., especialmente o capítulo 3.

<sup>55</sup> O movimento em torno das apresentações públicas de esporte e ginástica, a organização de torneios esportivos e a participação da sociedade sergipana nesses eventos revelam as peculiaridades do choque entre o que se compreende como velho e novo. Cf. DANTAS JUNIOR, H S. **Estado, Educação e hegemonia: reflexos da Pedagogia Experimental na educação física em Sergipe (1947-1951)**. op. cit.

Garcez e a Secretaria de Educação e Cultura (SEC) pelo Sr. Nestor Piva. Este anunciava, em julho desse ano, que os *Jogos da Primavera* seriam retomados. Aqui, defendendo, inicia-se a segunda fase: o *Aperfeiçoamento*, que se estende de 1970 a 1978 no qual ocorreram nove edições dos "*Jogos Estudantis Sergipanos*". No plano oficial, o Estado amplia as iniciativas normativo-legais: formação de comissão organizadora, comissão de relações públicas, procedimentos do desfile de abertura, regulamento dos *Jogos* e suspensão das aulas em todas as escolas, não somente as participantes, durante o período de realização dos mesmos. Fato a destacar nessa fase, o nome dos *Jogos*, que o Secretário Nestor Piva pretendia reeditar, foi alterado para "*I Jogos Estudantis Sergipanos*". A constituição é similar, mas qual o motivo da alteração do nome? Por que inaugurar nova contagem, desconsiderando as edições anteriores dos *Jogos da Primavera*? Um elemento aparece como indicativo para esta alteração: a criação e realização no ano de 1969 dos "*I Jogos Estudantis Brasileiros*"<sup>56</sup>. Tal iniciativa delegou aos estados da Federação, a responsabilidade de selecionar os atletas que os representariam na peleja nacional. O processo de "esportivização" da escola ganhava um reforço oficial, tornando os jogos escolares um campo de "garimpagem" de talentos esportivos, assim como um ambiente propício à sua instrumentalização política.

Considerando esses aspectos, insiro os "*Jogos Estudantis Sergipanos*" na fase de *Aperfeiçoamento*, não apenas pelas iniciativas legais, mas pelo ambiente favorável à consecução de uma memória social em torno da "Nação", através do esporte. A conquista do tricampeonato mundial de futebol, no México, e os investimentos e ações do governo ditatorial federal para o esporte, nessa década, são ilustrativos.

As nove edições dos "*Jogos Estudantis Sergipanos*" revelaram um aumento substancial, ano a ano, da participação de escolas sergipanas. Sem a atuação das Escolas Superiores, os "*Jogos Estudantis*" ampliam seu alcance com alunos de escolas de todo o estado, não mais só da capital. Essa fase me parece descortinar uma reconstrução mais radical entre as tradições — unidade social entre esporte e escola; anseios de desenvolvimento do país — e o espetáculo, esporte como "vitrine" de homens, principalmente graças à chegada das redes de televisão e suas transmissões esportivas<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Os "*Jogos Estudantis Brasileiros*" foram instituídos pela Portaria nº 29, de 22 de maio de 1969, do Ministério da Educação e Cultura, sendo realizados pela primeira vez neste mesmo ano na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. **Jogos Estudantis Brasileiros: Regulamento geral.** Brasília: [s.n.], 1969.

<sup>57</sup> Necessário destacar a fundação das duas principais redes de televisão de Sergipe nessa década. A TV Sergipe, filiada à Rede Globo, em 1971, e a TV Atalaia, em 1975, filiada à Rede Tupi, posteriormente à Bandeirantes, SBT e, hoje, Rede Record.

A terceira fase que visualizo compreende o período de 1979-1995, do ressurgimento dos *Jogos da Primavera* à sua última edição. Esse é o período de consolidação ou do *Treinamento*. Aqui se atinge o ápice da institucionalização esportiva escolar, dado o apogeu da representatividade social dos *Jogos*, sua garantia de empregabilidade e de ação pedagógica dos professores de educação física, além de grande vitrine publicitária das escolas particulares que vinculavam as vitórias esportivas às vitórias na vida, culminando com seu súbito encerramento em 1995.

As ações oficiais do governo de Sergipe ao longo da década de 1980, principalmente no âmbito da “Nova República”, serão praticamente voltadas ao esporte no âmbito escolar, não mais à educação física: Fundo de Promoção e Desenvolvimento de Esportes (1979), Projeto de Desenvolvimento do Desporto Escolar (1985), Projeto de Desenvolvimento do Esporte para Todos (1985), Projeto de Desenvolvimento do Esporte Escolar (1986), Projeto de Desenvolvimento da Prática Esportiva (1986), Projeto de Desenvolvimento do Esporte na Escola (1987)<sup>58</sup>. As justificativas de resgate dos *Jogos* e a organização dos mesmos, num misto entre o discurso tradicional de conagraçamento dos indivíduos e o discurso moderno de fortalecimento das instituições esportivas, refletirão a consolidação da instituição esportiva na escola.

Entendo que, para além da tensão temporal entre o tradicional e o moderno, as justificativas de retorno dos *Jogos*, nesse momento, revelam o imbricamento entre o particular e o geral, o local e o internacional. O movimento olímpico internacional e seus discursos relativos ao desenvolvimento econômico e social dos países, via oferta de trabalhos e modernização urbana, da unificação nacional, bem como da solidificação das instituições esportivas expressam seu alcance e penetração em todos os países do globo, sobretudo pela difusão em massa via televisão. Guardadas as peculiaridades locais, Sergipe não ficou infenso a esse discurso motivador, o Estado aos benefícios políticos e as escolas particulares aos benefícios sociais e econômicos que poderiam advir da instrumentalização esportiva.

Numa fase de *Treinamento*, a contenda se estabelece, tendo em vista que os opositores também estão “treinando”. Em âmbito nacional, no seio de eventos acadêmico-científicos e políticos, foram redigidas cartas-manifesto que apontavam as mazelas da área de Educação Física e Esportes no Brasil (dentre elas, a “esportivização” crescente da educação

---

<sup>58</sup> Projetos e Pareceres armazenados no Conselho Estadual de Educação.

física), os compromissos a serem assumidos pelos seus profissionais e as reivindicações que apresentavam as demandas deste campo de conhecimento e intervenção<sup>59</sup>.

Em Sergipe, alguns professores, na década de 1980, se apropriaram de uma "leitura crítica" da educação física, que se opunha à "esportivização" escolar e começaram a tecer duras críticas aos objetivos, andamento e representação dos *Jogos*. De igual modo, apontavam práticas pedagógicas diferenciadas, imersas no discurso renovador da educação física e resistente aos rumos políticos que tomavam os *Jogos*. Estabeleceu-se uma diferenciação clara no corpo docente de educação física do estado de Sergipe: de um lado, os professores de educação física; do outro, os professores de esporte, o que resultou inclusive em ferrenhos debates que sempre desembocavam na questão de ser "contra" ou "a favor" do esporte na escola.

Tais tensões permitem-me apreender que as concepções explodem em todos os seus contrastes e contradições, mas se opõem em pólos distintos: a defesa dos *Jogos*, por parte dos professores de esporte, "órfãos" desde o seu encerramento em 1995, os diretores de escolas particulares que tinham os *Jogos* como grande "vitrine" dos seus estabelecimentos, e a classe política que instrumentalizava o evento com fins de aceitação popular; e a posição contrária aos *Jogos*, em sua forma e conteúdo, por parte dos professores de educação física, impregnados do discurso de tendências críticas da educação, construindo práticas alternativas, que passaram a enxergá-los como grande óbice ao desenvolvimento da área no estado.

Os Jogos da Primavera de Sergipe, portanto, têm se configurado como um problema, dado que plasmaram a concepção de educação física como esporte e tornaram a educação física, enquanto um componente curricular, refém de práticas extra-curriculares.

Consistindo um problema real, a **problemática de pesquisa** configurou-se em torno da possibilidade de investigar a história, detectar os desafios a enfrentar e nos fazer pensar estratégias de superação: quais as dimensões, contradições e representações materializadas nos *Jogos da Primavera de Sergipe*, no âmbito do processo global de "esportivização" da escola?

Com efeito, e contrariando o velho Marx, que jamais adiantava uma Tese sem que os elementos demonstrativos e racionais que lhes dão substância, estivessem postos, a minha Tese argumenta que: a "esportivização" da escola se consolidou com a contínua reconstrução

---

<sup>59</sup> São ilustrativas desse movimento, as "cartas-manifestos" que revelavam problemáticas e propunham soluções para a educação física. Cf. CARTA de Belo Horizonte, em julho de 1984. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 9-17, set. 2001.; CARTA de Carpina, em 14 de março de 1986. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 33-40, set. 2001. CARTA de Sergipe, em 15 de dezembro de 1994. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 55-66, set. 2001.



das tradições ritualísticas esportivas em espetáculo, enfatizando-se o caráter mercantil do esporte e inebriando o seio escolar com sua lógica de produtividade e seleção. Tal processo teve por fundamento imagético central, as competições escolares nos moldes olímpicos, a exemplo dos Jogos da Primavera.

Algumas questões se desmembraram da problemática e me pareceram pertinentes, para compreender o fenômeno da esportivização da escola tomando por base os *Jogos* na sociedade sergipana, destacando sua representatividade social, seus problemas e a atuação humana na organização de suas práticas.

O Curso de Educação Física da UFS foi fundado em 1974 e seus corpos docente e discente atuaram decisivamente no fortalecimento e consolidação dos *Jogos*. Com isso, construíram-se as condições para que a formação de professores de nível superior qualificasse uma intervenção pautada em princípios científicos<sup>60</sup>.

Questionava então, em meio ao fortalecimento dos *Jogos Estudantis Sergipanos* como foi se configurando a prática pedagógica dos professores nas escolas sergipanas? Percebi que a prática pedagógica era técnico-pedagógica, dado que mesclava a reprodução dos modelos apreendidos na universidade e suas vivências práticas anteriores, no esporte ou não. Com isso, estabeleceu-se uma separação entre professores de educação física e esporte, que ecoaria na estrutura dos Jogos, sobretudo demarcaria as práticas escolares.

Houve um acirramento da instituição esportiva na escola mediante os *Jogos*, tornando-os o norte da educação física no estado. O Estado propagou a idéia de que a escola seria, por meio dos *Jogos*, realmente a base da pirâmide esportiva, reveladora de talentos atléticos. Contudo, os *Jogos* encerraram-se em 1995 e revelaram apenas quatro atletas de renome internacional, todos no handebol<sup>61</sup>.

Nessa contradição, quais eram os fundamentos do esporte como prática escolar para os professores sergipanos? Alguns professores defendiam a prática esportiva como fundamental à formação dos jovens, próprio do ideário das tradições olímpicas, não como base de formação de uma elite atlética. Outros professores defenderam o primado da escola como fonte de talentos esportivos. A revelação dos primeiros talentos de renome internacional e a explosão do discurso midiático do esporte, no começo dos anos 1980, deu sustentação a

---

<sup>60</sup> Para compreender a criação do Curso de Educação Física da UFS, Cf. MENEZES, J. A. S. **Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história**. 1997. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

<sup>61</sup> Dorinha, Anita, Ronaldo e Helinho foram atletas sergipanos que disputaram Jogos da Primavera e chegaram a compor a Seleção Brasileira adulta de handebol feminino e masculino. Dorinha foi medalha de bronze nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis em 1997, enquanto que Ronaldo e Helinho estiveram com a seleção disputando os Jogos Olímpicos de Sidney (2000) e Atenas (2004).

essa compreensão, ainda que a escola tenha continuado longe de ser o "celeiro de atletas" dos discursos veiculados.

Considerando os espaços escolares como espaços de conflito, que podem resultar em acomodação ou resistência e considerando que a experiência é o elemento primordial na configuração do fazer-se histórico, urgia escapar dos esquematismos que percebiam a ação dos homens guiada pelas deliberações do Estado e pelas determinações econômicas.

Conforme o exposto, uma questão chave estava posta nas práticas escolares: como se manifestaram as tensões entre o proposto (determinações do Estado e do mercado) e o realizado (ação dos professores, alunos e dirigentes)? A educação, em sua forma escolar, e o esporte não são somente campos de alienação dos sujeitos. Ainda que possam ser utilizados politicamente para esse fim, os espaços escolares e campos esportivos são também cenários de manifestações de resistência. Nesse sentido, os professores e alunos sergipanos desenvolveram ações conscientes de reivindicação de seus direitos à participação na vida escolar, esportiva e social.

Diante dessas problemáticas propus como objetivo: analisar o processo histórico de esportivização da escola pela compreensão da gênese, do fortalecimento, das contradições e representações dos *Jogos da Primavera de Sergipe*, mediando tradição e espetáculo. Desse objetivo foram se descortinando: apreender a representatividade social dos *Jogos da Primavera*, de modo a destacar a construção das compreensões sociais sobre educação física e esporte; visualizar na prática pedagógica da educação física, no âmbito dos *Jogos*, as contradições entre os objetivos proclamados (política educacional) e a prática social dos sujeitos na reprodução da existência; dar visibilidade às ações dos sujeitos (professores e alunos) na cena histórica, resgatando a memória social dos homens na construção de suas histórias. Para a consecução destes objetivos propus, assumir uma perspectiva histórica que visasse a analisar os sujeitos e suas práticas, buscando-os numa dimensão histórica "*in the making*", ou seja, "se fazendo", "se auto-formando" por meio da cultura e da experiência<sup>62</sup>.

## **2.1 História, Cultura e Experiência: um itinerário de pesquisa**

Entendo que toda sociedade tem uma relação visceral com o passado, seja no sentido de transmiti-lo a cada nova geração, perpetuando-o; seja por modificações subliminares em sua memória com ares de renovação; seja negando-o de forma veemente, mesmo quando a assombra continuamente. A História tem olhado para o passado, ora para

---

<sup>62</sup> Concepção histórica proposta por Edward Palmer Thompson. Cf. THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa 1: A árvore da liberdade**. Tradução Denise Bottmann. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

compreender o processo de consolidação das sociedades modernas, ora para apreender lições que se apliquem ao presente e ao futuro. Tais fatos corroboram para o entendimento do processo histórico e da investigação historiográfica como dinâmicos, numa relação que não distingue teoria e método. Fundamentalmente, por revelar que a história é feita por homens que pensam e agem, de modo refletido e sistemático.

A premissa desse estudo é que toda história parte do "real", da "história real" como meio de visualizar o processo de construção do passado, seus fluxos e influxos sobre o presente, possibilitando um lastro para os debates futuros. Nesse diapasão, a concepção materialista da história prima pela atribuição de função às categorias: organizar, dar logicidade e dialogar de modo intermitente com as fontes, os dados empíricos objetivos e subjetivos, o fato e a representação do fato, por fim, a história e a memória.

Considero, tomando por referência José Paulo Netto, que não existe um marxismo, mas marxismos. Não existe uma concepção materialista da história, mas concepções materialistas da história<sup>63</sup>. Ainda que considere algumas unidades básicas no marxismo – a História como ciência de síntese e a história como luta de classes – as distintas tradições teóricas do marxismo têm se caracterizado por maiores ou menores aproximações ao método investigativo de Marx, enfatizando, todavia, determinadas esferas sociais em primazia sobre outras: o político sobre o econômico; o econômico sobre o político; ambos sobre o social e este, sobre o educacional.

O amplo espectro da cultura, enquanto produção material humana, indistinguível de seus caracteres e perpetradora de ações e representações tem sido analisado por distintos matizes na tradição marxista, especialmente nos estudos históricos.

Tendo em vista que esse estudo objetivou apreender a educação e o esporte enquanto produções culturais, mediadas dialeticamente pelas diversas esferas sociais, assumi a via da História Cultural como caminho e aporte metodológico de investigação.

Para Ronaldo Vainfas, tendo por fundamento a noção polissêmica de "cultura", a História Cultural se caracteriza por: confluir cultura popular e erudita; investigar as representações, práticas discursivas (e corporais); assumir os sistemas educativos enquanto espaços criativos, não só reprodutivos; perceber a ação dos sujeitos como intelectuais re-elaborando seu modo de vida; destacar o papel das classes sociais no âmbito de seus conflitos

---

<sup>63</sup> PAULO NETTO, J. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História e História da Educação**: o debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 1998. p. 50-64.

cotidianos; abrir-se a uma perspectiva plural com vias investigativas alternativas, sobretudo no trato com as fontes<sup>64</sup>.

Essa perspectiva abandona uma historiografia centrada na ação de líderes e instituições políticas, e como suas decisões conformavam o tecido social em torno de seus interesses. Abre-se a possibilidade de verificar a composição social e a vida cotidiana dos professores, alunos e comunidade construindo suas histórias.

A preocupação com a cultura, no marxismo, resulta da mesma, como parte integrante do modo de reprodução da vida social, não como um mero reflexo da infraestrutura econômica. As reflexões de Antonio Gramsci, Mikhail Bakhtin, Gyorg Lukács e daqueles que se organizaram em torno do termo pouco preciso de "Escola de Frankfurt" (Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse e Fromm), destacam-se como interpretações originais do marxismo, trazendo à luz novos conceitos, construídos em análise de problemáticas complexas de seus respectivos contextos espaço-temporais.

Adotei como subsídio à investigação, a tradição da "historiografia marxista britânica", que também é um termo que transmite uma falsa unicidade. Reporto-me ao grupo de historiadores que se reuniram no seio do Partido Comunista Britânico, ao longo das décadas de 1940 e 1950 com aproximações diferenciadas e conflituosas ao comunismo, à ação política e à história. A unidade desses pesquisadores reside na capacidade de reunir a política, a economia, a sociedade e a cultura na pesquisa histórica, especialmente das classes trabalhadoras inglesas<sup>65</sup>. Os marxistas britânicos, de modo destacado E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, Raymond Williams e Stuart Hall (este último de uma segunda geração), auxiliaram-me numa via compreensiva do movimento social que gesta as duas práticas/produções culturais em tela: a educação e o esporte.

Nos termos da lógica histórica, Thompson explicita sua dinâmica como: um processo objetivo que se move por tensões, sobretudo por contradições; que se move por ações de sujeitos coletivos, determinados pelas circunstâncias, mas portadores de consciência de suas ações que, por sua vez, determinam as próprias circunstâncias; afora sujeitos que têm interesses, finalidades e impulsos pela vida<sup>66</sup>.

Referindo-se ao marxismo em sua relação com a lógica histórica, conclui que:

<sup>64</sup> VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: \_\_\_\_\_; CARDOSO, C. F. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.

<sup>65</sup> O grupo de historiadores reuniu, com diferenças temporais de inserção e afastamento, diferenças teórico-metodológicas e políticas, Maurice Dobb, Rodney Hilton, Christopher Hill, Edward Palmer Thompson, Eric Hobsbawm, Raymond Williams, Raphael Samuel, Stuart Hall e Perry Anderson. Para aproximação desta escola de pensamento, Cf. KAYE, H. J. **Los historiadores marxistas británicos**: un análisis introductorio. Traducción María Pilar Navarro Errasti. Zaragoza: Universidad; Prezas Universitarias, 1989.

<sup>66</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Op. Cit.

as categorias adequadas à investigação da história são categorias históricas. O materialismo histórico distingue-se de outros sistemas interpretativos pela sua obstinação teimosa (teimosia que foi por vezes doutrinária) em elaborar essas categorias, e em articulá-las numa totalidade conceptual. Essa totalidade não é uma "verdade" teórica acabada (ou Teoria); mas também não é um "modelo" fictício, é um *conhecimento* em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas. O desenvolvimento desse conhecimento se dá tanto na teoria quanto na prática: surge de um diálogo e seu discurso de demonstração é conduzido nos termos da lógica histórica. (Grifo do autor)<sup>67</sup>.

Nesse aspecto, a pesquisa histórica deve observar alguns pressupostos. Primeiro, que o objeto imediato do conhecimento histórico compreende fatos e evidências reais, passíveis de cognoscibilidade. Segundo, que o conhecimento histórico é provisório, seletivo, limitado e definido pelas perguntas feitas aos fatos, mas não por isso, inverídico. Terceiro, a evidência histórica tem outras propriedades, logo, cabe ao historiador captá-las, já que a relação entre conhecimento e objeto não é de superposição ou determinação, mas de diálogo. Quarto, se pauta no lastro ontológico de que o objeto do conhecimento histórico é a “história real”, cujas evidências podem ser incompletas e imperfeitas. Como o passado humano não é um punhado de histórias vividas fragmentadas e sim o corpus coletivo das ações humanas, cabe à História, captar o processo das mudanças históricas no que há de inteligível. Quinto, a investigação como processo implica noções de causação, contradição, mediação e organização sistemática das vidas social, política, econômica e cultural. Sexto, que o conhecimento histórico implica o movimento dialético em que uma tese (conceito/hipótese) em confronto a uma antítese (Fontes/evidências objetivas e subjetivas) resulta na síntese do conhecimento histórico. Finalmente, que o objeto da História é reconstruir, explicar, compreender a história sem torná-la "refém" de postulados teóricos, que sustentam tão somente o arcabouço intelectual do pesquisador<sup>68</sup>.

De modo objetivo, o conceito de cultura aqui em pauta só pode ser compreendido como um campo de tensão:

[...] um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflituos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de um consenso,

---

<sup>67</sup> Id. Ibid. p. 61.

<sup>68</sup> Id. Ibid. p. 49-62.

pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto<sup>69</sup>.

Nesse esteio, vincula-se ao conceito de "materialismo cultural" proposto por Raymond Williams, ou seja, uma teoria das especificidades da produção cultural, dentro do materialismo histórico<sup>70</sup>. Na unidade do processo sócio-histórico, as determinações não são prisões, mas fixação de limites a serem transpostos. No mundo espetacular dos meios de comunicação de massa, as fronteiras entre cultura, política e economia nunca estiveram tão diluídas como agora. Se observarmos a educação e o esporte, podemos perguntar: em que medida são somente produtos culturais ou onde se localizam as "cercas" dos seus interesses político-econômicos?

É possível, com esses conceitos, privilegiarmos as ações voluntárias, as capacidades operativas dos homens enquanto receptores e produtores culturais. Enfatizar que em movimentos rituais, em práticas educativas, em expressões culturais, os homens reelaboram seus símbolos, suas redes de significação e sociabilidade, seu contexto material. Assim como era peculiar aos ingleses que a história da "gente comum" fosse distinta da história oficial<sup>71</sup>, é peculiar à gente comum, que faz a educação pública neste país, a não inserção de suas histórias, nem na "história oficial", nem na história de acento crítico que os relegou a simples reprodutores dos interesses dominantes.

A forte herança gramsciana de Thompson lhe permite entender que os homens vivem entre duas consciências teóricas: a da práxis — pensada, refletida — e a da herança do passado, absorvida de modo acrítico. Considerando seus movimentos entre essas "consciências", é nas performances rituais e corporais que os homens imprimirão suas adesões, resistências, representações e identidades, o que demandou e tornou necessário, o diálogo com a História Cultural.

Segundo as indicações de José D'Assunção Barros, a História Cultural tem um universo de abrangência que envolve a comunicação, as representações e as práticas, sendo necessário uma delimitação que recorte e perpassa o objeto e as fontes<sup>72</sup>. Primeiramente, os *sujeitos* produtores, receptores e mediadores culturais, no caso, os professores, alunos, dirigentes envolvidos com os *Jogos*. As *agências* que mediam a produção e difusão cultural, a

<sup>69</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 17.

<sup>70</sup> WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

<sup>71</sup> Alusão direta ao texto clássico de Thompson, publicado em: THOMPSON, E. P. **Peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organização: Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: UNICAMP, 2001.

<sup>72</sup> BARROS, J. D. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

saber, as escolas, a imprensa, os *mass media*, os clubes, conexões imediatas à produção da memória social sobre os *Jogos*. *Pari passu*, destacam-se as *práticas*, ligadas diretamente às tradições, comemorações, rituais e atitudes, relacionando-se com os *padrões* os quais ratificam representações, sistemas normativos e repressivos. Considerando, conforme Connerton, que a memória se cristaliza em performances<sup>73</sup>, as práticas sociais ligadas aos rituais olímpicos, como tradições, que se reproduziam nos *Jogos*, refletiam normas, valores, sentimentos e expressões dos homens e tinham um elemento aglutinador; a experiência. Inicialmente de base tradicional, mas que se reconstruía continuamente em espetáculo. O esquema abaixo ilustra a interconexão dialética entre sujeitos, agências, práticas e padrões<sup>74</sup>:



Destacado o aporte teórico-metodológico, assumindo a história como processo em construção e a experiência como epicentro da ação humana, o alcance dos objetivos pautou-se na relação dinâmica entre teoria e evidências. A ampliação do conceito de fontes, compreendidas como todos os elementos produzidos pelo homem, em condições espaço-temporais dadas, as quais se configuram como vestígios das relações sociais, é uma marca da História Cultural. Nessa tese, selecionei como fontes: a legislação educacional e esportiva, os diários de classe das aulas de educação física de escolas públicas sergipanas, como elementos formais, posto que no "sacrário" dos documentos, esses se configuram como fontes "oficiais". Todavia, as fontes vitais do estudo foram: os periódicos sergipanos com sua fabricação diária de sentidos, significados, símbolos e representações de forma discursiva e imagética; as fontes iconográficas, que imprimem e capturam as ações e representações as quais se propunham legar à posteridade; e as fontes orais, território fértil da produção e reelaboração da memória.

Aceitando o desafio de Dermeval Saviani de que é preciso elaborar pesquisas histórico-educacionais que expressem um caráter de totalidade, ainda que imersas em objetos

<sup>73</sup> CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. op. cit.

<sup>74</sup> Quadro livremente inspirado no organograma de BARROS, J. D. **O campo da História**. Op. Cit. p. 60.

particulares, torna-se premente a definição de princípios teórico-metodológicos, que, no caso dessa Tese, delimito em: caráter concreto do conhecimento histórico-educacional; olhar analítico-sintético no trato com as fontes; articulação entre o singular e o universal; e atualidade da pesquisa histórica<sup>75</sup>.

Concernente ao *conhecimento histórico-educacional* é preciso compreender as relações sociais as quais tornam a educação um fenômeno concreto, com base nas categorias apropriadas para exprimir a totalidade do momento estudado. Para tanto, o materialismo histórico ao definir o concreto como síntese de múltiplas determinações, parte da educação como expressão de contradições e materialização de intencionalidades humanas. Portanto, deve-se compreender a educação não como um setor da vida social, mas uma construção da mesma. Para além do fragmentário, Thompson é taxativo:

O materialismo histórico propõe-se a estudar o processo social em sua totalidade: isto é, propõe-se a fazê-lo quando este surge não como mais uma história “setorial” [...], mas como uma história total da sociedade, na qual todas as outras histórias setoriais estão reunidas<sup>76</sup>.

Os estudos que tomam a educação como objeto da História à luz do materialismo, só muito recentemente têm destacado as práticas escolares como elemento central. Desta forma, passou-se a compreender que, descuidar de analisar como se vivia o cotidiano da escola, sua inserção cultural na comunidade, os saberes produzidos e reproduzidos, o currículo, os espaços e tempos escolares, o confronto entre o saber instituído e os saberes trazidos pelos alunos, as festividades, cerimônias e rituais, a disciplina escolar, a profissionalização docente, seu impacto na realidade escolar, é mitificar a “sobre-determinação” do Estado e as intempéries da economia.

A História Cultural, enquanto investigadora da tessitura simbólica da sociedade, deve estabelecer com a História da Educação, uma mútua fecundação, própria da síntese do materialismo histórico<sup>77</sup>. Ganhou relevo aqui, a investigação da cultura escolar que, conforme Viñao Frago, reveste-se de toda a vida em seu interior, ou seja, os fatos, as idéias, os corpos e

<sup>75</sup> SAVIANI, D. É possível uma História da Educação latino-americana? In: \_\_\_\_\_ (org.). **Para uma História da Educação latino-americana**. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 1-16. Além destes princípios, Saviani enuncia a "análise de longa duração", inspirada em aportes teóricos gramscianos que busca a apreensão, no longo tempo, dos chamados "movimentos orgânicos" ou de caráter permanente. No caso deste trabalho, ainda que a esportivização da sociedade e da escola caminhe a largos passos com o processo de espetacularização ao longo do último século, a análise objetiva entender as práticas sociais nos contextos de curta duração que se definem em espaços e tempos restritos.

<sup>76</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. op. cit. p. 82.

<sup>77</sup> Um notável esforço reflexivo nessa direção é o texto de: CASTANHO, S. Questões teórico-metodológicas de História Cultural e Educação. In: LOMBARDI, J. C.; CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **História, Cultura e Educação**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 137-168.



mentes, os objetos, as condutas, os modos de pensar, fazer, dizer e, obviamente, jogar<sup>78</sup>. Uma cultura produzida segundo sua lógica interna, não uma imposição exterior, ainda que a confronto de modo significativo. Preocupado com a forma com que se organizam os espaços e tempos na escola, o pensador catalão limita-a aos seus muros, como proponho investigar práticas como os *Jogos*, foi preciso alçar vôos mais altos. Como os professores organizavam suas práticas pedagógicas, como os alunos inseriam-se no processo e ocupavam os espaços foi uma via necessária. No entanto, o objeto exigia perceber que tal cultura é recriada em outros espaços — os ginásios, estádios, piscinas — regidos por outros sujeitos: os árbitros, a comissão de organização. De modo ainda mais contundente, também é recriada em espaços livres, onde os alunos estão "à solta", as ruas da cidade.

Grande parte da História da Educação tem enfatizado a análise da leitura e da escrita como elementos primordiais do ensino-aprendizagem, como saberes essenciais. Eclipsam a importância da escola, como um espaço que disciplina e limita o movimento dos corpos de alunos e professores, estimulando outros aprendizados.

Toda história perpassa o corpo. É na nossa estrutura física que, imediatamente, sentimos o impacto da institucionalização. Os corpos são mediados, na ótica de Roy Porter, por sinais culturais<sup>79</sup>, de como a escola "tata" os corpos das crianças com suas normas e punições, de como se expressam nas aulas, nos espaços, nos esportes, de como sentem e vivenciam os limites disciplinares, espaciais e temporais, de como se fabricam as imagens dos professores e alunos, condizentes com a instituição.

Na cultura escolar a qual toma forma em eventos esportivos como os Jogos, destaca-se a impressão das performances, que se convertem em rituais, na história e na memória. Na compreensão de Connerton, os rituais são "[...] atividades orientadas por normas, com caráter simbólico, que chama a atenção dos seus participantes para objetos de pensamento e sentimento que estes pensam ter um significado especial"<sup>80</sup>. Os ritos — desfiles, comemorações, partidas, competições, até mesmo o trajeto escola-estádio — não são meramente expressivos ou formais, além de não se limitarem à cerimônia em si. São estilizados, simbolizam sentimentos, conferem valor e sentido à vida, subvertem a ordem. Daí demonstrar que os professores e alunos não apenas seguiam deliberações, eles viviam esses momentos como possibilidades de se perenizarem na história, inclusive por oposição à oficial.

---

<sup>78</sup> VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

<sup>79</sup> PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 291-326.

<sup>80</sup> CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. op. cit. p. 50.

Defendendo essa possibilidade e seguindo a orientação thompsoniana que, ao analisar o processo de formação da classe operária na Inglaterra do século XVIII, afirmou:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. [...] Eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais<sup>81</sup>.

Compreendia ser fato que a classe dirigente, os gestores do Estado no âmbito da sociedade política, tem intencionalidades, urde estratégias para perpetuar-se no poder. Todavia, não pretendia continuar pensando que os professores são estes seres apáticos, insossos, assépticos e acéfalos os quais a “história” conduz, de modo passivo e ordeiro, sendo pelos historiadores, “condenados em vida”.

Os homens não são entes abstratos, por isso realizam escolhas, engendram estratégias e articulam interesses. Há uma distância considerável entre a política educacional — seus objetivos proclamados — e a prática docente, sua aceitação, recusa ou desconhecimento, assim como entre a direção dada por esta e a direção tomada pelos discentes. O fato de o Estado intervir a favor do esporte, em sua face de rendimento na escola, não significa que todos os professores de educação física tornaram-se treinadores. Existiram resistências. Acreditar que todo jovem que praticava esporte, apenas respeitava as “regras do jogo capitalista”<sup>82</sup>, também não me satisfazia. Acreditava nas possibilidades construídas para “burlar estas regras”. A educação é um fenômeno concreto, mas são os homens que a constroem e lhe conferem materialidade, notadamente nas tensões em disputa pela hegemonia social.

Considerando os nexos entre educação e sociedade, entendo que a memória histórica brasileira, relativa ao período ao qual me propus investigar, tem dificuldades para lidar com sua ditadura, sua redemocratização e os projetos de hegemonia em conflito.

<sup>81</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa 1**. op. cit. p. 13.

<sup>82</sup> Faço aqui uma alusão ao texto “*A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista*”, escrito pelo Prof. Dr. Valter Bracht em 1987 (Cf. BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. op. cit.). Este texto, conforme pesquisa de doutoramento do Prof. Vítor Marinho de Oliveira realizada no âmbito dos Cursos Superiores de Educação Física em todo o país, foi um dos dez mais lidos e citados ao longo da década de 1980 (OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da Educação Física brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994). Necessário ressaltar que o amadurecimento acadêmico do Prof. Valter Bracht já o fez abandonar as teses que sustentavam este artigo, fazendo-o aprofundar esta temática em diferentes orientações teóricas ampliando a visualização das contradições desse fenômeno social. Mas a alusão é necessária dada a grande validade histórica do texto para a área de Educação Física.

Os “anos de chumbo” foram simultâneos ao “milagre econômico” nacional, sendo reais, coexistindo negando-se. Os que acreditam que existiu um, insistem em não enxergar ou admitir a existência do outro. O momento de ditadura brasileira estabeleceu-se, não pelo uso exclusivo da força, mas pelo consenso de legitimidade social. As características da ditadura, enquanto forma de governo, são seu caráter legítimo, excepcional e provisório<sup>83</sup>, portanto fez-se necessário vislumbrar suas redes de legitimação, os avanços realizados e os crimes perpetrados pelo regime. Entretanto, é premente perceber que: a resistência não foi somente intelectualizada (artistas, estudantes e professores universitários) ou armada (aquelas que ficaram gravadas na história oficial); a sociedade brasileira legitimou a ditadura, mas grande parte de homens e mulheres continuaram a se mover em sentido contrário, criar formas de sociabilidade por dentro do contexto de exceção, consolidando resistências silenciosas; outra grande parte esteve indiferente ao que acontecia. Esses homens e mulheres também fizeram a história e precisam falar e ser ouvidos. De igual modo, o período de redemocratização, apesar de herdar e consolidar refugos da ditadura (política econômica conservadora, corrupção sistêmica, sistema político pouco representativo), no âmbito do consenso, o povo brasileiro vislumbrou ganhos possíveis no jogo democrático, passando a construir novas formas de convívio social e político.

A hegemonia, enquanto condução e direção de projetos político-sociais, é vivida como processo, não de dominação passiva, mas de resistências criadas, recriadas, limitadas, cooptadas, modificadas no cenário histórico e no choque com as infundáveis pressões sociais. Ainda que a cultura dominante seja o elemento norteador da contra-cultura, todas as ações de resistência dos homens podem se configurar como contra-hegemônicas, principalmente, e de modo irretorquível, no seio escolar. É desse ponto que assumo a consideração esclarecedora desse conceito, de inspiração gramsciana, tecida por Raymond Williams:

Seria um erro ignorar a importância de obras e idéias que, embora claramente afetadas pelos limites e pressões hegemônicas, são pelo menos em parte rompimentos significativos em relação a estes, e que podem em parte ser neutralizados, reduzidos ou incorporados, mas que, em seus elementos mais ativos, surgem como independentes e originais<sup>84</sup>.

Com essas reflexões, entendo que no plano histórico das ações humanas configurando-se como construtoras do mundo cultural e do conflito de classes, os figurinos e modelos prontos não são referências propícias de análise. É necessário, com isso, captar o movimento e a dinâmica da história em todos os seus feixes paralelos e de entrecruzamento.

---

<sup>83</sup> BOBBIO, N. **A teoria das formas de governo**. Tradução Sérgio Bath. 10. ed. Brasília: UNB, 2001.

<sup>84</sup> WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. op. cit. p. 117.

Analisar a educação como fenômeno concreto é, portanto, confrontar a investigação, ou a história do passado com a herança que nos legou, e a prospecção ou a história do presente com os desafios que temos a enfrentar.

O segundo princípio teórico-metodológico, o *olhar analítico-sintético sobre as fontes*, consiste num exame minucioso sobre as mesmas, buscando as características e significados subjacentes ao objeto. Os estudos em História, tendo a educação como foco, têm se caracterizado por uma ampliação da compreensão de documentos históricos. Além da legislação, que caracteriza a intencionalidade de direção da política educacional, o uso de memórias, diários, cartas, biografias, fotografias, literatura, música, filmes, pinturas, histórias de vida e depoimentos, matérias e anúncios jornalísticos publicados em jornais e revistas vêm dinamizando as possibilidades de reconstituição da história<sup>85</sup>.

Posto isso, no itinerário da pesquisa encontrei um manancial de fontes, propício para desvendar o passado com base na análise documental em duas frentes: os documentos oficiais tradicionais; e documentos alternativos – imagéticos, representacionais e memorialísticos.

No que tange aos documentos legais — Leis, Decretos-lei, Portarias, Pareceres, Relatórios e Atas armazenados no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e no Conselho Estadual de Educação (CEE), além de publicados no Diário Oficial do Estado – o princípio metodológico apontou para uma análise que considerou o contexto de produção dos documentos, demonstrando as direções indicadas.

Quanto ao meio de visualização dos conteúdos, enquanto orientação da prática docente no âmbito das escolas públicas sergipanas, um meio possível foi o seu registro nos Diários de Classe. Mesmo considerando que nos "Diários" não se expressa com exatidão o trabalho docente são, também eles, instrumentos de manobra para registro das atividades,

---

<sup>85</sup> Tem sido corrente, principalmente a partir das interpretações da obra de Peter Burke (Cf. BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa na historiografia**. Tradução Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1991.), considerar que a ampliação do uso de documentos e produtos culturais como fontes históricas é uma invenção da Escola dos Annales, a partir de 1929. Este é um equívoco, pois na tradição marxista isto já era largamente utilizado. Cabe destacar que Marx, em meados do século XIX, na elaboração de "*O Capital*", principalmente nos capítulos detidamente históricos, usa exaustivamente fontes variadas como: cartas, diários, literatura, de modo a ampliar a exposição do fenômeno da sociedade capitalista. Já na segunda década do século XX, para ficarmos em apenas mais um exemplo, Trotsky, ao narrar a história da revolução russa, além dos materiais citados, utilizou panfletos, iconografia, peças de teatro como explicações necessárias ao entendimento do levante dos proletários e camponeses. Ademais, o próprio Peter Burke considera que a tradição marxista inglesa, ao ampliar o manuseio de fontes, produziu as leituras mais originais da mediação entre os costumes e a produção cultural popular (BURKE, P. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.). Isso posto, entendendo que, sem desmerecer a contribuição dos Annales, a interpretação da mesma como uma "revolução" das fontes precisa ser matizada.

intencionalidades e ocultações dos professores. Dada a dimensão da pesquisa, optei pela investigação dos Diários de Classe do Colégio Estadual de Sergipe (1964-1967), depois Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970-1988), armazenados no Arquivo Geral da Inspeção Escolar, por dois motivos: primeiro, sua representatividade social na formação dos jovens (o Colégio foi fundado na segunda metade do século XIX nos moldes do Atheneu Pedro II no Rio de Janeiro, tornando-se, desde então, passagem obrigatória, em suas diversas fases, de boa leva das famílias sergipanas); segundo, por ter sido o único estabelecimento de ensino da rede estadual a ser campeão geral de edições dos *Jogos*. Tal escolha permitiu identificar o Colégio Atheneu como um espaço congregador dos interesses do Estado, conseqüentemente antenado com os anseios de desenvolver o esporte escolar nos moldes propugnados pela política, possibilitou enxergá-lo como campo de tensões e resistências às direções definidas.

A investigação buscou, então, a partir desse terreno de conflito e nos registros escolares (considerados como um documento oficial que se converte em campo de manobra do professor), a existência ou não de trabalho com os demais conteúdos da cultura corporal, alternativos à crescente "esportivização". Tais veios alternativos, construídos nos momentos das aulas — consciente de que nem tudo que se faz registra-se nos diários e de que nem tudo que foi registrado de fato aconteceu — permitiu perceber a manutenção de tradições, as conformações aos interesses espetaculares, bem como as insurgências e novas perspectivas no que se refere à formação dos alunos para além das pressões do ambiente sócio-histórico.

Documentos fundamentais à construção de uma história dos jogos escolares em Sergipe, que não é a intenção imediata aqui, são os *Boletins dos Jogos da Primavera*, publicações diárias, principalmente na 3ª fase dos Jogos, dos resultados, tabelas e recursos julgados pelas comissões de justiça e disciplina. Todavia, a inexistência desses documentos nos arquivos públicos de Aracaju denota uma das flagrantes peculiaridades do evento: sua apropriação privada. A identificação de determinados sujeitos com os *Jogos* provocou uma apropriação desta manifestação pública, a ponto dos *Boletins* somente serem preservados em arquivos particulares. Essa problemática e a recusa de alguns sujeitos em "publicizar" esses documentos públicos, resultaram na impossibilidade de exploração dessas fontes como suporte à reconstrução da história do esporte escolar em Sergipe. Entendo que uma história dos jogos estudantis em Sergipe, que explore seus resultados, suas estatísticas, que nomeie os sujeitos os quais participaram como "atletas" e treinadores, é algo a ser ainda realizado, talvez mesmo pelas pessoas que detêm a posse desses documentos.

Diante das fontes as quais consegui coligir, entendo que o historiador pode ser suscetível a compreender os documentos oficiais, principalmente os atos legislativos e executivos, como expressões da "verdade histórica". Cabe considerar, por contraposição, que os documentos permitem a crítica às intenções oficiais, e isso tem sido feito com competência, mas infelizmente, nos esquecemos que podem ter existido críticas às ações oficiais no "calor dos acontecimentos" e estas têm pouquíssimos registros oficiais, o que nos impele a procurar fontes alternativas.

Olhando para a cultura escolar, e o esporte na mediação das tradições convertendo-se em espetáculo, enfatizando as práticas sociais e suas performances, as representações e a memória, os pilares documentais foram: a imprensa escrita, a iconografia e a história oral.

Os periódicos são vistos como produtos culturais, idealizados por sujeitos em contextos específicos e, por suas ações e idéias, determinam ou influenciam as compreensões da massa de indivíduos que os lêem, sejam seus textos ou imagens.

A análise dos jornais perpassa uma atenção redobrada: identificar o grupo responsável por sua publicação, seus principais colaboradores e suas intencionalidades, tendo em vista que a imprensa tem uma relação umbilical com as estruturas do poder constituído. Ao longo do período da ditadura, as concessões públicas foram enormes aos que a apoiavam e a censura imensa aos que a ousavam denunciar. Na redemocratização, proprietários de jornais e articulistas lançaram-se à disputa dos cargos eletivos, utilizando a imprensa como via propagandística principal.

Tecnicamente, intentei averiguar sua estrutura e coerência interna, ou a materialidade dos impressos: a visibilidade das notícias, sua aparência física, a divisão de conteúdos, a publicidade, a iconografia e a escolha/seleção dos fatos<sup>86</sup>. No que toca ao objeto: qual destaque foi dado aos *Jogos*? quais os significados de escola e esporte transmitidos? como o material iconográfico representava esteticamente o evento?

Os jornais sergipanos, com sua ampla cobertura dos acontecimentos educativos e esportivos, possibilitaram captar o movimento da sociedade civil em torno da sua crescente esportivização, especificamente dos *Jogos*, suas expectativas, ações e anseios. Para tanto, serviram como fonte, os jornais de maior circulação do estado: Gazeta de Sergipe (1957-1996); Jornal da Cidade (1972-1996); Jornal da Manhã (1986-1996); Jornal de Sergipe (1979-1993); Sergipe Jornal (1964-1965), além do jornal oficial, o Diário Oficial do Estado de

---

<sup>86</sup> A estrutura de análise dos jornais foi retirada das indicações de: DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

Sergipe (1964-1995), todos eles armazenados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e na Biblioteca Pública Epifânio Dória.

A Iconografia tem se revelado uma fonte fértil à pesquisa histórico-educacional, não somente no que expressa em forma de imagens, mas no que oculta (aparentemente) e revela de contradições expostas no produto final (impresso) e na produção realizada (quem fez? Como fez? Baseando-se em quais perspectivas?). As imagens impressas revelam o que foi (instantaneamente), o que se planejou que seria, e o que se pretendia legar à memória.

No exercício de historiador reconheço que as imagens têm sido a tônica da modernidade, e a televisão, o cinema, a fotografia, as artes plásticas e outras vias imagéticas tecnológicas vêm padronizando o conhecimento que temos do passado. Para além de negar sua capacidade comunicativa, as imagens devem, por contradição, ser utilizadas nos estudos históricos como um vestígio para problematizar essa história, não como um auxiliar ilustrativo na sua narrativa.

A fotografia tem sido a fonte iconográfica mais privilegiada nos estudos que tomam a educação como objeto histórico, explicitando os espaços e as práticas escolares. Entendo que as fotografias não são "reflexos" da realidade, pois são limitadas pelo alcance do aparelho e pelo olhar do fotógrafo, e devem ser postas como fontes possíveis de interpretação no "desvelar" do acontecido.

Compreendida como documento, a imagem fotográfica

[...] revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta. Neste sentido, a imagem fotográfica seria tomada como índice de uma época, revelando, com riqueza de detalhes, aspectos da arquitetura, indumentária, formas de trabalho, locais de produção, elementos de infra-estrutura urbana tais como tipo de iluminação, fornecimento de água, obras públicas, redes viárias, etc.; ou ainda, se a imagem for rural, tipo de mão-de-obra, meios de produção, instalações diversas [...]<sup>87</sup>

De modo especial, compreendendo que os *Jogos* materializavam a cultura escolar como performances rituais, por meio delas podia-se penetrar nas suas interfaces políticas, econômicas, educacionais e culturais específicos, dados que foram passíveis de visualização nas fotografias coligidas. Uma orientação seguida foi as indicações de David Cannadine acerca de alguns aspectos ritualísticos os quais devem ser observados em eventos dessa

---

<sup>87</sup> CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. op. Cit. p. 406.

natureza: a representação e a imagem política; o posicionamento dos meios de comunicação; a execução do cerimonial; e a exploração comercial<sup>88</sup>.

Revelando uma escolha, uma visão de mundo, inseridas no seu panorama cultural, as fotografias, sejam impressas nos jornais, ou não impressas publicamente e armazenadas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura e em arquivos particulares, possibilitaram a ampliação do alcance do objeto ao transferirmo-las de imagens retidas a imagens processadas. Compreendo como Burke, que as imagens não permitem imaginar o passado, registrando ou captando o que a escrita não capta, mas sim tencionando com os contextos sociais, descortinando visões contemporâneas daquele mundo passado<sup>89</sup>.

Outras fontes iconográficas utilizadas foram os símbolos dos *Jogos* impressos nos cartazes. Conforme assevera Hobsbawm, cartazes, selos postais e logomarcas são símbolos públicos que refletem um forte signo das tradições; a instituição de imagens unificadoras<sup>90</sup>. São invenções políticas oficiais que transmitem um sentido de pertencimento e identificação, do nacionalismo aos principais caracteres culturais de um povo. Os selos postais e os cartazes de competições, a exemplo das Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, têm por função exaltar os realizadores audazes, identificar os contendores e torcedores com seu passado de luta e seu futuro de glórias. Os símbolos e cartazes dos *Jogos*, armazenados em arquivos particulares, são fontes vivas de exposição das concepções de esporte e educação física, notadamente no que se refere à adoção dos paradigmas e símbolos olímpicos<sup>91</sup>.

Quanto à contribuição dos contemporâneos do objeto, a seleção da metodologia de história oral se me configurou como a mais apropriada. A história tradicional, de viés político, concentrada nas fontes oficiais, pouco contribuía às multidões trabalhadoras, exceto àquelas articuladas em torno de movimentos sindicais que detinham registros escritos. Como uma possibilidade, a história oral privilegia o estudo das representações, as relações entre história e memória e os usos políticos do passado. Produz-se, então, uma fonte especial que não está

---

<sup>88</sup> CANNADINE, D. Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a "invenção da tradição". In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. op. cit. p. 111-174.

<sup>89</sup> BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

<sup>90</sup> HOBBSAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914. In: \_\_\_\_\_; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b. p. 271-316.

<sup>91</sup> Assim como os *Boletins*, os cartazes só foram encontrados em arquivos particulares. Desta feita, alguns colegas se dignaram a fornecer cópias destas fontes, as quais aparecem no corpo do trabalho. Contudo, uma das intenções que era observar a mudança histórica dos cartazes e a incorporação de significados ao longo do processo de fortalecimento dos *Jogos*, não pode ser realizada.



pronta a ser coletada, mas apta a ser construída num processo colaborativo entre pesquisador e entrevistado.

A história oral não foi utilizada aqui, como um complemento das fontes escritas, mas como um caminho possível, por sua própria lógica interna, de resgate da história dos homens, de garantia do direito à memória, de torná-la pública. Nesse processo colaborativo de construção de uma fonte, compartilharam-se experiências e justificou-se socialmente a história pela via da voz dos que, por longo tempo, estiveram silentes.

O fundamento social da história oral pode ser explicado nessa reflexão de Paul Thompson:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos<sup>92</sup>.

Independente de buscar heróis ou formar homens mais completos como finalidade social, a história oral tem que se justificar como possível instrumento analítico perante os objetos. No caso, os *Jogos da Primavera* de Sergipe representam uma marca social que imprime significância e se retém na memória. Para Alessandro Portelli, a história oral remete mais a significados que a eventos, pois "[...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez"<sup>93</sup>. Cabe ao historiador, enfeixar as contradições e as distorções da memória — que não são um problema, mas um recurso — e elucidar o processo na narrativa histórica, não na narrativa memorialística.

Os *Jogos* envolveram grande parte da comunidade sergipana, de modo especial professores, alunos, dirigentes e jornalistas. Seguindo o roteiro de Chantal de Tourtier-Bonazzi, há quatro questões que devem ser, e foram, observadas na pesquisa: a seleção da testemunha; o lugar da entrevista; o roteiro da entrevista; a transcrição e análise<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 44.

<sup>93</sup> PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997. p. 31.

<sup>94</sup> TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 233-245. Além deste, foram seguidas as indicações contidas em: MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História oral**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola,

No primeiro aspecto observei: a relação com os objetivos da pesquisa e familiaridade com o objeto, posto que a finalidade é construir um *corpus* de depoimentos sobre o tema; o estabelecimento de uma relação de confiança com o informante; a adaptação à sua capacidade de recordação, instigando-o à organização da memória; a localização e a possibilidade de entrevistá-los. Na pesquisa, dois grupos de sujeitos compuseram a seleção: sete (07) professores de educação física que atuavam nas escolas sergipanas, como técnicos esportivos nos *Jogos* ou não, atentando ao fato que alguns foram alunos que vivenciaram os *Jogos* na condição de atletas; três (03) dirigentes educacionais e esportivos ligados diretamente à idealização, ao planejamento, à organização e avaliação do evento. No primeiro grupo, captaram-se as suas compreensões acerca de educação física e esporte na escola, a construção de suas práticas pedagógicas e como se inseriram no âmbito das exigências institucionais nos *Jogos*. No segundo grupo, entender as intencionalidades subjacentes à promoção e consecução dos eventos, bem como as disputas internas por visibilidade e reconhecimento social.

Quanto ao local da entrevista, tentei acomodar a entrevista no espaço que melhor condizia ao conforto da testemunha, para exercer o esforço da recordação, a residência da mesma ou, no caso de alguns, o recinto de trabalho. O roteiro da entrevista foi elaborado após minuciosa preparação: conhecido em profundidade o entrevistado e sua importância junto ao objeto de pesquisa; definida a problemática num roteiro de entrevista que delimitava algumas perguntas às quais não se podia renunciar; a utilização de um gravador digital que evitava as interrupções técnicas corriqueiras (inversão de lado das fitas, por exemplo); e finalmente, estabeleci a junção entre *entrevista temática* e *história de vida*, abordando a vivência e a experiência do entrevistado (sua biografia), com ênfase no objeto da pesquisa e seus desdobramentos. A história do sujeito pôde desvelar a história da sociedade, sua prática social mediando os fatos históricos com a sua capacidade de “ler” e “recordar” (no passado e no presente) a efervescência política, social, cultural, educacional e esportiva da época. Por fim, a transcrição e análise. Entendendo que o ato de transcrever o depoimento é importante como registro e facilita a análise e as anotações, porém converte-se noutra fonte, posto que distancia o pesquisador de elementos que o texto transcrito não capta — entonações, dúvidas, rapidez e lentidão da narração, risos — a análise foi realizada mediando o transcrito e o gravado<sup>95</sup>.

---

2005. e SITTON, T.; MEHAFFY, G. L.; DAVIS JUNIOR, O. L. **História oral**: um guia para profesores (y otras personas). Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 1995.

<sup>95</sup> Os dados constantes na entrevista nos foram cedidos, oficialmente, pelos entrevistados através de "Carta de cessão", conforme modelo exposto no "Apêndice D" desta Tese.

Na coleta desse tipo de fonte, outros problemas apareceram, notadamente a recusa peremptória de concessão de entrevista. Talvez pela proximidade histórico-temporal do objeto, ainda muito vivo na memória social, ou pelos vínculos políticos ainda existentes com as estruturas de governo, ou mesmo pela opção em não compartilhar as memórias, muitos professores e dirigentes recusaram-se a serem depoentes. O aspecto fundamental da História Oral é seu princípio democrático de permitir a recordação, bem como de resguardá-la; de permitir a identificação com o passado, mas também de omiti-la ou esquecê-la. Postos os dados, entendo que as oportunidades de resgate dessas memórias seguem seu próprio curso histórico e, quiçá um dia, virão a tona.

Coligir as fontes num todo coerente que proporcionasse substância à narrativa histórica exigia a definição de categorias históricas de análise. Como a existência humana não se descola do seu modo de reprodução, as fontes foram verificadas na detecção das *congruências, contradições e mudanças involuntárias* postas no processo. Concernentes a congruências, me refiro à capacidade de vivenciar relações produtivas particulares frente às regras, normas e expectativas impostas no seio social: quais eram essas congruências para professores, alunos, dirigentes e imprensa? Em contrapartida, as contradições expõem o conflito entre a experiência vivida e as normas postas, implicando ora aceitação das condições de exploração, ora estabelecendo idéias e ações antagonistas: quais eram as formas realizadas e as formas possíveis de organizar a cultura escolar em torno dos *Jogos*? No intercurso da história, existem contingências que solapam as relações de produção, alterando ou tornando mais equilibrada a tensão entre os opostos: as tecnologias (televisão, rádio, jornais); a arquitetura (espaços esportivos); movimentos internacionais (discurso da saúde, nacionalismos, comunidade). Revelou-se, então, como professores, alunos, dirigentes, imprensa, estabeleceram suas redes de conexão, suas capacidades de moverem-se socialmente, seus fluxos, refluxos e influxos no processo de construção da vida<sup>96</sup>.

O terceiro princípio trata da *articulação do singular e do universal*, que implica a tentativa de se encontrar as relações intrínsecas entre o local, o nacional e o internacional.

Do ponto de vista da essência do ser social, no clássico terceiro manuscrito de 1844 em Paris, Marx afirmava que, “[...] embora se revele como indivíduo *particular* [...], o homem é igualmente a *totalidade*, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade como

---

<sup>96</sup> Categorias enunciadas por THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. op. cit. p. 262-263.

pensada e sentida”<sup>97</sup>. Por ser o homem uma expressão material — objetiva-subjetiva, geral-particular — da totalidade, as relações sociais de reprodução da existência não são mensuradas nos seus limites geográficos, mas pela capacidade em promover interconexões globais. Não compreendendo que o local e o nacional sejam determinados internacionalmente, perspectivava visualizar que tendências expressavam e que particularidades apresentavam.

As tradições, como um meio de coesão social, vêm sendo reconstruídas, mediante o impacto dos meios de comunicação de massa, por um processo de espetacularização que dilui as identificações outrora solidificadas, tal como o nacionalismo, mesclando-os numa outra perspectiva assentada no consumo de seus produtos. Essa dinâmica tem uma sobrevida que é a capacidade aglutinadora do esporte, ainda que seja mais comum hoje, identificar-se com empresas transnacionais, que com a Nação. No entanto, tal processo é paulatino e possui resistências em campo. Nessa Tese foi imperativo apreender os embates, debates e conflitos que, no âmbito da sociedade civil, consolidou a "esportivização" da escola, de modo destacado nas competições esportivo-educacionais as quais, em Sergipe, têm como principal marca os *Jogos da Primavera*. Foi importante não perder de vista uma relação vital das peculiaridades locais, quais sejam, as características de um estado de matiz oligárquica, sustentado pelos vícios da ditadura civil-militar e pela incapacidade de construção de um novo projeto histórico no âmbito da redemocratização, com o contexto internacional que impunha a espetacularização e exigia modernização das relações sociais.

Buscando essa articulação, estudar Sergipe e seus *Jogos da Primavera* não se consubstanciou em limitação regional ou restrição do “olhar”, mas na possibilidade em perceber a articulação do processo histórico em uma perspectiva de totalidade, pois conforme Hobsbawm,

[...] não há nada de novo em preferir olhar o mundo por meio de um microscópio em lugar de um telescópio. Na medida em que aceitemos que estamos estudando o mesmo cosmo, a escolha entre micro e macrocosmo é uma questão de selecionar a técnica apropriada<sup>98</sup>.

Finalmente, o quarto princípio, da *atualidade da pesquisa histórica* justifica-se por Hobsbawm<sup>99</sup> numa via acadêmica, científica e social.

Primeiro, por tentarmos superar um processo em curso de "destruição do passado", razão pela qual crescemos em uma espécie de "presente contínuo" sem qualquer relação com

<sup>97</sup> MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 141. Grifos do autor.

<sup>98</sup> HOBBSAWM, E. **Sobre História**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 206.

<sup>99</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit.

o passado público da época em que vivemos. Essa é uma das características da sociedade do espetáculo, pois segundo Debord<sup>100</sup>, o “presente perpétuo” prima por anunciar, com entusiasmo, “tolices importantes” que produzem alterações sociais inócuas, obscurecendo e obstaculizando qualquer possibilidade de transformações reais.

Segundo, superar a distorção sistemática da história para fins irracionais. Hobsbawm, questionando por que os governos obrigam os jovens a estudar História na escola, conclui: “[...] não para compreenderem sua sociedade e como ela muda, mas para aprová-la, orgulhar-se dela, serem ou tornarem-se bons cidadãos dos EUA, da Espanha, de Honduras ou do Iraque”<sup>101</sup>. O resgate da memória e o desvelar da história só têm validade para erigirmos novas possibilidades de relações sociais. A perspectiva não é se orgulhar de ser “nativo”, porém a possibilidade de enxergarmos-nos como homens e mulheres, caminhando noutra direção, apontada pelas searas abertas e legadas pelo passado. A história tem como fundamento precípuo, impelir ao desafio de construir: novos projetos educacionais, novas formas de sociabilidade, novas culturas escolares e práticas esportivas; enfim, um novo projeto de sociedade que nunca foi, como hoje, tão “determinantemente”, um projeto histórico.

A Tese desenvolve-se, com base nesse ponto, em mais quatro capítulos. O Capítulo Três expõe como se materializaram as tensões e estabilidades nas relações entre juventude, educação e esporte no construir de suas formas de sociabilidade em meio à segunda metade do século XX. Assistia-se, paulatinamente, à consolidação das tradições em espetáculo, notadamente nas imagens das grandes competições esportivas, na consecução da educação e do esporte como direitos sociais, o choque entre os desejos e anseios da juventude e os interesses dos Estados e dos mercados. Diante da universalização do esporte, sua incorporação, como meio educativo e sua mercadorização no âmbito do movimento olímpico, preparou-se o terreno para discutir as formas como o esporte foi sendo pedagogizado e/ou instrumentalizado, principalmente em competições escolares como os Jogos da Primavera inventados no Rio de Janeiro.

O Capítulo Quatro trata da primeira fase dos Jogos da Primavera, a “fase de iniciação”. Como a sociedade sergipana assimilou a criação dos *Jogos*, como organizou-se em torno das tradições e rituais olímpicos, o papel dos professores e alunos numa dimensão de “escolarização” do esporte como elemento formativo da mocidade, a participação da imprensa

---

<sup>100</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.

<sup>101</sup> HOBSBAWM, E. **Sobre História**. op. cit. p. 47.

na disseminação do ideário político e de juventude, os interesses da classe política e dos diretores escolares, além das tensões em jogo para participação nos *Jogos*.

O Capítulo Cinco trata da segunda fase dos *Jogos*, a "*fase de aperfeiçoamento*", quando têm seu nome alterado para *Jogos Estudantis de Sergipe*. Tendo a criação dos Jogos Escolares Brasileiros como orientação, o incentivo estatal se exacerba, pleno de contradições e incoerências e pululam em todo o país, eventos e construções esportivos. É um momento de tensões e acomodações, pois, perspectiva-se a formação de professores de educação física com base em "cursos de atualização", "cursos internacionais", sobretudo do "Curso de Educação Física" da UFS, refletindo uma ambigüidade entre o esporte como meio educativo e como fim. O Curso, então, constituiu-se num espaço importante, tanto no fortalecimento, quanto nas críticas ao modelo adotado de jogos estudantis.

O Capítulo Seis discute a fase final dos *Jogos*, o período de "*treinamento*". Radicaliza-se o ideário de vínculo entre esporte e escola sob os auspícios do governo federal e estadual, as escolas particulares tomam o evento como grande vitrine publicitária de seus serviços, professores da UFS e professores das redes públicas, estadual e municipal, tecem duras críticas e oposições acerca da forma como se compreende a educação física, apontando propostas renovadoras; além de ser o momento de concretização dos princípios espetaculares, principalmente pela força que adquirem os meios de comunicação, notadamente a televisão. Em meio aos problemas crônicos da escola pública e as fraudes, corrupção e aliciamento de alunos no andamento dos *Jogos*, tornou-se difícil sustentar o discurso do esporte como "formador da juventude". As escolas particulares então, acirraram a "esportivização" da escola com a separação mercantil entre educação física e esporte, a constituição da escola como "Clube", acatando, em toda a sua dinâmica, a lógica de produtividade e de selecionamento do esporte espetacularizado.

Na conclusão, não compreendida em seu sentido de finitude, tendo em vista que essa problemática se sustenta no tempo presente e precisa ser enfrentada, opto por resgatar as questões centrais dessa dinâmica de "escolarização" do esporte e "esportivização" da escola, ante a reconstrução das tradições em espetáculos, discorrendo possibilidades de repensar das práticas escolares em Sergipe: tematizar e problematizar o esporte enquanto linguagem universalizada, no que denomino de "educação esportiva", defendendo a proposta de jogos estudantis sintonizados com os princípios dos festivais, ao observarem o sentido antropológico de "festa".

### 3 JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E ESPORTE: ESTABILIDADES E TENSÕES NO SÉCULO DO ESPETÁCULO

*“Você não sente, nem vê.  
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo.  
Que uma nova mudança em breve vai acontecer  
E o que há algum tempo, era jovem e novo. Hoje é antigo.  
E precisamos todos, todos rejuvenescer”<sup>1</sup>*

O homem é um ser do tempo, no tempo e, constantemente, em tensão com o tempo. Compreendendo, de modo simplório, que calculamos nossa existência física com a contagem regressiva da iminência da morte, qual a nossa relação com o tempo? O que nos torna diferenciados, em relação aos demais seres vivos, diante dele?

À medida que observamos que um evento físico-natural se repete sistematicamente num mesmo período, consideramos e erigimos uma unidade de medida de tempo, convertendo-a num padrão. Tal observação é a manifestação de nossa racionalidade no domínio, controle e adaptação humana aos ciclos temporais. Todavia, essa não é uma dádiva da natureza, é uma conquista histórica, de modo imanente, localizada no tempo.

Para os gregos da época homérica, o tempo era uma propriedade de Cronos, um Titã, filho do Céu e da Terra, que, para governar eternamente, segundo o vaticínio de um oráculo, deveria matar seus próprios filhos. Sua mulher, Réia, salvou uma das crianças do destino que o pai lhes dava, ser devorada: seu nome era Zeus. Crescido, Zeus urdiu um estratagema que forçou Cronos a “vomitar” seus irmãos e junto com eles, o expulsou da morada dos imortais, tornando-se o mais poderoso dos Deuses. Cronos, por sua vez, condenou os homens, criação dos Deuses, à inclemência da temporalidade da existência<sup>2</sup>. Nesse contexto, o Titã, devorador de sua prole é uma alegoria do próprio tempo, qual seja, aquilo que traz um fim a todas as coisas as quais tiveram um começo. O homem jamais conseguiria entender e dominar o tempo, uma vez que era controlado por um ser imortal.

---

<sup>1</sup> BELCHIOR. Velha roupa colorida. Intérprete: Belchior. In: BELCHIOR. **Um concerto bárbaro**. São Paulo: Polygram do Brasil, 1995. 1 CD. Faixa 11. Remasterizado em digital.

<sup>2</sup> BULFINCH, T. **O livro de ouro da Mitologia**: a idade da fábula: histórias de deuses e heróis. Tradução David Jardim Júnior. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

O amadurecimento da razão humana foi propiciado, na lida prática com os desafios para a conservação da vida, por condições históricas que fizeram surgir o modo de pensar filosófico: as viagens marítimas que adentraram os domínios de Poseidon, desmitificando-os e ampliando o conhecimento e o desenvolvimento da navegação; a invenção da política, reunião das pessoas na *polis*, materializando a compreensão aristotélica do homem como animal gregário que define seus rumos na ação prática para além dos interesses e determinações dos Deuses do Olimpo; sobretudo, a sistematização do calendário – a partir da observação racional dos fenômenos físicos foi possível expandir a capacidade de abstração, que limitou o tempo a um dado natural, não atribuição de um poder divino onipotente.

A história dos homens é a materialização de seu fundamento ontológico, qual seja, o trabalho como atividade vital que o faz dominar a natureza, adaptando-a a si e constituindo uma segunda natureza, a humana. Nesse processo, o homem racionaliza suas capacidades de produção em confronto com os limites temporais, erigindo instituições que regulam as relações sociais, dentre elas: a religião, a política, o direito, a educação.

Nas tensões institucionais, o tempo torna-se lastro essencial para os limites e avanços, interesses e necessidades dos indivíduos e dos distintos grupos sociais. A imposição do Calendário Gregoriano pelo Vaticano em 1542, construído a partir de cálculos astronômicos que refutaram o Calendário Juliano, demarca os limites cronológicos do Ocidente, como compreendemos e organizamos nossa vida cotidiana nos quatro últimos séculos. O Calendário Gregoriano articula-se diretamente à modernidade que fermentava no século XVI e, segundo Giddens, a partir do século XVII, na Europa, instituiria estilos, costumes e organizações sociais que seriam posteriormente universalizadas<sup>3</sup>.

Esse intróito objetiva ressaltar a liberdade conquistada em relação a Cronos, contudo apontar que, continuamos nos organizando socialmente conforme o padrão instituído do calendário, refletindo na configuração de uma distância abissal entre o tempo cronológico e o tempo histórico. Ao historiador cabe investigar a dinâmica social da existência, no confronto tenso com os limites espaço-temporais.

Intento aqui, refletir sobre o século XX e a dinâmica histórica do processo de esportivização da sociedade global, da escola em particular, seu enraizamento na memória, para além dos marcos cronológicos. Para o calendário, o século XX iniciou-se em 1º de janeiro de 1901, encerrando-se em 31 de dezembro de 2000. Contudo, os homens do século

---

<sup>3</sup> GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. op. cit.



XIX não pararam de se mover, para mudar os padrões e interesses da vida social em conformidade com os anseios e/ou demandas do novo século. De igual modo, nós, filhos do século passado, não adentramos o século XXI cômicos de um ciclo encerrado, mas com a esperança na construção de um novo. Vários intelectuais vêm tentando compreender o século XX, adjetivando-o de várias maneiras, quer no plano temporal (breve, longo), quer no plano da ação (extremo, intenso), quer no plano institucional (político, econômico, cultural). Busco inserir-me nesse debate, entendendo-o como inconcluso, para compreender o que nos uniu ou dividiu, ou o que nos uniu, separando-nos ao longo deste último século, dando-me a sensação histórica de sua incompletude.

O historiador britânico Eric Hobsbawm produziu uma análise do século XX com imensa receptividade literária, enfocando, de modo substancial, a história política, obtendo concordâncias e discordâncias nos meios acadêmicos. Entende o autor que, após um longo século XIX (1789-1914), tivemos um breve século de efeitos extremados, compreendido entre os marcos históricos da I Guerra Mundial (1914) e o colapso do socialismo existente na União Soviética (URSS) em 1991, gerando uma compreensão sócio-histórica pautada no binômio político-econômico socialismo x capitalismo: a inserção e/ou adoção de um implicava a oposição radical ao outro.

O decurso histórico demonstraria que tal classificação era arbitrária e artificial, entendida somente ao contextualizá-la. Entretanto, o século ficaria marcado pela sombra dos anseios, aspirações e ações pela construção de outro projeto social, fruto da classe trabalhadora, urdido no seio da revolução russa de 1917, que, após a II Guerra Mundial, seria adotado por um terço da humanidade<sup>4</sup>.

Dividindo o século em três eras: da *catástrofe*, inserida no interstício das duas grandes guerras; de *ouro*, representando um largo desenvolvimento econômico global; e de *desmoronamento*, revelando nas crises periódicas do capitalismo, os processos contraditórios que movem sua “autofagia” histórica e que desembocaram na derrocada do socialismo. Hobsbawm entende a finitude do século, afirmando que: “vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos”<sup>5</sup>.

Corroborando tais conclusões, Emir Sader reconhece o século XX, como de consolidação da hegemonia capitalista em suas faces mais bizarras: neoliberalismo econômico, capital especulativo, consumismo, egoísmo e predação ambiental. Resultante

---

<sup>4</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). op. cit.

<sup>5</sup> Id. Ibid. p. 562.

desses aspectos, tornou-se o “século do imperialismo”, na acepção analítica de Lenin, qual seja, a fase monopolista do capital que aprofunda suas contradições, exigindo a partilha territorial do planeta entre as potências capitalistas<sup>6</sup>.

Esta partilha gerou uma indústria que garantiu domínio territorial e mercados de consumo permanente para ocupação e defesa: a indústria bélica. Daí Giddens afirmar que foi um século intenso, carregado e perigoso, o “século da guerra”. O fortalecimento das instituições modernas, notadamente os Estados-nações, confluiu a uma concentração de poder econômico, político, militar e ideológico sem precedentes na história da humanidade<sup>7</sup>. Traduziu-se na dimensão irracional do “século das guerras”, que produziu mais mortes civis que militares. Fato destacado por Hobsbawm, principalmente na era da catástrofe, nos 31 anos entre as duas guerras mundiais,

[...] foi o século mais assassino de que temos registro, tanto na escala, frequência e extensão da guerra que o preencheu, mal cessando por um momento na década de 1920, como também pelo volume único das catástrofes humanas que produziu, desde as maiores fomes da história até o genocídio sistemático<sup>8</sup>.

Afora as denominações, convergências e divergências, entendo que um elemento torna-se central, até porque inevitável àquela altura da produção cultural humana, na compreensão do século XX: a universalização do globo como espaço de estreitamento e indissociabilidade das relações sociais. O alcance de influência dos tentáculos do capitalismo e do socialismo; dos benefícios da produção científica, tecnológica e cultural; da unificação de linguagens (informacional, corporal, imagética); da expansão dos modelos, projetos e práticas educacionais, eram agora ilimitados.

No escopo dessa Tese, busco analisar com mais radicalidade, a segunda metade do século passado, momento em que se consolidava a bipolarização mundial entre capitalismo e socialismo, entre Estados Unidos (EUA) e URSS, suas respectivas áreas de influência que, posteriormente, arrefeceria as esperanças em torno de uma opção histórica real ao modelo capitalista, com o desaparecimento das repúblicas soviéticas. Neste sentido, entendo, conforme Hobsbawm, que o fim da II Guerra Mundial, os acordos internacionais assinados, os incentivos na reconstrução dos países arrasados, na industrialização dos países em desenvolvimento e no alcance de novos mercados consumidores, promovera uma verdadeira “era de ouro”. Um fenômeno mundial de crescimento, desenvolvimento e avanço econômico

---

<sup>6</sup> SADER, E. **Século XX – uma biografia não autorizada**: o século do imperialismo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

<sup>7</sup> GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. op. cit.

<sup>8</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit. p. 22.

para os países desenvolvidos e não-desenvolvidos, ainda que estes apresentassem enormes desigualdades sociais<sup>9</sup>.

A “era de ouro” assistiu a um aumento populacional enorme, acompanhado por uma produção em massa de alimentos, vacinas e medicamentos, embora não resolvesse uma contradição insanável do capitalismo: fartura em meio à fome endêmica. Houve uma elevação notória da indústria de manufaturados, bem como da produção agrícola e dos programas de habitação, ao passo que resultaram em índices alarmantes de poluição, deterioração ecológica e explosão demográfica urbana. As indústrias de alta tecnologia possibilitaram a expansão de um mercado de automóveis, assimilado na Europa Oriental e nos EUA, concomitantemente, um mercado de caminhões e utilitários para os países do Terceiro Mundo, tendo em vista que estes assumiam, como uma das metas de desenvolvimento, a construção de auto-estradas que facilitassem o escoamento de sua produção<sup>10</sup>. De igual modo, as classes médias puderam gozar de luxos até então impensáveis, afora os automóveis, viagens de férias e eletrodomésticos que alterariam mundialmente o cotidiano de todas as classes sociais.

O avanço da pesquisa científica que, velozmente, encontrava aplicabilidade prática, tornou possível a disseminação global da informação e do entretenimento, via rádio, *a posteriori* via televisão. O desenvolvimento dos transistores, dos circuitos integrados, dos plásticos revelou uma característica manufatureira irreversível: a portabilidade<sup>11</sup>. Tal fato oportunizou a expansão dos mercados potenciais e o assombro global pelo novo, compreendido como melhor, mais moderno e revolucionário<sup>12</sup>.

O desenvolvimento da indústria tecnológica maximizou investimentos, contudo passou a prescindir de mão-de-obra, tendo maior interesse nos consumidores. A acepção marxiana de que a produção não descola do processo incessante de consumo, para contínua reprodução das relações sociais e impulso de suas engrenagens, tornara-se evidente. Não obstante, ainda que os países do Terceiro Mundo apresentassem desigualdades alarmantes, os Estados expandiram a garantia de acesso aos serviços públicos, estabelecendo de modo

---

<sup>9</sup> Id. Ibid.

<sup>10</sup> Partindo dessa análise, basta lembrarmos que, no Brasil, o Presidente Juscelino Kubitschek seguiu à risca tal modelo, o que favoreceu a entrada em larga escala da indústria automobilística no país.

<sup>11</sup> Emir Sader concebe também o século XX como o “século da tecnologia”. Ainda que as grandes descobertas científicas sejam fruto do século XIX, é no século seguinte que irão se modernizar e universalizar: “(...) *se as grandes descobertas do século XX foram feitas no final do século anterior ou na virada para o novo, o desenrolar do novo século representou a sua generalização para camadas crescentes da população mundial. No final do século o automóvel, o avião, o telefone, a televisão estavam incorporados aos padrões médios de consumo do mundo, ainda que muito desigualmente distribuídos*” (Cf. SADER, E. **Século XX – uma biografia não autorizada**: o século do imperialismo. op. cit. p. 121-122).

<sup>12</sup> Uma das características do século é a fluidez dos conceitos. Palavras que tinham significado e relevância política eram assimiladas indiscriminadamente pelo mercado, a exemplo de “revolucionário”.

eficiente, a conjugação entre os deveres do Estado e as necessidades do mercado. Resultava daí, a gestação do modelo do Estado de bem-estar social ou *Welfare State*.

Na era de ouro se estabeleceu a contenda política, a chamada "Guerra Fria", entre os EUA e a URSS, porém a internacionalização da economia sustentou-se nos limites do desenvolvimento dos países industrializados sob a influência norte-americana. A partir da década de 1960, como estratégia de enfrentamento ao modelo socialista, o capitalismo começa a gestar uma crise própria dos interesses de transnacionalização da economia, ou seja, superar os limites e barreiras impostas por territórios e fronteiras dos Estados. Para Hobsbawm, três fatores são fundamentais a esse processo que descambará numa era de incertezas: a expansão de empresas transnacionais (ou multinacionais) que internalizavam os mercados, ignorando fronteiras nacionais; uma nova divisão internacional do trabalho que, via modernos sistemas de transporte e comunicação, consegue controlar a qualidade da produção de artigos, parcialmente construídos em diversos países, reunindo-os, posteriormente, numa matriz; e o processo inverso, a explosão dos financiamentos *offshore*, as matrizes fabricam os componentes eletrônicos e delegam a produção dos aparelhos a indústrias no Terceiro Mundo, explorando mão-de-obra barata que abastecerá os mercados internos, mais substancialmente os mercados internacionais<sup>13</sup>.

A dinâmica de desenvolvimento e fartura em meio a subdesenvolvimento e miséria, gerava crises que tornavam incertos os rumos sociais e refletia uma característica da modernidade sublinhada por Giddens: o ritmo das mudanças<sup>14</sup>. A velocidade com que se desenvolvem as instituições modernas desnuda suas contradições, amplifica seu alcance global à medida que se separam os homens. O estreitamento das relações sociais dá-se, por conseguinte, numa perspectiva fetichizada. Nesse contexto, as mudanças não são somente políticas ou econômicas, mas, sobretudo sociais, o que se ilustra nos diversos movimentos populares com distintas colorações que pulularam na década de 1960: reivindicações de trabalhadores por melhores salários; de jovens por melhores universidades; de jovens por novas dimensões culturais, políticas, estéticas e afetivas. Tudo isso numa época de prosperidade econômica (inclusive salarial), de expansão do ensino superior, de novas expressões estéticas na música, no cinema, nas artes plásticas, de regimes revolucionários (sob a plêiade do socialismo), do apregoamento e vivência do amor livre. Como lidar com essa efervescência social e resolver tantas contradições?

---

<sup>13</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit.

<sup>14</sup> GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. op. cit.

A divisão político-econômica global entre os países do Primeiro Mundo (industrializados desenvolvidos) e do Segundo Mundo (URSS e demais países socialistas) precisava dar conta de novas contradições no Terceiro Mundo (os países subdesenvolvidos ou, em linguagem atual, "países em desenvolvimento"). Do ponto de vista econômico, países pobres, quanto ao acesso popular à riqueza produzida, desenvolveram-se industrialmente adquirindo peso nas negociações internacionais, a exemplo dos "tigres asiáticos", do Brasil e do México na América Latina e, de modo substancial, os países do Oriente Médio que fundaram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

No âmbito político, o Terceiro Mundo transformara-se numa área de tensão global, para além de seus conflitos locais. No Oriente, a China tornou-se comunista sob a liderança do Grande Timoneiro, Mao Tsé-Tung (ainda que com um grau relativo de autonomia em relação a Moscou), enquanto a Coreia e o Vietnã foram violentamente imersos nos conflitos de interesses entre EUA e URSS. Na América Latina, revoluções e golpes davam o tom a partir da década de 1950. Enquanto Cuba alinhava-se com Moscou proclamando o socialismo, os países da América do Sul, principalmente, sofriam com a interrupção do amadurecimento de seus processos democráticos, com golpes militares financiados, em larga medida, por órgãos de inteligência situados em Washington D.C. Nesse terreno, as terminologias revolução e golpe foram utilizadas indiscriminadamente, tanto do lado vencedor quanto do derrotado.

A crise do capitalismo, nos idos da década de 1970, gerou, no seu entorno, uma tendência neoliberal que denunciava a intervenção do Estado como efeito causador da mesma, advogando uma nova equação: a liberdade do indivíduo só pode ser igual à liberdade do mercado. Acentuaram-se as desigualdades sociais. Diminuíram-se as garantias de fornecimento dos bens públicos por parte dos Estados. Financiaram-se golpes de Estado em vários locais do planeta de modo a assegurar "pela força" a vitória da democracia. Isolaram-se os países socialistas do ciclo de desenvolvimento e expansão do mercado global o que, aliado ao centralismo burocrático que enriquece o Partido e entrega o povo à miséria, colapsaram o regime, resultando no esfacelamento da URSS e da rede de países que lhes dava sustentação.

Guerra, paz. Revoluções, golpes. Abundância, miséria. Industrialização, precarização do trabalho na cidade e no campo. Avanço tecnológico, degradação ambiental. Estado de bem-estar, liberdade irrestrita de mercado. Capitalismo, socialismo. O Século XX foi um século separado em tensões que revelam disputas pela hegemonia planetária. Contudo, diante dessas separações ou dicotomias, um elemento une o século: o espetáculo.

Segundo Debord, a separação da práxis social global em múltiplas imagens tornou a realidade apenas um reflexo de si mesma. A realidade é espetacular, portanto é real e fetichizada simultaneamente, posto que as relações sociais são mediadas por imagens. A unificação do real é tão somente a separação generalizada reunida de modo imagético<sup>15</sup>.

Em sociedades profundamente enraizadas em tradições, recorrentes sempre à memória e ao passado como forma de equilibrar o presente, assistiu-se à liberdade duramente conquistada em relação a Cronos e a emancipação humana em relação ao tempo, sendo progressivamente, perdidas ou reelaboradas. De um lado, uma revolução planetária que resultou na tomada do poder pelos trabalhadores e orientava-se na direção de uma nova hegemonia, transformou-se, conforme Debord, num “espetacular concentrado”, no qual o fetiche da mercadoria é controlado pela burocracia estatal; Essa coesão totalitária transmutou-se na “vedete absoluta” do “socialismo num só país”, do “culto à personalidade” e da morte aos “inimigos do povo”. De outro lado, a vitória do fetichismo da mercadoria implicando o “espetacular difuso” no qual, “a satisfação que a mercadoria abundante já não pode dar no uso começa a ser procurada no reconhecimento de seu valor como mercadoria: é o uso da mercadoria bastando a si mesmo; para o consumidor, é a efusão religiosa diante da liberdade soberana da mercadoria”<sup>16</sup>.

Essas formas espetaculares alimentaram, ao longo do século, dois fetiches em relação ao tempo: o fetichismo da revolução socialista que aconteceria em algum momento, tendo em vista que o capitalismo não poderia sustentar tamanha exploração mundializada, e o fetichismo do capitalismo, um sistema *ad eternum*, que, nessa dimensão de eternidade, um dia promoveria a satisfação global, ainda que fosse para aqueles os quais se dedicassem exclusivamente a isto, ou seja, explorar a força de trabalho de outrem.

Entendo que o século XX não acabou, pois se configurou no século do espetáculo. Estamos então, sob a égide de um “espetacular integrado”: não se personifica mais uma ideologia clara, conforme o socialismo de outrora; em contrapartida, a influência espetacular uniformiza todos os comportamentos e objetos produzidos, lançando-os na seara do consumo e do desejo<sup>17</sup>.

A sociedade espetacular assiste à materialização d’algumas de suas características: a *incessante renovação tecnológica* pode conter a fome e as enfermidades mundiais, no entanto, caminha a largos passos, para a destruição da Terra pelo esgotamento de suas

---

<sup>15</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.

<sup>16</sup> Id. Ibid. p. 44.

<sup>17</sup> Id. Ibid.

reservas naturais garantidoras da vida; a *mentira sem contestação* propaga que a hegemonia capitalista é eterna posto que representa o melhor já constituído pela humanidade, naturalizando contradições e ocultando os movimentos sociais de resistência; de igual modo, institui a democracia como o regime naturalmente “bom”, implicando a construção de um “terrorismo de Estado”, autorizado a intervir na soberania das nações supostamente alinhadas ao “eixo do mal”; finalmente, no reino do espetáculo vive-se um *presente perpétuo*, dado que a independência em relação a Cronos nos aprisionou ao “fim da história” e à vitória do capitalismo.

Contra a visão apocalíptica de Debord, reconheço que os campos de tensão e conflito se manifestam nas produções culturais as quais tendem à espetacularização; são áreas de resistência dos sujeitos, de reorganização cotidiana da vida. O cerne desse processo é o conflito imposto pelo estreitamento das relações sociais sob a égide do que se convencionou denominar de globalização. Stuart Hall entende que as culturas nacionais, fonte das identidades culturais, mas também de estruturas de poder, são solapadas pela tentativa de homogeneização do capitalismo sob a protoforma industrial. Os elementos unificadores — padrões de alfabetização, língua vernacular, padrões culturais homogêneos e instituições culturais nacionais, a exemplo do sistema educacional — outrora vistos como unidades, revelam-se como "comunidades imaginadas" pelas memórias do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança<sup>18</sup>.

Para o intelectual jamaicano, é a diferença que nos identifica. A globalização se refere aos processos que atravessam fronteiras, integram comunidades, recombina o espaço-tempo e dão a impressão de inter-conexão mundial. O processo de homogeneização cultural global, no qual afirmo se inserir a espetacularização social do esporte e da escola, impõe a tensão entre o local e o universal na conformação das identidades que nos vinculam a lugares, eventos, símbolos e histórias. Se o mercado mundial expandiu-se em direção à homogeneização, os Estados-nações, as economias e culturas nacionais vêm dando prova de força em direção oposta<sup>19</sup>. Então, todo esse conflito em direção à modernidade revela a incompletude de seu projeto.

O projeto da modernidade, calcado na racionalidade da produção econômica, das relações sócio-culturais, da forma escolar como fundamento da educação, da configuração do Estado moderno, como síntese da coletividade humana, tem por princípio erigir a igualdade entre os homens. Existiram bastantes esforços nessa direção, sejam em sua via liberal

---

<sup>18</sup> HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. op. cit.

<sup>19</sup> Id. Ibid.

(revolução francesa ou norte-americana), sejam na via socialista (Comuna de Paris e revolução russa).

Certo é que um elemento unificador fincou raízes na história como via legítima: o Estado-nação. Para Hobsbawm, as nações são fenômenos duais da modernidade: construídos do alto, não podem ser analisados, senão consideradas as aspirações e desejos dos que vêm de baixo, das pessoas comuns, que na sua cotidianidade podem nem ser nacionais ou nacionalistas<sup>20</sup>. As nações garantem a coesão social pela via das tradições, do atendimento dos interesses comuns urdidos em políticas de caráter nacional. Com atestado de nascimento registrado, as nações configuram-se, portanto, como tradições inventadas, próprias da modernidade.

Considerando o pós-2ª Guerra, como um período de reorganização dos Estados nacionais, de redefinição das culturas e identidades, de abalo nas tradições e de uma repartição planetária que resolveu seus conflitos no âmbito imagético do espetáculo, como analisar o Brasil nesse contexto: seus vínculos ao projeto da modernidade capitalista e sua organização da sociabilidade, notadamente na educação?

Para os historiadores Fernando Novais e João Manuel Cardoso de Mello, entre 1950 e 1979 tinha-se a sensação de que o Brasil estava se tornando uma nação moderna. Uma economia em desenvolvimento, com notável produção, oportunizava novos padrões de consumo. A população tinha acesso às maravilhas eletrodomésticas no plano da utilidade e do lazer, predominava o consumo do alimento industrializado, alteravam-se os hábitos de higiene e limpeza com produtos eficientes, instituía-se uma "indústria da beleza" pautada nos cosméticos e no vestuário moderno, e a farmacologia substituía os remédios naturais por farmacoquímicos com maior grau de eficácia<sup>21</sup>.

No entanto, num país de contrastes estava marcadamente palpável a diferença social e econômica entre a cidade e o campo. Neste, afora os latifundiários, o que aproximava os assalariados, os pequenos proprietários e os posseiros era a miséria absoluta. A tecnização agrícola com seus tratores, implementos agrícolas e novas condições de crédito impuseram a este grupo social a busca de novos horizontes. A cidade, com sua dinâmica sócio-cultural, sua moderna organização da vida, transformou-se nesse horizonte, gerando um êxodo rural alarmante, principalmente do Norte-Nordeste em direção ao Sudeste, "inchando" as cidades

---

<sup>20</sup> HOBBSAWM, E. **Nações e nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002c.

<sup>21</sup> MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 559-658.



que não só cresciam horizontalmente, verticalmente, economicamente, mas também culturalmente. Foram os imigrantes estrangeiros, os desfavorecidos urbanos, principalmente os negros e descendentes, e sobremaneira o imigrante rural, os protagonistas da acelerada urbanização e industrialização brasileiras, que, também, tornaram-se involuntariamente, demarcadores do complexo "caldeirão cultural" no qual o país imergiu<sup>22</sup>.

A ilusão, propiciada pelo capitalismo, de que as oportunidades são iguais para todos, que triunfam os melhores, os mais "trabalhadores" e que provocou o êxodo rural, instituiu uma nova sociabilidade a qual fugia da tradição, ou seus vínculos com o passado, e centrava-se no futuro, na busca de ascensão social individual ou familiar.

A música e o cinema ilustram as contradições sociais e as tensões por novos horizontes. Na música "*Construção*", composta por Chico Buarque em 1971, o compositor "canta" a alegria de um homem em amar sua mulher e filhos, em atravessar a cidade, em erguer as construções que maravilham a face urbana moderna, em comer seu "feijão-com-arroz como se fosse um príncipe". Por oposição, ataca a indiferença da sociedade ante aqueles que construíram a modernidade brasileira, ao concluir que o trabalhador "[...] agonizou no meio do passeio público, morreu na contra-mão atrapalhando o tráfego"<sup>23</sup>.

Em 1980, João Batista de Andrade realizou "*O homem que virou suco*", retratando o preconceito e a discriminação por trabalhadores nordestinos, além do grau de exploração dos operários em São Paulo. Um "cordelista", que pretendia "ganhar a vida" com sua poesia, se encontra massacrado pelo mundo industrial, que o taxa de indolente. Ainda que sofrendo essas agruras, no filme são apontadas novas direções, pois, nesse meio opressivo, a personagem encontra solidariedade e identificação com seus iguais operários, moradores de rua, enfermos no hospital, possibilitando uma realização pessoal noutra esfera de sociabilidade. De igual modo, a película conclui com a mensagem de união dos trabalhadores numa tomada panorâmica da cidade de São Paulo, a qual vinha sendo sacudida pelo movimento operário no ABC paulista em fins dos anos 70<sup>24</sup>.

Nesse cenário em que a memória, a história e a arte revelam múltiplas facetas, cabe desnudar as contradições da modernidade que não se confundem com o projeto capitalista *in totum*. Os valores sociais tencionam em outra direção e erigem novas formas de sociabilidade. Novais e Mello assim consideram:

---

<sup>22</sup> Id. Ibid.

<sup>23</sup> BUARQUE, C. *Construção*. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, C. **Chico ao vivo**. São Paulo: BMG, 1999. 2 CDs. Faixa 8, disco 2. Remasterizado em digital.

<sup>24</sup> Além do filme é importante a resenha elaborada por Frederico Neves. Cf. NEVES, F. C. Armadilhas nordestinas: "O homem que virou suco". In: SOARES, M. C.; FERREIRA, J. (Org.). **A História vai ao Cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 87-96.

Os valores capitalistas – a idéia de liberdade entendida como escolha desembaraçada da tradição e de obstáculos externos à manifestação da vontade, isto é, a concepção "negativa" de liberdade; o postulado de que cada indivíduo é capaz de ação racional, de calcular vantagens e desvantagens ajustadas à realização de seus interesses materiais ou de seus desejos, isto é o *homo economicus* utilitário; o pressuposto de que a concorrência entre indivíduos formalmente livres e iguais acaba premiando cada um segundo seus méritos e dons; o princípio de que o jogo dos interesses individuais leva à harmonia social e ao progresso sem limites, isto é, de que o mercado é o estruturador da sociedade e o motor da história – podem se impor graças à funcionalidade para o desenvolvimento do sistema econômico. Mas não devem ser confundidos com o *conjunto* dos valores modernos. Como se sabe, os valores modernos têm outras fontes morais que emergem, de um lado, da Reforma protestante e da Igreja católica, e, de outro, do racionalismo ilustrado especialmente nas suas vertentes radicais. Pensamos, sobretudo, de um lado, no valor do trabalho como fim em si mesmo, do respeito pelo próprio corpo, da família fundada no companheirismo e na educação dos filhos, da moral sexual rigorista; e, de outro, no valor da autonomia, dos direitos do cidadão, da igualdade real, da educação republicana, do desenvolvimento espiritual, da criatividade e da autenticidade. Historicamente, a modernidade resulta e avança por meio da tensão permanente entre o conjunto dos valores mercantis, utilitários, propriamente capitalistas, e o outro conjunto de valores, fundamentados seja religiosa, seja secularmente. Mais ainda: são os valores modernos não mercantis, não capitalistas que, corporificados em instituições (a democracia de massas, a escola republicana, as igrejas, a família cristã etc.), põem freios ao funcionamento desregulado e socialmente destrutivo do capitalismo<sup>25</sup>.

Essas tensões, todavia, pouco existiam no Brasil, pois as instituições, que garantiriam esse cimento social, constituíram-se esvaziadas de conteúdo ético, principalmente as religiosas — sempre a apoiar as estruturas de poder — e a educação, imersa no conflito entre os que defendiam seu caráter público e os que a colocavam sempre a mercê do Estado, da Igreja e outros empresários. Restava aos sujeitos, na sua cotidianidade, estabelecer suas formas próprias de ação.

No capitalismo tardio em que o Brasil se encontrava, na busca de uma sociabilidade moderna, na transição entre as heranças do passado e as perspectivas de futuro, torna-se premente compreender como, na segunda metade do século XX, se desenvolveu o processo que configurou a ditadura civil-militar em 1964, a luta pela democracia, os conflitos pela massificação da educação e os sujeitos sociais em cena.

A democracia populista, iniciada em 1946, gestara um projeto nacional-desenvolvimentista de incorporação das massas e dos anseios populares. A entrada dos EUA nas políticas econômicas da América Latina, apesar de alavancar o desenvolvimento de países estratégicos (Argentina e Brasil), colidia com os movimentos populares impulsionados, no

---

<sup>25</sup> MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. op. cit. p. 606-607.

final da década de 1950, por uma utopia revolucionária nascida em Cuba. O grau de compreensão do socialismo era extremamente difuso, porém as perspectivas de autonomia sócio-econômica e soberania nacional eram anseios, neste momento, palpáveis.

Após os conturbados governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, sempre à sombra da iminência de golpes de Estado, com João Goulart na Presidência da República assistiu-se à possibilidade de viver uma nova sociedade brasileira que englobasse os mais amplos setores da população. As agitações populares, que uniam trabalhadores urbanos e rurais, estudantes, jovens graduados das forças armadas, classe artística, buscavam dar sustentação a um amplo projeto de reformas de base: agrária, urbana, tributária, bancária, eleitoral e universitária. A tensão gradativa se materializou na oposição de setores políticos e empresariais conservadores os quais alinhavam as reformas ao "comunismo ateu" que iria destruir as famílias e a civilização cristã<sup>26</sup>.

Um golpe militar é desfechado na madrugada de 1º de abril de 1964, como meio de salvar o país do populismo, da corrupção, da subversão e do comunismo. O objetivo proclamado era garantir a democracia. No entanto, o único objetivo era garantir com segurança, o alinhamento político-econômico com os EUA numa dimensão internacionalista-liberal. A crise econômica brasileira se afinaria com as propostas do Fundo Monetário Internacional (FMI), urgindo ações drásticas: corte de gastos públicos, contenção de crédito, arrocho salarial. No plano político a ação foi imediata: intervenção nos sindicatos e organizações estudantis, proibição de greves, instituição da censura, criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), cassação de mandatos, suspensão de direitos políticos e aposentadorias compulsórias.

Almejava-se então, reorganizar as tradições brasileiras em torno da garantia dos avanços econômicos e dos valores democrata-cristãos. A ação espetacular de enfrentamento dos comícios, pelas reformas de base, foi respondida pelas manifestações, ainda mais espetaculares, das "*Marchas pela família, com Deus e pela liberdade*" que a partir de abril transformaram-se em "*Marcha da vitória*".

Esse cenário não pode ser maniqueísta: os conservadores contra os socialistas e reformistas, ou a elite contra o povo. Se assim for visto, pode ser entendido como um arquétipo da memória, denunciado por Daniel Arão Reis: a ditadura seria um período de trevas, de exceção, posto na expressão "anos de chumbo"; enquanto a nova república seria o reino da liberdade, o reencontro do Brasil com as luzes e sua vocação democrática. Ao

---

<sup>26</sup> REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

contrário, a sociedade brasileira não conviveu com a ditadura como se fosse um pesadelo, grande parte a apoiou, outra esteve indiferente aproveitando as benesses concretizadas, enquanto uma pequena parte se opôs abertamente<sup>27</sup>. Esta última, derrotada, contraditoriamente grassou uma vitória, ainda que na memória, rendendo vitórias políticas no século XXI, época na qual eram vistos com bons olhos os que "lutaram pela democracia contra a ditadura". Esses homens conseguiram, à maneira alertada por Jacques Le Goff, erigir um monumento em sua memória<sup>28</sup>: o monumento da resistência democrática, que os alçou aos altos escalões do poder nos governos eleitos dos Presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

Tento apreender a segunda metade do século XX, principalmente a partir da década de 1960, como um período conturbado, de violência, de avanços, retrocessos, repressão e resistência. O recurso oficial de recorrer à tradição foi se transmutando em uma lógica de fabricação do imaginário pela imagem. Os slogans ufanistas, as propagandas contra a resistência, as obras faraônicas encerravam princípios do espetáculo que legitimavam o poder constituído.

Para Reis, a sociedade brasileira assistiu à "guerra" entre o governo ditatorial e o movimento de resistência, principalmente as guerrilhas, de modo dúbio: alguns apoiavam os guerrilheiros ou sentiam alguma simpatia pela sua ousadia, enquanto outros denunciavam os sujeitos e seus esconderijos. No entanto, para a maioria da população, aquelas ações e reações eram incompreensíveis, inviabilizando qualquer tipo de participação direta<sup>29</sup>. Imerso nesse conflito, sob a égide do terror, da repressão e da tortura, o Brasil projetava-se próspero e dinâmico em fins da década de 1960, como era próprio da "era de ouro" analisada por Hobsbawm.

O chamado "milagre econômico" tornou-se real graças à estratégia do Estado em garantir a expansão capitalista e apoiar maciçamente a entrada de capitais estrangeiros. Apesar do arrocho salarial, o poder aquisitivo dos trabalhadores aumentara e era possível orgulhar-se do avanço do país. Eram momentos conflituosos para a população brasileira. À medida que se intensificava a política de repressão com a Operação Bandeirante (OBAN), o Destacamento de Operações Internas - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), a censura jornalística e de diversões públicas, bem como a base econômica de exploração dos trabalhadores, os militares contrapunham-nas com slogans ufanistas – "*Pra frente, Brasil!*",

---

<sup>27</sup> Id. Ibid.

<sup>28</sup> LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Suzana Borges e Bernardo Leit. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

<sup>29</sup> REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. op. cit.

"Ninguém mais segura esse país", "Brasil: ame-o ou deixe-o", "Brasil, terra de oportunidades" – que davam um sentido de pertencimento e valorização da nação<sup>30</sup>.

Nadine Habert destaca que houve convivência conflituosa entre as realizações políticas, sociais, econômicas e culturais do regime e a capacidade de adaptação e subversão das esferas de resistência. O governo ditatorial possibilitou: o avanço das comunicações pela criação da Embratel, da Telebrás, do Ministério das Comunicações e a implantação do sistema de satélites Intelsat; a implementação de projetos sociais como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e o Projeto Rondon, atraindo jovens para inserção na ideologia do "Brasil Grande"; a absorção da lógica imagética das potências internacionais por via de obras espetaculares como a Ponte Rio-Niterói e a Transamazônica; uma intervenção estatal na cultura que impulsionou o desenvolvimento do cinema, do teatro e das artes, ainda que sob a vigilância da censura, com a criação do Serviço Nacional de Teatro (SNT), da Embrafilme, do Instituto Nacional do Livro (INL) e da Fundação Nacional das Artes (FUNARTE). Algumas ações se revelaram prodigiosas, outras um catastrófico desastre, porém todas se articulavam à lógica nacionalista nas tradições, mas internacionalista na economia<sup>31</sup>.

Na resistência, dentro do que Reis denominou de "utopia do impasse", a esquerda revolucionária acreditava que seria possível remover as faces moderadas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que as massas se tornariam classe e que, finalmente, se construiria a revolução. Uma medida extremada foi, inicialmente, a guerrilha urbana por facções de jovens com inspirações marxistas de diversas origens, posteriormente com a guerrilha de selva, a exemplo do Araguaia. Face à repressão violenta e desproporcional houve rearticulações que buscaram a restituição da democracia por outras frentes: o movimento estudantil, as resistências nas fábricas e associações de bairro, setores menos conservadores da Igreja católica, movimentos artísticos. A lógica do capital tendeu a absorver esses elementos e industrializá-los, não obstante tais sujeitos continuarem a minar a ditadura por dentro das suas possibilidades de manobra institucional<sup>32</sup>.

A superação dos arquétipos da memória é vital, portanto, à elucidação dos contrastes gerados a partir da década de 1960. Para Reis:

Os anos 70, considerados e aperreados como *anos de chumbo*, tendem a ficar pesados como o metal da metáfora, carregando para as profundas do esquecimento a memória nacional. Eles precisam ser revisitados, pois foram também anos de ouro, descortinando horizontes, abrindo fronteiras geográficas e econômicas, movendo as pessoas em todas as direções dos

<sup>30</sup> Id. Ibid.; MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. op. cit.

<sup>31</sup> HABERT, N. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

<sup>32</sup> Id. Ibid.; REIS, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. op. cit.

pontos cardeais, para cima e para baixo nas escalas sociais, anos obscuros para quem descia, mas cintilantes para os que ascendiam. Naquelas areias movediças havia os que afundavam, mas também os que emergiam, surgidos de todos os lados, desenraizados, em busca de referências, querendo aderir. Anos preches de fantasias esfuziantes, transmitidas pelas TVs em cores, alucinados anos 70, com tigres e tigresas de toda sorte dançando ao som de frenéticos *dancing' days*.

Neste país formou-se uma pirâmide social cheia de distorções, em que a concentração de renda e de poder chama a atenção do observador mais desatento. Mas a análise detida dos dados já então mostrava a constituição de uma estrutura complexa, de forma nenhuma redutível à polaridade extremada de um topo milionário e uma base miserável<sup>33</sup>.

A sociabilidade moderna no Brasil ligou-se de modo uterino a um capitalismo tardio, requentado, imerso nas tradições oligárquicas que se assentavam nos latifúndios, nas empreiteiras e maquiavam o conceito e os rumos da democracia no país. Urdiu-se, desde sempre, um perfil plutocrático, um governo das elites o qual produziu, segundo Mello e Novais, três mundos complexos, porém dinâmicos: o primeiro, dos magnatas e privilegiados, controladores da renda, da riqueza e dos meios de produção; o segundo, de uma "classe média" ou um simulacro do primeiro concernente ao padrão de vida; e o terceiro, dos pobres e miseráveis que reorganizavam cotidianamente novas condições de existência. Todavia, é válido ressaltar que o Estado brasileiro oportunizou desenvolvimento econômico, estimulando a oferta de emprego, além de possibilitar mecanismos de ascensão social.

Nessa dinâmica, o setor de amortecimento, de mobilidade entre os "primeiro e terceiro" mundos internos, foi a classe média. O extrato da sociedade, que teve acesso à educação, que apoiou e/ou se opôs à ditadura, que viu sua juventude ir às ruas e ser a promessa do futuro, tem sido o foco central das políticas de Estado, o alvo preferencial dos estudos educacionais e o cerne da memória erigida no século passado. O avanço internacional da educação, como possibilidade de ascensão social e os projetos educacionais do período foram dirigidos à classe média, inclusive as críticas a esse modelo não conseguiram escapar dos modelos arquetípicos de uma educação idealizada, retirando a experiência dos sujeitos da cena histórica.

### **3.1 Educação: para quem e por quem?**

Após duas guerras mundiais, a experiência do holocausto, a divisão do planeta em dois pólos político-econômicos, a aceitação naturalizada de uma cisão do mundo entre desenvolvidos e subdesenvolvidos, entre Primeiro e Terceiro Mundo, tendo os países

---

<sup>33</sup> REIS, D. A. Ibid. p. 61-62.

socialistas como fio da balança, no qual o Terceiro Mundo estava entregue a um neo-colonialismo, um projeto da modernidade se consolidava, ainda que a fórceps: os Estados-nações.

A partir da década de 1950, início da "era de ouro", todos os Estados tinham como objetivo central: a universalização da educação primária. Tornava-se premente alfabetizar o povo; e tal projeto fora levado a efeito em praticamente todos os países da Europa e América, inclusive nos socialistas que erradicaram, segundo suas próprias fontes, o analfabetismo de suas fronteiras. A demanda por ensino secundário e superior tornou-se patente e os estudantes se lançaram às ruas para exigir suas ofertas. O ensino superior aumentou em ritmo extraordinário, inclusive no Brasil<sup>34</sup>.

A sociedade moderna, em consolidação, tinha como princípio, a formação de trabalhadores e consumidores qualificados, fato possível pela expansão da educação básica. O conhecimento tornara-se um mecanismo possível de ascensão pela via das múltiplas possibilidades de negociação, o que se converteu, principalmente nos países subdesenvolvidos, uma condição palpável encontrada pelos pais para as novas gerações: formar os filhos, era formar um país de futuro. O Brasil moderno era, agora, uma projeção real.

Construindo uma sociabilidade possível, no âmbito de um capitalismo tardio, o aparelho de Estado brasileiro instituiu mecanismos de regulação e intervenção econômica que gerou um fecundo setor produtivo com a Petrobrás, a Companhia Siderúrgica Nacional e os bancos estatais, além de um avanço concreto, aos moldes do *welfare state*, nas áreas de educação, saúde e previdência. A educação brasileira foi expandida a partir da década de 1950, como nunca dantes em sua história, sendo possível acreditar na universalização da mesma em terreno nacional. Trabalhadores subalternos investiram na educação de seus filhos mesmo no ensino público, ainda com um alto nível de eficiência que iria se perdendo ao longo do século. Considerando as revoltas dos jovens no mundo e no Brasil, durante a década seguinte, tornara-se difícil para os pais compreenderem seus motivos visto que os filhos tinham chances jamais tidas por eles, no período entre-guerras<sup>35</sup>.

Mesmo com esse cenário otimista, pesquisadores da educação vêm desmistificando a relação entre o proclamado e o realizado no Brasil, principalmente a partir do período da ditadura. Alguns se dedicando a criticar a subserviência do sistema educacional ao sistema produtivo, outros, à comunicação entre educação e contexto sócio-histórico.

---

<sup>34</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit.

<sup>35</sup> MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. op. cit.

Dermeval Saviani entende que, destarte a sua incompletude autonômica, a educação tem que ser investigada enquanto objeto particular. Para tanto, a história da educação pública no Brasil atrela-se ao longo século XX, iniciando-se com o projeto republicano na década de 1890. O período que analiso é enquadrado pelo autor como de "unificação normativa da educação nacional" e "concepção produtivista da educação"<sup>36</sup>.

Saviani infere que a abertura democrática ensaiada em 1946 foi uma democracia restrita às elites, de reorganização hegemônica entre oligarcas e liberais. O projeto educacional que se gestava a partir desta data, se compunha de uma estratégia de conciliação, posto que os educadores que elaboraram a legislação educacional representavam a nata dos grupos em disputa: os empresários da educação, ligados à Igreja católica, e os intelectuais escolanovistas, ainda que estes incorporassem diversas matrizes teóricas. Esse processo gerou a Lei n.º 4.024/61, primeira lei de diretrizes e bases da educação nacional, feita, então, como uma "solução de compromisso": regulamentava-se o papel do Estado na oferta obrigatória da educação básica, mas se garantiam as condições de expansão do ensino privado, inclusive com benesses públicas<sup>37</sup>.

Saviani e Willington Germano concordam que, face às mobilizações populares, inclusive a reivindicação de educação pública de qualidade, o golpe de 1964 foi perpetrado para garantir a continuidade da ordem sócio-econômica em direção ao capitalismo internacionalizado. A Doutrina de Segurança Nacional foi engendrada para agir por mecanismos preventivos e repressivos. Dentre os repressivos, encerrava-se a desmobilização social pela via autoritária e uso da violência institucionalizada. No âmbito preventivo, um dos alvos era a educação. Como a lei de 1961 contemplava, nos "Direitos e Fins da Educação", parte das reivindicações populares, bem como a continuidade da ordem liberal, a estratégia assumida foi a desmobilização dos estudantes universitários e a adequação das estratégias educacionais à lógica produtivista<sup>38</sup>.

Percebe-se claramente, nesse momento, a distinção entre os objetivos proclamados e o que se converteu em realidade na prática social. No discurso, almejava-se a equidade social e as leis educacionais propunham democratizar o acesso à educação escolar, oferecendo oportunidades iguais de inserção no mercado de trabalho. No entanto, ainda que ampliando enormemente o número de matrículas nas redes públicas, era notório o distanciamento dos sujeitos entre os extratos sociais. A prioridade do Estado brasileiro pós-64 era construir o

---

<sup>36</sup> SAVIANI, D. O legado educacional do "longo século XX" brasileiro. In: \_\_\_\_\_ *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 9-57.

<sup>37</sup> SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil**. op. cit.

<sup>38</sup> Id. *Ibid.*; GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil: 1964-1985**. op. cit.



"Brasil-potência". À caça desse objetivo, ampliou os gastos internos, criou um protecionismo ao capital internacional, gerando endividamento externo, crise fiscal e quebra do Estado<sup>39</sup>.

A legislação foi elaborada, mesmo que na ditadura, com um grau de mediação considerável à manutenção da ordem hegemônica. A Lei n.º 5.540/68 que fixou as normas do ensino superior, atendeu, em larga medida, as reivindicações das reformas de base: aos estudantes possibilitou a ampliação do número de vagas na graduação, e criou um programa fecundo de pós-graduação no país; para os professores, quando extinguiu a cátedra, democratizou a organização dos departamentos acadêmicos e aumentou as verbas públicas para pesquisa. Contudo, o regime de créditos e a departamentalização legitimaram o curso parcelado, objetivando desmobilizar a juventude, além de favorecer empresários ligados ao regime, com a aproximação do ensino superior aos ritmos do mercado, estabelecendo a promíscua abertura indiscriminada de faculdades privadas.

Em relação à Lei n.º 5.692/71, que reformulou o ensino de 1º e 2º graus, confirmaram-se as tendências expressas na Lei de 1961, apenas adaptando-a aos "novos ventos" e exigências do projeto educacional da época. Os objetivos do sistema educacional foram assim instituídos: a auto-realização do educando; qualificação para o trabalho; e preparo ao exercício consciente da cidadania<sup>40</sup>.

Na análise de Saviani, essa legislação visou, tão somente, a garantir, via educação, a continuidade dos rumos sócio-econômicos do Estado ditatorial. O "autoritarismo desmobilizador" conseguiu ser "triumfante" pela adequação aos rumos internacionalistas: das bases liberalistas da Lei n.º 4.024/61 — ênfase na qualidade, nos fins ideais da educação, na autonomia, nas aspirações individuais e na cultura geral — passou-se a uma tendência tecnicista na Lei n.º 5.692/71 a qual primou pela quantidade, pelos métodos e técnicas, pela adaptação, formação profissional e cultura fracionada. Para o autor, era a vitória da legitimidade das diferenças e justificativa dos privilégios, mantendo o discurso da progressão social pela via produtivista<sup>41</sup>. Entendo que a educação brasileira imergia, de modo paulatino, nos princípios espetaculares que mascaram conteúdo e forma à lógica da modernidade capitalista.

Articulada ao discurso desenvolvimentista internacional, ao avanço e consolidação do capitalismo, assunto de segurança nacional, a educação foi alvo das críticas que a vinculam aos interesses das classes dominantes pela via funcionalista: alimenta sonhos de ascensão das

---

<sup>39</sup> GERMANO, J. W. Ibid.

<sup>40</sup> Cf. Artigo 1º de: BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>41</sup> SAVIANI, D. O legado educacional do "longo século XX" brasileiro. op. cit.

classes populares e forma uma elite intelectualizada para comandar o país. Compreendia-a, então, como um mecanismo dialético de "produtividade improdutiva", conforme assinalou Gaudêncio Frigotto:

A escola também cumpre uma função mediadora no processo de acumulação capitalista, mediante sua ineficiência, sua desqualificação. Ou seja, sua improdutividade, dentro das relações capitalistas de produção, torna-se produtiva. Na medida que a escola é desqualificada para a classe dominada, para os filhos dos trabalhadores, ela cumpre, ao mesmo tempo, uma dupla função na reprodução das relações capitalistas de produção: justifica a situação de explorados e, ao impedir o acesso ao saber elaborado, limita a classe trabalhadora na sua luta contra o capital. A escola serve ao capital tanto por negar o acesso ao saber elaborado e historicamente acumulado, quanto por negar o saber social produzido coletivamente pela classe trabalhadora no trabalho e na vida<sup>42</sup>.

Reconhecendo a radicalidade conceitual e os rigores analíticos de Frigotto, tais estudos, que refletem essa "dialética da produtividade" educacional, transformam-se em análises das condições de educação do extrato de amortecimento social: a classe média. Foi para esse grupo que se governou, foi essa camada que cresceu, que permitiu o equilíbrio o qual sustenta o projeto de hegemonia da sociedade brasileira. De fato, o aumento significativo da área educacional (da base à pós-graduação) não atingiu grande parte da população brasileira. Por outro lado, entendo que as reflexões do "produtivismo educacional" devem ser matizadas pois, segundo Luiz Antônio Cunha, o avanço econômico brasileiro e sua rápida industrialização jamais precisaram da escola: os trabalhadores, principalmente migrantes, foram treinados nas próprias fábricas; jovens e adultos receberam tratamento patrimonialista das organizações burocráticas; os salários foram radicalmente diferenciados entre trabalhadores analfabetos e qualificados, na escola ou fora dela. A escola pouco contribuiu nesse processo. Ademais, os meios de comunicação – primeiro o rádio, depois a televisão – a partir da década de 1950 tiveram papel primordial na socialização e educação da população brasileira<sup>43</sup>.

A crítica produtivista, no meu entendimento, é retórica. Tem suas bases na análise da legislação, das estatísticas oficiais e constrói um vínculo linear entre base e superestrutura. Parto do princípio thompsoniano que, mesmo que considere o valor da lei como mediação entre interesses de classe, o conceito da "determinação em última instância" e a não apreensão da experiência dos sujeitos induz que, "[...] os problemas do materialismo histórico e cultural são deixados sem solução, assim como embaralhados e elididos. Como a hora solitária da

<sup>42</sup> FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993. p. 224.

<sup>43</sup> CUNHA, L. A. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. op. cit.

última instância não soa nunca, podemos, ao mesmo tempo, prestar um pia reverência à teoria e tomar a licença de ignorá-la em sua prática"<sup>44</sup>. Que pesquisas foram feitas no sentido de perguntarem qual a prática do professor? Que nível de tensão ele estabeleceu nas grandes cidades ou nos mais longínquos recônditos desse país? Como os alunos mediam o conhecimento pasteurizado da escola com a dura realidade cotidiana? As reflexões que alinham automaticamente a educação ao produtivismo, esquecem que os homens constroem sua história em conflito com os limites postos, assim como incorrem em aprisionar a experiência humana aos *a priori* constituídos, pensados e operacionalizados antes das práticas concretas. A realidade do ensino público, principalmente no Norte-Nordeste do Brasil, é de penúria e miséria: existência de escolas de uma sala com classes multiseriadas, escassez de material, professores leigos, salários achatados, política de chefes coronelistas e clientelistas<sup>45</sup>. Estes são fatos concretos, mas a condição humana, mesmo que facilmente adaptável, é de soerguimento, de criatividade, de impulso pela vida. Sem querer incorrer no discurso idealista de educação, reconheço que é na adversidade que os homens se fazem homens, portanto, busco reconhecer que houve avanços significativos em meio ao quadro insatisfatório.

A partir da década de 1970, os educadores se reorganizaram em entidades científicas – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED), Centro de Estudos Educação & Sociedade (CEDES), Associação Nacional de Educação (ANDE) – e sindicais – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES), e conseguiram, ainda que sob uma matriz marcadamente norte-americana, produzir uma leva de pesquisadores críticos aos rumos da educação e do país. Os estudantes, sem possibilidades de movimento durante longo tempo, mantiveram a chama acesa e formaram novos líderes que reergueram a União Nacional dos Estudantes (UNE) e novas entidades em cada área<sup>46</sup>. A leitura que se faz, tendo Saviani e Cunha como os melhores exemplos, é de que na Nova República engendrou-se uma nova conciliação pelo alto: enquanto alguns partidos políticos e entidades de classe articulavam-se em torno da escola pública, outros, geralmente os vitoriosos do processo, defendiam o mercado educacional.

---

<sup>44</sup> THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. op. cit. p. 256.

<sup>45</sup> José Willington Germano afirma que o Nordeste tem três problemas fundamentais: escola inacessível e deteriorada qualitativamente; professor desqualificado profissional e socialmente; e administração inoperante (Cf. GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil: 1964-1985**. op. cit.). Em consonância, Luiz Antônio Cunha revela que, em 1980, 64% das escolas do interior do Nordeste ainda eram isoladas com classes multiseriadas (Cf. CUNHA, L. A. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. op. cit.).

<sup>46</sup> SAVIANI, D. O legado educacional do "longo século XX" brasileiro. op. cit.

Entendo que, se a herança de 1964 não é democrática — afinal, os donos do poder, hoje sob a face neoliberal, continuam a ser os empresários multinacionais, das grandes empresas de comunicação, os empreiteiros e os agiotas oficiais do mercado financeiro — é preciso reconhecer que as possibilidades de dinâmica social hoje, são incomensuráveis. Nesse momento de democracia, onde estão os intelectuais que erigiram o discurso crítico da educação? Para além das análises, que os identificam como cooptados, entendo que o "jogo democrático" está em curso e a história não se encerrou. Torna-se urgente reconhecer os obstáculos, destacar os avanços e construir os caminhos em direção à escola unitária.

A segunda metade do século XX, no terreno educacional, demonstrou uma real construção de sociabilidades modernas. A incorporação de padrões de consumo e estilos de vida modernos oportunizaram um aumento no padrão de vida social jamais visto antes. Reconheço que a sociedade brasileira é fortemente amparada em tradições como a família, a Igreja, a escola vista como um *locus* sagrado, não secular, a aceitação da classe política como naturalmente dirigente. Tais tradições estiveram no epicentro do poder ao longo de todo o século. Todavia, acomodar as análises à subserviência dos sujeitos às tradições, aos ditames econômicos, à violência do aparato repressivo do Estado, aos interesses velados da legislação, à frieza das estatísticas é limitar as capacidades operativas dos homens em construir resistências. Concordo com Mello e Novais que as resistências existiram e imprimiram suas marcas:

Vivemos momentos decisivos do combate entre os valores modernos antiutilitários e a cultura de massas. O que foi a luta pelo restabelecimento da democracia, todos conhecemos. Sabemos ainda que a idéia de nação continuou a viver, mesmo sob as formas deturpadas pelo autoritarismo dos anos 70, do "Brasil, ame-o ou deixe-o" ou do "Brasil, grande potência". Mas uma boa parte do embate travou-se no dia-a-dia da vida cotidiana, por mulheres e homens que se empenharam na prática das virtudes, no trabalho honesto, no cultivo da amizade desinteressada, na valorização do desenvolvimento espiritual, no diálogo entre iguais, no exercício da solidariedade; valores, todos, que procuraram, como puderam, transmitir a seus filhos<sup>47</sup>.

Na ação política, nos meios educacionais, nas artes — cinema, música, teatro, teledramaturgia —, nos esportes. O século do espetáculo foi fértil no reforço das tradições, nas suas reconstruções, na afirmação das mesmas como espetáculo; contudo, os homens não assistiram a tudo passivamente, mas, como diria Thompson, estiveram presentes no seu "fazer-se". Uma camada social foi privilegiada pelo século do espetáculo: a juventude. Este corpo de sujeitos sociais de papel destacado, num século que pregava, defendia e

---

<sup>47</sup> MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. op. cit. p. 643-644.

mercantilizava o novo, é um grupo dinâmico, de difícil conceituação, facilmente estereotipado pela história. Os jovens estiveram e continuam a estar na cena histórica, imprimindo suas marcas e tendo cicatrizes perpetradas, tencionando com a sociedade, em termos de suas matrizes utilitárias e humanistas, buscando suas possibilidades de inserção. Consoante à ação dos jovens e à expansão educacional, um elemento universalizante é transpassado e transversalizado por todas as instituições modernas, sendo condicionado e condicionando-as, o esporte.

No século, que primou pela imagem, é necessário discernir a história dos homens, da memória que lhes foi legada. A educação foi construída para formar, conformar e transformar os jovens, mas estes a formaram, conformaram e transformaram também. No século da produção cultural em massa visou-se a acomodar a juventude à cultura industrializada, mas os jovens produziram suas leituras e releituras culturais. Em um século, profundamente esportivo, visou-se a acomodar os jovens a uma lógica mercantilista, mas eles enxergaram brechas na estrutura e reverteram e impactaram esta lógica. Estudantes, pais, professores, músicos, atores, cineastas, teatrólogos, atletas, treinadores construíram a história, mas qual a memória que os marcou? Como podemos perceber os rumos da sociabilidade moderna, principalmente no âmbito da educação e do esporte, na tensão com as marcas juvenis?

### **3.2 A juventude na história: entre a História e a Memória**

Em uma era na qual o fundamento histórico tem sido a imagem, é possível perceber que a vivacidade, a alegria, a espontaneidade, a força, a contestação, a irracionalidade, o ímpeto da juventude imprimiram marcas que podem ser sentidas no cotidiano atual, principalmente no discurso educacional que "prepara as novas gerações para o futuro", e no discurso esportivo que prega o "ser eternamente jovem".

Conforme já referenciei, a juventude não é amarrada por Cronos e seus marcos temporários. A idade tem fundamento para explicar e conceituar a juventude, no âmbito das ciências naturais. No que se refere ao movimento social, a juventude extrapola os limites do tempo e do biológico, posto que é um estado de espírito, por vezes impulsionado pelas contingências históricas, por vezes fabricado pelas exigências da sociedade de consumo.

As imagens da juventude na história têm orientado ou sobrecarregado as novas gerações, dado que as experiências do presente são guiadas pelo conhecimento do passado. Em larga medida, quanto à memória social, as imagens do passado legitimam geralmente uma

ordem social presente<sup>48</sup>. É possível, então, refletir que a capitalização das imagens e sua fluidificação em bases culturais industriais legitimam e aprisionam os sujeitos em torno de uma dada ordem social. Tal movimento foi vital, na segunda metade do século passado, pois a juventude buscava suas identidades, foi alçada ao centro da história como protagonista, ligou-se diretamente à sociedade de consumo e se sedimentou na memória como rebelde e contestadora.

Michael Pollak destaca que uma das características da memória é o sentimento de identidade. O sentido da imagem de si, para si e para os outros é construído e apresentado para que se acredite como a representação real no corpo, no grupo ou coletivo e nos princípios morais e de unicidade com o outro. A identidade circunscreve-se numa dinâmica de mudança, de negociação, de transformação em função das pessoas que nos cercam. Por outro lado, a memória passa por um trabalho de enquadramento o qual pode ser realizado por historiadores, configurando uma história nacional ou, como entendo, por outras esferas culturais na sociedade de massa, que ora mantêm e dão continuidade ora transmutam a memória legando-nos outras identidades e percepções<sup>49</sup>.

Como a juventude esteve em cena, suas marcas estiveram presentes na história, mas sua memória e suas identidades foram tatuadas no corpo, posto que as práticas sociais são externadas corporalmente e, aí, tem suas marcas perpetuadas. Assim, conforme as práticas sociais se consubstanciam por incorporação e inscrição<sup>50</sup>, entendo que a educação e o esporte exigem os dois tipos à medida que, sob a égide espetacular, os limites entre espaço e tempo estão diluídos, desafiando a apreensão da ação juvenil na história e os mecanismos efetuados de enquadramento da memória de suas práticas culturais, suas representações e sua transversalidade no curso histórico.

O século do movimento espetacular foi o século da juventude a qual teve expandida, sem limites, uma cultura que lhe identificava como tal. A partir dos anos de 1950, os jovens rejeitavam o rótulo de crianças e adolescentes, negando por completo qualquer humanidade acima dos 30 anos de idade<sup>51</sup>. A lógica era que a juventude era a vida e esta se encerrava jovem como James Dean no cinema e os músicos Janis Joplin, Jimi Hendrix e Jim Morrison todos mortos ao sabor dos seus 27 anos. "Viva rápido e morra cedo" era a tônica. A juventude era, finalmente, internacionalista e, não obstante certa hegemonia cultural dos

---

<sup>48</sup> CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. op. cit.

<sup>49</sup> POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

<sup>50</sup> CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. op. cit.

<sup>51</sup> HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit.

EUA, a juventude abria-se à música caribenha, latina e africana, bem como ao cinema francês da *nouvelle vague* e do neo-realismo italiano.

Certo é que não havia unidade nessa cultura juvenil, não foi para todos — notadamente os miseráveis do Terceiro Mundo — não buscava transformar a política, mas somente abalar as estruturas. Tal cultura era informal e antinômica: liberação pessoal e liberação social eram a mesma coisa; e sexo, drogas e *rock and roll* eram nódulos de enfrentamento do Estado, dos pais, dos vizinhos, da lei: "[...] o grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam"<sup>52</sup>.

Posta essa consideração, faz-se necessário contrapor-se a algo que está incrustado na memória ocidental, e foi, nos termos de Michael Pollak, enquadrada: o jovem é por natureza rebelde e revolucionário! Estudos históricos atestam que os jovens estiveram mais presentes e aliados a organizações burguesas de manutenção do *status quo* na Europa do século XIX, do que vinculados a ideais revolucionários<sup>53</sup>. Em regimes totalitários, a juventude tornou-se a representação do atleta, do construtor, do trabalhador, do estilo de vida que marca, purifica e glorifica uma raça, especificamente nos moldes do fascismo italiano e nazismo alemão<sup>54</sup>.

O conceito biopsicológico de adolescência foi fundado no início do século XX, nos EUA, pelos estudos de Stanley Hall que visava a garantir possibilidade de autogestão do jovem, porém uniformizar e limitar os interesses sociais e os impulsos juvenis. De igual modo, a idéia de juventude como turbulenta, rebelde que precisava se enquadrar à ordem, é uma "tradição inventada" no pós 2ª Guerra Mundial<sup>55</sup>. A linguagem, o vestuário, a postura e a atitude a partir dos anos 1950, principalmente da Europa e dos Estados Unidos, coincidiram com movimentos históricos que marcaram indelevelmente a humanidade.

A revolução socialista na China, a guerra da Coréia, a descoberta do totalitarismo e dos massacres promovidos pelo socialismo soviético, as lutas contra o colonialismo no norte

---

<sup>52</sup> Id. Ibid. p. 327.

<sup>53</sup> LUZZATTO, S. Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 195-258.

<sup>54</sup> Cf. MALVANO, L. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290.; MICHAUD, E. Soldados de uma idéia: os jovens sob o Terceiro Reich. In: LEVI, G.; SCHMITT, J.-C. (Org.). **História dos Jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Nilson Moulin, Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291-317.

<sup>55</sup> PASSERINI, L. A juventude, metáfora da mudança social. op. cit.

da África e na América Latina, principalmente a guerra da Argélia e a revolução cubana na década de 1950, espalharam-se ao longo dos anos 1960, com as manifestações de massa contra a guerra no Vietnã, as lutas pelos direitos humanos e igualdade racial nos Estados Unidos, os movimentos estudantis no "maio de 68" na França e na Primavera de Praga. Acenava-se, então, para uma possível "rebelião mundial" com a cara da juventude.

Os movimentos estudantis, principalmente o "maio de 68", materializaram a crença numa identidade, fundada no fato de pertencerem à mesma classe de idade, não classe social. Subvertia-se a lógica revolucionária clássica, consistindo para Irene Cardoso, "experiências de revolta" ou movimentos de questionamento da concepção e das experiências históricas da tradição revolucionária moderna. Buscava-se o socialismo, mas ao rejeitar a experiência soviética, a orientação se subdividia em várias vertentes: maoístas, trotskistas, guevaristas, entretanto, ninguém sabia onde ia dar<sup>56</sup>. Para Hobsbawm, os slogans absurdos, próprios da juventude – "*quero tudo e já*" – revelavam a disponibilidade para a ação dos estudantes, os quais não podendo fazer a revolução sozinhos, também não conseguiram inflamar outros grupos sociais a fazê-la. Alguns estudantes radicais continuaram atuando em práticas terroristas de pequenos grupos que, não obstante alguma publicidade, jamais tiveram qualquer impacto político<sup>57</sup>. Em contrapartida, Anselm Jappe, estudioso da Internacional Situacionista e sua participação nas revoltas do "maio de 68", atesta que essa foi uma das cesuras profundas do século XX:

[...] o reflexo simplificado de uma "revolta estudantil" tornou sua imagem opaca; é necessário lembrar-se de que, então, houve a primeira greve geral selvagem — e até o presente a única — com dez milhões de trabalhadores parando seu trabalho e ocupando parcialmente as fábricas. (...) Durante algumas semanas, houve a renúncia de todas as autoridades, um sentimento de que "tudo é possível", e uma "transformação do mundo transformado" que representavam um evento histórico e, ao mesmo tempo, algo que concernia aos indivíduos em sua essência íntima e cotidiana<sup>58</sup>.

Independente das discordâncias, é fato que os jovens atuaram na cena pública e foram reflexos de uma tradição inventada — a rebeldia juvenil — mas subverteram outras

<sup>56</sup> CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-107, nov. 2005.

<sup>57</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit. Uma discussão profundamente interessante pode ser tecida a partir do diálogo entre História e ficção tão bem exposto no filme "*Os sonhadores*" (2003), de Bernardo Bertolucci. Nesta obra, o cineasta italiano mostra que as motivações dos jovens no "maio de 68" não se prendem a fórmulas prontas como "tomar o poder" ou "instituir o socialismo". A paixão pelo cinema, pelas artes, pela contestação, pela contra-cultura revela que, grosso modo, a perspectiva era afrontar toda e qualquer convenção social, da família ao Estado.

<sup>58</sup> JAPPE, A. **Guy Debord**. Tradução Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 132.



tradições. A progressiva espetacularização da sociedade capitalista não tardaria em reverter esses movimentos a seu favor.

Afastado das reivindicações da Europa e EUA, o Terceiro Mundo foi o palco revolucionário do século XX, pois, a partir da década de 1950, todos os Estados desse bloco atravessaram revoluções, golpes militares ou conflitos bélicos. Na tênue linha, que separava EUA e URSS, poucos foram os esforços desta última em ampliar a revolução socialista, mesmo nos países da América Latina propensos a isso. O Terceiro mundo era, então, o grande potencial de revolução social mundial, e, alguns países, como Cuba em 1959 e Argélia em 1962, conseguiram com esforços próprios se auto-proclamarem socialistas. Segundo Hobsbawm, o caso emblemático era Cuba. Embora radicais, Fidel Castro e os jovens que liderava jamais foram comunistas ou nutriram quaisquer simpatias marxistas, mas sabiam que o governo revolucionário só seria viável com o auxílio da organização do Partido Comunista Cubano e o apoio da URSS. Com esse coquetel explosivo, a experiência cubana enraizou-se no imaginário como o cerne ideal de revolução: heroísmo, romance, ex-líderes estudantis, projetos sociais de acesso aos direitos: educação e saúde<sup>59</sup>.

Ao lado dos movimentos estudantis, surgiam outros elementos que alimentavam os abalos sociais e a tendência espetacular: as guerrilhas de guetos que defendiam interesses particulares de gênero ou raça, como o movimento feminista e os "panteras negras"; e movimentos ultranacionalistas – palestinos, bascos, irlandeses e outros – que tendiam ao terrorismo; todos eles, insuflados em profusão pelo fulgor juvenil.

A razão instrumental que sustenta o mundo do capital, não titubeou em canalizar aos seus interesses este movimento. Para o trabalhador e consumidor da vida moderna, os bombardeios publicitários instituíram um "capital-juventude", que produzia uma inovação estética cuja tônica era: "é proibido envelhecer"<sup>60</sup>. A estética designa o conhecimento sensível ou a mediação entre a sensualidade subjetiva e o objeto sensual. Posta então no círculo do capital, a estética realiza o valor de troca, agregado à mercadoria, impulsionando o desejo de possuí-la. Como chegamos ao estágio de indiferenciação entre homens e coisas, se não compro a mercadoria, almejo sê-la. Produz-se o que Wolfgang Haug denomina de "fetichização da juventude" ou a obrigação de ser jovem:

A inovação estética como portadora da função de reavivar a procura torna-se uma instância de poder e de conseqüências antropológicas, isto é, ela modifica continuamente a espécie humana em sua organização sensível: em

---

<sup>59</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit.

<sup>60</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.

sua organização concreta e em sua vida material, como também no tocante à percepção, à estruturação e à satisfação das necessidades<sup>61</sup>.

Tal lógica de industrialização da juventude termina por subverter a dinâmica dos protestos e reivindicações sociais. A revolta torna-se, tão somente, um apêndice do espetáculo. Luísa Passerini demonstra como o cinema hollywoodiano construiu a forma da rebeldia juvenil, pasteurizando-a<sup>62</sup>. Filmes como "*O selvagem*" (1953), de Laszlo Benedek, "*Sindicato de ladrões*" (1954) e "*Vidas amargas*" (1955), de Elia Kazan, e "*Juventude transviada*" (1955), de Nicholas Ray, alçaram a imagem de Marlon Brando e James Dean ao panteão do jovem rebelde, idealizado, que faz o que quer e afronta as estruturas. Mais à frente, ao final dos anos 1960, "*Sem destino*" (1969), de Dennis Hopper, atualizaria a rebeldia juvenil; não aceitando o tempo industrializado e utilitário da sociedade moderna.

No âmbito da política, o fato de Fidel Castro tomar o poder aos 32 anos de idade, do Presidente John Fitzgerald Kennedy representar, imgeticamente, a democratização dos anseios juvenis de liderança, ceifados com seu assassinato em 1963, a aceitação de líderes jovens tornara-se uma imposição. A imagem do jovem revolucionário Che Guevara corria o mundo em posters, broches, camisetas, transformando-o num ídolo pop. Na arte, na política, no esporte, o espetáculo produziu suas "vedetes" que, segundo Debord, seriam a representação do homem vivo, impresso num papel a desempenhar, numa imagem que simbolizava variados estilos de vida, variadas formas de compreensão da sociedade<sup>63</sup>.

As imagens que se tornariam ícones pop podem ser ilustradas no mosaico a seguir:



**Figura 1:** Mosaico "Vedetes do Século do Espetáculo"

**Fonte das Imagens:**  
*Wikipédia: a enciclopédia livre.*

Disponível em:  
<<http://pt.wikipedia.org>>

<sup>61</sup> HAUG, W. F. *Crítica da estética da mercadoria*. op. cit. p. 57.

<sup>62</sup> PASSERINI, L. *A juventude, metáfora da mudança social*. op. cit.

<sup>63</sup> DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. op. cit.

Perfazendo a união de homens e coisas, o mosaico reflete a imortal beleza juvenil de Marilyn Monroe, a beleza despojada e afrontante de James Dean, o semblante jovem que mistificava o ideal democrático dos EUA de John Kennedy, a direção política sobre novas bases com Fidel Castro, a face juvenil, dura e ao mesmo tempo terna de Che Guevara, mirando o sonho do "socialismo humanista", o rosto jovem e compenetrado o qual simbolizou o desencantamento juvenil, no início da década de 1980, com seu assassinato, John Lennon. Aliados a essas figuras, vislumbram-se dois grandes símbolos do século XX: a Coca-cola e o esporte<sup>64</sup>. A marca da Coca-cola determinando o ritmo temporal da existência, é demarcadora de um ritmo industrializado da vida, convergindo ao símbolo do ursinho Misha, que emocionou o planeta nos Jogos Olímpicos de 1980, marcando sua última edição bancada pelos Estados nacionais, não pelas empresas transnacionais, fato que seria assumido vigorosamente, pela própria Coca-cola, a partir de então. Finalmente, as imagens simbólicas que ilustram o discurso esportivo e o que sustenta sua aura sagrada: os movimentos graciosos e eternamente perfeitos, posto que eternamente "nota 10", de Nadia Comaneci e o vigor, habilidade e magia de um homem que foi — pela sua capacidade atlética — entronizado "Rei": Pelé.

Entendo que algumas das "vedetes do espetáculo" não almejavam sê-lo. Mas foram transformados em tal, num século em que a distinção entre capitalismo e socialismo manteve-se, ao longo de 64 anos, muito mais no plano da forma, que no conteúdo; muito mais no plano ideal do conceito que na prática concreta. Ambos foram, então, reflexos espetacularizados do século.

Atuando na política, na arte, no esporte, todos esses sujeitos/coisas marcaram a história do século XX e tiveram seus ecos na América Latina, especificamente no Brasil. Revoltas populares, estudantis, guerrilhas, vias democráticas, produziram golpes militares em quase todos os países da América do Sul; fossem para conter o avanço socialista democrático como no Chile em 1973, fossem para obstruir reformas de base, a reboque do populismo, como no caso do Brasil em 1964. Fato é que, como no mundo inteiro, no Brasil o momento e a atmosfera eram de efervescência, conforme Zuenir Ventura:

Os que viveram intensamente aqueles tempos guardam a impressão de que não faziam outra coisa: mais do que fazer amor, mais do que trabalhar, mais do que ler, fazia-se política. Ou melhor, fazia-se tudo achando que se estava fazendo política. A moda era politizar – do sexo às orações, passando pela própria moda, que, durante, pelo menos uma estação de 68, foi "militar": as

---

<sup>64</sup> SADER, E. *Século XX – uma biografia não autorizada*. op. cit. p. 18.

roupas mimetizaram a cor e o corte das fardas e das túnicas dos guerrilheiros<sup>65</sup>.

No calor dos acontecimentos, era difícil saber de que lado estava o povo brasileiro na madrugada de 1º de abril de 1964; do lado das forças que apoiavam as reformas de base do Presidente João Goulart ou dos militares que desfecharam o golpe de Estado. Todavia, não se pode incorrer no equívoco memorialista que tenta retirar a responsabilidade da população brasileira com a ditadura. Setores consideráveis a apoiaram e com estratégias de manifestações públicas, bem à feição da mediação entre tradição e espetáculo. Como exemplo, a "*Marcha da família com Deus e pela liberdade*" foi financiada pela Igreja Católica, por setores da classe média, da elite empresarial, de movimentos femininos, inclusive estudantis. Opondo-se à política populista e ao comunismo, pregando a conservação dos valores tradicionais cristãos (terço e rosário, matrimônio, família) e liberdades individuais (expressão, religiosa e propriedade), a "*Marcha*" realizou-se em São Paulo, Santos e Curitiba. A partir de 2 de abril de 1964, as marchas tornaram-se "*Marcha da vitória*" no Rio de Janeiro, Niterói, Porto Alegre, Juiz de Fora, Belo Horizonte e Natal<sup>66</sup>, além de realizar-se em Aracaju no dia 26 de abril, capitaneada pelo Monsenhor Luciano José Cabral Duarte e com a participação de vários colégios<sup>67</sup>.

Com tantos setores apoiando-a, grande parte da população brasileira — sobretudo no interior — sequer tendo informação do que estava acontecendo, quem se opôs ao regime? Segundo Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis, as resistências foram várias; muitas delas silenciosas e com distintos níveis de participação, mas o extrato mais representativo foi a classe média intelectualizada: estudantes politicamente ativos desde os grêmios escolares, professores universitários, profissionais liberais, artistas e jornalistas<sup>68</sup>.

As estratégias de oposição eram diversas: do engajamento integral à ação clandestina dos grupos armados, passando pela ajuda a militantes ou grupos, até o simples participar de uma passeata, palestra, assistir a um filme ou peça de teatro engajados ou ouvir músicas de protesto, enquanto a censura ainda não as tinha proibido. Como as ações eram díspares, a oposição era heterodoxa e passava gradualmente da esfera política para o universo

<sup>65</sup> VENTURA, Z. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 83.

<sup>66</sup> CODATO, A. N.; OLIVEIRA, M. R. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 271-302, 2004.

<sup>67</sup> GRANDE número de fiéis reza pela libertação do Brasil. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 1, 28 abr. 1964.

<sup>68</sup> ALMEIDA, M. H. T.; WEIS, L. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 319-409.

cultural do dia-a-dia. Um elemento as unificava: o inconformismo com a sociedade de consumo e a pregação de seu fim<sup>69</sup>.

No âmbito das artes, ficara registrado o momento e a possibilidade do enfrentamento. Em contrapartida, ficou palpável o quanto era inviável e suicida a luta armada, as diversas formas de enquadramento da memória juvenil como rebelde, sobretudo, do quanto são forçosos os rótulos históricos de "alienados" ou "politizados"<sup>70</sup>.

Desmistificar os estereótipos e arquétipos legados pela memória política e artística, é fundamental, para demonstrar que a juventude não é taxada de revolucionária ou rebelde, por natureza, principalmente no seio dos problemas complexos que atravessam o Brasil. A rebeldia juvenil é uma tradição inventada que se tornou paulatinamente espetacularizada. Imersos na ditadura e na reconstrução democrática da nova república, os jovens foram rebeldes e revolucionários, mas também preferiram "ficar na sua"; alguns lutaram pela democracia, outros sequer souberam o que era isso; alguns protestaram, outros apenas buscaram seu emprego; uns tiveram acesso à educação de qualidade, outros nunca sentaram num banco escolar. Entendo que os jovens procuram sempre, inserirem-se no contexto social e serem aceitos: em momentos de contestação são contestadores, em momentos democráticos buscam seu espaço. Não estou deduzindo que a juventude está a reboque dos rumos históricos, mas, que na construção da sociabilidade moderna, entre o conflito dos valores humanistas e os valores pragmáticos e utilitários, os jovens tencionam com a história, eternamente caminhando na "corda bamba", oscilando, mas seguindo em frente.

No século do espetáculo, tomando o esporte, enquanto a prática, que, por excelência, tende à espetacularização, como estes jovens reagiram ao esporte? Quais os seus

---

<sup>69</sup> Id. Ibid.

<sup>70</sup> Na Literatura cabe visitar as obras: SIRKIS, A. **Os carbonários**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.; GABEIRA, F. **O que é isso, companheiro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.; ALMADA, I. **A metade arrancada de mim**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.; e LEITE, I. A. **Eu te darei o céu: e outras promessas dos anos 60**. São Paulo: Editora 34, 2004. Na música, as canções de protesto e sua capitalização pela indústria fonográfica, cf. NAPOLITANO, M. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Org.). **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 203-216. Na televisão, as minisséries que referendaram e formataram para a memória, o papel atuante dos jovens na luta contra a ditadura, a exemplo de "*Anos rebeldes*" (1992) e "*Hilda Furacão*" (1998), Cf. MELO, A. C. P. **História e ficção: na minissérie Anos Rebeldes**. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. No cinema, a produção é profícua: do cinema novo e sua nova proposta estética personificada no "*Terra em transe*" (1967), de Glauber Rocha até as obras da "retomada" da década de 1990, a exemplo de "*Lamarca*" (1994) e "*O que é isso, companheiro?*" (1997), Cf. SOARES, M. C.; FERREIRA, J. (Org.). **A História vai ao Cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.; MELO, V. A.; PERES, F. F. (Org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005.; e DANTAS JUNIOR, H. S. **Rebeldia juvenil e cinema: uma tradição inventada no século do espetáculo**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Oikos; ANPUH, 2007. 1 CD-ROM.

impactos com as tensões políticas? Qual o seu diálogo com as manifestações artísticas e sua significância na construção da sociabilidade moderna? Sobretudo, entendendo que o esporte se tornou o grande fenômeno de massas da modernidade, de modo que seus rituais, códigos e sentidos chegaram à escola pela força da tradição, como se tornou espetacularizado, subsumindo a educação a essa lógica? De igual modo, que resistências foram erigidas nesse processo?

### **3.3 A esportivização: tradição e espetáculo**

Compreendo o esporte como o maior fenômeno sócio-cultural da contemporaneidade. Nenhuma prática e/ou instituição social tem uma inserção e uma interpenetração com a sociedade, de modo a exprimir-se política, econômica, cultural e esteticamente, como o esporte. Sua representação, em época de Copa do Mundo de futebol, por exemplo, unifica e uniformiza o cotidiano dos homens que reorganizam suas vidas de acordo com o ritmo do evento. As práticas esportivas informais são as mais substantivas dos momentos de lazer dos brasileiros, independente de classe social. Há, portanto, uma força social no esporte que possibilita a contínua reformulação de sociabilidades e uma capacidade fluida do tempo que, ora aprisiona os homens ora é subvertido por eles.

Dada a complexidade do fenômeno, parto do princípio thompsoniano de que, "[...] é essencial manter presente no espírito o fato de os fenômenos sociais e culturais não estarem 'a reboque', seguindo os fenômenos econômicos a distância: eles estão, em seu surgimento, presos na mesma rede de relações"<sup>71</sup>. Não o reduzindo a esquematismos e simplificações distantes das experiências humanas, o esporte deve ser situado historicamente, posto nos confrontos entre os conceitos e entendimentos históricos, desmistificado nas práticas cotidianas que vão da informalidade à espetacularização, apreendido nas diversas manifestações culturais, confrontado com as análises e as vivências dos homens — da *intelligentsia* à juventude "rebelde" —, finalmente percebido, enquanto partícipe das propostas, de formação humana de todos os projetos históricos construídos no século XX.

#### **3.3.1 Esporte e modernidade: tensões**

O legado da memória ocidental tem vinculado nossas raízes culturais ao helenismo, às criações greco-romanas clássicas. Da política às artes, passando pelas práticas corporais, o esporte é sempre referenciado como criação grega, tendo sua máxima expressão

---

<sup>71</sup> THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. op. cit. p. 208.

nos Jogos realizados em Olímpia desde o século VIII A.C. Entretanto, toda construção social pode ter raízes múltiplas, mas deve se situar historicamente nos seus aspectos significantes que atestam suas representações sociais.

Intelectuais de diversos ramos do conhecimento, notadamente Sociologia e História, e distintas matrizes teóricas têm se oposto à análise de continuidade que determinadas vias de memória, com destaque maior, às vias da televisão, têm nos legado, qual seja: o esporte remete-se a um passado longínquo. O esporte, nas concepções desses intelectuais, por oposição, interpenetra-se com a idéia e a construção prática do projeto da modernidade.

É consensual que as raízes do esporte fincam-se na Inglaterra da segunda metade do século XIX. Berço da revolução industrial, com sistema de ensino em funcionamento e centralizado, com o Estado-nação consolidado, a Inglaterra, à época, era o centro da modernidade, principalmente em sua matriz capitalista. Os intelectuais terão divergências a partir deste ponto, no que se refere à representatividade e ao papel social do esporte.

Os concursos de jogos da Antiguidade clássica possuíam características institucionais próprias, ligadas à preparação para a guerra e à religiosidade. Sua evolução é intrínseca ao desenvolvimento dessas instituições. Para Norbert Elias, o *ethos* dos concorrentes, as regras e os desempenhos do esporte moderno são claramente distintos. Primeiro, do ponto de vista linguístico, o termo *sport* é uma criação inglesa que reporta à transformação e regulamentação dos passatempos e jogos, sendo o termo que se universalizaria a partir de então. Segundo, tais práticas originadas e formalizadas nas escolas estavam conectadas aos princípios educacionais em voga. Finalmente, o esporte participa de modo ativo, do processo civilizador. Assim como os Estados-nações modernos têm por prerrogativa, regulamentar, estabilizar e monopolizar o controle do nível de violência socialmente permitido, o esporte pauta-se em regras rígidas, formais, racionais as quais limitam a ação dos homens às marcas civilizatórias, impedindo o barbarismo que, às vistas dos modernos, se assistia em algumas provas/lutas gregas. No curso do processo civilizatório, ao longo do século XX, o esporte foi a representação viva dos conflitos entre os indivíduos e as nações; e o aumento da sua importância nos confrontos internacionais revelou o quanto o mesmo foi alçado a "símbolo do estatuto das nações"<sup>72</sup>. Postos esses dados, entendo que a análise do esporte só pode ser sócio-histórica, posta no limite entre as intenções e ações dos homens, revelando que o uso dado a ele não é eterno/essencial, mas histórico/circunstancial.

---

<sup>72</sup> ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. op. cit.

Pierre Bourdieu concorda com Elias de que o esporte é moderno e constitui, a partir da Inglaterra, um campo de práticas específicas com lutas, regras, culturas e competências próprias, devendo por conseguinte, constituir-se em objeto científico. No entanto, o sociólogo francês destoa do alemão por compreender que a geração e massificação das práticas esportivas foram realizadas para atender a uma demanda social de trabalhadores e consumidores. Criado nas escolas de elite inglesas a partir da padronização de jogos populares o que era criação do povo retorna formatado como produção para o povo. A dimensão amadorística do esporte exaltou a educação, o caráter, a vontade como signos de classe, como capital cultural: os que praticam sob esse signo e os que praticam como trabalho. A demanda social crescente distanciou os profissionais, ou virtuosos da técnica, dos leigos consumidores que se viram limitados a uma participação imaginária. Distante do processo civilizador que limitava o uso da violência e continha a barbárie, Bourdieu compreende que o Estado, aliado às organizações esportivas, construiu um reino de necessidades, geradoras de violência simbólica: necessidade das práticas, do consumo das práticas e dos subprodutos veiculados por elas, controlando e acomodando a juventude e as classes sociais à busca constante do "ser esportivo"<sup>73</sup>.

Nesse mesmo diapasão, mesclando a escola marxista alemã, que vinculava o esporte à dinâmica do trabalho capitalista, as teorias frankfurtianas da indústria cultural e o estruturalismo althusseriano, insere-se o sociólogo Jean-Marie Brohm que aprofunda, com contundência, a interpretação da prática esportiva como submissa à lógica de reprodução do capital.

Para Brohm, o esporte é uma prática de classe, idealizada pela burguesia inglesa, que a praticava como ócio, estendendo-a ao proletariado como um meio de recuperação física. A constituição do esporte caminha com a consolidação do imperialismo, representado pelo monopólio do Estado centralizado, das federações e organismos internacionais no qual todas as idéias reformistas são ilusórias. Como consequência do desenvolvimento do capitalismo e das forças produtivas, o esporte tende a transformar o corpo humano em instrumento mecânico da produção, no qual o atleta nada mais é que o típico trabalhador capitalista, um servo do "espetáculo muscular", um "homem-sanduíche publicitário". Nesse mundo do espetáculo, o esporte produz mercadorias, bens e serviços, uma indústria publicitária e uma máfia de apostas, sendo o homem limitado à condição de "cidadão consumidor"<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? op. cit.

<sup>74</sup> BROHM, J.-M. 20 tesis sobre el deporte. In: \_\_\_\_\_ et al. **Materiales de sociología del deporte**. Traducción Toñi Suaiz Rodríguez e José Ignacio Barbero. Madrid: Ediciones de la Piqueta, [198-]. p. 47-56.



Além das funções políticas e econômicas, o esporte desempenharia, também, funções ideológicas: legitimação da ordem social existente, posto que jamais é contestado; ocultação da luta de classes ao transformar os conflitos sociais em metáforas inofensivas nos palcos esportivos, sendo, portanto, um "ópio do povo"; reforço ao mito burguês da ascensão social pela prática esportiva; criação da ideologia de "coexistência pacífica" entre socialistas e capitalistas; confundir mercadologicamente homens como coisas; principalmente, inserção em três instâncias superestruturais burguesas — a instituição cotidiana do corpo, a escola e os meios de comunicação de massa, — momento em que o esporte se converte em um "aparelho ideológico de Estado"<sup>75</sup>.

A seleção de três clássicos, que analisam o esporte como fenômeno social, justifica-se por suas críticas terem sido tecidas na década de 1970, na qual o mesmo já estava massificado e a indústria esportiva e de comunicação era uma realidade. Produzidas no calor dos acontecimentos e da atmosfera contestatória do período, as análises aqui elencadas servem como indicação de que o objeto esporte não é consensual e nem se limita a um olhar ou a uma conexão institucional. O esporte é moderno. Nasce com a revolução industrial e recebe sua influência. É um terreno de luta de classes. É vinculado ao Estado e tem capacidades civilizatórias, assim como tem sido utilizado barbaramente. Contudo, as análises têm sido elaboradas como "teoria geral", o que implica a uniformização ou não captação das experiências concretas. Que os Estados e a lógica mercantil capitalista têm se apropriado e dinamizado o esporte é incontestado. Ao contrário, urge captar práticas e experiências que não se submetam ao controle estatal, nem obedeçam aos ditames mercadológicos. De igual modo, universalizar o esporte não significa que seja assimilado, praticado e representado da mesma forma no Brasil, na China, nos EUA ou em Gana. Existem choques culturais que tendem ao hibridismo alertado por Stuart Hall<sup>76</sup>. Em última instância, sejam nos Jogos Olímpicos, nos campeonatos regionais, nos jogos escolares ou nas simples "peladas de rua", a prática social pode ser tanto indiferente e alheia aos processos institucionais, quanto pode ser insurgente, de resistência, de operação em termos contrários à determinação vigente. Portanto, cabe-nos investigar as experiências sociais concretas em seus limites espaço-temporais.

Distanciando-me da visão utilitária de uma sociabilidade moderna submissa aos Estados e mercados, é necessário definir o que entendo por esporte numa clara visão humanística no projeto social, e numa precisa visão científica na análise histórica. Não existe uma essência do esporte, posto que ele não *é*, mas continuamente *está sendo*. Concordo com

---

<sup>75</sup> BROHM, J.-M. **Sociologia política del deporte**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

<sup>76</sup> HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. op. cit.

Manuel Sérgio que o esporte é uma práxis lúdico-agonística e corporal, institucionalizada e com regras, tendente a se transformar em ato político ou mercadoria, dependendo dos rumos que os homens lhe dão<sup>77</sup>. Uma interpretação sócio-histórica do esporte, principalmente em suas conexões com a escola, deve buscar o que há de humanamente significativo em seu escopo, qual o impacto e representação do mesmo na vida cotidiana dos que praticam e/ou vivenciam. Assumo a perspectiva de, à luz da História, apreender seu percurso e sua demarcação, como fundamento educacional imprescindível à formação dos homens.

Convictos da certidão de nascimento inglesa e moderna do esporte, faz-se mister romper a história, para entender sua dinâmica de disseminação e superarmos a classificação estanque — elite/amadorismo; proletários/profissionalismo — como se fosse um processo linear. Para Hobsbawm, a massificação do esporte é expressão da invenção de tradições. Com uma sociedade em mudança acelerada, novas tradições vão sendo criadas, via formalização e ritualização, fortemente arraigadas nas imagens do passado e na imposição da repetição, assim como todas as tradições tendem a se "re-significarem" em espetáculos. As cerimônias, representações, símbolos e monumentos públicos são materializações dessas tradições, como via de manutenção da ordem social: as bandeiras, os hinos, selos, posters, estátuas, prédios, estádios, homens, clubes ou seleções<sup>78</sup>. É preciso, todavia, cuidado com as tradições que qualificamos como invenções; necessitamos perceber que, quase sempre, são reconstruções, re-elaborações das mensagens e das intencionalidades que bem podem ser de manutenção social ou alterações subliminares<sup>79</sup>.

Inventado como prática amadora e de elite, o esporte foi rapidamente proletarizado e profissionalizado. Já na década de 1880, o esporte já tinha suas características institucionais consolidadas: profissionalismo, federações, regras, campeonatos, rivalidades entre cidades. No entanto, contrário ao discurso de que a elite proletarizou o esporte para explorar o homem comum, torna-se imperioso refletir que existiram adaptações de classe, que os homens incorporaram a prática e lhes deram os rumos necessários à existência. A nova burguesia inglesa e o proletariado industrial constituíram-se como grupos auto-conscientes e em conflito, por meio de estilos de vida e ação coletiva distintos, mas que passavam sobremaneira pela vivência do esporte. Tanto o esporte das massas quanto das elites consubstanciavam-se em tradições sociais e políticas, pois demarcavam diferenças de classe, porém possibilitavam

---

<sup>77</sup> SÉRGIO, M. **Algumas teses sobre o desporto**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 2003.

<sup>78</sup> HOBBSAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. op. cit.

<sup>79</sup> BURKE, P. Cultura, Tradição, Educação. op. cit.

identificações nacionais, além de oportunizar a transição de uma classe à outra, e, ser um forte elemento de democratização do espaço público, sobretudo para a mulher<sup>80</sup>.

O esporte tornara-se, junto com o cinema e a música, o grande representante da explosão das diversões de massa no início do século XX. Se era possível falar em cinema americano e francês, música inglesa e italiana, era impossível não se remeter ao tênis britânico e ao ciclismo francês. A partir da década de 1920, era notório no mundo inteiro o futebol sul-americano representado pela seleção uruguaia, bicampeã olímpica em 1924 e 1928. Para Hobsbawm não há como contestar que a globalização realizou-se quando o futebol tornou-se universal no ano de 1930, com a I Copa do Mundo realizada no Uruguai<sup>81</sup>. Daí ao mercado global, à comunicação e transmissão massiva de espetáculos esportivos, nada ilustraria melhor a globalização. Entretanto, o elemento central do esporte como tradição e que ainda é recorrente, mesmo em tempos espetaculares que supostamente prescindiria desse discurso, é a identificação nacionalista:

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo da nação<sup>82</sup>.

Tais representações e construções de identidade nacionalista não passariam incólumes a uma instrumentalização por parte dos Estados capitalistas e socialistas. A massificação do esporte, principalmente a partir da década de 1950, com a popularização da televisão, caminhou *pari passu*, ao processo de espetacularização social. Recuperando as reflexões de Debord acerca do "espetacular concentrado" dos países socialistas e do

<sup>80</sup> HOBBSAWM, E. **A era dos impérios: 1875-1914**. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

<sup>81</sup> HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**. op. cit. Destaque-se que, até 1930, já haviam ocorrido oito edições dos Jogos Olímpicos, o que poderia refutar o argumento de Hobsbawm e atestar que o esporte já havia se universalizado no início do século. Todavia, à exceção dos Jogos de 1904, realizados em St. Louis (EUA), todas as edições foram em solo europeu. Considerando que os Jogos de St. Louis foram realizados a reboque da "Feira Mundial da Louisiana" e se consagraram como a pior edição dos Jogos com apenas 12 países representados, não é de se admirar que, cruzar o Atlântico até o longínquo Uruguai para disputar o torneio de um único esporte (futebol) era uma notável aventura e simbolizava, realmente, sua universalização.

<sup>82</sup> HOBBSAWM, E. **Nações e nacionalismos desde 1780**. op. cit. p. 171. Com essa tese avalizada por Hobsbawm torna-se difícil criticar o afã de Nelson Rodrigues ao aproximar o povo à seleção brasileira de futebol: "[...] o que é o escrete? Digamos: – é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: – o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós" (Cf. RODRIGUES, N. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 179.).

"espetacular difuso" de bases capitalistas, o autor inferia, em 1988, que o esfacelamento desse binômio produziu um "espetacular integrado" o qual moldou, universalmente e sem obstáculos, a experiência prática dos homens sob os desígnios da razão mercantil<sup>83</sup>.

No mundo espetacular, onde as tradições são apropriadas e reinventadas, a linha entre profissionalismo e amadorismo nem sempre é nítida, conseqüentemente é falível a perspectiva de enquadrar o esporte a esse modelo. Se nos referirmos, conforme os críticos que vinculam esporte-capitalismo, às características do esporte de rendimento como sendo: competitividade, seleção, especialização de papéis, cientifização da performance, recordes, então, afirmo que, desde o pós-2ª Guerra, o espetacular já era "integrado", pois os países socialistas operavam com os mesmos caracteres, à exceção de que os atletas não eram de propriedade do mercado, mas do Estado. Senão, vejamos...

A partir de 1952 nos Jogos Olímpicos realizados em Helsinque, a URSS inicia sua história de triunfos olímpicos. Como no regime socialista não havia "profissionalismo", os soviéticos enviavam a nata de seu corpo atlético-desportivo aos Jogos. Para os socialistas, o sistema capitalista, baseado na exploração dos trabalhadores, não tinha como objetivo a disseminação do esporte para a população, mas somente o desenvolvimento de atletas olímpicos lançados na esfera mercantil de compra e venda de produtos, além de buscar a glorificação internacional de seu modelo político-econômico. Na ótica socialista, o esporte deveria ser inserido no sistema geral de educação do povo — fato que explorarei mais adiante —, contudo o cenário olímpico foi utilizado em profusão como palco central da guerra fria, sendo o parâmetro do "esporte para o povo". Daí, que suas características espetaculares não foram alteradas.

Lev Pavilovich Matvéev, cientista russo que revolucionou o sistema de treinamento desportivo mundial, afirmava que as vitórias olímpicas da URSS eram como índices de desenvolvimento da cultura física da sociedade. Os êxitos esportivos, em arenas olímpicas, eram expoentes do bem-estar material do povo, do prolongamento da expectativa de vida e da alfabetização, bem como do fomento ao esporte de massas como via de revelação de atletas para o alto nível<sup>84</sup>.

Nessa linha de argumentação, Gerhardt Schmolinsky, emérito treinador de atletismo da Alemanha Oriental, defendia a prática esportiva nos moldes da defesa da pátria, preparação para o trabalho e representação do socialismo nas competições internacionais. Os

---

<sup>83</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.

<sup>84</sup> MATVÉEV, L. **Fundamentos del entrenamiento deportivo**. Traducción Elsa Cherniavski-Bogdan. Moscou: Editorial Raduga, 1983.

campeonatos europeus e os Jogos Olímpicos determinariam o nível da cultura física no país<sup>85</sup>. Ainda na Alemanha Oriental, o então Primeiro-adjunto do Secretário de Estado da Cultura Física e dos Desportos, Dr. Günter Erbach, resumia o caráter "humanista do olimpismo" na conjugação entre alta performance esportiva e a cultura física popular. A inserção do esporte na vida escolar partia da sua massificação para usufruto nos momentos de lazer, entretanto, não se deveria descuidar da preparação das crianças, mediante torneios escolares, para especialização e seleção de atletas de alto nível. Compreendia-se que,

Se colocarmos a actividade atlética, concretizada na luta pela vitória, pelas medalhas e pelos pontos, no contexto mais amplo e global da educação de um novo homem, o humanismo manifesta-se no desempenho desportivo, na participação e vitória como valores culturais, éticos e sociais que intervêm no aperfeiçoamento do homem<sup>86</sup>.

Atravessando o Atlântico em direção ao Caribe, Reiner Echevarria, Professor e Mestre em Ciências e Jogos Desportivos afirma que, em Cuba, o esporte passou por transformações "revolucionárias" desde 1959. A criação, em 1961, do Instituto Nacional de Educación Física y Recreación, a fundação de centros especializados na formação de técnicos e atletas, a organização dos Jogos Escolares Nacionais e Juvenis foram fatores essenciais do lema: "esporte, direito do povo". Os Institutos Superiores de Cultura Física foram primordiais ao desenvolvimento do trabalho científico, técnico e metodológico para a visibilidade cubana como potência olímpica socialista. Para o autor, o processo histórico é automático: "se elimina a propiedad privada sobre los medios de producción (Mp), cambian las relaciones de producción (Rp) y el fenómeno Deporte Olímpico que es superestructural, también cambia porque es de interés social su desarrollo"<sup>87</sup>. Continuando suas reflexões, Echevarria exalta os feitos olímpicos de, entre outros, Alberto Juantorena, campeão olímpico dos 400 e 800 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Montreal (1976), Teofilo Stevenson, tricampeão olímpico no boxe entre 1972 e 1980, e sobretudo Enrique Figuerola, medalha de prata nos 100 metros rasos em Tóquio (1964), que representou, "la primera medalla olímpica del deporte revolucionario"<sup>88</sup>.

<sup>85</sup> SCHMOLINSKY, G. **Atletismo**. Tradução Manuel Ruas. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

<sup>86</sup> ERBACH, G. Cultura física e desporto na planificação social. In: ADAM, Y *et al.* **Desporto e desenvolvimento humano**. Tradução Maria da Graça Sarmento. Lisboa: Seara Nova, 1977. p. 91.

<sup>87</sup> ECHEVARRÍA, R. F. S. Enfoque dialéctico-materialista de la evolución del deporte olímpico en Cuba en la etapa revolucionaria 1960-2004. **Lecturas - Revista digital de educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 90, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 9 out. 2006. p. 2.

<sup>88</sup> Id. Ibid. p. 3.

A crítica ao desporto capitalista estabeleceu as proposituras de um "esporte instrumento da educação socialista", desenvolvido segundo os interesses da classe operária e de todos os trabalhadores.

En la sociedad socialista, el deporte, como es sabido, está incluido orgánicamente en el sistema de educación armoniosa del hombre nuevo, edificador del comunismo, que personifica cada vez en forma mas plena la riqueza espiritual, la pureza moral y la perfección física. El objetivo del movimiento deportivo prevé, en unidad indivisible, el interés del desarrollo múltiplo del individuo y las tareas de preparación para el trabajo creativo y la lucha por los supremos ideales de la humanidad<sup>89</sup>.

Ressaltando que os socialistas foram os mais profícuos cientistas para o desenvolvimento da teoria e ciência do treinamento desportivo no século XX, pergunto: de que "esporte revolucionário" falou-se? Como a educação socialista tratou o esporte de modo diferenciado dos países capitalistas, se os parâmetros foram os Jogos Olímpicos e suas esferas espetaculares, espaço preferido para experimentação técnico-científica? Intento contrapor-me aos modelos generalizantes, defendendo que a análise do esporte e suas conexões com a escola, não se prendem ao esquema: capitalismo x socialismo. O fundamental se encontra na forma como os homens lidam com as práticas sociais nos termos de suas próprias experiências. Independente do regime político, do sistema econômico, dos palcos esportivos mais ampliados como os Jogos Olímpicos, passando pela análise dos intelectuais e da juventude, pelas artes, até o terreno escolar e suas competições esportivas, o esporte não é assimilado de modo linear pelos sujeitos; existem outras formas e práticas esportivas, existem diálogos e resistências.

No campo, aparentemente puro dos Jogos Olímpicos — ressuscitados em 1896 para serem a expressão do conagraçamento entre os homens e louvação do mais alto grau de educação corporal e estética da humanidade — a faceta técnico-científica, a instrumentalização política, por parte dos Estados, e econômica dos mercados, não conseguiu eclipsar a participação de atletas e homens comuns que o transformaram em terreno fecundo às manifestações políticas. Tomando por referência que, a partir de 1960, nos Jogos realizados em Roma, a televisão passa a transmiti-los e ser o instrumento vital de comunicação planetária; é a partir desta década que os Jogos explodirão como espaço mercadológico e espetacular nos planos econômico, político, estético e esportivo<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> MATVÉEV, L. **Fundamentos del entrenamiento deportivo**. op. cit. p. 16.

<sup>90</sup> As informações sobre os Jogos Olímpicos foram coligidas a partir da obra: CARDOSO, M. **Os arquivos das Olimpíadas**. São Paulo: Panda Books, 2000.

Alguns casos nos Jogos Olímpicos são emblemáticos e ilustrativos para superarmos a leitura do esporte como prática de acomodação e controle dos homens.

Lembrando Thompson e sua tese de que na história ocorrem mudanças técnicas modificadoras das relações de produção, sobretudo ocorrem mudanças involuntárias que afetam as experiências dos homens<sup>91</sup>, o ano de 1968 é a expressão vivaz desse processo. Um ano tenso, de manifestações juvenis, de ações rebeldes, de reações totalitárias, não poderia deixar de sê-lo também no esporte. Ano dos Jogos Olímpicos na Cidade do México, de tudo aconteceu, pois uma série de fatores confluiu para isso: uma geração de atletas extraordinários e os fatores geográficos e tecnológicos produziram recordes espetaculares; a televisão, com sua democratização, transformou o evento em espetáculo de massa; porém a efervescência política foi a tônica.

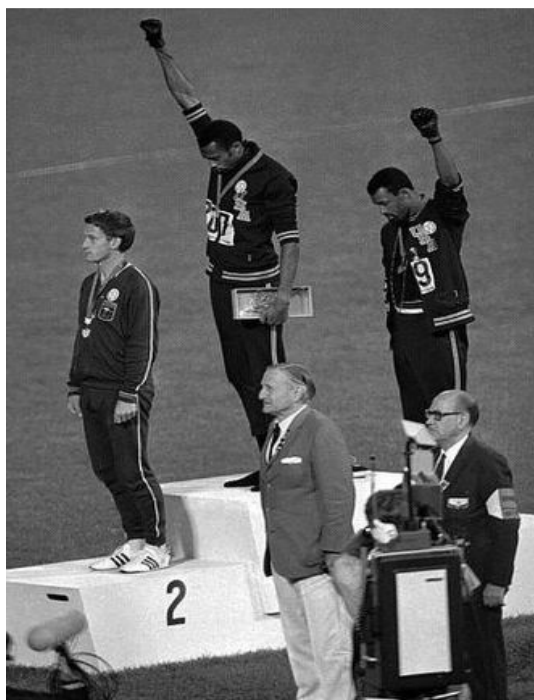
Dez dias antes da competição, como que herdando o ímpeto do "maio de 68", dez mil estudantes mexicanos tomaram a Praça das Três Culturas, no centro da Cidade do México, protestando contra a ocupação das universidades pelo exército, contra a política econômica e a distribuição de renda. A ação repressiva foi violenta, com um saldo de cerca de 300 mortos. No entanto, a festa olímpica não podia se encerrar com essa "questão interna". Os Jogos Olímpicos foram abertos porém não passariam incólumes. Duas manifestações tornariam-se clássicas.

A primeira, de Vera Caslavka. A ginasta tcheca que havia assinado o manifesto a favor das reformas de Alexander Dubcek em seu país, viajou ao México ainda impactada pelas imagens da invasão dos tanques soviéticos à Tchecoslováquia, no episódio conhecido como "Primavera de Praga". Na competição, derrotou todas as adversárias e obteve três medalhas de ouro. Na competição de solo, dividiu o 1º lugar com a soviética Larissa Petrik. O que se seguiu no pódio inflamou a torcida mexicana. Caslavka ouviu compenetrada o hino de seu país, e, enquanto, a bandeira soviética subia e começava a entoar seu hino, veio a afronta: virou-se de costas para a bandeira num claro sinal de protesto e repulsa.

A segunda eternizou a imagem mais forte dos Jogos daquele ano. Tommie Smith e John Carlos, velocistas norte-americanos, na prova dos 200 metros rasos conseguiram, respectivamente, a 1ª e 3ª colocação. No ano em que se acirrou a luta pelos direitos dos negros nos EUA, em que assassinaram Martin Luther King, os atletas tiveram uma postura ousada e arriscada.

---

<sup>91</sup> THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. op. cit.



**Figura 2** - Manifesto dos "Panteras Negras"  
DOMINIS, J. 1968. 1 fotografia, p&b.

**Fonte:** Fotografias com História - A Fábrica. Disponível em:  
<<http://grandefabrica.blogspot.com>>. Acesso em 14 fev. 2006.

A imagem é forte e atemporal. Os atletas com as calças arregaçadas até os joelhos, calçados apenas com longas meias negras, depositando estrategicamente os tênis com suas logomarcas expostas no pódio. No ato de cantar o hino americano baixaram a cabeça e ergueram as mãos em punho, envoltas em luvas negras: a saudação típica dos "Panteras Negras". Outros atletas manifestaram-se, em outras cerimônias de premiação, com as longas meias negras ou boinas negras. Contudo, o Comitê Olímpico Internacional (COI) penalizou apenas Tommie Smith e John Carlos, que nunca mais puderam competir. A repressão fora instantânea, todavia o manifesto estava feito. Na era da imagem não se apaga o visto, nem o impacto provocado.

Quatro anos depois, nas Olimpíadas de Munique, os Jogos perderam de vez sua aura mística e neutra. Terroristas palestinos do "*Setembro Negro*", ligados à "*Organização para Libertação da Palestina*", invadem a Vila Olímpica e tornam reféns, membros da delegação israelense. O saldo da invasão e reação da polícia foi a morte de um policial, cinco terroristas e onze esportistas de Israel. Nas Olimpíadas em que Mark Spitz realizou o feito inédito de sete medalhas de ouro na natação, a imagem histórica e aterradora é a do homem de



capuz cinza, olhando a Vila de cima, como que a soterrar o sonho olímpico de pureza e confraternização<sup>92</sup>.



**Figura 3** - O "Setembro Negro"

1972. 1 fotografia, p&b.

**Fonte:** Boletim do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ, set. 2006.

Disponível em: <<http://www.tempopresente.org>>. Acesso em 25 set. 2006.

A partir de então, acirraram-se as ações políticas nos Jogos seguintes com boicotes dos países capitalistas a Moscou (1980), o revide dos socialistas aos Jogos de Los Angeles (1984) e o boicote cubano a Seul (1988) em solidariedade à exclusão da "socialista" Coréia do Norte. Com o controle mercantil dos Jogos e a manipulação efetiva da televisão na sua promoção, as últimas edições tenderam a encobrir os conflitos e enfatizar o lado esportivo como superador das tensões políticas. É fato que o colapso do socialismo propiciou uma certa acomodação ao ideal olímpico espetacular, revelando uma certa vitória do capitalismo. Contudo, a esfera sagrada dos Jogos Olímpicos foi abalada e, apesar do discurso nacionalista ainda ser largamente utilizado, principalmente no resgate da memória esportiva, as apropriações dos indivíduos, acerca desses eventos, não é mais tão romântica e continua a ser um tema a investigar.

As reflexões provocadas aqui, visam a demonstrar que houve um esforço em impor uma visão do esporte como prática apolítica e alienante. Entretanto, busco revelar que os homens produzem "fraturas" nessas construções, o que nos faz perceber que a aceitação nunca é pacífica. No Brasil, a incorporação do esporte — ao contrário do que se aparenta hoje, já profundamente enraizado em nossa cultura — não foi tranqüila: à sua absorção pelo mercado e sua utilização pelo Estado, opuseram-se intelectuais e uma juventude rebelde; à sua

<sup>92</sup> No século do espetáculo, a linha que atravessa o terrorismo também é tênue e as práticas fluidas. Segundo Guy Debord (DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.), a democracia espetacular, que não quer ser julgada pelos seus resultados sociais pífios, criou seu inimigo externo: o terrorismo. Diante dele tudo o mais é aceitável: guerras, fome, tráfico de drogas, prostituição infantil. Daí que a fronteira entre terrorismo e "reação contra o terror" nunca é nítida. Nesse episódio de Munique-1972 basta analisar a reação do Mossad (Serviço Secreto Israelense) na caça aos que planejaram o ataque à Vila Olímpica e a extensão do homicídio a outros "inimigos palestinos" que nada tiveram com a sua organização. Nesse sentido, são ilustrativos: os filmes "*Um dia em setembro*" (1999), de Kevin MacDonal e "*Munique*" (2005), de Steven Spielberg, além do livro de KLEIN, A. J. **Contra-ataque**. Tradução Marilena Moraes e Iva Sofia Gonçalves Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

leitura como elemento alienante opuseram-se inspirações artísticas que o visualizaram como forma expressiva da nacionalidade brasileira.

Desde o início do século XX, intelectuais como José Veríssimo, Coelho Neto, Monteiro Lobato, sobretudo Fernando de Azevedo, defendiam um projeto nacionalista que incluía a educação física e a prática esportiva como elementos fundamentais à formação do povo brasileiro. Pautaram esse projeto, em uma interpenetração de idéias as quais iam da defesa da prática cotidiana até a ação efetiva do Estado na operacionalização do esporte para o civismo, à regeneração da raça, à preparação militar e ao trabalho. A ditadura de Vargas usou à exaustão, a força crescente do esporte, seja no incentivo à sua regulamentação, seja na formação e alistamento da juventude nos moldes fascistas. A utilização dos estádios de futebol, principalmente o Estádio de São Januário, de propriedade do Vasco da Gama no Rio de Janeiro, para as festas do 1º de maio e para a proclamação de suas ações, a exemplo do salário mínimo em 1940 e a Consolidação das Leis Trabalhistas em 1943 são o melhor exemplo de uso do esporte e de seus "templos" como campos de representação social<sup>93</sup>.

Em via contrária, uma rede de intelectuais posicionou-se frontalmente à popularização do esporte. Segundo Jorge Santos, os grupos anarquistas, comunistas e literários tiveram aproximações nesse sentido. Da recusa completa ao esporte, por parte dos anarquistas — que o interpretavam como violento, burguês, valorativo do físico, em detrimento do intelecto, e inútil, pois retirava o trabalhador das suas funções organizativas de classe — até a recusa parcial dos comunistas que enxergavam no esporte, um espaço de reunião e organização de classe para, inclusive, criar novas práticas à luz da solidariedade, passando pela crítica de intelectuais como Lima Barreto. O notável literato criou, em 1919, uma "Liga Contra o Futebol" pois, segundo sua formação spenceriana, o espírito militar e o exagero do cuidado corporal do esporte induziam os homens à barbárie. Barreto ironizava a face bárbara da elite brasileira que se auto-proclamava aristocrática, no entanto era submissa a estrangeirismos toscos como o futebol<sup>94</sup>.

No centro da tensão entre os aficionados nacionalistas, defensores da ação do Estado, num projeto de educação cívica a qual incluísse o esporte, e os críticos que só enxergavam os vícios perniciosos, estavam intelectuais apaixonados que entendiam a prática

---

<sup>93</sup> Cf. LENHARO, A. **Sacralização da política**. op. cit.; e MATOS, M. C. **O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade: o estádio de São Januário**. 2004. 75 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

<sup>94</sup> SANTOS, J. A. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)**. 2000. 274 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

esportiva como consolidada, como prática catártica representativa da máxima expressão da nacionalidade e da construção do homem brasileiro. Entre eles alinhavam-se Gilberto Freyre, Artur Ramos, José Lins do Rego e Mário Filho<sup>95</sup>.

Em ambiente efervescente de idéias, o esporte foi se popularizando, sendo expresso nas artes, na educação, sobretudo na política. Parto do princípio que, a partir dos anos 1960, o governo brasileiro investe maciçamente no desenvolvimento do esporte. Contudo, divirjo das leituras que vêem no investimento, uma instrumentalização de controle político e de alienação da juventude. O estado brasileiro "navegou na onda" do movimento internacional de valorização das tradições esportivas, e sua paulatina conversão em práticas espetacularizadas, sejam nos países socialistas ou capitalistas. Entendo que a memória brasileira foi enquadrada com base na leitura linear de outra mudança involuntária da história: uma das mais brilhantes gerações de futebolistas brasileiros vence uma Copa do Mundo no momento mais repressivo de uma ditadura! Óbvio que tal vitória foi capitalizada pelos militares, todavia é possível pensarmos se havia uma confusão entre o ambiente político e a expressão esportiva como cultura. Algumas posições radicalizaram-se e alinharam esporte e ditadura, enquanto outras tiveram a capacidade de perceber as contradições em torno do processo.

A mais notória linha de análise é a que vinculava à ditadura, a vitória brasileira na Copa de 1970 e o torpor coletivo pela vitória. É necessário matizar as relações pois, dependendo de que lado se estivesse — contra ou a favor da ditadura — uma angústia constante era; torcer ou não torcer pela seleção? Alfredo Sirkis lembra que, mesmo em meio à guerrilha, era impossível não torcer pela seleção. O êxtase contrastava com a tristeza de que a vitória seria manipulada pelo governo como triunfo do "país da alegria, do desenvolvimento, do futuro"<sup>96</sup>.

Generalizar que o povo brasileiro assistiu "bestializado" à Copa, e os militares usaram esse fato como propaganda, é limitar a capacidade de percepção do mundo por parte dos homens, bem como, é descuidar de alguns dados históricos concretos<sup>97</sup>. Marcos Guterman relembra que a imagem do Presidente Médici assistindo à Copa pela televisão ou ouvindo a transmissão pelo rádio não foi inventada pela ocasião: o General Médici era, de fato, um

---

<sup>95</sup> Id. Ibid.

<sup>96</sup> SIRKIS, A. **Os carbonários**. op. cit.

<sup>97</sup> Reporto-me ao filme de Roberto Farias, "*Pra frente Brasil*" (1982) como exemplo que pode, sem o auxílio de determinadas ponderações históricas, alinhar a bestialização coletiva ao aproveitamento dos militares para torturar cidadãos. Os brasileiros estavam entorpecidos pela vitória e havia gente sendo torturada e morta pela ditadura, mas colocar esses fatos como relação de causa-efeito me parece equivocado. Cf. SILVA, F. C. T. Futebol e política: *Pra frente Brasil*. In: MELO, V. A.; PERES, F. F. (Org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005. p. 21-30.

notório entusiasta do futebol, torcedor fanático do Grêmio de Porto Alegre, a ponto de afirmar, que seu jogador preferido no selecionado, era Everaldo, por sinal o mais limitado tecnicamente, porém o único jogador gremista a ir à Copa<sup>98</sup>.

As imagens do Presidente-ditador eram imagens comuns a todos os chefes de Estado que tendem a transformar vitórias do esporte em vitórias políticas, sejam eles democratas ou tiranos, liberais ou socialistas. Todavia, uma análise das propagandas oficiais do governo Médici revela que não foi feita nenhuma associação ao esporte, principalmente o futebol. Uma possível exceção seria a campanha que convocava a população a investir na Loteria Esportiva Federal, entretanto o foco da campanha foi mais o incentivo à ascensão social e auxílio aos programas sociais, do que ao futebol<sup>99</sup>.

O confronto entre os críticos e as práticas me parecem revelar que existe, de certo modo, um ranço intelectual com o esporte que, dadas as suas dimensões catárticas e populares, é visto como algo superficial, incapaz de ser um "termômetro" de aferição da dinâmica histórica<sup>100</sup>. Como venho tentando demonstrar, esse processo de aceitação e resistência do esporte é conflituoso. Foi alvo de crítica, mas também de manifestação crítica das mazelas sociais, sendo possível apreendê-lo nas manifestações artísticas da época, na efervescência cultural juvenil e no olhar de alguns intelectuais, enquadrando sua memória, ora como foco de alienação ora como forma legítima de manifestação da nacionalidade<sup>101</sup>.

<sup>98</sup> GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

<sup>99</sup> AZEVEDO, S. C. S. **Regime militar: entre tapas e beijos - uma análise das peças publicitárias na era Médici**. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Ovidio Teixeira, 2006. É interessante ressaltar como as linhas entre ditadura e democracia no estado brasileiro, principalmente no que toca a fenômenos de massa como o esporte, são confusas e não podem ser os parâmetros de investigação. No governo presidencialista democrático do Presidente Lula, a estrutura oficial esportiva tem apoio mais que explícito. Como exemplo, recorde-se a aprovação, em dezembro de 2006, e implementação, em fevereiro de 2008, da "*Timemania*", loteria criada para saldar as dívidas dos clubes de futebol com a Previdência Social e a Receita Federal.

<sup>100</sup> Nelson Rodrigues usou de seu sarcasmo para ironizar esse ranço intelectual com o futebol. Em crônica de 1965 dizia que a medida da estupidez humana é: "*ser burro como um sociólogo*". E continuou: "*há três dias, aconteceu no Maracanã a batalha entre o Brasil e a Bélgica. Todos os brasileiros vivos e mortos estavam lá. Defuntos de algodão nas narinas atravessaram as borboletas. Tinham pulado os muros do além para torcer. Só um brasileiro faltou: - o sociólogo. Entre cento e tantos mil patrícios, não vi uma única e escassa flor da sociologia*" (RODRIGUES, N. **A pátria em chuteiras**. op. cit. p. 96-97).

<sup>101</sup> Na música foram notórias as manifestações de Sérgio Ricardo com "*Beto bom de bola*" (1967) e Jorge Ben com "*Fio Maravilha*" (1972), nos Festivais da Canção, Cf. NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo; Contexto, 2001. No teatro vale conferir a aflições dos jovens guerrilheiros em meio à Copa do Mundo de 1970, Cf. GOMES, D. **Campeões do mundo: mural dramático em dois painéis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. No cinema, alguns filmes conseguiram fazer uma mediação interessante entre o entorno sócio-político e a paixão esportiva, a exemplo de "*Garrincha, a alegria do povo*" (1963), "*Asa Branca, um sonho brasileiro*" (1981), "*Boleiros*" (1994) e "*O ano em que meus pais saíram de férias*" (2006). Na televisão, telenovelas como "*Irmãos Coragem*" (1969) e "*Vereda Tropical*" (1983) trataram o esporte como um mecanismo de ascensão social, problematizando-o em alguns aspectos. Cf. HAMBURGER, E. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 439-

Aceitação e crítica. Expressão popular e alienação. Da teoria às práticas, passando pelas artes. Tradição e modernidade. O esporte, do plano internacional ao nacional, foi uma das grandes "vigas mestras" de sustentação da modernização brasileira. Em meio à espetacularização social, suas tradições foram consolidadas com adesões e resistências. Como a história e as práticas sociais não são lineares e o século do espetáculo está em curso, é possível acatarmos as teses de Debord, de que o espetáculo é o reino da contemplação passiva? Que o espetáculo produz a circularidade do isolamento ao reunir multidões solitárias frente à TV?<sup>102</sup> Então, o esporte, ao reunir essas condições, seria a quintessência da expressão imagética do capital?

Entendo que o esporte é um espaço de recriação cultural permanente. A ida ao estádio, ao cinema ou teatro, ou assistir à Copa do Mundo com a família frente à TV, como todos os rituais, são passíveis de reinterpretação. Não acredito na tese de que as mensagens, sejam na música, no cinema, na escola, sobretudo na televisão, são aceitas linearmente de acordo com a intenção do emissor. Stuart Hall provoca uma reflexão notável: o receptor, espectador ou torcedor pode decodificar qualquer mensagem conforme foi projetada pela intenção do emissor, operando dentro do código dominante; pode compreender e não compreender a mensagem, estabelecendo licenças e adotando uma postura negociada; finalmente, pode operar com uma codificação elaborada que se contraponha à mensagem, assumindo um código de oposição<sup>103</sup>. Essa perspectiva insurge-se de uma postura não-colonialista. As consciências não são assaltadas, os homens não são feitos, fazem-se nos contornos de suas práticas e experiências. O esporte, enquanto produto e produtor da modernidade, passou por reelaborações, reconstruções, formatações e padronizações técnicas, táticas e regulamentares. Por conseguinte, sua construção cotidiana, sua penetração na escola, suas demandas espetaculares produziram uma sociedade que se torna cada vez mais espetacularizada.

### **3.3.2. O mundo é esportivo! O discurso e a prática educacional do esporte**

A afirmação, de que o mundo é esportivo (não à toa, o mundo é uma bola), encontra respaldo no processo de sua constituição, como tradição que democratiza o acesso ao espaço público, expande e libera a expressão corporal dos sujeitos, manifesta identificações

---

487.; e RIBEIRO, J. A política dos costumes. In: NOVAES, A. (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 128-143.

<sup>102</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit.

<sup>103</sup> HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2006.

coletivas, sobretudo nacionalistas. Essencialmente, o esporte é representativo pois, numa era que assumiu a forma escolar como o caminho de formação da juventude, sua inserção na sociedade foi amparada pelo seu discurso e prática educativos.

Das proposições, de Thomas Arnold nas *public schools* inglesas, nas quais o esporte era um instrumento formativo, passou-se à institucionalização de suas práticas tomando-se por base as idéias do Barão Pierre de Coubertin, expressas na fundação, em 1894, do COI. O COI seria, na concepção de Maurício Cardoso, um "misto de sociedade de poetas mortos, organização mafiosa fechada, diretório empresarial e ONG esportiva supranacional"<sup>104</sup>.

Os princípios de Coubertin, baseados numa idealização dos Jogos Olímpicos da Antigüidade, eram a valorização da competição sadia e leal, o culto à estética corporal e à atividade física. O fundamento era, primordialmente, educacional, ainda que uma educação para as elites. Contudo, as formulações, as quais resultariam na criação dos Jogos Olímpicos da era moderna, eram contraditórias em relação a essa marca educacional. Na "*Carta Olímpica*" determinou-se como princípios fundantes que: o COI seria o gestor dos Jogos Olímpicos; os Jogos realizar-se-iam a cada 4 anos em cidades-sede, escolhidas pelo COI; os Jogos seriam universais, não gregos; seria permitida somente a participação de atletas amadores, não se fundamentando em competições entre países, mas entre homens; o movimento olímpico seria apolítico, reconhecendo a igualdade de todos com base nos direitos universais do homem<sup>105</sup>. A suprema contradição do olimpismo era sua faceta apolítica. Conforme demonstrado, várias foram as ações de indivíduos que afrontaram essa norma e fizeram dos palcos olímpicos, cenários de seus manifestos políticos. O COI, desde o início, não se esquivou de fazer política: proibiu a participação de Alemanha e Áustria nos Jogos de 1920 e 1924 por conta de suas atuações na I Guerra Mundial, porém consentiu em dar a Hitler, a primazia de realizar os Jogos que modificariam para sempre a imagem política do evento. Considerando as manifestações crescentes no México (1968) e Munique (1972), o COI propõe, inclusive, a mudança do juramento do atleta que, desde Montreal (1976), assim se pronunciaria: "Em nome de todos os competidores, prometo que participamos nos Jogos Olímpicos com lealdade, respeitando os regulamentos que os regem e desejosos de participar com espírito cavalheiresco para a glória do esporte e a honra de nossas equipes"<sup>106</sup>. A pequena

---

<sup>104</sup> CARDOSO, M. *Os arquivos das Olimpíadas*. op. cit. p. 22.

<sup>105</sup> Id. Ibid.

<sup>106</sup> FAJARDO, J. A. T. Superación de los conflictos de orden internacional por parte del Movimiento Olímpico de la era moderna a lo largo del siglo XX. *Lecturas - Revista digital de educación física y deportes*, Buenos

alteração foi a substituição da honra de "nossos países" pela honra de "nossas equipes". Com isso, o COI ratificava sua posição de que os atletas representavam seus comitês olímpicos nacionais, não seus países. A grande questão era convencer o público de que, aquele sujeito, que competia sob sua bandeira, representava apenas um comitê esportivo, bem como era impossível conter o ímpeto dos meios de comunicação de massa em contabilizar medalhas, classificando os países pelas suas conquistas<sup>107</sup>.

Óbvio que as tentativas de manter os Jogos Olímpicos neutros, foram recursos de retórica. Funcionavam como uma tradição que inspirava nacionalismo, porém o fundamento era a crescente mercadorização do evento e dos atletas. Segundo Eloy Altuve, o esporte transformou-se, via Jogos Olímpicos, em uma atípica empresa transnacional de espetáculo e entretenimento. Se desde 1928, a Coca-cola já patrocinava o evento e a televisão tornou-se a principal financiadora do COI desde 1960, foi a partir de 1968 que se construiu uma moderna empresa de marketing esportivo: promoção de artigos e implementos esportivos por parte dos atletas<sup>108</sup>. Agora a dificuldade é explicar ao público que atletas os quais entoam o hino a cada medalha conquistada, não representam o país, mas uma marca internacional de equipamentos esportivos<sup>109</sup>. Se a dimensão política estremeceu em Berlim (1936) e ruiu no México (1968), a dimensão mercadológica e espetacular solidificou-se em Los Angeles (1984):

[...] É apenas a partir do período 1984-1986 que o esporte de competição como espetáculo entrou verdadeiramente na área do mercado com a privatização do financiamento dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, a exploração comercial dos símbolos olímpicos, a criação de um programa mundial de marketing dos jogos, o abandono dos monopólios das televisões públicas, notadamente na Europa, e o lançamento concomitante de numerosos canais de televisão privados<sup>110</sup>.

O esporte convertera-se numa indústria espetacular; e como espetáculo tornara-se auto-evidente e incontestável. O exercício da crítica é o exercício de recriação cultural, de

---

Aires, n. 59, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 16 ago. 2006. Tradução livre de minha autoria.

<sup>107</sup> De fato, o COI nunca reconheceu contagem de medalhas por país e jamais proclamou qualquer país como "campeão dos Jogos Olímpicos". Nesse contexto, os Jogos sistematizam-se como na Grécia clássica, ou seja, um concurso de jogos, de modalidade independentes.

<sup>108</sup> ALTUVE, E. Surgimiento de la globalización deportiva. **Lecturas - Revista digital de educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 86, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 30 out. 2005.

<sup>109</sup> A mercadorização do esporte de alto nível é tamanha que, hoje, se torna difícil convencer um atleta a se submeter a uma rotina estressante de treinamento para defesa da pátria. O exemplo típico é o do "Dream Team" de basquete masculino dos EUA que encantou o mundo nos Jogos de Barcelona (1992). Vários afirmaram que não iriam dispensar suas férias para ir disputar novas olimpíadas, pois eram atletas da Liga Norte-americana de Basquete Profissional (NBA), não da Confederação Norte-americana de Basquete.

<sup>110</sup> BOURG, J.-F. e GOUGUET, J.-J. **Economia do esporte**. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2005. p. 15.

redimensionamento do esporte à luz de seus significantes humanos que se expressam com maior vigor no meio escolar. Os Jogos Olímpicos foram espetacularizados, entretanto o COI e a indústria que o financia jamais abriram mão de seu "discurso educativo". Diante desse quadro, como conviveram a realidade mercantil e política do esporte, com o discurso educacional e a sua pedagogização ou a sua "escolarização"?

Tomando por base que Coubertin era um homem de seu tempo, burguês e formado nos rigores das luzes e do racionalismo, entendo que a idealização do esporte helênico conduziu-o a defender, via COI e sistemas nacionais de ensino, sua escolarização. Enquanto projeto educacional e produção cultural fundamental à formação da juventude, o esporte foi, *pari passu* ao desenvolvimento do olimpismo, abraçado e desenvolvido por todos os Estados-nações do planeta, validando seu discurso educativo.

A partir da década de 1960, educação e esporte unificaram-se no discurso de formação humana integral na linha de defesa dos Estados e de organismos internacionais. Em 1965, foi publicado o "*Manifesto do Esporte*", o qual defendia a promoção do homem pelo esporte, o direito de todos à prática esportiva, sendo que, "as atividades esportivas devem fazer parte integrante de todo o sistema de educação. Elas são necessárias ao equilíbrio e à formação geral dos jovens. Preparam-nos para a sã utilização dos seus lazeres de adultos"<sup>111</sup>. Para o Conselho Internacional de Educação Física e as várias instituições internacionais que subscrevem o documento, era necessário resgatar o ideal esportivo, deplorado pelas fraudes em competições internacionais. Ao poder público e aos organismos desportivos, caberia então, regulamentar a relação esporte e educação, apoiando-a nos preceitos imperativos de "justiça e promoção humana"<sup>112</sup>, numa formação equilibrada: intelectual, física e estética. Buscava-se formar os jovens para o trabalho, sobretudo para gozo de seu tempo livre.

Seguindo essa linha, a FIEP publica, em 1971, o "*Manifesto Mundial de Educação Física*" que também defendia os valores educativos do esporte em sua concepção ideal como jogo. O manifesto criticava os rumos do esporte-espetáculo porque tinha como conseqüências: a depreciação da educação física escolar com insuficiência de verbas, pessoal e instalações; a transformação de professores em treinadores; a indiferenciação com o desporto de massa. A educação física, por sua vez, teria como objetivos: a busca do corpo sã e equilibrado; o desenvolvimento de qualidades motoras, perceptivas, intelectuais e morais. Enquanto isso, o esporte compreenderia na educação: as competições sistematicamente organizadas, o treino

---

<sup>111</sup> CONSEIL INTERNATIONALE D'EDUCACIÓN PHYSIQUE. *Manifesto do Esporte*, de outubro de 1964. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 98.

<sup>112</sup> Id. Ibid. p. 110.



esportivo e o "jogo-esporte". A perspectiva adotada era um projeto de escolarização do esporte:

[...] esporte escolar e universitário dirigido pelos educadores, liberto da tendência de vencer a qualquer preço, dependendo o menos possível de imperativos financeiros, organizado segundo fórmulas que permitam a participação dos mais fracos e com uma frequência e dosagem constantemente adaptadas às possibilidades dos alunos e às necessidades dos estudos (de maneira a servir os estudos e não a prejudicá-los)<sup>113</sup>.

Em 1978, a UNESCO, baseada na "Declaração Universal dos Direitos do Homem", tornou pública a "*Carta Internacional de Educação Física e Desportos*". Defendia-se a Educação física e o esporte como direito de todos, parte essencial e permanente do sistema global de educação, conclamando governos, organizações não-governamentais, educadores e famílias para a consecução de suas práticas. Proclamava-se a pesquisa e a avaliação, como elementos indispensáveis à construção de novos métodos pedagógicos na formação da juventude. A "*Carta*" acatava a dimensão idealizada dos Jogos Olímpicos ao proclamar que: "os desportos de competição, mesmo em suas manifestações espetaculares, devem permanecer, segundo o ideal olímpico, a serviço do desporto educativo, do qual são o corolário e a ilustração. Devem ser livres de quaisquer interesses comerciais visando lucro"<sup>114</sup>.

Nesse contexto, intelectuais como René Maheu, diretor da UNESCO, e Pierre Seurin, presidente da FIEP, ratificaram a defesa dos princípios do esporte como educação. Maheu criticava o espetáculo esportivo por ser um espaço para poucos, todavia reconhecia que o esporte tinha um alcance popular o qual possibilitava, pela força da juventude e suas capacidades estéticas e éticas, ter resgatada sua vocação educativa<sup>115</sup>. Já Pierre Seurin advertia que, além da seletividade, o esporte tornara-se propriedade de agenciadores do espetáculo, buscando tão somente formar campeões e gerar capital. Ao Presidente da FIEP, urgia resgatar seu valor educativo, aplicando-o em sua pura concepção — jogo, luta, atividade física intensa de auto-conhecimento e auto-superação —, estimular o desenvolvimento de atividades físico-

<sup>113</sup> FEDERATION INTERNATIONALE D'EDUCATION PHYSIQUE. *Manifesto Mundial de Educação Física*, de janeiro de 1971. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 84.

<sup>114</sup> UNITED NATIONS EDUCATION, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. *Carta Internacional da Educação Física e Desportos*, de 21 de novembro de 1978. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Coordenação de Educação Física. **Educação Física e Desportos – Documentos**. Curitiba: [s.n.], 1982. p. 134.

<sup>115</sup> MAHEU, R. Desporto e Educação. **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 16, p. 6-23, jul./ago.1973.

recreativas e desporto desinteressado, para retirar os homens do sedentarismo, elevando para tanto, o nível de cultura geral e formação científico-pedagógica dos professores<sup>116</sup>.

As posições dessas agências internacionais devem ser vistas nos mesmos moldes das ações dos Estados: com ponderação. Assim como não é possível acreditar que o Estado formate as práticas cotidianas dos sujeitos, é difícil crer que as propostas de tais agências sirvam como parâmetro para a construção oficial das práticas esportivas e educativas em todo o mundo. Tais propostas voltavam-se à garantia de acessibilidade do esporte, colocando-o como “direito social de responsabilidade do Estado”. Esse princípio expõe uma contradição insanável da sociedade do capital: os slogans de direitos sociais escondem seus sinais e códigos distintivos de classe, pois, quando se fala em garantir direito a “algo”, omite-se que esse “algo” já não mais pertence a todos e foi alçado ao status de mercadoria. Entretanto, a ênfase dada aqui, é demonstrar que diante da crescente mercantilização do esporte institucionalizado, existiam propostas que defendiam seu cunho educativo. Tais propostas pautavam-se em moldes capitalistas e liberais. Mas, conforme aludi que o século era esportivo, os países socialistas também abraçaram essa contradição: ter os eventos esportivos internacionais como indicadores de desenvolvimento, mas defendendo um "esporte para o povo". Para Matvéev,

El deporte, como fenómeno social multilateral, representa al factor más activo de la educación física, a una de las formas fundamentales de la preparación del hombre para la actividad laboral y de otro género socialmente indispensables, y a la par, a uno de los medios más importantes de la educación ética y estética; la satisfacción de las demandas espirituales de la sociedad, y a la consolidación y ampliación de los vínculos internacionales<sup>117</sup>.

As fontes indicam e dão sustentação à tese de que o ambiente internacional, independente de regime político ou econômico, era esportivizado. No âmbito do espetáculo, mediante competições internacionais, como os Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, enfatizava-se sua veia mercadológica, confrontada com as manifestações políticas no seu seio. No âmbito discursivo, saúde, educação, defesa da pátria, formação do caráter e preparação para o trabalho, nortearam todos os Estados-nações ao longo do último século. Diante dessas considerações é possível pensar na incorporação do discurso esportivo como proposta, somente, do Estado burguês? No cenário esportivizado articulava-se desenvolvimento do país,

---

<sup>116</sup> SEURIN, P. Educação física e desportos: cooperação ou conflito? **Revista Brasileira de Educação Física**, Brasília, n. 13, p. 6-13, jan./fev. 1973.

<sup>117</sup> MATVÉEV, L. **Fundamentos del entrenamiento deportivo**. op. cit. p. 7.

do regime político, do indivíduo com o desenvolvimento esportivo. A defesa do esporte era, então, uma regra universal.

O desenvolvimento nacional imbricado ao esporte tornou-se política de Estado no Brasil, a partir dos anos 1960, e não poderia ser diferente. Contudo, divergindo das leituras que reputam a esportivização da escola à iniciativa do Estado, torna-se necessário pensar no que efetivamente enraizou a transição entre a escolarização do esporte e essa esportivização. O que foi preconizado no "*Diagnóstico*" de 1971: defesa da regulamentação da legislação esportiva; de formação de professores qualificados; de construção de palcos esportivos; de desenvolvimento de materiais e recursos humanos; de pesquisa para o treinamento esportivo; e a tese da "pirâmide esportiva" na qual o esporte de massa e o escolar formariam a elite esportiva<sup>118</sup>, não formatou a esportivização da escola, pois não foi levado à frente e não se traduziu em ações efetivas e duradouras, ao menos não na escola pública. Taffarel, ao refletir sobre as proposições do *Diagnóstico* e seus efeitos na contemporaneidade, ratifica essa conclusão posto que as políticas de governo, na última década, tem investido pouco no sistema educacional; na área de educação física investe-se em organismos burocráticos que se sobressaem pelo alto grau de oportunismo, politicagem e corrupção; a formação de professores de educação física tem se expandido pela lógica das universidades privadas, à medida que se desgastam as universidades públicas; a educação física continua com uma oferta para a educação básica, extremamente deficiente, devido à falta de estrutura das escolas públicas, no que se refere a material didático e espaços pedagógicos condizentes; a organização esportiva brasileira, notadamente clubes e federações, vem sendo alvo constante de denúncias de corrupção; e a dicotomia educação física e esporte vem se acirrando pela via do legalismo das diretrizes curriculares da área, a qual divide a formação entre os cursos de Licenciatura e Graduação/Bacharelado, além do Conselho Federal de Educação Física e sua postura corporativista, que fere a autonomia da área em pensar seus projetos de intervenção pedagógica e formação humana<sup>119</sup>.

Considerando as deficiências na implementação das propostas do Diagnóstico e o atual quadro da área, como entender que a escola foi "esportivizada"? Defendo que o processo de esportivização deveu-se pela solidificação e expansão das tradições, expressas em rituais construídos a partir dos Jogos Olímpicos, que tiveram repercussão em competições escolares, a exemplo dos Jogos da Primavera.

---

<sup>118</sup> COSTA, L. P. **Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil**. op. cit.

<sup>119</sup> TAFFAREL, C. N. Z. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Movimento**, Porto Alegre, n. 13, p. xv-xxxv, dez. 2000.

Retomando Paul Connerton e seu argumento de que o enraizamento da memória se dá pelas cerimônias comemorativas e práticas corporais, é possível deduzir que o esporte, enquanto tradição inventada, pautada em imagens, representações, práticas e ritos corporais, consubstanciou o epicentro da memória espetacular do século XX. Para tal indução cabe refletir sobre o que é ritual. Segundo Connerton, os rituais se referem às atividades com normas fixas e caráter simbólico que remetem a significados, sentimentos e pensamentos especiais a seus praticantes. Não são meramente expressivos, nem somente formais, assim como não se limitam à cerimônia em si<sup>120</sup>.

Entendo que o esporte refere-se a pessoas e acontecimentos prototípicos, sejam históricos ou míticos. Os ritos esportivos relembram fatos e pessoas que existiram ou não, alimentam sonhos e anseios reais ou ideais. Da prática à assistência, o esporte é eivado de rituais: do sujeito que se prepara para entrar em campo, ao sujeito que se prepara para assistir ao espetáculo; do atleta que carrega a bandeira do país, ao homem comum que canta emocionado o hino de seu país em casa; do garoto que está jogando a "pelada", ao garoto que espera a sua vez de entrar em "cena", de ir para o campo, passando pela namoradina que sai de casa pra assistir ao jogo. O esporte foi incorporado à escola com seus caracteres ritualísticos e estes foram exacerbados nas competições escolares. É preciso, então, perceber que os rituais olímpicos, expressões copiadas universalmente, não são uma herança grega.

Os Jogos Olímpicos da Grécia clássica eram apenas um dos muitos concursos atléticos das cidades-estado. Assim como as Festas Píticas, em Delfos; as Festas Ístmicas, em Corinto; as Festas Panatenéias, em Atenas; existiam as Festas Olímpicas, em Olímpia. Realizados ao pé do Monte Olimpo — suposta morada dos imortais — os Jogos envolviam ritos religiosos e sacrifícios a Zeus; competições gímnicas, eqüestres, de corridas, saltos, lançamentos e lutas, envolvendo efebos e adultos. Não há quaisquer registros de fogo olímpico, tocha e pira olímpica, juramento do atleta e desfile dos atletas representando suas localidades. Então, de onde vieram os rituais que são reencenados a cada quatro anos nos Jogos Olímpicos?

Para os Jogos de Berlim em 1936, Adolf Hitler encomendara à cineasta Leni Riefenstahl, a produção de um filme majestoso, que mostrasse ao mundo a superioridade da raça ariana. Estudando os rituais de abertura dos Jogos antigos, a cineasta percebeu que não havia nenhuma aura de sagrado representando a idealização estética grega. A diretora inventa, então, a mais simbólica e forte tradição imagética dos Jogos: o vínculo ao ideário grego e a

---

<sup>120</sup> CONNERTON, P. *Como as sociedades recordam*. op. cit.

mística do fogo sagrado. Os rituais são idealizados pela imaginação de Riefenstahl, como se o "fogo olímpico" pudesse ser levado do Templo de Zeus, para a moderna Berlim, de 1936, e se perpetuaram na memória social<sup>121</sup>.

Na imagem abaixo do fogo olímpico, Riefenstahl solidificou a tradição ritualística dos Jogos, que objetivamente não se limitaram à expressão e ao formalismo, nem ficaram limitados à cerimônia<sup>122</sup>.



**FIGURA 4** - O fogo sagrado em "*Olympia*"  
RIEFENSTAHL, L. 1938. 1 fotografia, p&b.

**Fonte:** Site oficial de Leni Riefenstahl. Disponível em:  
<<http://leni-riefenstahl.de/eng>>. Acesso em 13 de fev. 2006.

O modelo de corpo perfeito refletiu o ideal olímpico, o qual possibilitou a incursão e a fabricação de heróis alçados à condição de deuses ao longo da história olímpica. Tal tradição seria repetida indefinidamente, principalmente nas competições escolares.

Não bastasse ter inventado a cerimônia sagrada de abertura, Riefenstahl deu vida ao "Discóbulo" de Miron que se tornaria o símbolo da formação de professores de educação física, ligando-os umbilicalmente a um esporte idealizado, que se tornou clássico.

Os atletas seriam sujeitos perfeitos, espelho de uma juventude que se queria forte, sadia e patriótica. O vínculo ao nazismo, por sua vez, encerrou a possibilidade de pensar o olimpismo de modo neutro e apolítico, uma ode somente à estética e à educação corporal<sup>123</sup>.

No âmbito educacional, ainda que as normas regulamentares fossem ditadas pelas regras oficiais do esporte, foram os rituais olímpicos inventados, e reproduzidos em várias competições esportivas, que se tornaram a marca predominante do enraizamento da memória esportiva brasileira.

Certamente as competições escolares têm origem mais antiga que a década de 1940, todavia, entendo que um evento marca, de maneira indelével, a relação esporte e escola

<sup>121</sup> ALMEIDA, M. J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 79-108.

<sup>122</sup> Cf. "*Olympia*" (1938), Direção: Leni Riefenstahl. Parte I - Ídolos do estádio. Minuto: 10:57.

<sup>123</sup> Cf. A análise do filme e seus ecos em: MELO, V. A. Jogos Olímpicos e Arte: *Olympia*. In: \_\_\_\_\_; PERES, F. F. (Orgs.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005. p. 53-64.

no Brasil: os Jogos da Primavera, realizados no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Mário Filho e seu "*Jornal dos Sports*", de 1949 a 1972.

Os Jogos da Primavera surgem em 1949, como uma Olimpíada feminina que deu nova representatividade social à mulher, uma dimensão que já vinha sendo conquistada desde fins do século XIX. A promoção do "*Jornal dos Sports*" preconizava a democratização do acesso ao esporte o qual incluía escolas, clubes e até mesmo, atletas não vinculados a instituições. Estes deveriam apenas solicitar sua inscrição aos organizadores. Os Jogos pautaram-se em mega-eventos nos estádios do Rio de Janeiro, principalmente nas Laranjeiras e, posteriormente, no Maracanã. As cerimônias de abertura reencenavam os ritos olímpicos. Envolvia figuras ilustres da política nacional, da sociedade fluminense, além de atletas reconhecidas como Maria Lenk e Piedade Coutinho. Afora as competições esportivas, a sociedade se mobilizava em torno da escolha da "Rainha dos Jogos da Primavera". A escolha da "Rainha" perspectivava o encontro de uma "ontologia do ser feminino": beleza, graciosidade, encantamento e esportividade<sup>124</sup>.

O ideário dos Jogos da Primavera não descolava da figura de seu idealizador, o jornalista Mário Rodrigues Filho. Mário Filho inseria-se no corpo de intelectuais que, como Gilberto Freyre, analisava o esporte como expressão máxima de valorização da nacionalidade, de democratização popular. Como jornalista, enfatizou a dramaticidade do futebol em suas crônicas, aproximando torcedor e clubes, criando identificações imagéticas com fotos inusitadas das partidas e manchetes bombásticas. Trabalhou pelo profissionalismo no futebol e pela construção do Maracanã. Sagaz, sabia que o aumento da popularidade do esporte ampliaria o papel da imprensa esportiva e o consumo de jornais. Como intelectual, investigou talvez, como um pioneiro, os meandros do futebol com um olhar sociológico. Sua obra "*O negro no futebol brasileiro*" (1947) mostrava o futebol como possibilidade de ascensão social do negro, valorizando sua participação na formação da cultura brasileira. Sua paixão pelo espetáculo, porém, impedia-o de perceber que a democratização e ascensão social sempre eram parciais e para alguns privilegiados<sup>125</sup>.

A promoção dos Jogos da Primavera lhe possibilitou dar vazão à sua paixão esportiva, bem como, ampliar a vendagem de seu jornal, solidificando uma forte representatividade social, receber dividendos políticos com a presença dos Presidentes da República, na tribuna de honra para abertura de todas as edições dos Jogos. Entrementes,

---

<sup>124</sup> BOCCARDO, L. M. **Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização.** op. cit.

<sup>125</sup> ANTUNES, F. M. R. F. "**Com brasileiro, não há quem possa!**": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

conseguiu manter certa independência política pois nunca permitiu que a organização dos Jogos da Primavera tivesse apoio de políticos<sup>126</sup>.

Visto por Ludmila Mourão como o "Homero do esporte"<sup>127</sup>. Percebo-o, assim como fora o *aedo* grego, como um grande inventor de tradições. Primeiro, na percepção da lógica esportiva, como reunião da sociedade em torno de determinadas práticas. Como em fevereiro não tinha futebol, Mário Filho cria uma competição no carnaval entre escolas de samba, o que geraria, no futuro, o famoso "desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro". Segundo, na criação do espaço esportivo como espaço de identificação com a nação e o clube. Mário Filho ao apoiar a profissionalização do futebol, ocorrida em 1933, e percebendo a cisão no futebol carioca entre a Liga Carioca de Futebol e a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, apóia a realização do campeonato carioca e conclama os dirigentes da Liga a promoverem campeonatos entre as torcidas, patrocinados pelo jornal "*O Globo*". A torcida acata o conclame e colore as arquibancadas, até então informais e sisudas, com as cores dos clubes, com bandeiras, camisas, fogos de artifício e charangas de carnaval. Mário Filho criara o modelo das torcidas organizadas de futebol<sup>128</sup>.

Segundo, que nos termos de Hobsbawm, dois símbolos públicos são essenciais para enraizar tradições históricas, principalmente o esporte: os monumentos públicos e os selos postais<sup>129</sup>. No caso do primeiro, Mário Filho conseguiu imprimir, postumamente, seu nome ao, até fins dos anos 1990, maior estádio de futebol do mundo. O popular Maracanã, que o jornalista obstinadamente ajudou a erguer do sonho à realidade, passou a se chamar, "Estádio Estadual Mário Filho"<sup>130</sup>. No caso dos selos postais, os Jogos da Primavera passaram a estampar com seus símbolos, durante duas décadas, cartas que viajavam o Brasil e o mundo.



**FIGURA 5** - Selos Postais dos "Jogos da Primavera".  
1954-1959. 6 selos postais, color.

**Fonte:** RHM Filatelistas.

Disponível em: <<http://www.oselo.com.br>>. Acesso em 30 nov. 2005.

<sup>126</sup> BOCCARDO, L. M. **Representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização.** op. cit.

<sup>127</sup> Id. Ibid.

<sup>128</sup> ANTUNES, F. M. R. F. "**Com brasileiro, não há quem possa!**": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. op. cit.

<sup>129</sup> HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. op. cit.

<sup>130</sup> Cf. SÉRGIO, R. **Maracanã: 50 anos de glória.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

O símbolo do fogo olímpico e as estampas das jovens cariocas praticando ginástica, atletismo, voleibol, arco e flecha revelavam a marca de uma tradição que se espalharia por todo o Brasil. É possível precisarmos hoje, além dos originais Jogos da Primavera no Rio de Janeiro encerrados em 1972, trinta e sete novas realizações de festas esportivas com a nomenclatura "Jogos da Primavera". Jogos organizados por prefeituras, governos estaduais, clubes e instituições filantrópicas e recreativas, além de colégios privados e públicos que realizam seus jogos internos com esse designativo<sup>131</sup>.

O estado de Sergipe não ficou aquém com relação aos avanços educacionais do período, às tensões políticas oriundas da tutela militar, à efervescência cultural rebelde e/ou acomodada, ao ambiente esportivizado baseado nas tradições. Os Jogos da Primavera encontraram eco no estado, a partir de 1964, formando uma tradição social, passando a ser o horizonte da Educação Física escolar, conformando a rotina escolar ao fluxo de seu tempo, bem como à memória social dos que viveram intensamente essa história.

Debord afirma que vivemos um tempo pseudocíclico transformado pela indústria. É o tempo consumível da mercadoria, o consumo das imagens<sup>132</sup>. O esporte pode ser um alvo das críticas de Debord, pois a rotina do cotidiano nos acostumou a aguardar ansiosos uma Olimpíada (originalmente, "Olimpíada" se referia ao período de quatro anos entre cada edição dos Jogos Olímpicos, não os próprios Jogos); nos conforma a adequar nossa existência aos horários dos grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo, por exemplo. Nesses termos, concordar com Debord é assumir que continuamos reféns de Cronos, o deus que governa o tempo e que agora é visível: o capital imagético. Nesse tempo pseudocíclico, jamais pensaríamos no tempo necessário ao amadurecimento de qualquer projeto de formação humana. O esporte nunca poderia ser pensado como um acervo cultural, fundamental à formação integral da juventude, inclusive no âmbito de torneios escolares.

Contraponho-me a essa compreensão de aprisionamento cultural, de uma hegemonia sem saídas. Portanto, concordo com Thompson que

[...] não posso aceitar a visão, popular em alguns círculos estruturalistas na Europa Ocidental, de que a hegemonia impõe uma dominação abrangente aos governados – ou a todos que não são intelectuais – chegando até o próprio limiar de sua experiência, e implantando em suas mentes, no

<sup>131</sup> Esse levantamento foi feito a partir de consulta a sites de "busca" na World Wide Web. Reconheço os limites desse tipo de investigação, posto que nem todos os dados de práticas esportivas e escolares estão disponíveis na internet, assim como podem existir eventos já realizados e que não foram ainda disponibilizados em meio digital. De todo modo, não busco estabelecer uma análise desses Jogos à guisa de comparação com o estado de Sergipe. Esse levantamento serve para comprovar a representatividade que o nome "Jogos da Primavera", originários do Rio de Janeiro, sob a batuta de Mário Filho, conquistou em âmbito nacional. Cf. Lista completa dos Jogos da Primavera pelo Brasil no **Apêndice A**.

<sup>132</sup> DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. op. cit.



momento do nascimento, categorias de subordinação, das quais eles são incapazes de se livrar e que sua experiência não é capaz de corrigir<sup>133</sup>.

A compreensão dos Jogos da Primavera em Sergipe perpassa pela compreensão do "século esportivizado". Pela influência das tradições, como foram organizadas e assimiladas, principalmente, com a influência dos rituais olímpicos. Pela visualização da ação juvenil no centro dos *Jogos*, suas condições de participação em meio à complexidade do contexto político. Pela percepção de como os professores e a sociedade constituíram uma dimensão de "escolarização" do esporte, como elemento formativo dos jovens, mediada pela imprensa, pelos interesses da classe política, dos diretores escolares e alunos. "Mergulhar" no próximo capítulo é aceitar o desafio de desbravar a "Iniciação" dos Jogos da Primavera em Sergipe.

---

<sup>133</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. op. cit. p. 79.

#### 4 "O ESPORTE É A FÔRÇA VIVA DE UM POVO"<sup>1</sup>: A INICIAÇÃO DOS JOGOS DA PRIMAVERA EM SERGIPE (1964-1967)

*"A moça triste que vivia calada sorriu  
A rosa triste que vivia fechada se abriu  
E a meninada toda se assanhou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor"*<sup>2</sup>

A década de 1960 foi explosiva e o ano de 1964, no Brasil, o estopim da fase mais tenebrosa da história política de sua república. O discurso desenvolvimentista e a inauguração de Brasília não escondiam, sob sua euforia, o cada vez maior endividamento do Estado brasileiro. Após as "forças ocultas" terem obrigado o presidente eleito a renunciar, as tensões, para garantir a posse do vice João Goulart, só recrudesceram: tentativa de golpe, instituição do parlamentarismo, ratificação do presidencialismo, defesa de reformas de base e esquizofrenia anticomunista assolaram o país.

Em 1º de abril de 1964, o golpe de Estado civil-militar, que depôs o presidente da República, depôs também, no mesmo dia, o governador sergipano Seixas Dórea, eleito em 1962 e comprometido com as reformas de base, enviando-o à prisão em Salvador, posteriormente a Fernando de Noronha. O vice-governador Sebastião Celso de Carvalho foi empossado, ficando no cargo até a indicação do novo governador que só viria em 1967.

Sob tal atmosfera política, qualquer manifestação cultural de livre expressão e com o menor apoio governamental que surgisse, poderia ser interpretada, automaticamente, como obra da ditadura. Dentre essas manifestações, como boa parte da literatura especializada tentou demonstrar, estavam as esportivas, sintonizadas com os interesses de manutenção da ordem pela desmobilização das ações políticas. Os Jogos da Primavera em Sergipe, iniciando sua primeira edição em 4 de outubro de 1964, poderiam ser arrolados nesta linha de interpretação. Postos esses fatos, o objetivo deste capítulo, que trata da primeira fase dos

---

<sup>1</sup> Slogan, com a grafia original, da II Edição dos Jogos da Primavera de Sergipe, realizados entre 19 de setembro e 7 de outubro de 1965. Era a representação discursiva da compreensão do esporte como elemento cultural intrínseco à Nação e fundamental à formação da juventude.

<sup>2</sup> BUARQUE, C. A banda. Intérprete: Nara Leão. In: FESTIVAIS - Novo Millenium. Rio de Janeiro: Universal Music, 2005. 1 CD. Faixa 20. Remasterizado em digital.

jogos escolares no estado é; investigar o processo de organização social dos *Jogos*, a estruturação de tradições e as tensões em jogo entre Estado, escolas, federações e imprensa na disseminação de um dado ideário esportivo.

De saída, cabe ratificar a argumentação construída até aqui de que esse foi um século espetacularizado e o esporte dera enorme contribuição nesse processo. A identificação nacionalista do esporte e suas justificativas educacionais não permitiam a ninguém, sujeitos individuais ou instituições sociais, a indiferença. As décadas de 1950 e 1960 foram bastante profícuas na consolidação de uma identidade entre os louros das vitórias esportivas e os sentimentos de nação. Nos esportes coletivos, o Brasil conseguira ser bicampeão mundial de futebol e basquetebol masculino em 1958 e 1962, 1959 e 1963, respectivamente. O Santos Futebol Clube revelara Pelé na plenitude de sua forma atlética e também conquistara dois títulos mundiais interclubes em 1962 e 1963. Nos campos individuais, já havíamos conquistado um bicampeonato olímpico (1952 e 1956), com Ademar Ferreira da Silva no salto triplo, do atletismo; e o país vibraria com o "pequeno" Éder Jofre, conquistando o cinturão de campeão mundial do boxe em 1960 e defendendo, com sucesso, seu título "peso galo" até 1965. Numa dimensão de maior destaque, por uma nova visão da inserção da mulher no esporte, Maria Esther Bueno entrava para a história com suas sete conquistas do torneio de tênis de Wimbledon entre 1958 e 1966<sup>3</sup>.

Das conquistas às realizações esportivas, o Brasil realizara os Jogos Pan-americanos em 1963, na cidade de São Paulo e ampliara a visibilidade dos esportes entre estudantes com a promoção, no mesmo ano, da *Universiade*, os Jogos Mundiais Universitários, em Porto Alegre<sup>4</sup>. A fim de propagar esses feitos e essas realizações nacionais na seara esportiva, na ausência da televisão como instrumento de acesso popular, o rádio e os jornais impressos se encarregavam desta tarefa. Por conseguinte, nesse ritmo de conquistas e realizações, como exigir do povo brasileiro que contivesse seu entusiasmo esportivo? Como conter os anseios da classe política, em passar das realizações aos novos projetos, em capitalizar as vitórias do esporte como conquistas sócio-políticas e econômicas?

A população do estado de Sergipe, especialmente a aracajuana, habituara-se a acompanhar as conquistas da Seleção Brasileira de futebol nos alto-falantes colocados no Mercado Municipal e na Rua João Pessoa, centro da cidade. Constatei alhures que a

---

<sup>3</sup> ISTO É. THE SUNDAY TIMES. **1000 maiores esportistas do século 20**. São Paulo: Três, 2000.

<sup>4</sup> Para um estudo desta edição da *Universiade*, Cf. NOGUEIRA, M. P. **Universiade de 63**: reconstrução da memória através da perspectiva dos jornais. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

população construía um processo de vivência do público, pela ação e movimento, moldando-se e moldando o espaço urbano. As práticas esportivas passaram a configurar o espaço urbano, constituindo uma tradição por meio dos clubes náuticos e das regatas no estuário do Rio Sergipe, das corridas de cavalos, passando pela popularização do basquete, sobretudo pela criação de clubes desportivos representativos de diversos segmentos sociais, que alimentariam a paixão futebolística da elite aos proletários, acirradas a partir de 1960 com a profissionalização do futebol sergipano. As disputas esportivas entre a Escola Normal, o Atheneu e as operárias das fábricas Sergipe Industrial e Confiança agitavam a cidade desde a década de 1930. Todavia, no caso das disputas interescolares, elas se enraizaram nos anos de 1938 e 1939 nos "*Jogos de Verão do Município de Aracaju*"<sup>5</sup>.

Realizados na Praia de Atalaia, os "*Jogos de Verão*" promoveram disputas de atletismo, regatas, natação, ciclismo, voleibol e basquete, envolvendo diversas instituições militares, esportivas, sobretudo as principais escolas da capital; a Escola Normal, o Colégio Estadual de Sergipe e o Colégio Tobias Barreto. O cenário histórico sergipano e a fusão entre educação física e esporte possibilitam perceber a representatividade do esporte na dinâmica social do estado. Tal representatividade era tão significativa que, consideradas as dimensões territoriais de Sergipe, no ano de 1960, já estavam registradas 52 associações desportivo-recreativas no estado, sendo que 21 tinham sede em Aracaju<sup>6</sup>.

Participação popular, direção e interesses políticos, inserção de sujeitos escolares, divulgação e apoio da imprensa, em uma era que começava a se pautar pela imagem, na qual, esporte e educação eram manifestações tangíveis de modernidade, os jogos escolares revelavam as contradições entre as políticas educacionais, as práticas escolares e as representações sociais.

## **2.1 Políticas de Educação Física e Esporte: incongruências**

Entendo, conforme Thompson, que a lei não é um instrumento superestrutural de dominação de classe, porém uma via de mediação de interesses e conflitos de classe. Suas proposições, geralmente, visam ao atendimento de demandas populares que garantem o cimento e a soldadura social. Com efeito, à medida que as leis legitimam a dominação de classe, restringem a ação das classes dominantes, posto que é inerente à lei, a aplicação de critérios lógicos de universalidade e igualdade, sem os quais tornariam inviável a direção

---

<sup>5</sup> DANTAS JUNIOR, H. S. **Estado, Educação e Hegemonia**: reflexos da Pedagogia Experimental na Educação Física em Sergipe (1947-1951). op. cit.

<sup>6</sup> Id. Ibid.; SERGIPE. Conselho de Desenvolvimento Econômico do Estado de Sergipe. **Problemas de base do estado de Sergipe**. v. II. Aracaju: FIES; CONDESE, 1965. Arquivo da Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea.

hegemônica<sup>7</sup>. É preciso, por conseguinte, matizar a interpretação da legislação que, de fato, impacta as relações, norteando-as e desnorteando-as ao mesmo tempo, mas não as aprisiona, pois dão legitimidade às ações e aspirações humanas.

A educação, por sua representatividade social, é legitimada de modo incontestado, todavia, enquanto campo de luta, desnuda contradições e interesses de classe, geralmente obscuros. Logo, é necessário, ao analisar o produto das leis, avaliar o grau de pensamento pedagógico circulante e que incide diretamente na sua produção.

Ao longo da década de 1950, assistiu-se ao embate entre correntes pedagógicas que resultou na multiforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1961. Tal lei resultou, na interpretação de Anísio Teixeira, uma meia vitória, porém vitória; posto que, pela primeira vez, o país tinha uma lei geral, reguladora de seu sistema educacional.

Tal vitória materializou-se também no caso da educação física, pois a Lei n.º 4.024/61 prescreveu no seu art. 22: "será obrigatória a prática da educação física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos"<sup>8</sup>. Oito anos depois, o Decreto-lei n.º 705/69 alterou o texto e indicou uma clara identificação entre educação física e esporte: "será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior"<sup>9</sup>.

A inclusão da educação física nas leis máximas, que regiam a educação nacional, resultou em demandas e reivindicações da própria área. Considero que tais demandas têm origem no privilégio de criação da ENEFD na Universidade do Brasil, separada da Faculdade de Filosofia que congregava todas as licenciaturas. Para Tarcísio Grunennvaldt, a ENEFD contribuiu com o fortalecimento de um projeto de Estado que propunha uma sociedade disciplinada, física e corporalmente<sup>10</sup>. Não obstante, reconhecendo que a ENEFD, desde a década de 1940, disponibilizava bolsas de estudo para todo o país, a mesma disseminava uma prática orientada de educação física, para além de vínculos automáticos a projetos de Estado. A força da área resultou na continuidade de privilégios institucionais e na elaboração de projetos nacionais de escolarização das práticas corporais, sobretudo o esporte.

Na continuidade desses privilégios, em 1956 é criada a Divisão de Educação Física (D.E.F.) do MEC, a qual tinha por finalidade:

<sup>7</sup> THOMPSON, E. P. **Senhores e caçadores**: a origem da lei negra. Tradução Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>8</sup> BRASIL. **Lei n.º 4024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. op. cit.

<sup>9</sup> BRASIL. **Decreto-Lei n.º 705**, de 25 de julho de 1969. Altera a redação do art. 22 da Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>10</sup> GRUNENNVALDT, J. T. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: o projeto de uma época. op. cit.

I - difundir e aperfeiçoar a educação física e os desportos, a fim de contribuir para a melhoria das condições de saúde e de educação do povo; II - realizar estudos que permitam estabelecer as bases, da educação e da recreação física no país; III - estabelecer normas, programas e construções metodológicas para a educação física nos diferentes graus e ramos de ensino; IV - orientar e fiscalizar o funcionamento das escolas de educação física que lhe forem subordinadas, bem como as atividades de educação física e dos desportos nos estabelecimentos de ensino sujeitos à jurisdição do Ministério; V - promover a criação dos centros de educação física, orientar e fiscalizar o seu funcionamento; VI - incentivar a formação e promover o aperfeiçoamento de profissionais especializados em educação física e desportos<sup>11</sup>.

Os esforços de divulgação da educação física redundariam, nos anos subseqüentes, em dois projetos: a "*Campanha Nacional de Educação Física*", em 1958, e o "*Plano Diretor de Educação Física e Desportos*", em 1964. Na "*Campanha*", elegeu-se como prioridades: construir Centros de Educação Física com assistência técnica e orientação pedagógica da D.E.F.; realizar cursos de capacitação para os professores de educação física; realizar estudos e pesquisas de identificação das necessidades nacionais para o desenvolvimento da área<sup>12</sup>. Já o "*Plano Diretor*", por intermédio da "*Campanha*", propunha assegurar o desenvolvimento das "atividades físico-recreativo-desportivas" nas escolas, universidades e comunidades; ampliar e aprimorar o ensino técnico-desportivo nas escolas. Além disso, indicava como providência, a promoção de jogos, competições e campeonatos de escolares, do nível elementar ao superior<sup>13</sup>.

Elaborados por governos democraticamente eleitos, a "*Campanha*" e o "*Plano Diretor*" revelaram-se consoantes ao movimento internacional, pois nos "considerandos" deste, destacava-se que: a atuação do Brasil nas competições internacionais, principalmente atletismo e natação, não alcançava resultados satisfatórios; e que as competições e vitórias esportivas internacionais projetariam a imagem do país no mundo<sup>14</sup>. O fundamento nacionalista que grassou no século XX pelo reforço e incentivo aos bens culturais produzidos pelos povos, concebia o acervo esportivo como grande vitrine de poderio sócio-cultural dos Estados-nações.

<sup>11</sup> BRASIL. **Decreto nº 40.296**, de 6 de novembro de 1956. Aprova Regimento da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>12</sup> BRASIL. **Decreto nº 43.177**, de 5 de fevereiro de 1958. Institui a Campanha Nacional de Educação Física. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>13</sup> BRASIL. **Decreto nº 53.741**, de 18 de março de 1964. Dispõe sobre execução do Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>14</sup> Id. Ibid.

Não obstante tais movimentos, as iniciativas oficiais ou não lograram êxito, ou demoraram a ecoar em Sergipe que, à época, ainda tinha uma organização pedagógica da educação física, extremamente precária, pela ausência de professores qualificados na área.

A educação física em Sergipe tem sua primeira garantia de inserção oficial na Constituição Estadual, promulgada em 16 de julho de 1947. Em seu artigo 166, a Constituição sergipana previa: "O Estado e os Municípios dispensarão orientação e estímulo à educação física, que será obrigatória, nos estabelecimentos de ensino, e subordinada aos princípios do aperfeiçoamento moral e espiritual da pessoa humana"<sup>15</sup>. No ajustamento democrático da época, propunha-se a convivência de justificativas educacionais das mais variadas. Portanto, refletia uma tese bastante em voga, com acentos liberais, conservadores e socialistas, qual seja, o fortalecimento orgânico como fortalecimento do espírito, das bases morais. Como Sergipe já havia assinalado a obrigatoriedade da educação física, poderia acreditar-se que as campanhas nacionais encontrariam terreno fértil para campear no estado. Não foi o que aconteceu!

As campanhas, as quais pulularam nas décadas seguintes, tiveram pouco ou nenhum eco em Sergipe. As escolas garantiam a oferta de educação física em duas bases: as normalistas trabalhavam-na com as crianças, enquanto que militares ou atletas, na condição de "monitores de educação física", enfatizavam a ginástica calistênica e a prática esportiva. Entretanto, a oferta da disciplina estava geralmente condicionada à estrutura física e material das escolas que era, então, muito precária.

Na forma legislativa, absorvendo o propugnado na LDB, a lei que dispunha sobre o Sistema Estadual de Ensino, em 1966 prescrevia no seu artigo 28: "é obrigatória a prática da educação física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos, devendo seu exercício ser motivo de regulamento específico do Conselho Estadual de Educação". No artigo seguinte, indica que nos cursos noturnos esta prática não seria ofertada<sup>16</sup>. O regulamento específico do CEE, que exigia o corpo da lei, nunca veio à tona, apesar de ser tema recorrente a defesa de sua garantia nas escolas, nas discussões processadas nas assembléias do Conselho, ao longo das décadas de 1970 e 1980. Notadamente, tais discussões vinham à baila, trazidas pelo professor de educação física, Cândido Augusto Sampaio Pereira que, enquanto conselheiro e professor do curso de Educação Física da UFS, reivindicava, a partir de sua criação, as condições objetivas para inclusão da prática em toda a rede.

---

<sup>15</sup> SERGIPE. Constituição Estadual de Sergipe. **Diário Oficial do Estado**. Aracaju, p. 1-10. 16 jul. 1947. p. 9.

<sup>16</sup> SERGIPE. **Lei n.º 1.396**, de 14 de setembro de 1966. Dispõe sobre o Sistema Estadual de Ensino. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Reesoando o desenvolvimento da idéia de educação física como assunto prioritário e direito dos brasileiros, a SEC cria a Secção de Educação Física a ser ocupada por um profissional formado na área<sup>17</sup>. Nesse momento já era notório que a educação física não poderia confirmar os projetos políticos, atender à população de forma massiva sem professores qualificados. Todavia, esse cargo, herdeiro da tradição iniciada na ENEFD e reflexo de uma concepção que atribui à educação física, prerrogativas diferenciadas das demais disciplinas, somente iria ser ocupado, em fins de 1969, pelo professor Cândido Pereira, mestre que seria uma referência fundamental na resolução de tais demandas.

Ainda que a legislação fosse garantindo a existência da educação física, tal fato revelou-se incongruente, pois se situou distanciado dos movimentos que já tinham notoriedade na sociedade sergipana, em torno da prática esportiva e seu acesso aos sujeitos sociais, ainda que fossem somente aqueles dos centros urbanos. Diante da falta de condições objetivas de implementação legal, da escassez de professores qualificados, o destaque social e o atendimento aos anseios da educação física advieram das ações individuais de desportistas em cargos decisórios do Estado, além das demandas de estudantes, professores e desportistas que, ao idealizarem os Jogos da Primavera, soergueram novas formas de trato pedagógico com o esporte para além dos muros das escolas. Revelavam, ainda que sem muita clareza disso tudo, projetos de escolarização, de sociedade e juventude.

## **2.2. Das práticas à criação da festa: tradições, representações e tensões**

A organização pedagógica da educação física em Sergipe dependia quase que exclusivamente das professoras formadas no Curso Normal. Então, enquanto a educação física era ministrada pela "professora de sala", algumas dessas ex-normalistas foram se especializar em cursos anuais para educação física infantil na ENEFD, a exemplo de Rosália Bispo dos Santos, Maria Consuelo Camilo e Maria Augusta Moura. As orientações pedagógicas da formação de normalista conciliavam com outro grupo em ação professoral; os "leigos" que ministravam práticas esportivas aos alunos do ginásio e secundário.

A educação física, nesse contexto, subsistia impregnada dos discursos pedagogicistas da Escola Nova, mesclados aos ideais eugênicos de apuro da raça. Revelava-se, pela falta de professores da área para atender toda a rede pública; um assentimento à organização formalista propugnada por Fernando de Azevedo: jogos e ginástica para as crianças e adolescentes, ministrados pelas professoras, e esporte para os jovens ginásianos e

---

<sup>17</sup> SERGIPE. **Lei n.º 1.408**, de 27 de setembro de 1966. Reestrutura a Secretaria de Educação e Cultura e dá outras providências. Arquivo Público do Estado de Sergipe.



secundaristas, ministrado pelos "leigos-esportistas", como ápice da "cultura atlética"<sup>18</sup>, mesmo que, neste último caso, a opção por "ensinar" esporte fosse a única por parte de quem somente fora "atleta".

Na mediação desse processo, no início da década de 1960, apenas três professores sergipanos tinham formação superior em educação física: Edilberto Reis Cunha, Cândido Sampaio Pereira e Maria Edma de Barros. Aos três, cabia atender à rede pública estadual e às escolas privadas de Aracaju. Contudo, vários professores-leigos tinham profundo reconhecimento social, inclusive ensinando em escolas tradicionais de Aracaju, a exemplo de: Orlando Barros, Coelho Menezes, Nivaldo Barros e Geraldo Oliveira, no Colégio Tobias Barreto; Antônio Gonçalves, Leó Filho (era ainda aluno do CES, mas treinava a equipe de futebol de salão) e Jamisson Amaral, no CES; Afonso Pena e Duílio Figueiredo, na Escola Normal; Cássio José Barreto, no Ginásio Presidente Vargas; e Isnaldo Rodrigues, no Colégio Sr. do Bomfim. Somavam-se a eles, as professoras Maria Consuelo Camilo (CES) e Maria Augusta Moura (Escola Normal).

É possível identificar nos registros dos diários de classe do CES, a mescla entre pequenos e grandes jogos, práticas gímnicas e modalidades esportivas coletivas clássicas como futebol de salão, basquetebol e voleibol, além do atletismo, ainda que sem uma organização clara no encadeamento dos conteúdos<sup>19</sup>. Todavia, o fato principal da época é o extremo pioneirismo e ousadia na implementação do esporte escolar em Sergipe. Os esforços didático-pedagógicos destes professores contrapunham-se à falta de investimento por parte do Estado na área de educação física. O professor Cândido Pereira relata as dificuldades e alternativas encontradas para fazer acontecer a educação física e o esporte no estado, principalmente quando assume o Departamento de Educação Física da SEC:

É como se diz "quem não tem cão caça com gato", né. Eu me lembro, por exemplo, de um indivíduo no estado com um paralelepípedo e fazendo um movimento, paralelepípedo [enfático], fazendo o movimento do lançamento de peso, quer dizer, então como é que a gente fazia? Fomos buscar! Descobrimos que no quartel da polícia existia umas seis mil bolas de canhão, aquelas balas de canhão, nós falamos com, era até um Coronel, Silveira, acho que era Silveira, ele gostava de voleibol, era do Exército mas foi destacado como comandante da polícia. Então ele nos ofereceu, lá pro Departamento, uma porção de bola de canhão e a gente lançava bola de canhão, né. Os dardos eram feitos na, com bambu, com vara de pescar comprada na "Casa do Pescador", que era ali na Rua de São Cristóvão. A ponteira era feita nos lanterneiros de carro. Os discos, a gente usava disco

<sup>18</sup> AZEVEDO, F. **Da Educação Física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

<sup>19</sup> SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Diários de Classe do Colégio Estadual de Sergipe**. Disciplina: Educação Física. 1964-1967. Arquivo Geral da Inspeção Escolar.

feito numa fundição no Santo Antônio, do chamado "seu Tertino", que fazia os discos em alumínio com aro de metal e se aferia dando furos na estrutura do disco ou do peso, e vai tirando massa e colocando massa através da adição de chumbo, chumbo de, de... Era assim... Na ginástica, nós não vamos fazer colchões, não vamos fazer colchão de ginástica, era, assim, colchão mesmo de dormir, só que eram colchões extensos, aquilo pesado, "concreto" pra fazer ginástica com aquilo. O plinto, se fazia o plinto de madeira varada, na parte de cima se colocava um acolchoado de algodão. A gente botava a cabeça pra funcionar<sup>20</sup>.

Mesmo considerando os esforços e o pioneirismo dos professores na tentativa de sanar os problemas da educação física, cabe destacar que os problemas educacionais sergipanos eram relativos a toda a sua estrutura. Diante desse quadro, o governo do estado firmou convênio com o governo de São Paulo para que este enviasse professores qualificados em diversas áreas. Desse modo, em fevereiro de 1963, desembarcaram em Aracaju os professores Maria Dagmar Bittencourt, Iara Del Costa, Daisy Morais Chaves, Nina Gordo, Neuza César Marcondes, Benedito Tavares e José Carlos Marques<sup>21</sup>. Para o Diretor do Departamento de Educação, Curt Vieira, a iniciativa tinha por finalidade:

Capacitar, preparar a equipe de professores da Secretaria de Educação. Pra que você tenha uma idéia, quando nós assumimos o Departamento de Educação nós tínhamos menos de 100 professores formados e quando nós saímos deixamos mais de 1000 professores capacitados. Então foi um trabalho que eu reputo maravilhoso para a época, porque tinha uma capacitação, uma valorização e uma autoconfiança do professor<sup>22</sup>.

A iniciativa de contratar professores paulistas a fim de incrementar o sistema de ensino dos estados foi uma prática recorrente em todo o Brasil ao longo do século. Considerando que São Paulo, via instituição dos grupos escolares, já configurara, desde o início do século XX, a escola graduada — agrupamento homogêneo de alunos e conhecimentos em séries ou classes, controle do espaço e tempo pedagógicos, sistema de avaliação e divisão do trabalho docente — as "missões paulistas" espraiaram pelo país sua racionalização administrativa e pedagógica, bem como seu modelo de educação integral; física, intelectual e moral. Destaque-se a ênfase na orientação cívica, patriótica e nacionalista que se desenvolveu, notadamente nas matérias de instrução moral e cívica, sobretudo nas

<sup>20</sup> **PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio**. Professor de Educação Física pela ENEFD. Membro fundador do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Conselho Estadual de Educação na década de 1970. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 21 de novembro de 2007.

<sup>21</sup> CHEGADA dos professores paulistas. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 14 fev. 1963.

<sup>22</sup> **VIEIRA, Curt**. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Sergipe. Diretor do Departamento de Educação da Secretaria de Educação e Cultura de Sergipe entre 1963 e 1967. Fundador dos Jogos da Primavera. Entrevista concedida, em seu escritório de advocacia, ao autor em 26 de novembro de 2007.

sessões de ginástica, educação física e exercícios militares<sup>23</sup>. A "missão paulista", que chegou a Aracaju no ano de 1963, ratificou esse modelo e, no caso da educação física, trouxe com o professor José Carlos Marques uma contribuição insofismável para o incremento e desenvolvimento dos *Jogos*, além de incentivar os sentimentos nacionalistas da juventude local.

Como a prática esportiva desenvolvia-se em Aracaju, ainda que com dificuldades, sendo estimulada nas aulas de educação física, especialmente nas escolas secundárias e nas faculdades via FAES, cresceu o desejo de realização de competições interescolares. Tais competições redundaram em projeto de escolarização do esporte, posto que estava vinculado a um projeto de formação da juventude. Esse esboço de escolarização aconteceria mediante as escolas, mas também fora delas, nos então parques campos esportivos da cidade de Aracaju no âmbito dos Jogos da Primavera.

De onde surgiram e qual a motivação dos *Jogos*? Por que Jogos da Primavera, se Sergipe é um estado que divide suas estações em verão e um pequeno "período de chuvas"? Um estado onde a "estação das flores" é uma quimera?

No município de Estância, distante 68 quilômetros de Aracaju, desde o ano de 1961 realizavam-se "Jogos da Primavera", envolvendo escolas municipais, clubes tradicionais e mesmo guarnições do Exército, a exemplo do "Tiro de Guerra n.º 140", campeão da terceira edição do evento, realizada em 1963. Essa seria uma influência? Segundo um de seus organizadores, não! Os *Jogos* foram motivados por demandas dos jovens universitários sergipanos, por competições esportivas que integrassem as, então isoladas, escolas superiores de Sergipe.

Raimundo da Costa Monte relata que, em 1961, enquanto estudante de Direito, foi representar o estado nos Jogos Universitários do Norte-Nordeste em Natal (RN), na modalidade de futebol de salão. Os sergipanos venceram o torneio e retornaram empolgados com a dinâmica da festa e sequiosos de algo similar em Sergipe. Tal anseio foi acalentado até 1964 quando Raimundo Monte interpelou o Secretário de Educação, Cabral Machado, seu professor na Faculdade de Direito, sobre a possibilidade de apoio do governo para a realização de jogos escolares em Aracaju. O Secretário informou-lhe que o Estado não teria verbas para tal financiamento, mas apoiaria logisticamente a realização e indicou o Diretor do Departamento de Educação, Curt Vieira, um desportista ligado a clubes e federações da

---

<sup>23</sup> Cf. SOUZA, R. F. Lições da escola primária. In: \_\_\_\_\_ *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 109-161.; e SOUZA, R. F. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 52, p. 14-24, nov. 2000.

capital, para coordenar a empreitada. Com o apoio do Professor José Carlos Marques e de alguns proprietários de estabelecimentos de ensino da capital, a exemplo de Alcebíades Vilas-Boas e Marlene Cardoso Chagas, do Colégio Tobias Barreto e do Ginásio Walter Franco, respectivamente, lançaram-se ao desafio de realização dos "*I Jogos da Primavera*"<sup>24</sup>.

A denominação "*Jogos da Primavera*" denota a expansão, disseminação e "re-significação" de tradições, com base na dinâmica imagética proporcionada pela imprensa e os ares de desenvolvimento e civilidade soprados da metrópole do Sudeste. Segundo Raimundo Monte,

Embora não se tivesse nenhum contato. Na época não havia televisão. Nós ouvíamos o futebol do Rio de Janeiro através da Rádio Tupi, Rádio Nacional. Eu comprava aqui e lia uma revista chamada '*Revista do Sport*' que falava dos Jogos da Primavera do Rio de Janeiro e trazia fotografias da realização do evento e aquilo me chamou a atenção realmente. E como eram jogos estudantis também, os Jogos da Primavera do Rio de Janeiro eram também jogos estudantis, patrocinados pelo '*Jornal dos Sports*', do Grupo Mário Filho e então, vou lhe ser sincero, havia uma certa influência entre os jogos estudantis daqui e lá<sup>25</sup>.

Nos limites entre as lembranças e os esquecimentos, as falas e os silêncios, é sempre possível o confronto das memórias, geralmente na tentativa de validação de suas verdades. No caso de um evento representativo da memória sergipana, que se solidificou como um evento que "deu certo" nos campos político e cultural, nada mais justo que a reivindicação pela sua criação se convertesse em disputas acirradas.

Em contrapartida à memória de Raimundo Monte, algo mais próximo à realidade se manifesta na iniciativa do Estado em promover, ainda que de forma incipiente, um evento esportivo-estudantil, principalmente com o apoio de um professor que veio ao estado dinamizar a prática de educação física, o prof. José Carlos Marques. Nesse sentido, com o apoio deste professor e da FAES, o Diretor do Departamento de Educação, bacharel Curt Vieira, advoga para si, a idealização dos *Jogos*:

Eu viajava sempre para o Rio de Janeiro a serviço da empresa da Energipe ou do Departamento de Educação. Uma das vezes no Rio de Janeiro, no meio da primeira semana de setembro, eu fui ao Estádio Caio Martins em Niterói assistir aos Jogos da Primavera que eram patrocinados pelo "*Jornal de Sports*" que tinha à frente um dos mais notáveis jornalistas nessa área que era o jornalista Mário Filho que deu, inclusive, o nome do Maracanã. E Eu fiquei, realmente, tão empolgado que quando eu retornei pra Sergipe fixei

---

<sup>24</sup> **MONTE, Raimundo da Costa.** Bacharel em Direito. Presidente da FAES na década de 1960. Fundador dos Jogos da Primavera e dos Jogos Universitários Sergipanos (1967). Membro da Comissão Organizadora de várias edições dos *Jogos*. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 8 de novembro de 2007.

<sup>25</sup> Id. Ibid.

esta idéia de trazer pra aqui, sem a grandiosidade evidentemente de lá, os Jogos da Primavera<sup>26</sup>.

Independente dos conflitos de memória, é possível ratificar, tomando-se por base outros indícios, que a origem dos *Jogos* em Sergipe assentou-se nas tradições remetidas do Rio de Janeiro. A "*Gazeta de Sergipe*" publicara, no calor dos preparativos da 1ª edição dos *Jogos*, uma matéria que explicava a trajetória do evento na capital da Guanabara e a iniciativa de seu autor-intelectual<sup>27</sup>. A eleição de "*Rainha da Primavera*", uma aluna que também fosse atleta (ainda que muitas delas fossem escaladas por conta de sua beleza para disputarem, não os *Jogos*, mas o título de sua rainha), representou outra iniciativa do pioneirismo de Mário Filho. De modo mais significativo, a origem fluminense do evento transpareceu na homenagem póstuma a Mário Filho, quando da abertura da III edição dos *Jogos* em Sergipe, no dia 17 de setembro de 1966, no Estádio de Aracaju, onde, no momento de acendimento da Pira Olímpica e de juramento do atleta, foi consagrado um minuto de silêncio em sua memória<sup>28</sup>. A lembrança vaga, o esquecimento ou o relegar de Mário Filho aos recônditos da memória individual, denota a capacidade das memórias se reorganizarem em termos de novas construções sociais, estabelecendo novas dinâmicas e outras verdades. De igual modo, revela o desconhecimento do papel social desempenhado por determinados intelectuais, circunscritos a certos círculos acadêmicos e/ou literários. À época, afora os intelectuais e os letrados aficionados por esporte, a maioria presente ao estádio, sequer conhecera Mário Filho ou lera algum de seus textos. Entretanto, seu nome ficaria marcado, de modo perene, como benemérito do esporte e um brasileiro preocupado em atuar pelo desenvolvimento da juventude nacional mediante o esporte.

Dadas as condições espaço-temporais, os Jogos da Primavera de Sergipe construíram suas peculiaridades em relação ao homônimo do Rio de Janeiro. Enquanto o evento do "*Jornal dos Sports*" limitava-se a uma competição feminina entre escolas e clubes — abrindo espaços para inscrições individuais também — os *Jogos* em Sergipe reuniram homens e mulheres, somente escolares, estabelecendo um certo ranço com a lógica profissional que estava se consolidando. De igual modo, os Jogos da Primavera no Rio de Janeiro eram eventos de caracteres exclusivamente esportivos, desde os desfiles de abertura, geralmente em estádios de futebol. Os *Jogos* em Sergipe, por sua vez, elaboraram uma tradição de desfiles cujas estruturas extrapolaram o campo esportivo.

---

<sup>26</sup> VIEIRA, Curt. Entrevista concedida ao autor em 26 de novembro de 2007. op. cit.

<sup>27</sup> O que são os Jogos da Primavera. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 4, 4 set. 1964.

<sup>28</sup> JURAMENTO do atleta abre "Jogos da Primavera". *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 8, 18 set. 1966.

O conceito e a orientação dos *Jogos* para os jovens produziram, todavia, uma similaridade entre as congêneres pejejas esportivas: o conceito de juventude e seu projeto de escolarização ou conformação às exigências em voga. José Carlos Marques, o professor paulista que chegou no ano anterior e tornou-se um dos membros da Comissão Geral dos "*Jogos da Primavera*", definiu como objetivo dos mesmos; criar uma nova mentalidade de participação na vida social, incrementar o gosto pela competição e pelo desenvolvimento físico-mental da juventude<sup>29</sup>. A juventude era convocada a participar de eventos que caracterizavam sua pujança, seus anseios, sobretudo, precisava inserir-se nos novos ventos que advogavam sujeitos sintonizados com o desenvolvimento do país, um fato viável pela absorção do primado competitivista da modernidade capitalista.

As representações sociais, em torno do esporte e da participação da juventude nesse processo, ganharam a adesão da imprensa, principalmente da Associação dos Cronistas Esportivos de Sergipe (ACES) que, a partir da 2ª edição dos *Jogos*, passou a indicar membros para a Comissão Organizadora. O entusiasmo da imprensa com a realização dos *Jogos* permitiu a definição do conceito de esporte e sua relevância social, expostos em Editorial da "*Gazeta de Sergipe*":

É o primeiro grande acontecimento esportivo estudantil a ser realizado no estado, onde nossa juventude terá a oportunidade de demonstrar que no esporte também há cultura, há desenvolvimento de uma raça, futuro e esperança do nosso Brasil. E poucos eram os que acreditavam na sua realização. Mas, para os pessimistas, fica registrado um esforço e uma vontade sobrenatural de um forçoso desenvolvimento, contingência obrigatória de uma raça forte, esportiva, estudiosa. E um povo que pratica esporte é um povo civilizado<sup>30</sup>.

Copiando o evento do Rio de Janeiro, reconceptualizando-o mediante as necessidades locais ou mesmo sendo original na criação, os *Jogos* foram organizados com desfile de abertura e encerramento, comissão de organização, premiação e disciplina, tocha olímpica, competições esportivas individuais e coletivas e concurso de "Rainha da Primavera", erigindo uma tradição esportivo-estudantil em Sergipe que já nasceu sob os auspícios da modernidade e a égide do espetáculo.

No processo de "re-significação" das tradições, os *Jogos* foram célebres no sentido de enraizar seus conceitos e origens no passado, atualizando-os para as demandas modernas. O discurso das tradições greco-romanas como origem da cena esportiva mundial, esteve em todas as frentes possíveis: dos textos às imagens; das idéias aos corpos. Substantivamente, foi

<sup>29</sup> REGULAMENTO dos Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 1 set. 1964.

<sup>30</sup> DESFILE inaugural dos "I Jogos da Primavera": festa do futuro. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 4 out. 1964.

utilizada a "tese de continuidade", onde o esporte moderno seria uma simples evolução das práticas corporais antigas de caráter competitivo<sup>31</sup>. Aliado a isso, um modelo, dito civilizado, de educação, que impunha disciplina, moral e civismo.

José Carlos Marques escrevera, um mês antes da abertura dos "*I Jogos da Primavera*", dois artigos apresentando o ideário dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, sua aura sagrada com as lendas de Enomaus e Hércules, mas também arquitetônica, lúdico-guerreira e estética<sup>32</sup>. Sobretudo, Marques defendeu que os Jogos Olímpicos erigidos em louvor aos deuses, materializaram, em sua organização corporal e postura social dos competidores, um modelo eterno de educação:

[...] a própria atitude dos atletas ao entrarem na pista, conservando-se em postura erecta, viril e bela, pareciam demonstrar a imitação da ascendência do sol. Desse conjunto bem formado, de um lado a atitude do atleta e do outro a beleza panorâmica do Estádio, coroado por um céu limpo e brilhante, nasceu a mais bela Escola de Educação Cívica, Moral e Física que até hoje o mundo já conheceu<sup>33</sup>.

Em Editorial, no ano de 1965, o "*Sergipe Jornal*" ratificou a concepção de esporte como elemento educativo primordial, assentando-se em bases eugênicas, higiênicas e disciplinadoras que remontariam aos primórdios da humanidade:

O Esporte é tão velho como o mundo. Não existe uma definição rígida da palavra 'ESPORTE', mas entre todas as normas conhecidas universalmente, aceita-se de um modo geral a seguinte: "**o Esporte é uma atividade desinteressada, nobre e higiênica, cujos fins consistem em dar energia à vontade e beleza pujante ao corpo**". Essa harmoniosa inspiração de desenvolver conjuntamente a alma e o corpo humanos é uma necessidade fisiológica, tanto mais imperiosa quanto vive o ser humano em contato com a natureza, e visa, de maneira primordial desvirtuar os sistemas de vida artificial e sedentária a que se vão acostumando as civilizações<sup>34</sup>.

No mesmo ano, o jornalista Zózimo Lima advogava a permanência dos preceitos educacionais "gregos" como norma civilizadora sob a lógica da eugenia: "Assim, com a educação atual, mantendo grego postulado salutar de '*mens sana in corpore sano*', intelectual e esportiva, se conseguirá a eliminação dos indivíduos cacogênicos. Esta a presunção"<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> Tese esta, severamente criticada em: BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

<sup>32</sup> MARQUES, J. C. Jogos Olímpicos antigos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 7, 9 set. 1964.

<sup>33</sup> MARQUES, J. C. O esporte como meio de educação. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 11 set. 1964.

<sup>34</sup> II Jogos da Primavera empolgam. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 3, 19 set. 1965. Os grifos são do Editor.

<sup>35</sup> LIMA, Z. Desfile da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 24 set. 1965. Ressalte-se que o lema "*mens sana in corpore sano*" não é grego, pois foi ungido pelo poeta satírico romano Juvenal. Ademais, o sentido original de Juvenal consistia na crítica aos vícios, costumes, idéias e instituições romanos, indignado que estava com a desigualdade de condições do povo em relação aos dirigentes. A mensagem foi, segundo Maria Isabel Mendes, reapropriada e reorganizada por teorias científicas e pedagógicas dos séculos XIX e XX como estratégia de formatar compreensões de corpo, saúde e educação na busca de um status de cientificidade para a

Não obstante as tentativas de vincular o esporte aos preceitos eugênicos e/ou higiênicos, bem como vinculá-lo a uma história que se perde nos recônditos da memória, a posição de José Carlos Marques acenava com a possibilidade de ratificar uma vocação educativa do esporte. Diante dos rumos que tomaria, a partir de então, o espetáculo esportivo, a defesa, nas próximas décadas, acerca deste fundamento educativo de base anglo-saxônica, ganharia força nos organismos internacionais, a exemplo da UNESCO, de onde seu Diretor-geral foi incisivo:

Acima de tudo, o desporto é um fator de equilíbrio no desenvolvimento geral da pessoa. Equilíbrio entre o espírito e o corpo, entre a efetividade e a energia, entre o indivíduo e o grupo. Numa civilização essencialmente intelectualista e tecnológica que concentra a excelência no cérebro e domina pela máquina, num tempo de extremismos em que abundam as distorções de toda espécie, esse fator de equilíbrio, de plenitude e de harmonia é particularmente salutar<sup>36</sup>.

Se a busca deste equilíbrio, fundamental no processo de formação da juventude, continua a ser um desafio, ao longo da história dos *Jogos* tais preceitos foram tragados pelos desejos de reconhecimento político e social. Um dos grandes exemplos foram os desfiles de abertura dos *Jogos* que se constituíram em momentos de escolarização do esporte, nos quais as escolas atribuíam sentidos e significados acerca de sua organização sócio-histórica, política e econômica na civilização ocidental, deixando à mostra todas as suas contradições e incoerências.

O primeiro sentido de como os desfiles escolarizaram o esporte sob o prisma da modernidade, estava posto na percepção da dinâmica da cidade de Aracaju. Os desfiles de abertura das duas primeiras edições dos *Jogos* (1964 e 1965) "rasgaram" a capital sergipana em suas artérias principais: da Praça Camerino ao Parque Teófilo Dantas, os estudantes desfilarão frente à Assembléia Legislativa, ao Palácio do Governo, atravessaram as duas principais ruas do comércio (João Pessoa e Itabaianinha) até a dispersão frente à Catedral Metropolitana. A cidade possui, segundo Pesavento, uma materialidade construída pelos homens que é representante visível de sua capacidade de dominar a natureza; uma sociabilidade que reflete relações, representações e práticas sociais, e também uma sensibilidade reveladora de significados e pertencimentos<sup>37</sup>. O cortejo dos desfiles

---

Educação Física. Cf. MENDES, M. I. B. S. **Mens sana in corpore sano**: compreensões de corpo, saúde e educação. 2006. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

<sup>36</sup> MAHEU, R. Desporto e Educação. op. cit. p. 10.

<sup>37</sup> PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.



oportunizou aos escolares a identificação com o *ethos* cidadão, a percepção do movimento social da cidade, sobretudo colocou-os sob a vigilância dos poderes constituídos do Estado e da Igreja, implicando a acomodação às formas de civismo propugnadas<sup>38</sup>.

Outro elemento de escolarização do esporte ocorreu com a estrutura dos desfiles e seus subsídios à solidificação das origens greco-romanas do esporte, à exposição de temas políticos sintonizados com o ideário do momento e à tradição dos professores de educação física como "organizadores de desfiles".

Os desfiles eram verdadeiras apoteoses de cores e sons pela cidade de Aracaju. Tinham por finalidade, segundo Raimundo Monte, "[...] chamar a atenção da população que não conhecia nada de jogos dessa natureza naquela época. [...] Creio que foi esse desfile que deu as condições, a grande proporção que tomou os Jogos da Primavera aqui no estado de Sergipe"<sup>39</sup>. Todavia, tal intenção ficou sublimada pois, considerando que havia premiação pelo melhor desfile, as escolas investiam na contratação de músicos para as bandas marciais, na construção de carros alegóricos e na confecção de fantasias para os alunos, fatos que provocariam alguns dos mais férreos embates da época. Alguns temas de desfile, a exemplo dos "Jogos no Egito", o "ideal atlético grego" e as "pelejas romanas", expostos pelo Colégio Jackson de Figueiredo e pela Escola Normal em 1965, reforçavam a compreensão das raízes imemoriais do esporte<sup>40</sup>.

Os desfiles também foram utilizados como campo avançado de apoio aos ditames políticos em voga. Em 1965, o Colégio Estadual de Sergipe (CES) elegeu como tema do seu desfile, uma homenagem à Organização dos Estados Americanos (OEA)<sup>41</sup>. Essa organização foi uma das estratégias internacionais de exclusão de Cuba das decisões político-econômicas para o desenvolvimento da América Latina, que seria guiada, a partir dessa data, pelos sabores de Washington D.C. No desfile do CES, a exposição da estrutura da OEA, em perfeita sintonia com as diretrizes da ditadura, oportunizou a visibilidade da exclusão de Cuba — país

---

<sup>38</sup> Cabe ressaltar que a cidade é um espaço de manifestação, conflito e enraizamento cultural. Assim como tal trajeto pelo centro de Aracaju significou uma percepção dos sentidos sócio-educativos do esporte foi também o *locus* de manifestações políticas da juventude. O caso mais notável foi a passeata de jovens universitários e secundaristas realizada em 2 de abril de 1968 como protesto ao assassinato, pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, do estudante Edson Luís Lima Souto, ocorrido cinco dias antes. Cf. BRITO, M. Z. B. **Em tempos de rebeldia e sombras**: o movimento estudantil universitário sergipano em descompasso com o regime autoritário (1964-1968). 1999. 126 f. Monografia (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE). Com isso, o cenário cidadão, campo de múltiplas tentativas de "escolarização" das práticas sociais, foi sempre terreno fértil aos conflitos culturais. Para entendimento dos fatos que ocasionaram o assassinato do estudante Edson Luís e seus desdobramentos, ver: VENTURA, Z. **1968**: o ano que não terminou. op. cit.

<sup>39</sup> MONTE, Raimundo da Costa. Entrevista concedida ao autor em 8 de novembro de 2007. op. cit.

<sup>40</sup> "JOGOS no Egito e atletismo na Grécia", tema da IERB. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 19 set. 1965.

<sup>41</sup> COLÉGIO Estadual de Sergipe: II Jogos da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 19 set. 1965.

que se declarara socialista — da Organização, tendo em vista que o mesmo não poderia perfilar ao lado dos "irmãos cristãos" americanos. Tal sintonia iria entrar em colapso neste mesmo ano com a Diretora do CES, que iria se indispor com a Direção da Educação em Sergipe.

Aos professores, especificamente os que trabalhavam com educação física ou prática esportiva, era delegada a responsabilidade de organizar os desfiles, a disposição das alas, evoluções das mesmas frente ao palanque oficial. Refletia-se uma tradição, ainda vigente no século XXI, de que o professor de educação física (mesmo aqueles que, à época, não tinham formação superior na área), por ter uma formação próxima ou orientada por vias militares, tudo entendem de "ordem unida". Os desfiles da Independência do Brasil e dos Jogos da Primavera, além de outras apresentações públicas, sempre foram responsabilidade dos professores de educação física, conforme atesta a professora Rosália Bispo dos Santos:

Eu e os professores desenvolvíamos festas. Fomos dar apresentações em Penedo [Alagoas] de danças folclóricas, tinha de tudo. Tinha o Desfile da Primavera, o Desfile de 7 de Setembro. Era uma coisa parecida com essas aberturas de Jogos Olímpicos. Nós fazíamos com grupos de dança na rua, grupos de ginástica de solo<sup>42</sup>.

Mesmo em uma época na qual a Educação Física precisava se afirmar na escola, essas tarefas dos professores eram a garantia real de legitimidade pela exposição pública de seu trabalho, como confirma a professora Maria Consuelo Camilo:

Nós fazíamos demonstrações no Estádio do estado. A finalidade era mostrar a educação física, porque a professora de educação física movimentava a escola. Então tinha que mostrar para o público com essas demonstrações. Eram demonstrações belíssimas, de muito trabalho. Então era isso que ela queria mostrar, que havia realmente educação física. Não era só para embelezamento, para a melhoria do corpo, etc. etc., mas para o público ver que havia trabalho<sup>43</sup>.

Mas, se os desfiles eram condição de legitimidade do trabalho dos professores, eram, sobretudo, em tempos políticos repressivos, nos quais os diretores precisavam confirmar seu atrelamento aos rumos ditados, um campo de reconhecimento social dos diretores na disputa do troféu de "*Campeão do Desfile dos Jogos da Primavera*". Segundo críticas da época, tal possibilidade de reconhecimento permitiu que os diretores

---

<sup>42</sup> **SANTOS, Rosália Bispo.** Professora Primária, formada pela Escola Normal de Sergipe. Qualificou-se em Educação Física em Curso Intensivo para Normalistas na ENEFD, no Rio de Janeiro. Lecionou Educação Física até 1955. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 03 de outubro de 2002.

<sup>43</sup> **CAMILO, Maria Consuelo.** Professora Primária formada pela Escola Normal de Sergipe. Qualificou-se em Educação Física em Curso Intensivo para Normalistas na ENEFD, no Rio de Janeiro. Lecionou Educação Física na rede pública estadual e particular de ensino de Sergipe, em toda a sua vida profissional. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 04 de outubro de 2002.

"carnavalizassem" os desfiles e subvertessem o sentido da festa, que deveria ser exclusivamente esportiva.

O jornalista Filino Carvalho, após a experiência dos I Jogos da Primavera, provocou duras críticas aos diretores de escolas que amoldaram o desfile dos *Jogos* aos próprios interesses:

Nos parece que o único desejo de cada um dêles é mostrar ao aracajuano a beleza de sua fantasia, que vem sendo, de há muito, estudada debaixo de mistérios a fim de que não seja a mesma divulgada antes da hora. (...) Vemos em tudo isto desaparecer o conteúdo dos chamados Jogos da Primavera. (...) Não existe portanto nenhum entusiasmo para a realização dos II Jogos da Primavera, o que há é a animação para um desfile de fantasias caríssimas<sup>44</sup>.

Após a realização da 2ª edição dos *Jogos*, que assistiu ao mesmo problema, a organização dos III *Jogos* encaminhou o desfile de abertura para o Estádio de Aracaju, na tentativa de conceder-lhes uma característica esportiva genuína. Tal resolução resultou em eco das críticas do jornalista Wellington Elias, eminente cronista esportivo sergipano, que recorreu às origens dos Jogos da Primavera:

o desfile era o desvirtuamento completo das finalidades básicas de jogos dessa natureza. Relegava-se a segundo plano o espírito competitivo dos jogos para surgir a faceta promocional dêsse ou daquele colégio. Um desfile que em todo lugar é realizado nos Estádios, aqui se trouxe para as ruas da cidade numa autêntica parada de pompa e cores, fugindo radicalmente do primado que inspirou o grande jornalista Mário Filho. Às vésperas dos III jogos esperamos que nesta oportunidade se pense mais nas competições, no ardor da juventude e menos na vaidade quimérica de se ganhar um desfile<sup>45</sup>.

Mas não era tão somente na questão esportiva que se pautava, a "*Gazeta de Sergipe*" — jornal que nascera como "*Gazeta Socialista*" em 1956 e manteve um perfil de combate às estruturas oligárquicas de poder — expunha, em seu Editorial de 24 de setembro de 1967, a situação precária das escolas aracajuanas em contraste à ostentação dos desfiles. Afirmou o editor:

[...] A disputa desportiva já transformou em disputa de ostentação de vestuários exuberantes, a mostrarem quanto é grande a nossa pobreza e miséria. É uma competição inglória que força os pais de alunos a grandes e insuportáveis gastos. Os principais colégios deixam de competir nos Jogos da Primavera com a desculpa de que os uniformes de desfile custam caros. Realmente custam e ninguém pode negar. Mas há de se advertir que a finalidade precípua dos 'Jogos da Primavera' não é a ostentação de uniformes, mas sim a graça e beleza dos jovens: que é garboso em qualquer traje e puro na prática dos esportes. (...) Também não concordamos com a

<sup>44</sup> CARVALHO, F. II Jogos da Primavera. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 2, 25 ago. 1965.

<sup>45</sup> ELIAS, W. De primeira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 15 set. 1966.

concentração de todos os interesses para os desfiles e competições desportivas, atraindo verbas gordas e polpudas, esquecendo-se de que a maioria dos estudantes continuam carentes de todo material escolar: livros, cadernos, mapas, etc<sup>46</sup>.

A situação da escola pública desnudava as contradições postas no desfile que se refletiam no momento das disputas esportivas:

Os desfiles era uma espécie de mostra do que eram os Jogos, mesmo que os Jogos não servissem nada. A *mis-en-scene*, aquela espécie de teatrinho chocava, no bom sentido, o público e às vezes valia muito mais o desfile do que os Jogos. Porque você via, por exemplo, colégios que não tinham nem bola, não tinham tênis, não tinham nada e os meninos iam jogar sem tênis, às vezes de pé no chão, no futebol e no atletismo você via muito isso. Mas o que interessava, interessava muito mais o desfile do que os Jogos<sup>47</sup>.

Enquanto os desfiles foram exemplos palpáveis de contendas e interesses político-sociais, de legitimação da ação dos professores de Educação Física, foram também espaços de transmissão de um conceito de esporte, dos seus benefícios na formação da juventude e na construção da civilidade social.

As características de uma sociedade a qual se queria moderna e tinha a educação e o esporte como manifestações concretas desses anseios, além da manifestação nos desfiles, precisava de estatutos simbólicos firmes que dessem sustentação ao discurso, visibilidade e reconhecimento às práticas. O símbolo e o hino dos *Jogos* foram estas marcas.



**Figura 6** - Símbolo dos IV Jogos da Primavera  
1967. 1 gravura, p&b.

**Fonte:** acervo particular de Luiz Carlos Vieira Tavares

O símbolo dos *Jogos*, idealizado por José Carlos Marques, demonstra uma clara tentativa de identificação com os jogos olímpicos: a tocha olímpica, tendo abaixo do título

<sup>46</sup> JOGOS da Primavera. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 3, 24 set. 1967.

<sup>47</sup> PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio. Entrevista concedida ao autor em 21 de novembro de 2007. op. cit.

"IV Jogos da Primavera", arcos inspirados no símbolo do COI, ainda que de modo diferenciado, tendo em vista, que o símbolo olímpico entrelaça os cinco anéis (três acima e dois abaixo), que representam os cinco continentes, enquanto que os arcos dos *Jogos* foram encadeados de modo linear. Essa tentativa remete à ligação com uma tradição, símbolo de união entre os povos por meio do esporte, todavia não se percebia que os Jogos Olímpicos já possuíam um ideário esportivo, com uma dinâmica própria de organização institucional das práticas, separando claramente os negócios do esporte, dos anseios educativos de outrora.

De igual modo, o hino oficial dos Jogos da Primavera de Sergipe, composto pela Diretora da Escola Normal, professora Maria das Graças Azevedo Melo e musicado por Alfeu Menezes, entoava loas ao ideário olímpico e seu projeto de formação da juventude pelo esporte:

Sergipanos de todos os recantos,  
Do sertão e da orla do mar  
Aplaudamos exultantes e contentes  
esse quadro de beleza sem par.

Primavera, jogos e desfiles,  
Atletismo em triunfo festivo.  
Juventude sadia que marcha  
E que cuida do esporte e do espírito.

Mocidade que passa feliz,  
Desfilando garbosa e altaneira.  
É o símbolo vivo da Pátria,  
Empunhando a nossa Bandeira.

E nas lides afanosas dos campos,  
Competindo com orgulho e ardor.  
Nos acessos da luta esportiva  
Mostra bem o seu grande valor.

O esporte é a fórmula sagrada  
Que congrega com o mesmo amor  
Seus atletas ricos e pobres  
Não importa a fortuna ou a côr.

Juventude que joga e que salta,  
Irmanada pelo mesmo ideal  
De cuidar do corpo e da alma  
Em procura do homem integral<sup>48</sup>.

Aros olímpicos, exultação do caráter "sagrado" do esporte e suas possibilidades educativas e salvadoras dos vícios da modernidade, exaltação de um projeto de formação integral, nacionalismo exacerbado que propõe unir o sertão ao litoral, sob o signo da bandeira

---

<sup>48</sup> JOGOS da Primavera já têm o seu hino. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 6, 19 set. 1965.

e da pátria são elementos próprios de uma tradição pautada nos símbolos, nas imagens e, sobretudo, nos anseios de um país que se queria grande, desenvolvido, e tinha na juventude a esperança dessa realização. Ainda que sob o controle dos poderes constituídos e sob a ideologia nacionalista.

De posse do estatuto simbólico, era preciso materializar a distinção entre estudantes e escolas. Surgiu a questão da premiação. Como o Secretário de Educação, Cabral Machado, tinha afirmado, não havia recursos para financiar a compra de troféus e medalhas; o que forçou os idealizadores e organizadores a lançarem-se ao campo do comércio e solicitarem patrocínio. Tal iniciativa dos pioneiros dos *Jogos*, também os tornou pioneiros na organização de um incipiente "marketing esportivo" das casas comerciais, uma utilização esportiva, para fins políticos, por parte de algumas prefeituras e uma penetração das federações esportivas na seara educacional.

Nos I Jogos da Primavera doaram medalhas: as prefeituras de Aracaju (100 medalhas), Estância (36 medalhas), Nossa Senhora do Socorro, Lagarto e Japoatã (20 medalhas), a ACES (20 medalhas) e a Federação Sergipana de Futebol de Salão (12 medalhas)<sup>49</sup>. Os troféus foram ofertados por empresas privadas do estado: a "*Dernier Cri*", a "*Queiroz & Cia.*" e "*A Moda*". Esta última ofertara, em 1964, um troféu de 1,20 m. de altura que ficaria exposto em sua vitrine, no centro da capital no decurso de realização dos *Jogos*<sup>50</sup>. A Comissão Organizadora instituiu que este troféu seria entregue, definitivamente, ao estabelecimento de ensino que vencesse os *Jogos* em três vezes seguidas ou cinco alternadas. O Colégio Tobias Barreto, instituição de ensino tradicional do estado, à época de caráter privado, venceu pela terceira vez os *Jogos* em 1966 e tomou posse definitiva do troféu. Ressalte-se que a proposição possuía certa semelhança com a instituição da Taça Jules Rimet, a Copa do Mundo de Futebol, que seria conquistada de modo definitivo pela seleção brasileira no tri-campeonato do México em 1970.

A dinâmica fluida de desfiles e vínculo público-privado resultou num explorar da cidade em várias direções e com distintos significados. No caso do comércio, a oferta da loja "*A Moda*" é significativa pois a mesma imprimiria na memória social uma marca indelével de modernidade. Da arquitetura — posto que o empresário João Hora de Oliveira construiu um imponente prédio de quatro andares, com moderno elevador em plena Rua João Pessoa, e a loja, situada no térreo, ostentava uma vitrine que se estendia 20 metros até o cruzamento com a Rua Laranjeiras — até a estrutura de venda que a tornou a maior loja de magazine do

---

<sup>49</sup> AUTORIDADES e comércio prestigiam os "Jogos". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 23 set. 1964.

<sup>50</sup> NOVAS casas aderem aos Jogos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 24 set. 1964.

estado<sup>51</sup>. A exposição do troféu de campeão dos *Jogos* oportunizou a todos a visualização de um objeto de desejo e uniu a imagem da loja ao esporte e todo o seu discurso civilizatório.

A festa e os objetos de desejo (reconhecimento, troféus e medalhas) tinham como finalidade, as disputas esportivas. Oriundo da iniciativa da Secretaria de Educação em conjunto com a FAES, os *Jogos* reuniram, ainda que em competições separadas, as escolas superiores, secundárias e primárias da capital. Dadas as condições estruturais da cidade, quanto a locais para a prática esportiva, limitada ao Estádio de Aracaju, ao Estádio Sabino Ribeiro, à Associação Atlética de Sergipe e ao Clube do Trabalhador<sup>52</sup>, os primeiros *Jogos* desenvolveram-se com as seguintes modalidades: voleibol, basquetebol, futebol de salão, futebol de campo (então denominado *futebol association*), atletismo, xadrez, tênis de mesa, posteriormente ciclismo (3ª e 4ª edições). Considerando a escassez de professores formados em Educação Física, as condições precárias das instalações e o número restrito de escolas em funcionamento, nada mais natural que os *Jogos* apresentassem graves deficiências técnicas e organizativas. O professor Cândido Pereira recorda alguns fatos pitorescos observados por ele à época: as provas do salto triplo eram realizadas com as passadas dos saltos alternadas, quando o correto é que os dois primeiros saltos sejam realizados com a mesma perna de impulsão; somente no terceiro ocorrendo a alternância; nas disputas de tênis de mesa, os professores exigiam a solicitação de tempo técnico que inexistia nesta modalidade; numa prova de atletismo, do arremesso de peso, um aluno que estava prestando serviço militar chegou ao local de prova ainda fardado após uma noite de campanha. Sem uniforme de competição, retirou a jaqueta e a camiseta da farda e competiu sem camisa, de coturnos e com as calças arregaçadas até o joelho<sup>53</sup>. Desconhecimento das regras, das técnicas, relaxamento da forma com que se processa uma competição esportiva refletiam o caráter embrionário dessas iniciativas que, não obstante os problemas, é preciso reconhecer e louvar a iniciativa desses pioneiros que conseguiram germinar uma tradição esportiva no estado.

Todavia, cabem algumas considerações quanto à participação e democratização de acesso aos *Jogos* nesta primeira fase. As três primeiras edições reuniram entre 17 e 18 estabelecimentos de ensino: das cinco escolas superiores a colégios estaduais, municipais e particulares. Em 1967, com a troca de mando político (mudança de governo), a FAES retirou-se da organização dos *Jogos* que passaram a ser exclusivos das escolas secundárias que, em número de dez, constituíram o corpo colegial da 4ª edição dos *Jogos*. ainda que consideremos

---

<sup>51</sup> MELINS, M. *Aracaju romântica que vi e vivi*. 3. ed. ampl. e rev. Aracaju: Unit, 2007.

<sup>52</sup> O SESC inaugurou, em 1966, um moderno ginásio de esportes no centro de Aracaju, o "Ginásio Charles Moritz", que seria utilizado nos Jogos da Primavera somente a partir de 1967.

<sup>53</sup> PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio. Entrevista concedida ao autor em 21 de novembro de 2007. op. cit.

as condições econômicas de um pequeno estado como Sergipe, o número reduzido de escolas no interior, geralmente "escolas isoladas", bem como a inexistência de professores de Educação Física nestas localidades, além das difíceis condições de deslocamento à capital, o fato é que a fase de iniciação dos *Jogos* privilegiou as escolas da capital, revelando uma similaridade com o quadro nacional que privilegiou a urbe em detrimento do meio rural. Destaque-se que no interior do estado já estavam registradas 31 associações desportivo-recreativas em 1960, que possivelmente reuniam estudantes defendendo suas cores<sup>54</sup>.

O reflexo de tal modelo foi a restrição da prática esportiva em um evento do porte dos *Jogos* às classes médias urbanas, tendo em vista que, mesmo em escolas públicas como o CES reuniam-se os filhos das famílias abastadas do centro da capital sergipana. As exceções nessa época eram algumas meninas da Escola Normal já habituadas à tradição esportiva que remontava à década de 1930, e os jovens do Ginásio Municipal Presidente Vargas, situado no Bairro Siqueira Campos, periferia de Aracaju, que se lançavam à aventura de invadir o centro para as pelepas esportivas.

A única exceção, que pode ser colocada como de estudantes desbravadores do interior, é a participação da Escola Agrícola Benjamin Constant, situada a 9 quilômetros de Aracaju, no povoado Quissamã da cidade vizinha de São Cristóvão. Os alunos da Escola Agrícola, internos e geralmente de famílias humildes do interior que viam na formação técnica em Agronomia a possibilidade de ascensão social, apresentam uma mudança de perfil na década de 1960 ao incluir, também, filhos de fazendeiros. Nas dependências da escola, com o incentivo do prof. Cândido Pereira, os alunos praticavam esporte e nas competições esportivas outros professores, até mesmo o diretor da escola, arvoravam-se de treinadores esportivos. O "Agrícola" tinha por tradição, as competições esportivas entre os internos, o que terminou por gerar na década de 1960, os Jogos Internos Benjamin Constant (JIBECs)<sup>55</sup>. O contato desses jovens, em condições educativas diferenciadas à organização das escolas urbanas, com os outros estudantes da capital, oportunizava trocas de experiência riquíssimas,

---

<sup>54</sup> À guisa de exemplificação, Sergipe possuía 74 municípios em 1964, sendo que 11 destes haviam sido reconhecidos no ano anterior e um deles apenas em janeiro de 1964. Neste sentido, Sergipe possuía, no ano de inauguração dos *Jogos*, 62 municípios em funcionamento, o que comprova que a iniciativa foi extremamente limitada nas pretensões então, em voga, de expansão do esporte como direito social a toda a população brasileira. Cf. FREIRE, E. (Org.). **Cinform - História dos municípios sergipanos**. Aracaju: Globo Cochrane Gráfica, 2002. Outro elemento a ser destacado é que o esporte pôde ser utilizado politicamente, já que quatro Prefeituras do interior ofertaram medalhas para os *Jogos*. Todavia, os prefeitos não tiveram o mesmo empenho para reivindicar e tornar possível a participação de seus concidadãos no evento. Na sociedade do espetáculo não basta ser ou ter, é preciso parecer, ainda que seja política e individualmente como "benemérito do esporte". Cf. A lista das escolas participantes de cada edição dos *Jogos* no **APÊNDICE B**.

<sup>55</sup> NASCIMENTO, J. C. **Memórias do Aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe**. Maceió: Edições Catavento, 2004.



além de permitir-lhes a ida à capital, circular pelo centro, visualizar o comércio, estabelecer novas relações sociais.

Como os *Jogos*, afora os casos excepcionais, revelaram-se restritos à classe média letrada de Aracaju, é possível inferir que as interpretações correntes de instrumentalização política do esporte, por parte do Estado, e de que as pessoas incorporaram o discurso de ascensão sócio-econômica devem ser vistas com ponderação. Segundo o Diretor do Departamento de Educação da SEC, Curt Vieira, os Jogos atenderam a interesses políticos da ditadura, ainda que sem a intenção disto:

Os Jogos da Primavera atingiram um grau tal de motivação no estado de Sergipe, principalmente em Aracaju, que eu recebi um telegrama do Comandante do 4º Exército, direcionado a mim, agradecendo por ter sido o estado de Sergipe, na área do 4º Exército, no ambiente estudantil, o que menor problema causou, em função dos Jogos da Primavera. Por que começava em março as aulas e os colégios já deflagravam o processo de treinamento, de organização, e esquecia de outras coisas que pudessem desviar a atenção da juventude<sup>56</sup>.

Todavia, entendo que mais que um instrumento intencional de manobra política e ascensão social, o esporte foi, à luz do que indica Bourdieu, um veio de demonstração de capital cultural que implicava o domínio e conhecimento de dimensões éticas e estéticas, além de ocupação de posições e espaços sociais diferenciados, refletindo todo um processo de formação da juventude, via escolarização do esporte, pois,

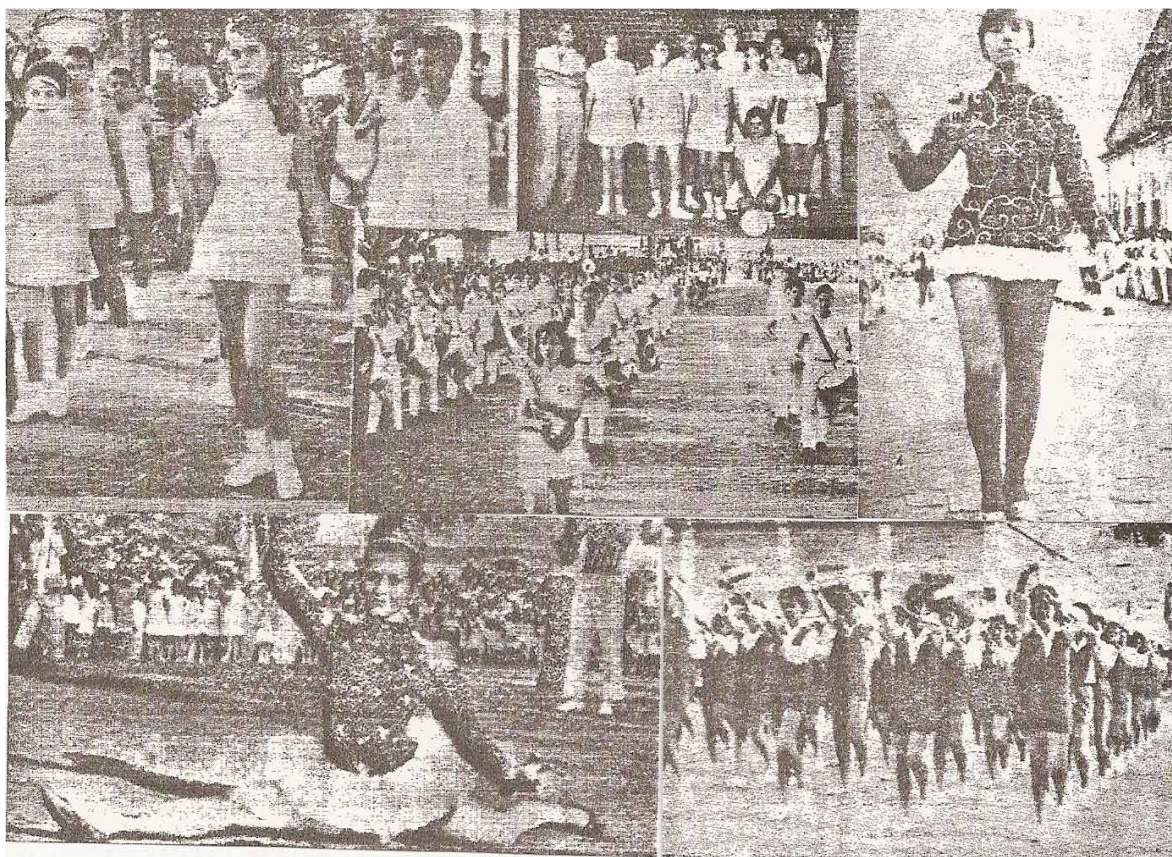
Entre as propriedades dos esportes "populares", a mais importante é o fato deles estarem tacitamente associados à juventude, a que, espontânea e implicitamente, é creditada uma espécie de licença provisória que se expressa, entre outras coisas, pelo gasto de uma abundante energia física (e sexual), e de serem abandonados muito cedo<sup>57</sup>.

Os *Jogos* trouxeram destaque a alunos, professores e, principalmente, diretores de escolas, os responsáveis por erguerem o troféu de "Campeão geral" na festa de encerramento. Os *Jogos* contribuíram com a disseminação de práticas esportivas pela cidade, demonstrando a necessidade de sua democratização mediante construção de práticas esportivas e formação de professores qualificados. A dimensão alcançada pelos *Jogos* foi incentivada no destaque dado pela imprensa radiofônica, sobretudo pela imprensa escrita. Os jornais sergipanos deram ampla cobertura dos resultados das partidas, do quadro de medalhas, expondo os jovens que mais se destacavam. A primeira página, espaço desejado por excelência por todos os que são

<sup>56</sup> VIEIRA, Curt. Entrevista concedida ao autor em 26 de novembro de 2007. op. cit.

<sup>57</sup> BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? op. cit.

notícia, foi o "abre-alas" de materialização das representações dos *Jogos* que permaneceram na memória.



**Figura 7** - Os desfiles dos *Jogos da Primavera*: iniciando a tradição  
**Fonte:** Gazeta de Sergipe, Aracaju, p. 1, 6 out. 1964. 4 fotografias, p&b.  
 Gazeta de Sergipe, Aracaju, p. 1, 21 set. 1965. 2 fotografias, p&b.

A jovem atleta conduzindo a tocha olímpica, símbolo maior de um ideal esportivo, continuamente "re-significado" como tradição. As bandas marciais anunciando e marcando o ritmo de passagem dos estudantes. As balizas que animavam o público com suas evoluções, demonstrando a desenvoltura adquirida em horas de treinamento, justamente para esta ocasião. Os estudantes perfilados na clássica fotografia da equipe esportiva. Estas imagens, estampadas na primeira página dos jornais, denotam a sintonia com a concepção de esporte que se queria transmitir, implicando a dimensão propugnada de "escolarização" do esporte.

Além do ideário esportivo — no que se refere à conduta, à formação do caráter, ao espírito olímpico do fair-play — os *Jogos* imprimiram um novo olhar sobre a participação da mulher no esporte, bem como ratificaram um primado estético sobre o corpo feminino, à luz dos princípios civilizados oriundos da Grécia e seu olimpismo. A escolha da "Rainha da Primavera" entre as jovens estudantes destacava sua participação esportiva, ainda mal vista numa cidade provinciana como Aracaju nos anos de 1960, sobretudo a plasticidade e a beleza

do conceito de mulher da época: branca, atlética, prendada e de boa família. Aliado a isso pode-se perceber na representação dos termos — "Rainha", e nas figuras abaixo, "Deusa" e "Anjo" — uma dimensão sagrada que elevava as mulheres a um panteão distinto das simples plebéias e mortais.



**Figura 8** - A Deusa Ateniense  
**Fonte:** *Sergipe Jornal*, Aracaju, p. 3, 19 set. 1965. 1 fotografia, p&b.



**Figura 9:** O Anjo Olímpico  
**Fonte:** *Sergipe Jornal*, Aracaju, p. 3, 19 set. 1965. 1 fotografia, p&b.

A representação de Cleide Melo Soares, aluna da Escola Normal, como "*Deusa Ateniense*" e de Célia Ferreira dos Anjos, aluna do "Ginásio Jackson de Figueiredo", como "*Anjo Olímpico*", revela a dimensão estética da Grécia e o ideário grego dos Jogos Olímpicos como horizontes de formação das jovens aracajuanas. De igual modo, concordando com Peter Burke, que o retrato é uma forma simbólica e, usualmente, apresenta os modelos de forma especial e favorável em suas auto-representações<sup>58</sup>, as imagens demonstram o signo distintivo de classe das que possuíam as condições reais de se exporem à sociedade aracajuana como arquétipos da beleza, da educação e da esportividade.

<sup>58</sup> BURKE, P. *Testemunha ocular*: história e imagem. op. cit.

As intenções e representações sociais não se manifestam livremente e nem sempre de acordo com as intencionalidades em pauta. Se os *Jogos* foram espaços de "escolarização" de uma dada concepção de esporte, de enraizamento de tradições que se perpetuariam, de distinção de classe, de instrumentalização social e política foram, também, espaços de tensões e conflitos que se consubstanciaram na tentativa dos sujeitos sociais se fazerem reais e/ou significativos no plano histórico.

Em um ambiente considerado como imagético pelo destaque nos jornais e pela expressividade dos corpos nos desfiles e disputas esportivas, ao contrário do que se poderia crer num Estado de exceção, as relações sociais denotaram disputas pelo poder, qual seja; estar na "cena" onde os papéis centrais são "representados". Os sujeitos recebem influência do Estado e das instituições, porém criam seus mecanismos peculiares para permanecerem no centro das ações, perfazendo o que Thompson refere como sendo aspirações válidas nos termos de suas próprias experiências<sup>59</sup>. Diante dos momentos de conflito social, ainda que os *Jogos* representassem a harmonia pelo congraçamento, os homens construíram possibilidades distintas de consecução da existência.

Nesse período, três conjuntos de fatos foram ilustrativos das tensões latentes. Primeiro, a tentativa de afirmação social em meio ao jogo político e a ação coercitiva do Estado. Segundo, a tentativa de "escolarização" do esporte pautou-se no legalismo e teve de enfrentar as resistências, da imprensa ou dos estudantes. Por fim, as lutas internas dos sujeitos para permanecerem em evidência.

No primeiro caso, os diretores escolares precisavam se enquadrar na lógica do governo ditatorial, lógica a qual toda discordância poderia ser punida sumariamente. A diretora do CES nas duas primeiras edições dos *Jogos*, a professora Maria Augusta Lobão Moreira, notória educadora sergipana, fora mantida no cargo após o Golpe de 1964 pela sua competência administrativa e também pelo seu relacionamento com as bases do golpe em Sergipe, pois seu marido, João Moreira, era um dos mais declarados informantes civis do Exército em Sergipe<sup>60</sup>. Segundo Ibarê Dantas, a professora Maria Augusta, em 1964, acatou a orientação do Exército, de expulsar do colégio seis alunos, ligados ao "Grêmio Escolar Clodomir Silva", notórios combatentes aos rumos tomados pelo país. Eram eles: Wellington Mangueira, Alceu Monteiro, Jackson de Sá Figueiredo, Mário Jorge de Menezes Vieira,

---

<sup>59</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa 1.** op. cit.

<sup>60</sup> DANTAS, I. **A tutela militar em Sergipe: 1964-1984.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

Abelardo Silva e José Anderson do Nascimento. Os alunos Wellington e Abelardo, além de expulsos, foram presos e enviados a Salvador<sup>61</sup>.

A professora Maria Augusta, como todos os diretores de escola, estava posta na "corda bamba" do jogo de poder, e as ações de todos deveriam ser de vigilantes do poder constituído. Certas encenações nesse jogo são vitais à permanência nos cargos, contudo devem ser "milimetricamente calculadas". Não foi o que aconteceu com a professora Maria Augusta, por ocasião dos preparativos dos "II Jogos da Primavera".

A diretora após conduzir a escola para o desfile de abertura dos *Jogos*, a grande vitrine dos diretores, sentiu que o CES havia sido prejudicado no julgamento do desfile de abertura, pois todas as escolas haviam extrapolado o tempo limite de evolução das balizas, à frente do palanque oficial, com a anuência da Organização, enquanto o CES havia cumprido rigorosamente os prazos. Então, publica uma nota de esclarecimento e toma uma radical decisão:

[...] Diante do exposto esta direção não vê condições de segurança para levar os alunos do CES às competições esportivas, uma vez que aberto o errado precedente da alteração do regulamento pela Comissão Julgadora do Desfile o mesmo poderá acontecer com as instruções baixadas para os jogos. Desejo ressaltar que este protesto não visa a imposição de uma boa classificação para o Colégio, pois somente o êxito dos alunos nos exames vestibulares é o que dispuo ardorosamente. [...] Trata-se pois de uma justíssima reação ao não cumprimento de uma determinação pré-estabelecida oficialmente e também visa a conservar na mentalidade dos adolescentes a firmeza no acatamento às disposições legais e no cumprimento do dever<sup>62</sup>.

A reação da SEC foi imediata. O CES é confirmado na disputa dos *Jogos*. O professor Barbosa Sobrinho é indicado interventor do colégio, dois dias após a nota. Não obstante, a professora Maria Augusta não se fez de rogada e publicou carta dirigida ao Governador Celso de Carvalho. Na carta, ratificava a retirada das inscrições dos alunos do CES para os II *Jogos*, por conta do problema do desfile. Afirmava que a decisão foi tomada em conjunto com os alunos, em reunião no auditório do Colégio, com a presença de funcionários, professores e do professor Acrísio Cruz (a convite da Diretora). Alegou que o Diretor do Departamento de Educação, Curt Vieira, incitou os alunos a se rebelarem contra a decisão da direção do CES mediante "facilidades apresentadas", concluindo taxativa:

Durante dois anos no exercício do cargo de Diretora do Colégio Estadual de Sergipe, Exmo. Sr. Governador, empreguei o máximo dos meus esforços e dedicação à causa pública, para elevar o conceito e aumentar as

<sup>61</sup> Id. Ibid. A interpretação de Ibarê Dantas é ratificada pelo depoimento de Wellington Manguiera em: SANTOS, O. **Memórias de políticos de Sergipe no século XX**. Organização Afonso Nascimento. Aracaju: J. Andrade, 2002.

<sup>62</sup> COLÉGIO Estadual de Sergipe: nota de esclarecimento. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 22 set. 1965.

possibilidades de ação deste maior Estabelecimento de Ensino Médio do Estado, o que afirmo sem receio algum de ser contestada pelas pessoas de bom senso da minha terra. Resta-me pois, à altura desses acontecimentos pedir demissão de cargo de Diretora do Colégio Estadual de Sergipe, o que faço de frente erguida, colocando acima de tudo a minha dignidade ferida pelo Governo de V. Excia<sup>63</sup>.

O CES participou normalmente dos *Jogos* e a professora Rosália Bispo dos Santos foi nomeada sua Diretora em 3 de outubro. Nesse contexto não bastava ser "amigo do rei" era preciso ser um completo "vassalo". Abalar as estruturas de um evento social, como os *Jogos*, por meio de retaliação do mais importante colégio do estado, jamais passaria incólume pelo governo de exceção. A postura da Diretora, todavia, revela, sem julgamento do mérito, uma ação de "crítica espetacular" ao afrontar a estrutura de poder por dentro dela.

No segundo caso, ainda que as justificativas fossem de conagração dos estudantes, de incorporação de um "espírito esportivo" alicerçado nas tradições e ideais moralistas, os *Jogos* foram instituídos sob a lógica esportiva e seus códigos dissonantes da organização escolar. A SEC, tendo por orientação o professor José Carlos Marques e Curt Vieira, instituiu regras e normas para os *Jogos* e Tribunais de Justiça para julgar recursos. Ao obedecer a moldes olímpicos instituídos por federações esportivas, as escolas tendem a tentar se assemelhar aos clubes, os diretores aos "cartolas", os professores aos treinadores e os alunos aos atletas.

Sob a égide esportiva e a necessidade de afirmação dos sujeitos e instituições, as denúncias de irregularidades e as contendas judiciais pulularam nessa fase: músicos profissionais contratados, para passarem como alunos nas bandas marciais, por ocasião dos desfiles; recursos contra estudantes. Dois processos revelam a tônica do período e a incorporação do esporte como norte que soterrava os princípios educacionais propugnados, de democratização do saber e das práticas.

Na terceira edição dos *Jogos*, em 1966, foi definido que só participaria do evento o aluno que tivesse a média mínima de quatro (4,0). Posto isso, após o início da disputa, o Colégio Tobias Barreto entrou com um recurso contra o CES, alegando que este havia inscrito o aluno Luiz Aragão sem média suficiente para sua participação. O CES acionando o advogado Laurindo Campos alegou que tal infração não fora deste colégio, mas da Comissão dos Jogos que não atentou para a média dos alunos. Não obstante, a alegação da defesa, o

---

<sup>63</sup> COLÉGIO Estadual de Sergipe: nota de esclarecimento. **Sergipe Jornal**, Aracaju, p. 2, 23 set. 1965.

Tribunal deu ganho de causa ao Colégio Tobias Barreto e o aluno do CES foi excluído da competição<sup>64</sup>.

Desde a 1ª edição dos *Jogos*, não era permitida a participação de atletas profissionais. Com isso, muitos deles ou eram excluídos da participação ou burlavam as regras instituídas. Na IV edição dos *Jogos*, foi notório o embate entre o CES e o Colégio Agrícola, tendo em vista que ambos denunciaram-se mutuamente na infração à norma posta. O CES entrou com um recurso contra o Colégio Agrícola, alegando que o aluno Wellington Cavalcanti Coutinho era ex-jogador profissional do América Futebol Clube, e não tinha requerido oficialmente seu retorno ao amadorismo. O Colégio Agrícola rebateu na mesma toada: acusou o aluno Raimundo Vieira de ser jogador profissional de futebol do Cotinguiba Sport Club, assim como o técnico Feola também é treinador profissional na mesma equipe<sup>65</sup>. A disputa de "futebol association" entre as duas escolas, que havia sido vencida pelo Colégio Agrícola por 2 x 0, foi anulada pelo tribunal e os atletas foram alijados do evento<sup>66</sup>.

Os processos indicam que a aproximação entre a instituição escolar e esportiva, então iniciante, subvertia o sentido educacional da escola como espaço desinteressado, como campo de apropriação do conhecimento, oportunizado a todos. A escola não conseguia lidar com o descompasso entre a produção da existência e o sistema educacional o qual abriga alunos trabalhadores, inclusive como atletas. De igual modo, os organizadores dos *Jogos* incorporaram ideais olímpicos "amadorísticos", numa época em que os Jogos Olímpicos já começavam a soterrar esse discurso; aplicado mais ao plano da forma que do conteúdo. As normas dos *Jogos* estabeleceram, então, uma exclusão sumária de alunos, antes mesmo que as equipes esportivas, seletivas por natureza, fizessem-no. Nessa exclusão, os organizadores não atentaram para as distintas formas com as quais os alunos concebem rendimento escolar e rendimento esportivo. Sob tal pressão, o discurso subliminar era a promessa de que se dedicando aos estudos (o momento penoso) os alunos poderiam desfrutar os *Jogos* (o momento prazeroso, lúdico). Em contrapartida, na busca pelo cenário social que se espetacularizava e que oportunizava a inserção na cena pública, os sujeitos criaram condições de burlar as regras e participar do show.

Incorporando uma tradição, que sintetizava espetáculos corporais, trazendo embutido um projeto de "escolarização" do esporte e de formação do caráter da juventude, sob a égide dos valores esportivos, os Jogos da Primavera, nesta fase de iniciação, ratificaram

---

<sup>64</sup> RECURSO contra o Estadual. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 30 set. 1966.

<sup>65</sup> ESTADUAL inicia ciclo dos recursos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 11 out. 1967.

<sup>66</sup> ANULADO encontro dos "IV Jogos". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 14 out. 1967.

um caráter distintivo de classe, um certo *ethos* burguês de afirmação de hierarquias sociais irredutíveis.

O terceiro caso, ilustrativo das tensões, é a necessidade dos sujeitos de reafirmarem seus papéis e suas representações sociais, além de manterem-se em evidência. Com a mudança do governador do estado e todo seu *staff* técnico-burocrático no ano de 1967, os *Jogos*, em sua IV edição, ficaram limitados à participação das escolas secundárias. Por conseguinte, a FAES e seu presidente, Raimundo Monte, foram alijados da comissão organizadora dos *Jogos*. Como a questão era política, a reação institucional foi desafiadora, sintonizada com os ideais espetaculares, além de pretendente à fundação de uma nova tradição: os Jogos Universitários Sergipanos.

Enquanto os IV Jogos da Primavera foram realizados entre 30 de setembro e 28 de novembro, com disputas aos finais de semana, a FAES, por meio de sua comissão executiva, composta por Raimundo Monte, Coriolando Guimarães, Lisomar Santana e José Gilson dos Santos, realizou os "I Jogos Universitários Sergipanos" (JUS), entre 20 e 30 de outubro. Os JUS envolveram as Escolas Superiores de Sergipe em disputas masculinas e femininas, nas modalidades de futebol, futebol de salão, voleibol, basquetebol, atletismo, natação, tênis de campo e mesa. Visando a reorganizar as tradições, os JUS foram inaugurados com um desfile em sentido contrário às duas primeiras edições dos Jogos da Primavera; partindo da Rua João Pessoa até o Ginásio Charles Moritz, onde foram realizados os rituais de acendimento da pira olímpica e do juramento do atleta<sup>67</sup>.

Os JUS tiveram destaque nos jornais sergipanos e o cronista esportivo Wellington Elias apimentou a situação criada ao elogiar a iniciativa de Raimundo Monte, "[...] relegado a segundo plano pela organização dos Jogos da Primavera", ressaltando o valor da iniciativa para a formação da juventude universitária: "Creio que a Universidade há de forjar a maturidade do nosso estudante superior, não só o cultivo dos problemas sociais e políticos, mas inclusive, na seara esportiva"<sup>68</sup>.

No prolongamento dos JUS, que tiveram a Faculdade de Filosofia como campeã da parte feminina e a Faculdade de Ciências Econômicas campeã da parte masculina, os ânimos, ações e reações de afirmação do poder foram notórias. Um caso foi a solicitação da FAES para a realização de jogos na quadra do Clube do Trabalhador, de propriedade do SESI. Com a permissão concedida, os universitários, na noite de 23 de outubro, encontraram o clube

---

<sup>67</sup> 1ºs. Jogos Universitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 17 out. 1967.; DESFILE abre hoje Jogos Universitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 21 out. 1967.

<sup>68</sup> ELIAS, W. I Jogos Universitários. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 21 out. 1967.



fechado. Raimundo Monte publica, então, uma nota de manifestação contra a indelicadeza do Sr. Orlando Rezende que havia cedido o espaço e recuou sem aviso prévio<sup>69</sup>. Ressalte-se que Orlando Rezende era membro da comissão organizadora dos IV Jogos da Primavera.

Entendo que a iniciativa e a disputa geradas não podem ser vistas como meramente esportivas. Resultam na tentativa precípua de “marcar território”, estabelecer o confronto entre os eventos espetaculares para a construção de outros. Denota o que Debord reporta como “unidade e divisão na aparência”, ou seja, o esfacelamento e oposição, aqui em tela, não refletem rupturas, mas flashes da mesma imagem, a necessidade de “se fazer ver”<sup>70</sup>.

Os Jogos da Primavera nas quatro primeiras edições resultaram no plantio de uma semente de escolarização do esporte por via do enraizamento de uma tradição, crescentemente espetacularizada. A cidade de Aracaju precisava de espaços esportivos. As escolas precisavam de professores qualificados. Os diretores enxergaram no evento uma grande vitrine para suas escolas, sejam de natureza privada ou pública, ou para mostrarem-se coniventes aos rumos políticos. A imprensa representou o evento como uma grande matriz de notícias com múltiplas interfaces. Os alunos divertiram-se, confraternizaram-se, brigaram e viveram o caráter multifacetado do esporte. A classe política enxergou um grande espetáculo de aproximação ao povo, de divulgação de realizações e de encenação eleitoral. Neste sentido, qual o motivo de encerramento dos *Jogos* em 1967?

A IV edição dos *Jogos* foi enfraquecida pela mudança de governo, pela saída da FAES da organização, pela redução do número de estabelecimentos participantes (apenas 10), sobretudo pelos abalos que vinha provocando na rotina escolar, o que resultou numa dura crítica do editorialista da "*Gazeta de Sergipe*", meses antes desta última edição:

Absolutamente, não somos contra as práticas de esporte, principalmente por parte da juventude. Em dias passados, aplaudimos a criação dos "Jogos da Primavera", por vermos na maratona, um incentivo aos esportes no seio da juventude. Os "Jogos" duravam, então, no máximo de 15 dias. Cogita-se agora, para os "Jogos da Primavera", um período bem maior, indo de 21 de setembro a 19 de novembro, mas com peijas nos fins de semana. Além de esporte, a juventude sergipana precisa realmente de estudo. O período proposto nos parece longo demais, além de o campeonato se encerrar às vésperas das provas. É sabido que nos dias dos "Jogos", oitenta por cento dos alunos abandonam as escolas e vão aos estádios torcer pelos seus quadros. Do modo proposto, não haveria mais aula nos fins de semana. E o estudante sergipano anda tão carente de aulas... A Comissão Organizadora deveria estudar mais detalhadamente este assunto. Que se dê ao estudante um número ilimitado de competições esportivas. Mas que essas competições

<sup>69</sup> CLUBE fechado não permite jogo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 5, 24 out. 1967.

<sup>70</sup> DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. op. cit. p. 37.

esportivas atrapalhem o bom andamento dos estudos, isto é o que está errado<sup>71</sup>.

Os problemas e as demandas, portanto, eram grandes. Considerando que as representações dos *Jogos* enraizaram-se na memória social sergipana, o esporte solidificou-se como um instrumento, não só político, mas de identificação cultural entre os homens, notadamente sob a identidade da nação. Tornou-se premente que, mesmo com a finalidade festiva, aliada a nascentes interesses esportivos institucionalizados, se reorganizasse a tradição.

### **2.3. Fim dos Jogos! Ou... um intervalo para arrumar a casa:**

O fim dos *Jogos* não estabeleceu um debate acerca de sua continuidade ou não, mas deixou evidente que todas as manifestações culturais dependiam dos ventos ou sabores políticos que ocupavam o poder, principalmente seu maior ou menor vínculo com a ditadura. A mudança de governo, perpetrada em janeiro de 1967, significou a ascensão de Lourival Baptista, baiano que fez carreira política em Sergipe, sob as bênçãos do usineiro Augusto do Prado Franco. Neste momento político, o autoritarismo já havia se consolidado com as instituições, sob a mira dos órgãos de informação, a cooptação e o compadrio campeando; a resistência política, porém, enfraquecida.

O governo de Lourival Baptista seguiu à risca as direções autoritárias e punitivas indicadas pelo Ministério da Justiça. Seguindo os rumos nacionais, foi uma administração empreendedora, pautada na ostentação: postos de saúde, colégios, rodovias, conjuntos habitacionais e um, até hoje único, edifício de 28 andares no centro de Aracaju<sup>72</sup>. Nessa seara de desenvolvimento e modernização, educação e esporte não ficaram sem investimento, ao contrário, sofreram avanços significativos.

Sob os auspícios do Secretário de Educação e Cultura, Carlos Alberto Barros Sampaio, o governo iniciara a construção de um ginásio de esportes no CES em 1969, ampliou a oferta de matrículas escolares com a fundação de 14 escolas<sup>73</sup>, além da criação da Fundação Universidade Federal de Sergipe em 1968. Tais iniciativas faziam a cidade se expandir para as zonas oeste e sul, possibilitando uma nova circulação social.

<sup>71</sup> JOGOS da Primavera. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 5, 4 jul. 1967.

<sup>72</sup> DANTAS, I. *História de Sergipe*: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.; e FIGUEIREDO, A. *História política de Sergipe 5*: 1962-1975. Aracaju: [s.n.], [198-].

<sup>73</sup> SERGIPE. *Decreto-lei n.º 6*, de 16 de abril de 1969. Cria na rede escolar oficial do estado 14 (quatorze) Unidades de Ensino Primário e dá outras providências. Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Se a construção das escolas era um avanço, com a realização dos Jogos da Primavera e dos JUS ficou patente a necessidade de novos espaços para a prática esportiva. O SESC inaugurara o Ginásio Charles Moritz em 1966, enquanto a Associação Atlética de Sergipe construía a primeira piscina, em moldes competitivos do estado, no ano seguinte<sup>74</sup>. Foi, entretanto, o novo olhar sobre o futebol que solidificou a administração de Lourival Baptista e se enraizou como um lugar de memória do esporte sergipano. Segundo Pesavento, a materialidade de uma cidade se dá a ver, mas também a ler, por enxergar uma mediação entre espaço e tempo<sup>75</sup>. O acanhado Estádio de Aracaju foi abandonado em detrimento de uma construção de estrutura moderna que avançou sobre um terreno pantanoso, significando a materialização dos anseios da modernidade em sintonia com seu grande signo espetacular, o esporte.

O novo estádio foi batizado, num extremo de oportunismo e casuísmo político, "Estádio Estadual Lourival Baptista", sendo denominado, a partir de então, como "Batistão"<sup>76</sup>. Foi inaugurado em 8 de julho de 1969 com a presença da Seleção Brasileira que se preparava para disputar a Copa do México no ano seguinte. Jogando contra a seleção sergipana, impingiu a esta uma fragorosa derrota pelo placar de 8 x 2<sup>77</sup>. Neste palco esportivo desfilariam ídolos do esporte mundial; sobretudo seria o espaço onde se desenvolveriam os desfiles de abertura, desta feita com caracteres exclusivamente olímpicos, dos jogos escolares, que substituiriam os Jogos da Primavera.

Se a cidade, todavia, despertava para uma nova conformação estética, social, econômica e esportiva, o grande avanço para os *Jogos* seria a formação de professores que iriam lhes dar sustentação, bem como seriam seus principais críticos. A UFS foi fundada em 1968, reunindo as Escolas Superiores, então existentes, sob a direção de sua Fundação. A Educação Física não fora contemplada, neste momento, como um de seus novos cursos, continuando Sergipe ainda sem a possibilidade de formação de professores na área com nível superior.

---

<sup>74</sup> LÍRIO, A. P. S. **A natação nos clubes esportivos de Aracaju e seus pioneiros**: dos rios às piscinas. 2007. 92 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

<sup>75</sup> PESAVENTO, S. J. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. op. cit.

<sup>76</sup> Este oportunismo político não foi uma exclusividade do governador Lourival Baptista. Fixar seus nomes em estádios de futebol tornou-se uma ação política corriqueira a partir de então e nenhum governador resistiu a esta tentação, inaugurando os estádios "Paulo Barreto de Menezes" em Lagarto, "Augusto Franco" em Estância, "João Alves Filho" em Propriá e "Antônio Carlos Valadares" em Maruim. Sem contarmos com a profusão de batizados de escolas por todo o estado com o nome dos nossos governadores, algo ilegal, mas substancial e intencionalmente, perpetrador de sua lembrança na memória social sergipana.

<sup>77</sup> INAUGURAÇÃO do "Batistão": Brasil 8 x 2 Sergipe. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 9 jul. 1969.

A D.E.F. do MEC sabia que esse era um problema nacional já detectado nos resultados do "*Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil*". A saída emergencial foi a constituição de "Cursos de Atualização em Educação Física" para qualificar os professores leigos que já ministravam a prática nos colégios primários e secundários.

Em julho de 1969, sob a coordenação do Diretor da D.E.F./MEC, professor Félix D'Ávila e da Inspetora seccional do ensino secundário, professora Alvina Marques da Silva, foi realizado, na Associação Atlética de Sergipe e no Ginásio Charles Moritz, o "1º Curso de Atualização em Educação Física". O curso, ao longo de todo o mês das férias escolares, tratou de práticas esportivas e ginásticas, a saber: atletismo, voleibol, basquetebol, natação, tênis, ginástica masculina e feminina. Essa experiência pedagógica contou com a orientação dos professores Osvaldo Gonçalves, Lúcio Cunha Figueiredo, Raimundo Nonato de Azevedo, José Maria Teixeira, Sônia Mara Tocken e Lia Ferreira Pinto Milward<sup>78</sup>. Obedecendo aos preceitos pedagógicos da ENEFD, tendo um ritmo intenso, o Curso deixou uma forte contribuição e marcas memoráveis em Sergipe, conforme relembra o professor Cândido Pereira:

Se visava dar um cunho científico ao professor para que o aluno não corresse riscos de danos físicos né. Você procurava dar ao professor-leigo a qualidade, o "jogo" inteligente entre qualidade e quantidade de carga nas aulas de educação física e se trabalhava muito em cima do esporte. Os cursos foram feitos aqui, no SENAC, no Charles Moritz — não sei se SENAC ou SESC — hoje acho que é SESC, Charles Moritz, as aulas eram feitas ali, na Associação Atlética a parte de atletismo e piscina e no Batistão também. Eram aulas, assim, aulas às vezes muito tensas, que se verificava às vezes um sofrimento muito grande para professores que já tinham uma idade avançada e que eram obrigados a se submeter àquele tipo de carga horária. Mas eram cursos... Se houve na época, algum abuso por parte dos professores de fora, no sentido de marcar o curso, mas o que é verdade é que, naquela época era um remédio, embora amargo, mas era o remédio para melhorar a situação da educação física<sup>79</sup>.

*Pari passu* ao investimento na qualificação dos professores em todo o Brasil, o Estado brasileiro garantia, ao menos nos termos da lei, a obrigatoriedade da educação física, trabalhando na direção de massificar o esporte nacional, sobretudo, por meio da escola.

No fortalecimento do Ensino Superior da graduação à pós-graduação, que obteve polpidos investimentos do governo ditatorial, a educação física passa a ser estimulada

<sup>78</sup> CURSO de Educação Física continua no Charles Moritz. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 26 jul. 1969.

<sup>79</sup> PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio. Entrevista concedida ao autor em 21 de novembro de 2007. op. cit.

exigindo-se, para tanto, orientação e instalação adequadas<sup>80</sup>. Desse estímulo passou à obrigatoriedade em 1971, pelo Decreto n.º 69.450, que afirmava em seu artigo 2º: "A educação física, desportiva e recreativa, integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino"<sup>81</sup>. Sustentava que as práticas, no ensino superior, teriam natureza predominantemente esportiva com objetivos de manutenção e aprimoramento da aptidão física, conservação da saúde, integração do estudante, consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade.

No caso da massificação esportiva, o governo brasileiro funda, em 1969, os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), que se tornaria um evento fundamental, no envolvimento dos jovens, com o esporte na escola, bem como no desenvolvimento da área de educação física.

Se em Sergipe, a UFS não estava preparada para garantir a obrigatoriedade da educação física, não havia curso superior de formação de professores na área, e o evento que oportunizava o envolvimento da juventude com o esporte, os Jogos da Primavera, havia sido extinto, como se adequar aos novos rumos históricos? Destacaram-se em cena, figuras luminares nos cursos de capacitação de professores, no Curso de Educação Física da UFS e no desenvolvimento global da área no estado, os professores Félix D'Ávila e Cândido Sampaio Pereira. De igual modo, inspirado nos JEBs, Sergipe assiste à construção da segunda fase dos processos de "escolarização" do esporte e as intempestivas ações de tornar a escola o espaço formativo, para o esporte de rendimento, ou a tentativa de "esportivizar" a escola, a fase de "aperfeiçoamento" ou fase dos Jogos Estudantis Sergipanos (JES).

---

<sup>80</sup> BRASIL. **Lei nº 5.540**, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>81</sup> BRASIL. **Decreto nº 69.450**, de 1 de novembro de 1971. Regulamenta o art. 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e a alínea "c" do art. 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, e dá outras providências. op. cit. p. 5.

## **5 JOGOS ESTUDANTIS SERGIPANOS (1970-1978): FORMAÇÃO DE PROFESSORES, TRADIÇÃO E ENSAIO DA "ESPORTIVIZAÇÃO" DA ESCOLA**

*De repente é aquela corrente pra frente,  
parece que todo o Brasil deu a mão.  
Todos ligados na mesma emoção,  
tudo é um só coração.  
Todos juntos vamos, pra frente Brasil!  
Salve a seleção!<sup>1</sup>*

A década de 1970 no Brasil, nascera imersa no medo, na desesperança e na euforia. O medo provocado pelo acirramento da repressão política que, desde dezembro de 1968, com o Ato Institucional n.º 5, cassava direitos, prendia, torturava e executava brasileiros em todo o país. A desesperança para a juventude, pois se pregava que "o sonho acabara", os "heróis" morriam de overdose, tal qual os ídolos do rock; exilavam-se ou eram executados como os guerrilheiros e líderes políticos da resistência. Todavia, era de euforia pelo desenvolvimento social e econômico que o país atravessava, sobretudo, pela expectativa do tricampeonato de futebol na Copa do Mundo do México.

A Copa de 1970 alimentou o ambiente espetacularizado em que submergiu a sociedade brasileira. O ufanismo cantado em versos de "*Pra frente Brasil*", de Miguel Gustavo e "*Eu te amo meu Brasil*", de Dom e Ravel, inebriava o país que se unificou; do General-Presidente aos guerrilheiros, do grande empresário ao pequeno operário ou camponês nordestino, em torno da "seleção canarinho". Em meio ao caos político que atravessava o país, figuras ilustres tinham outras preocupações. A exemplo do Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange que estava ocupado com sua escalada para entronizar-se Presidente da FIFA. Outros como Pelé, ungido "Rei do futebol", sintonizava-se com a apatia política e declarava em 1972: "não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é

---

<sup>1</sup> "*Pra frente Brasil*", música de Miguel Gustavo.

melhor para nós e nos governam com tolerância e patriotismo"<sup>2</sup>. Talvez o país idílico a que Pelé se referia fosse aquele que o homenageava em todas as partes, assim como o Sr. João Havelange, a exemplo de que ambos foram consagrados "Cidadãos Sergipanos" pela Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe em 22 e 25 de julho de 1970, respectivamente<sup>3</sup>.

O Brasil jamais fora este paraíso político, porém sempre foi marcado pela tradição esportiva. Em meio à miséria endêmica, às disparidades sócio-econômicas entre as regiões do país, várias críticas foram construídas sobre esse processo, mas o que se solidificou foi mais um meio de união; o ufanismo em torno do esporte. Com relação às críticas, entendo ser necessário matizá-las, ao considerar a impossibilidade de manter-se alheio ou resistente ao sentimento de reunião que o esporte, principalmente o futebol, nutre. Para Corbisier, o sentido real de religião, *religere*, ou seja religar, reunir, reatar o que está dividido, só encontra uma expressão no país, o futebol. Enquanto única religião nacional, o futebol torna possível que:

De norte a sul, de leste a oeste, católicos, protestantes, positivistas, espíritas, ubandistas, homens e mulheres de todas as confissões e seitas religiosas, esquecem suas divergências de crenças e comungam no mesmo entusiasmo, na mesma "torcida" pelos seus times. Burgueses, pequeno-burgueses e operários, olvidam a luta de classes e vibram juntos com os passes e "goleadas" de seus clubes favoritos. Militares e civis, anistiando-se uns aos outros, reconciliam-se no gramado dos Maracanãs. Brancos, pretos, mulatos, metecas, cafusos e mestiços, entregam-se todos ao mesmo sortilégio da bola esvoaçando à procura do gol. Profissionais de todas as profissões, agricultores, industriais, comerciantes, banqueiros, professores, intelectuais, têm todos os seus clubes e por ele torcem e vibram quando entra em combate<sup>4</sup>.

Pode-se fazer o debate acerca do caráter alienante das religiões, principalmente mediante o materialismo; contudo, não há como desconsiderar que este é um dos pilares de sustentação das identidades nacionais, do oriente ao ocidente, das bases conservadoras às modernas. Nesse diapasão, seja em âmbito democrático ou ditatorial, o esporte também se tornou um símbolo essencial dos valores da modernidade e campo central da formação da alma e do desenvolvimento dos países. Portanto, a junção entre instituições, como esporte e religião, se tornou uma das características centrais da sociabilidade moderna que se configurara no Brasil ao longo do século XX.

Considerando as contradições culturais que mediavam as práticas, o objetivo deste capítulo, que trata da segunda fase dos jogos escolares no estado, é compreender o processo

---

<sup>2</sup> PELÉ *apud* BRANCO, C. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, F. C. T.; SANTOS, R. P. (Org). **Memória social dos esportes 2: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2006. p. 215.

<sup>3</sup> EDITORIAL. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 30 jul. 1970.

<sup>4</sup> CORBISIER, R. **Raízes da violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 185-186.

de reconstrução das tradições dos jogos em Sergipe, passando de Jogos da Primavera a Jogos Estudantis Sergipanos (JES). Tomando-se por princípio, as orientações nacionais e a gestação dos JEBs — outro símbolo de unificação nacional pelo viés esportivo — quais as contradições enfrentadas para abandonar a escolarização do esporte no estado, buscando "esportivizar" a escola através dos jogos? Nessa década afloraram múltiplas tentativas qualificadas para consecução desse intento, notadamente os cursos de atualização de professores-leigos, cursos internacionais, sobretudo a criação do Curso de Educação Física da UFS. No entanto, a realidade sergipana e os interesses políticos soterrariam tais pretensões.

Conforme se buscava o desenvolvimento propugnado pelos governantes militares, investiu-se muito na consolidação do esporte de massa, seja do aspecto visual das grandes construções aos eventos esportivos de caráter nacional. No campo legislativo, já se havia determinado a obrigatoriedade da educação física. Na esfera do Executivo, a D.E.F. do MEC tornara-se Departamento de Educação Física e Desportos, sendo alçado, em 1978, ao status de Secretaria de Educação Física e Desportos com a finalidade de planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento da educação física e dos esportes no Brasil<sup>5</sup>. Sob a supervisão da D.E.F., já fora detectado pelo "*Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil*", deficiências no número de cursos superiores de educação física, na dispersão da indústria de materiais e instalações esportivas, ausência de intercâmbios entre profissionais e instituições, demandas populares pelo atendimento de atividades físicas de lazer, sendo que a distância entre o Sul-Sudeste e o Norte-Nordeste-Centro-oeste no atendimento às demandas e às resoluções das deficiências era abissal<sup>6</sup>.

Segundo o MEC, a organização esportiva brasileira deveria partir da detecção objetiva dos problemas para a definição dos objetivos da formação esportiva com base na teoria da pirâmide:

É considerado ideal o sistema de organização que produz uma elite desportiva originária da massa praticante, enquanto o que se orienta para a seletividade da representação demonstra inconstância nos resultados, além de usar a comunidade como meio e não como fim. Em termos econômicos, isto significa ser o **investimento** — traduzido por instalações na infraestrutura: rede escolar, equipamento básico urbano, centro de Educação Física/Desportos etc. — encargo prioritário do Estado, além da ação implícita **normativa**, enquanto **custeio** — manutenção, administração, funcionamento, representação etc. — constituir a contrapartida principal da comunidade<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> BRASIL. **Decreto nº 81.454**, de 17 de março de 1978. Dispõe sobre a Organização Administrativa do Ministério da Educação e Cultura e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2006.

<sup>6</sup> COSTA, L. P. **Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil**. op. cit.

<sup>7</sup> Id. Ibid. p. 20. Grifos do autor.



Propugnava-se o desporto de massa como objetivo, mas primava-se por atingir o ápice da pirâmide — mediante a massificação e "esportivização" da escola — que representaria a grandeza do país, frente às demais nações em competições como os Jogos Pan-americanos e os Jogos Olímpicos.

As ações executivas foram eficientes. Ampliou-se enormemente o número de cursos superiores de educação física que, ao final da década de 1970, atendiam a todos os estados brasileiros. Houve uma gigantesca empreitada na construção de modernos estádios de futebol, principalmente no Norte-Nordeste. Primordialmente, o MEC investiu na inauguração do evento o qual possibilitaria a consecução do projeto da "pirâmide esportiva", todavia, serviria muito mais como ápice de uma tradição esportivo-estudantil nacional, os JEBs.

Os JEBs foram criados pelo governo brasileiro no auge da repressão da ditadura. Afora as "elucubrações conspiracionistas", o evento se inseria em um movimento internacional que pregava a realização de grandes prélios esportivos como vitrine do desenvolvimento do país. O Brasil, enquanto nação latino-americana, que se desenvolvia aos ventos do capital internacional, não poderia abdicar de se inserir no contexto globalizado, principalmente em uma iniciativa que aliava os dois grandes projetos internacionais, o esporte e a educação ao seu alvo preferencial, a juventude.

Tendo na direção da D.E.F., o sergipano Félix D'Ávila, os JEBs elegeram como finalidade:

[...] desenvolver o intercâmbio social desportivo entre os estudantes, incrementar as boas relações entre mestres e alunos, estabelecer uma reunião segura entre a classe estudantil e o poder público, exaltar a prática desportiva como instrumento imprescindível para a superação do indivíduo e a formação de personalidade, fazendo surgir novos valores no panorama desportivo nacional<sup>8</sup>.

Em meio ao discurso de promoção e desenvolvimento da juventude estudantil, já transparecia o interesse de revelação de talentos que resultaria em alguns casos de sucesso olímpico<sup>9</sup>.

É mister apreender que as proposições dos JEBs eram incongruentes, dado que o espírito iluminista da escola ressalta a integração, a garantia do Estado em atender a todos indistintamente, enquanto o esporte, nessa ótica, sustentava-se na exclusão, seleção e

<sup>8</sup> BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Educação Física. **Jogos Estudantis Brasileiros: Regulamento geral**. Brasília: [s.n.], 1969. p. 6.

<sup>9</sup> Ao longo desta década, nos primeiros doze JEBs, apresentaram-se alguns atletas que iriam a Jogos Olímpicos, mas apenas três conseguiriam a tão cobiçada medalha olímpica na década de 1980: Djan Madruga (natação), Joaquim Cruz (atletismo) e Aurélio Miguel (Judô). Cf. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Jogos Estudantis Brasileiros. Jogos Escolares Brasileiros. Campeonatos Escolares Brasileiros: retrospecto geral**. Brasília: [s. n.], 1981.

instrumentalização, tornando-o incompatível a um projeto democrático de educação. Ratificava-se, por meio dos JEBs, a lógica burocrática e, ao menos no discurso, a lógica meritocrática do Estado de exceção brasileiro.

A organização dos JEBs estruturou-se sob a égide e os princípios do esporte de rendimento. À sua "Comissão Organizadora", competia homologar recordes e relatar as melhores "performances" à D.E.F. À sua "Direção de Estudos Técnicos", cabia discutir os problemas do esporte estudantil brasileiro e, sobretudo, debater sobre a moderna técnica do treinamento desportivo. A participação estava liberada a todos os estudantes brasileiros regularmente matriculados em escolas públicas ou particulares de 1º e 2º graus, sendo que sua inscrição, conseqüentemente seleção, estava delegada às secretarias estaduais de educação. As delegações eram formadas por chefe, médico, acompanhantes, tesoureiros, professores ou treinadores e atletas. As modalidades esportivas incluíam das práticas convencionais e acessíveis popularmente como atletismo, basquetebol, voleibol e handebol, aos esportes de elite como esgrima, arco e flecha, hipismo e iatismo<sup>10</sup>.

Postos esses dados, o vínculo ao esporte de rendimento dos JEBs estruturou-se em completo descompasso à realidade educacional brasileira, principalmente os estados do Norte-Nordeste-Centro-oeste, a exemplo de Sergipe. Como obedecer aos princípios do treinamento desportivo sem professores qualificados, instalações adequadas e estrutura escolar eficiente? Como atender à estrutura complexa de delegações esportivas, se a prática esportiva sustentava-se nos esforços hercúleos dos poucos professores em atividade? Como trabalhar modalidades olímpicas complexas se as básicas já eram comprometidas?

A jornada dos JEBs, ao longo da década de 1970, foi acirrando esses descompassos ao invés de dirimi-los. Na 3ª edição dos JEBs, realizados em Belo Horizonte no ano de 1971, o MEC afirmara que a finalidade era formar atletas, já pensando nos Jogos Olímpicos de Montreal, dali a cinco anos, inclusive com proposta de bolsas para que os estudantes de destaque especializassem-se em apenas uma modalidade. A partir dos VII JEBs, em Brasília (1975), foram instituídos testes de perfil psicológico dos atletas, em convênio com o Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília (Unb), que classificavam atletas de alto e baixo desempenho, com base em traços de personalidade, tais como: agressividade, necessidade de realização, auto-suficiência, segurança e grau de ajuste psicológico. Os testes psicológicos foram ampliados em 1977, por ocasião dos IX JEBs, para testes antropométricos,

---

<sup>10</sup> BRASIL. **Jogos Estudantis Brasileiros**: Regulamento geral. op. cit.

os "*antropojobs*", desta feita com apoio de diversas universidades federais e da Universidade de Vancouver (Canadá)<sup>11</sup>.

A ambigüidade, entre esporte como meio de formação humana e escola como espaço de formação de atletas, possibilitou a nascente "esportivização" da escola, sem atentar para a incongruência formativo-educacional dessa proposta, bem como para as peculiaridades regionais do Brasil. Posto isso, diante desse evento e do projeto da Federação em incentivar a "pirâmide esportiva", como se adequaram os estados brasileiros? Que investimentos foram feitos na consecução deste projeto?

Em Sergipe, com o fim dos Jogos da Primavera, a ausência de curso de formação de professores de educação física, as práticas de educação física e esportes ainda sem orientação qualificada, a década de 1970 assistiu à efervescência dos esforços de qualificação profissional, de apuro das práticas e de entrada em sintonia com as aspirações nacionais. Este momento constituiu-se na "fase de aperfeiçoamento" dos jogos escolares. Como todo trabalho de aperfeiçoamento, é possível que se avance nas intenções ou que se naufrague nas tentativas; os JES constituiu-se na reconstrução dos jogos escolares enquanto tradição. Sua história, nascedouro, realização e fracasso frente ao projeto nacional dos JEBs, revelaram nexos e contradições quanto aos diversos cursos de qualificação/formação de professores de educação física e à ação de sujeitos diretamente envolvidos.

### **5.1 Formando professores de educação física em Sergipe: formando para os Jogos?**

Após a iniciativa pioneira do "*1º Curso de Atualização em Educação Física*" no ano anterior, a D.E.F. continuou incentivando tais ações no sentido de atender às demandas nacionais. Em 1970, aconteceu em Sergipe, o "*2º Curso Básico de Atualização em Educação Física*". Foram designados os professores Ary Façanha de Sá, Homero José Alcântara Ribeiro, João Carlos Camargo e Castro, Paulo Murilo Alves, Antônio Fernandes Martinho, Deyse Barcelos Ribeiro e Maria Edma de Barros, sob a coordenação do professor Cândido Augusto Pereira, para ministrarem aulas de atletismo, voleibol, futebol, basquetebol, ginástica masculina e feminina, natação masculina e feminina aos professores-leigos do estado<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> BORGES, E. C.; BUONICORE, A. **Memória do esporte educacional brasileiro**: breve história dos Jogos Universitários e Escolares. São Paulo: Centro de Estudos e Memória da Juventude; Brasília: Ministério do Esporte, 2007.

<sup>12</sup> BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Educação Física. **Portaria n.º 62**, de 30 de dezembro de 1969 - Designa Coordenador Geral do Curso Básico de Atualização em Educação Física, a realizar-se em janeiro de 1970, em Aracaju-SE.; BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Educação Física. **Portaria n.º 63**, de 30 de dezembro de 1969 - Designa professores para ministrarem o Curso Básico de Atualização em Educação Física, a realizar-se em janeiro de 1970, em Aracaju-SE.

O curso teve um rigoroso processo de avaliação, tendo em vista que seriam concedidas bolsas de estudo, para cursar educação física no âmbito superior, aos melhores alunos. Ao final, os professores Antônio Paixão, Manoel Luiz Oliveira, Maria Conceição Araújo, Fernando Oliveira, Lígia Sales e Mirthes Araújo foram contemplados com a bolsa para estudarem na Universidade de Pernambuco. Destes, o professor Antônio Paixão optou pela Medicina tornando-se médico e professor da UFS, enquanto a professora Mirthes Araújo, após licenciarse em educação física, não retornou a Aracaju, para dar sua contribuição ao desenvolvimento da área.

Era notória a tendência à esportivização na qual a educação física ia enveredando, sobejamente no plano de incentivo à sua permanência no seio escolar sob tal direção. No ano de 1971, o "*3º Curso Básico de Atualização em Educação Física*" voltou-se ao Ensino Médio, desta feita sob a coordenação do professor Félix D'Ávila. Apresentava no seu currículo, as disciplinas de atletismo, natação, voleibol, handebol, basquetebol, ginástica de solo, jazz e legislação, organização da educação física e organização de competições. Tais disciplinas ficaram sob a responsabilidade dos professores, Paulo Fernando Philipp, Marta Helga Kenpmann, Félix D'Ávila, Homero José Alcântara Ribeiro, Sérgio Giansante, Alberto Teixeira Chaves e Maria Edma de Barros. No mesmo período realizou-se o "*Curso de Aperfeiçoamento em Educação Física na Escola Primária*" com trabalho na área de iniciação esportiva, com o professor João Tércio Negrão, e recreação a cargo da professora Lia Lima<sup>13</sup>. A organização destes cursos, ainda que de forma incipiente, já apresentava uma preocupação com a organização do conhecimento, espaço e tempo escolar da educação física na escola em relação à formação dos jovens, apesar de já sinalizar com a hegemonia do esporte enquanto conteúdo da área.

As iniciativas pioneiras tomaram uma direção mais efetiva de formação de professores após a decretação da obrigatoriedade da educação física no ensino superior. O professor Félix D'Ávila, até então Diretor da D.E.F. do MEC, aceitou o convite do Reitor da UFS, professor João Cardoso do Nascimento Junior, para implantar a educação física na universidade. Aliando-se ao professor Cândido Pereira e à professora Edma Barros, o professor Félix D'Ávila convida os professores ministrantes do "*3º Curso Básico de Atualização em Educação Física*" a integrarem-se ao projeto. O convite foi aceito por alguns que, somados a outros convidados por Félix D'Ávila, já perspectivavam a criação do Curso Superior de Educação Física da UFS.

---

<sup>13</sup> DOIS Cursos para professores de Educação Física em Aracaju. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 12 dez. 1970.

A direção, que o professor Félix D'Ávila assinalava, era sintonizada com o desenvolvimento do esporte de massa e bem ao gosto dos rumos políticos do país, assim como limitava a prática da educação física a apenas um de seus elementos culturais, o esporte. Declarava na sua chegada a Aracaju, em 1970:

Começaremos um trabalho no esporte da Educação Física da UFS, dentro de um planejamento que atenda, além da comunidade universitária, todo o nosso estado. Todos os esportes existirão na universidade dando-se preferência ao atletismo, natação, basquete, voley, ginástica, futebol de salão e cancha por serem os mais conhecidos. A seguir colocaremos outras modalidades como handebol, ginástica de competição etc. que ainda não são conhecidas pelo povo sergipano<sup>14</sup>.

A empreitada dos professores foi dar vida ao "*Centro de Civismo, Educação Física e Desportos*" da UFS, fundado em agosto de 1970. O "Centro" definia como objetivos: prática de esportes; estímulo e apoio à associação desportiva de alunos; proporcionar assistência médica aos alunos participantes; e promoção de competições esportivas contribuintes ao desenvolvimento físico e moral dos universitários<sup>15</sup>. Percebe-se a clara tentativa de dar corpo à lei, com a disseminação da prática esportiva, aliada aos aspectos utilitaristas da saúde e aos moralistas de formação do caráter. Aos professores, cabia, no âmbito de suas experiências, erigir uma prática que, corroborando os ditames políticos do momento, apontasse para a dinamização da educação física no estado de maneira qualificada.

Diante das condições políticas, econômicas, sociais e culturais favoráveis ao desenvolvimento do esporte, seja em via educativa ou de rendimento, a UFS oportunizou viagens de intercâmbio de professores aos grandes centros do esporte moderno. O professor Alberto Teixeira Chaves fez cursos de natação na Universidade de Rhode Island (EUA); o professor Homero Ribeiro viajou a Bucareste, na Romênia, a fim de se especializar em handebol, enquanto o professor Sérgio Giansante dirigiu-se a Berlim, na Alemanha Oriental, com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos em atletismo. O investimento na viagem de professores aos países socialistas do Leste Europeu pôde denotar uma tendência de que, independente de regimes políticos, o fundamental era o desenvolvimento do esporte no Brasil, da sua massificação à detecção e treinamento de atletas. Neste diapasão, tais iniciativas demonstraram a possibilidade de ampliar os cursos de formação para frentes internacionais, o que o "*Centro de Civismo, Educação Física e Desportos*" abraçou, sob a direção de Félix D'Ávila, a partir de 1974.

<sup>14</sup> DIRETOR de Educação Física do MEC ensinará na UFS. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 25 ago. 1970.

<sup>15</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Reitoria. **Regimento interno do Centro de Educação Física e Desportos**. Aprovado em 22 de agosto de 1970. Arquivo da Biblioteca Central/UFS. p. 1.

Os "*Cursos Internacionais de Atualização em Educação Física*" traziam em seu bojo a ambivalência do discurso esportivo da época. Ora se acreditava no esporte como meio educativo, ora se enxergava na educação física um caminho para o amadurecer do esporte de rendimento, ora se compreendia educação física e esporte como única e mesma coisa. Nas origens da formação de professores de educação física, no estado de Sergipe, tal ambivalência, que era nacional, influiria sobremaneira na definição da "esportivização" da escola, sem atentar para a completa ausência de estrutura para tal.

Nesses Cursos Internacionais privilegiou-se o aperfeiçoamento da prática esportiva mesclada à tentativa de definição de rumos metodológicos para a educação física. No "*I Curso Internacional de Atualização em Educação Física*", realizado em 1974, o programa privilegiou o trato com o atletismo e a natação, ao encargo dos professores estadunidenses Edward Reed (Universidade de Brown) e William Falk (Universidade de Rhode Island)<sup>16</sup>. No "*II Curso Internacional de Atualização em Educação Física*", em 1975, o programa é ampliado para incluir recreação, handebol, ginástica olímpica e ginástica escolar sob a direção, respectivamente, dos professores Richard Partridge (Diretor do Programa de Recreação e da Divisão de Parques de Rhode Island), Homero Ribeiro (UFS), Luiz Guilherme Baird (Universidade do Rio de Janeiro) e Darcymires do Rego Barros (Universidade Gama Filho). Neste curso, participaram estudantes e professores de oito estados brasileiros<sup>17</sup>. Em 1978, já com o Curso de Educação Física da UFS em funcionamento, a universidade financiou, mediante o "*Programa Companheiros da América*" com apoio da Coca-cola, um "*Curso Internacional de Esporte*" com os professores Leon Drury e Gerald Alaimo, dos EUA, que ministraram os cursos de "Metodologia da Educação Física" e "Basquetebol"<sup>18</sup>.

Nessa construção ambivalente de formação de professores de educação física, o ápice atingido foi no "*III Curso Internacional de Atualização em Educação Física*", realizado em 1976, quando a UFS trouxe a Aracaju, o professor francês Auguste Listello. O objetivo do curso era, segundo o Diretor Félix D'Ávila: "Despertar entre os alunos e professores de Educação Física o trabalho desportivo em massa, bem como divulgar o Método Desportivo Generalizado criado pelo Prof. Auguste Listello, da Universidade de Paris"<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> UFS promove Cursos Internacionais. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 4 ago. 1974.

<sup>17</sup> COMEÇA 2.<sup>a</sup> feira Curso Internacional de Educação Física. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 27 jul. 1975.; INICIADO Curso Internacional de Educação Física promovido pela Universidade. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 30 jul. 1975.; CURSO Internacional de Educação Física encerra-se hoje de manhã. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 9 ago. 1975.

<sup>18</sup> CURSO Internacional de Esporte em Aracaju. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 5, 12 ago. 1978.; Curso Internacional de esportes chega ao final. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 25 ago. 1978.

<sup>19</sup> INICIADO Curso Internacional de Educação Física, ontem. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 17 ago. 1976.

Auguste Listello, notável educador francês, teve destacada atuação em órgãos oficiais de ensino, a exemplo da Liga Francesa de Ensino, e de esporte como o Instituto Nacional de Esportes e a Federação de Futebol da França. O professor se notabilizou pela disseminação de uma proposta de educação física para todos, que ficou conhecida como "Educação Física Desportiva Generalizada". Ao longo das décadas de 1950 a 1980, veio diversas vezes ao Brasil para divulgar suas propostas<sup>20</sup>. Na década de 1970, visitou vários estados brasileiros, aportando em Sergipe no ano de 1976, para ministrar o curso internacional.

A dinâmica deste curso obedeceu aos princípios da Educação Física Desportiva Generalizada. Princípios estes expostos numa obra escrita com base nas experiências desta década, publicada em 1979, dedicada ao Brasil, a seus professores, educadores, treinadores, e intitulada "*Educação física pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*".

A proposta de Listello alimentou a ambivalência entre educação física e esporte, pois tinha como objetivo, aliar a ação educativa do esporte à procura dos melhores caminhos ao esporte de rendimento<sup>21</sup>. Para Listello, a educação física deveria integrar os aspectos físicos, sociais e morais da formação da juventude, pautando-se em quatro pontos diretores: o *treinamento físico generalizado*, objetivando o desenvolvimento físico e fisiológico do homem como enriquecimento individual e coletivo; os *exercícios específicos* que buscavam a orientação esportiva e artística; a orientação para o trabalho numa reeducação da motricidade; a *prevenção do mal*, almejando a tomada de consciência das atividades físicas que suprem deficiências, atenuam defeitos e previnem acidentes; e *atividades de lazer* que propunham a disseminação da prática esportiva como meio de prazer e exercício sadio do tempo livre<sup>22</sup>.

Com a representatividade social de Listello e a repercussão de suas idéias, instituiu-se o impasse: qual a dimensão do esporte na escola? Meio educativo ou fim esportivo pela via escolar? As demandas por esporte no seio da juventude eram patentes. As construções esportivas pareciam brotar da terra em diversos pontos da cidade. Com a inauguração da TV Sergipe, em 1971, o esporte passa a invadir as casas dos sergipanos em pleno movimento visual, não mais o movimento estático dos impressos, nem os movimentos imaginados através das ondas do rádio. Com os cursos de educação física cada vez mais

---

<sup>20</sup> Para um estudo da trajetória do professor Auguste Listello, ver: MARTINEZ, C. H. M. **Auguste Roger Listello**: uma contribuição para a Educação Física brasileira. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

<sup>21</sup> LISTELLO, A. **Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer**: organização do ensino: do esporte para todos ao esporte de alto nível. Tradução Antônio Boaventura da Silva, Laércio Elias Pereira e Nestor Soares Públio. São Paulo: EPU, 1979.

<sup>22</sup> Id. Ibid.

comuns, como orientar e resolver esse impasse? No limite de suas experiências, os professores se viram solapados pelas propostas educativas e esportivas e a realidade concreta sergipana. Aliou-se ao aprofundamento do impasse, a criação do Curso de Educação Física da UFS.

Iniciando suas atividades em 1975, sem estrutura física ideal para formação — já que, com a ausência de um Campus, os alunos deslocavam-se por toda a cidade de Aracaju — o Curso, segundo Américo Menezes, ajustou-se ao modelo político vigente pois seu currículo "esportivizante" pautava-se no "praticismo", valorizava a competição e a aptidão física. De igual modo, a organização do curso obedecia a um parâmetro biologizante de compreensão do homem, além de desconsiderar a produção do conhecimento como fim precípua da universidade<sup>23</sup>.

Entendo que a análise de Menezes opera com uma leitura histórica a qual julga a ação dos indivíduos vinculados a projetos sócio-políticos ampliados, não atentando para os limites em que executam suas ações, baseando-se na construção de suas experiências. A universidade brasileira é muito recente (não completou um século ainda) e passou boa parte de sua existência imersa no debate entre a formação literata e a científica. A educação física teve sua entrada na universidade sustentada nos paradigmas da Biologia; não obstante, sua compreensão pedagógica jamais desconsiderou fortes bases psicológicas, preocupadas com o "como aprender" e a formação da personalidade. Os cursos de educação física, em todo o país, sempre estiveram — à exceção dos campos de excelência ocupados por médicos e notórios humanistas como a ENEFD — distanciados da compreensão da universidade como *locus* produtor de conhecimento. De igual modo, as conclusões acerca do currículo esportivizante e do praticismo pedagógico devem ser construídas com menos severidade.

No Curso de "*Licenciatura em Educação Física de 1º e 2º Graus*", feminino e masculino, da UFS, o currículo previa maior número de disciplinas que tinham acento na Biologia; porém outras tantas tinham forte fundamento nas Humanidades, sendo algumas de bases psicológicas gerais, do desenvolvimento e da aprendizagem. *Pari passu*, a evidente supremacia das práticas esportivas era balanceada por disciplinas de caráter pedagógico ou de bases formativas da educação física como Didática, Rítmica e Recreação. Reflexo de seu tempo histórico, o Curso de Educação Física da UFS reproduziu uma estrutura que mediava

---

<sup>23</sup> MENEZES, J. A. S. **Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe**: uma possível história. op. cit.



as práticas profissionais de base biológica, com as bases psico-pedagógicas que, então, orientavam as licenciaturas em geral<sup>24</sup>.

Outros elementos, que denotam essa mediação, são as tendências pedagógicas que vigiam à época. O professor Cândido Pereira afirma que ficara responsável por: "[...] Educação Física Geral – é a parte dogmática, filosófica e histórica, Educação Física Geral que dava para os homens e as mulheres, lá vão duas turmas aí; Educação Física I, masculino e feminino; Educação Física II, masculino e feminino"<sup>25</sup>. Tal afirmativa reporta às tendências dogmática e pragmática que orientavam a educação física internacionalmente. Segundo Manoel Tubino, a orientação pragmática concebia o homem como objeto do resultado esportivo, racionalizando o movimento e tornando a escola o espaço da iniciação esportiva precoce. Já a orientação dogmática, referenciada pelo professor Cândido, de forte base humanista, assentava-se na concepção da educação física como parte da educação integral e o esporte como meio educativo<sup>26</sup>.

O choque entre tendências pedagógicas dissonantes e o projeto nacional de desenvolvimento, inclusive pelo esporte, nos permite inferir que havia uma hegemonia da tendência pragmática. Não obstante, Taborda de Oliveira conclui que tais tendências conviveram em embate constante durante toda a vigência da ditadura civil-militar brasileira<sup>27</sup>.

É possível concluir que tal processo refletiu-se em Sergipe. Ainda que o Curso estivesse sob a direção centralizadora e autoritária do professor Félix D'Ávila, os indícios de choque entre um projeto esportivizante da escola e as práticas e cursos que propunham escolarizar o esporte, são extremamente fortes.

Analisando os currículos de formação de professores de educação física no Brasil, intelectuais como Haimo Fensterseifer, Apolônio Abadio do Carmo e Alfredo Faria Júnior concluíram que: o processo de formação era acrítico, a-histórico e a-científico; o currículo era desportivizado, no qual o esporte de rendimento e alienador era a tônica; o saber era fragmentado, cindindo teoria e prática; desconsiderava-se o contexto de inserção social; vinculava-se à lógica de organização e reprodução da sociedade capitalista; enfatizava-se a

---

<sup>24</sup> UNIVERSIDADE Federal de Sergipe. Conselho do Ensino e da Pesquisa. **Resolução n.º 15/75/CONEP**, de 18 de abril de 1975. Aprova currículo de Curso de Licenciatura de I e II Graus em Educação Física e Técnico de Desportos. Arquivo da Biblioteca Central/UFS.

<sup>25</sup> **PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio**. Entrevista concedida a Marco Arlindo Amorim de Melo Nery em 22 de fevereiro de 2004.

<sup>26</sup> TUBINO, M. J. G. As tendências internacionais da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, n. 26, p. 6-11, abr./jun. 1975.

<sup>27</sup> TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984)**: entre a adesão e a resistência. op. cit.

aptidão física de viés biologizante<sup>28</sup>. Diante dessa organização da formação, estabelecia-se uma relação linear; o currículo formava profissionais que somente reproduziam sua estrutura esportivizada na sociedade, sobretudo na escola.

Diante desta argumentação e face às conclusões de Américo Menezes, o Curso de Educação Física da UFS formou tão somente professores a-críticos, sem percepção de processo histórico e sem domínio das ferramentas científicas necessárias à atuação na escola. Alguns professores vivenciaram o processo e rememoram a dinâmica do curso nestas bases:

O Curso, ele era voltado pro esporte. A gente tinha as disciplinas, aquelas básicas e as de formação profissional, como professor né, de licenciatura, mas o forte do curso era o esporte. A gente via todos os esportes e todo mundo era imbuído nisso, então pra gente o que interessava era fazer as disciplinas práticas. Isso era, assim, uma tônica no Curso, ninguém queria fazer história, nem nada, porque assim, quando a gente for ensinar, quando a gente for pra escola a gente vai ensinar prática. A gente só ia ensinar esporte, então todo mundo só queria fazer esporte<sup>29</sup>.

Era um Curso, eu diria que — a gente discute até os dias de hoje — não tinha uma visão de formação de professor de educação física, era um curso que, até pela própria entrada do curso, tinha aquele famoso Teste de Aptidão Física, era pra formação de atletas. Você fazia uma prova teórica valia dez, fazia uma prova prática valia dez, somava os dois, dividia e tirava uma média, então era um curso de formação de atleta<sup>30</sup>.

A professora Margarida Silva aponta outro tipo de compreensão, mas ainda revelando o distanciamento do curso da realidade escolar:

A minha prática, a nível de trabalho na universidade, no Curso de Educação Física tinha aquela discussão, que ainda hoje se tem, de tecnicismo e humanismo. Era assim um curso muito teórico, a prática... depois que você sai você percebe. A gente fazia muitas atividades... Era um currículo muito pobre a nível de ações pro que eu pensava pra minha prática. Eu sabia que não ia trabalhar com questões esportivas já. Já lá dentro, eu já sabia. Até porque minha performance nas disciplinas, era sempre voltada para as

<sup>28</sup> Cf. TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional da Educação**: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no Curso de Educação Física. 1993. 293 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

<sup>29</sup> **ALMEIDA, Lígia Menezes**. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Professora das Redes Públicas Municipal (Aracaju) e Estadual, desde meados da década de 1980. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 17 de outubro de 2007.

<sup>30</sup> **SANTOS, José Robson**. Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da Rede Pública Estadual desde meados da década de 1980. Participou de algumas edições dos Jogos da Primavera como professor. Atualmente também leciona no Curso de Educação Física-Licenciatura da Universidade Tiradentes. Entrevista concedida, em sua residência, ao autor em 12 de dezembro de 2007. Cabe destacar que o Teste de Aptidão Física para ingresso de estudantes no Curso de Educação Física da UFS foi instituído em 10 de outubro de 1975 pela Resolução n.º 37/75/CEP. O Teste foi extinto na mesma universidade em 25 de agosto de 1987 através da Resolução n.º 16/87/CONEP.

questões mais pedagógicas, eu sempre me identifiquei. Alguns professores tocavam nas questões mais pedagógicas e eu sempre me identifiquei muito<sup>31</sup>.

Em todos, transparece a perspectiva de que o curso não os preparava para serem professores de educação física, seja em dimensões pedagógicas, seja diante da realidade da escola pública sergipana.

As argumentações tecidas e as lembranças resgatadas me parecem se assentar em duas interpretações correntes da dinâmica de formação de professores no Brasil: a primeira, de que se reproduz o aprendido no curso, inclusive suas mensagens subliminares, na escola; e a segunda, que o curso deve abarcar as possibilidades e problemáticas da escola (que são infinitas), preparando o professor para enfrentá-las.

Fazendo uma analogia às reflexões de E. P. Thompson acerca de classe como fenômeno histórico<sup>32</sup>, podemos pensar a formação de professores, ou a formação humana *in totum*, não como estrutura, nem como categoria, mas como processo que envolve a participação de pessoas, instituições e contextos reais. Compreender os professores e sua formação, com base na organização do currículo de formação é uma fértil possibilidade de análise, não obstante, reduz os sujeitos a uma série de experiências vividas sob a mesma lógica e sem potencialidades criativas. Examinar esses homens e mulheres no centro de organização de suas ações, imersos no cotidiano de desafios reais que enfrentam, dispondo idéias, dinamizando relações, vivendo sua história é que nos possibilitaria inferir as reproduções, recriações e reinvenções entre o curso de formação e sua contínua (trans)formação social, acadêmica, profissional e humana.

Entendo, portanto, que havia choques entre o curso de formação e a realidade enfrentada pelo professor. Tais choques seriam ampliados com base nas experiências dos professores na década seguinte. Na década de 1970, contudo, os professores viveriam em conflito entre a realidade educacional, suas práticas cotidianas após a qualificação nos "cursos de atualização", nos "cursos internacionais" e a organização de um "novo" evento esportivo: os Jogos Estudantis Sergipanos.

---

<sup>31</sup> **SILVA, Margarida Maria Rodrigues da.** Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da Rede Pública Estadual desde meados da década de 1980. Leciona na Escola Normal e é Orientadora pedagógica no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-SE). Entrevista concedida, em sua sala no CEFET-SE, ao autor em 05 de dezembro de 2007.

<sup>32</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa 1.** op. cit.

## 5.2. Qualificando as práticas e reconstruindo tradições:

Diante das demandas da prática e da realidade estrutural sergipana para os esportes, os esforços empreendidos, ao final da década de 1960, foram ampliados na década seguinte. As administrações dos governadores Paulo Barreto de Menezes (1971-1975) e José Rollemberg Leite (1975-1979), extremamente reacionárias e obedientes aos ditames da repressão, foram também profundamente técnicas e empreendedoras.

No campo da educação física, os "cursos de atualização" revelaram um problema: qualificavam-se e aprovavam-se professores, porém não havia, nas escolas, espaços e recursos materiais propícios às práticas e atividades pedagógicas<sup>33</sup>. A partir de então, as escolas construídas, que tinham o privilégio de serem denominadas "Colégio Estadual" ao invés de "Escola", já traziam em seu projeto uma quadra de esportes. Ao longo da década, este seria o investimento central e o espaço urbano revelava, no seu aspecto visível, uma cidade que começava a despontar para a esportividade. A construção da piscina e do ginásio coberto da Escola Normal, do parque aquático e da pista de atletismo do Batistão, e a inauguração do Ginásio de Esportes Constâncio Vieira oportunizaram uma nova era à educação física e ao esporte sergipano.

Em sessão plenária do CEE, no ano de 1978, o professor e conselheiro Cândido Pereira destacava que, com os "cursos de atualização", o Curso de Educação Física da UFS, as construções esportivas e a existência de mais de 100 professores da área "era patente um sentido vivo classista em nossa terra. Ao lembrar estes fatos, estava homenageando o Pedagogo da Educação Física, agente promotor e transformador da juventude de nossa terra"<sup>34</sup>.

Ainda que a lógica arquitetônica submeta a compreensão de educação física como esporte, afinal historicamente não se constroem salas de ginástica, de dança, espaços livres para vivência de jogos, a reflexão do professor Cândido revela sua concepção humanística de que o professor de educação física é, sobretudo, um formador da juventude. Tal concepção continuou a ser, ao longo dessa década, subvertida pelo discurso político de instrumentalização do esporte, a exemplo do governador José Rollemberg Leite, ao inaugurar o Ginásio Constâncio Vieira: "a obra inaugurada foi construída e instalada a partir de uma

<sup>33</sup> EDUCAÇÃO Física é ruim. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 15 fev. 1970.

<sup>34</sup> SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. Ata da décima segunda sessão plenária ordinária do CEE. **Livro de Atas do Plenário**. Aracaju: 1978. p. 183. Manuscrito.

preocupação básica nos governantes de hoje: a integração social da juventude. [...] Este ginásio de esportes é um reconhecimento do governo aos direitos da juventude"<sup>35</sup>.

Centro das atenções, graças à visibilidade arquitetônica, no plano das práticas escolares da educação física, esta e o esporte ainda apresentavam ambiguidades. A mescla jogos, ginástica e esportes ainda era a tônica, desta feita, com uma aproximação aos cânones das ciências biológicas. A organização do ensino ginásial e secundário do Colégio Estadual Atheneu Sergipense (doravante denominado Atheneu), exposta nos Diários de Classe, é ilustrativa<sup>36</sup>. Os professores registravam desde os jogos sob a denominação "recreações, queimado e pequenos jogos" até as práticas esportivas e pré-desportivas do "basquete, voleibol, handebol, futebol de salão, atletismo e basquetinho". Permeando esse trabalho, as ginásticas formativa e natural, além do desenvolvimento das capacidades físicas: força, agilidade, flexibilidade, equilíbrio, velocidade e o ápice do "cientificismo" da época, o cooper<sup>37</sup>. Na manutenção da tradição de "organizador de desfile", no registro dos Diários ao longo do mês de agosto, estava prescrito "treino para o desfile" ou "ordem unida", ambos sinais de preparação, para o desfile da pátria em 7 de setembro<sup>38</sup>.

O Atheneu, concebido como modelo do ensino público sergipano, portanto, deveria reproduzir as diretrizes do governo, inclusive no esporte. Entretanto, ao apresentar seu regimento interno, apontou para algo distinto à tentativa em curso de "esportivização" da escola. No regimento concebia-se que:

Art. 69 - as atividades de Educação Física terão a finalidade de proporcionar ao Aluno o aprimoramento e aproveitamento integral de todas as suas potencialidades físicas, morais e psíquicas, possibilitando-lhe, pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade de vontade, a aquisição de novas habilidades, estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios.

Parágrafo Único - A aptidão física constituirá a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física<sup>39</sup>.

<sup>35</sup> GINÁSIO visa integração social da juventude. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 7 jul. 1978.

<sup>36</sup> Em 1970 o Colégio Estadual de Sergipe (CES) teve seu nome alterado para Colégio Estadual Atheneu Sergipense, denominação que permanece até a atualidade.

<sup>37</sup> **Cooper** foi a denominação reconhecida para o método de condicionamento aeróbico baseado nas propostas do médico e preparador físico estadunidense Kenneth Cooper. O método Cooper consistia numa corrida em velocidade constante por 12 minutos para aferição do nível de condicionamento. A partir da sua divulgação foi incorporado como qualquer tipo de corrida que não tenha caráter competitivo, desde as voltas ao redor da quadra nas aulas de educação física às corridas de início da manhã ou fim de tarde para manutenção do condicionamento dos sujeitos.

<sup>38</sup> SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Diários de Classe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. Disciplina: Educação Física. 1970-1975.

<sup>39</sup> SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Regimento do Colégio Estadual "Atheneu Sergipense"**. Aprovado pela Resolução n.º 125/88/CEE, de 29 de dezembro de 1988. p. 19.

Essa perspectiva de "aptidão física" sofreria duras críticas, a partir da década de 1980, por ter como finalidade o desenvolvimento máximo das capacidades físicas, visando a educar o homem forte, apto e empreendedor da sociedade capitalista, privilegiando, enquanto conteúdo de ensino, as técnicas, táticas e normas dos esportes<sup>40</sup>.

Colocando em oposição à aptidão física, a cultura corporal, os autores limitaram a compreensão sócio-histórica do termo e estabeleceram críticas deslocadas do tempo histórico em que se constitui a experiência dos homens. O terreno da cultura implica o conflito entre as direções político-econômicas e os interesses dos grupos sociais que a operam no centro da sociedade civil. A crítica do Coletivo de Autores reproduz o modelo mecanicista base/superestrutura ao colocar a perspectiva da aptidão física como uma determinação de grupos dirigentes, reproduzida integralmente pelos sujeitos. De igual modo, a aptidão física é colocada fora do plano da cultura corporal, esta enquanto nova proposta da educação física, como se fosse possível algo fora ou além da esfera cultural.

Entendo que a aptidão física era a proposta vigente e o horizonte possível de sua época, e, enquanto proposta, podia ser aceita ou não; enquanto horizonte, podia ser vislumbrado e servir como orientação ou não. Diante das condições de formação dos professores, dos espaços e tempos pedagógicos existentes e das aspirações coletivas da época, em nenhum momento perdeu-se de vista que a educação física tinha um papel formativo da mocidade que não se limitava aos preceitos esportivos. Neste sentido, o terreno era altamente conflituoso pois se o "*Regimento*" do Atheneu determinava que nenhuma forma de competição esportiva deveria prejudicar as atividades de natureza formativa<sup>41</sup>, o registro das atividades explicitava um abandono dos conteúdos no período de jogos escolares<sup>42</sup>.

O ambiente era tão complexo, contraditório e diversificado na oferta das práticas, que incentivaram, inclusive, a definição da profissão de alunos, a exemplo da professora Lígia Menezes de Almeida, que em sua passagem escolar pelo Atheneu, concluiu:

Eu fui envolvida a fazer educação física mesmo. Na minha cabeça era a profissão: professor de Educação Física. Trabalhei toda a minha escolaridade em torno disso, tanto que eu fiz natação, fui atleta de basquete, fui atleta de atletismo, de voleibol, fiz ginástica, handebol, embora fosse... enfim, por que eu detesto handebol. Então o que me levasse a alguma coisa pra eu chegar no Curso de Educação Física já sabendo alguma coisa, eu fiz no meu tempo de escolaridade<sup>43</sup>.

<sup>40</sup> COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. op. cit.

<sup>41</sup> SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Regimento do Colégio Estadual "Atheneu Sergipense"**. op. cit. p. 19.

<sup>42</sup> SERGIPE. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação e Cultura de Aracaju - DEA. **Diários de Classe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. Disciplina: Educação Física. 1970-1975. op. cit.

<sup>43</sup> ALMEIDA, Lígia Menezes. Entrevista concedida ao autor em 17 de outubro de 2007. op. cit.

Por contradição, as práticas de educação física também tinham um caráter excludente que impeliam a uma tomada de posição contrária, por parte de futuros professores, a exemplo de Margarida Silva, então aluna da Escola Integrada de 1º Grau John Kennedy:

Eu sofri muito, por que eu não entendia por que meu corpo doía. A relação que eu fazia, tanto na universidade quanto antes, é que eu gostava muito da educação física. Só que a minha referência não me favorecia fazer essa área [*O curso de Educação Física*]. Era tudo ao contrário. Por que assim, meu corpo doía, eu fui muito violentada no sentido de fazer cargas que não condiziam com a minha condição física, nunca foi respeitado meu corpo como, assim... Um corpo individual<sup>44</sup>.

Neste contexto, a formação para a consciência do desenvolvimento físico e moral dos indivíduos, própria da aptidão física e constante no "*Regimento*", estabelecia paradoxos, oportunizava a escolha do curso de Educação Física para distintos projetos pedagógicos e de formação dos alunos, além de possibilitar a construção de vias autônomas para o tempo de lazer. Todavia, tal perspectiva era absorvida pela "nova" dinâmica cultural ou a tentativa de inserção no projeto de "esportivização" da escola que, em Sergipe, na década de 1970, amoldou-se às intempéries dos JES.

### 5.2.1 Os JES: a inviabilidade da "esportivização" da escola

Quando o governador Lourival Baptista renunciou ao governo em maio de 1970, a fim de candidatar-se a uma cadeira no senado, foi indicado o cirurgião-dentista João Andrade Garcez para assumir o executivo até março de 1971, mês de posse do novo "governador biônico". O governador Garcez indicou para a SEC, o médico Nestor Piva. Diante do quadro favorável nacionalmente e a progressiva qualificação dos professores de educação física, Nestor Piva anunciou, em julho de 1970, o retorno dos Jogos da Primavera, sob a coordenação do Coronel Reni Reis Damasceno<sup>45</sup>.

No entanto, pressões externas e internas reorganizaram as competições escolares, sob novas bases, para atender ao receituário do esporte escolar que vinha sendo implementado no país: os JEBs. Em setembro deste ano, o secretário Nestor Piva anuncia que os jogos, que seriam realizados em outubro, seriam denominados "*Jogos Estudantis Sergipanos*":

No momento em que o Presidente Médici, anuncia um programa intensivo de preparação desportiva em todo o país, para tornar possível uma melhor apresentação dos nossos atletas na próxima Olimpíada internacional, a criação dos Jogos Escolares em Sergipe constitui uma pequena parcela de

<sup>44</sup> SILVA, Margarida Maria Rodrigues da. Entrevista concedida ao autor em 05 de dezembro de 2007. op. cit.

<sup>45</sup> JOGOS da Primavera: Piva fez convite. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 2, 29 jul. 1970.

colaboração aos esforços que estão sendo desenvolvidos nacionalmente no sentido de aprimorar a capacidade física e esportiva dos brasileiros<sup>46</sup>.

Ao acatar a imposição das novas orientações nacionais para a educação física, visando à "esportivização" da escola, o estado de Sergipe reestruturou a tradição dos seus jogos escolares. Produzir-se-iam avanços na organização esportiva, na participação de novas escolas, contudo se sucumbiria na falta de estrutura do estado, no âmbito das instalações esportivas nas escolas e na ausência das bases científicas que vinham subsidiando os JEBs. Tal fato possibilitou identificações com o projeto nacional, porém enfraqueceu a estrutura dos jogos diante das representações que haviam germinado na década anterior.

Os JES foram estruturados nos moldes, orientações e objetivos dos JEBs. O Coronel Reni Damasceno, coordenador geral dos "I JES", propôs o fim dos desfiles majestosos que notabilizaram os Jogos da Primavera: "vamos terminar com os desfiles de abertura dos jogos, pois eles apenas são onerosos para os alunos e não se identificam com a realidade de nosso objetivo que é o conagraçamento da classe estudantil de Sergipe"<sup>47</sup>.

A comissão organizadora dos JES foi composta pelos professores do "*Centro de Civismo, Educação Física e Desportos*" da UFS (Cândido Pereira, Edma de Barros, Alberto Chaves, Arline Ribeiro e Homero Ribeiro) e os jornalistas Carlos Montalvão, Wellington Elias, Paulo Fernando Teles de Moraes e Manoel Xavier de Almeida. A participação dos professores da UFS seria uma tônica nas dez edições seguintes dos JES, atribuindo-lhes um caráter eminentemente esportivo, ao contrário da finalidade festiva dos Jogos da Primavera. Enquanto participante da comissão organizadora dos II JES, Raimundo Monte recorda:

foi uma questão de, vamos dizer assim, de metodologia. Os Jogos da Primavera foram criados, como eu falei, mais com o espírito festivo. Teve seu lado técnico mas foi dada uma ênfase festiva para despertar na população o gosto pelo esporte estudantil. Até a própria denominação pode ter ajudado nisso<sup>48</sup>.

De igual modo, a participação ativa de jornalistas esportivos e a exclusão dos desfiles também ratificaram esse caráter esportivo. Todavia, seria essa ausência uma falha no pilar de sustentação dos JES, quanto à aceitação popular.

Seguindo a orientação dos JEBs, os JES organizaram disputas em atletismo, natação, basquetebol, voleibol e ginástica rítmica e olímpica, posteriormente inserindo handebol, xadrez e tênis de mesa, ampliando a oferta de modalidades em relação aos Jogos da Primavera. Não obstante, o futebol de campo e futebol de salão, as práticas mais populares,

<sup>46</sup> EDITORIAL. *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, Aracaju, p. 2, 15 set. 1970.

<sup>47</sup> PRESIDENTE: jogos estudantis acaba desfile oneroso. *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, p. 8, 7 ago. 1970.

<sup>48</sup> MONTE, Raimundo da Costa. Entrevista concedida ao autor em 8 de novembro de 2007. op. cit.



foram colocadas como "esporte-demonstração" (apenas nos "I JES", posteriormente foram eliminadas da disputa), posto que não faziam parte do programa dos JEBs. Nesse sentido, foi caindo por terra o discurso da confraternização e do conagraçamento como objetivos dos JES (ainda que para os alunos este elemento fosse real), sendo assumido, conforme afirmou o professor Cássio Barreto, Sub-coordenador do Departamento de Educação Física da SEC, por ocasião dos "III JES", que: "o objetivo dos Jogos é o aprimoramento técnico dos atletas para as competições dos Jogos Estudantis Brasileiros"<sup>49</sup>.

Se a tentativa de organizar os JES, como preparação de atletas para participação nos JEBs seguiu um curso normal, diante do ambiente sócio-político e esportivo nacional, a tentativa de organizar uma edição dos JEBs em Sergipe, revelou-se tão ousada quanto fracassada. Não tendo participado dos I JEBs, realizados em 1969 na cidade de Niterói-RJ, Sergipe enviou uma pequena delegação, chefiada pelo professor Cândido Pereira, à sua 2ª edição em Curitiba-PR. Ao final da competição, seguindo o ímpeto de inserção no projeto "Brasil Grande", Sergipe candidatou-se como sede dos III JEBs, a realizarem-se em 1971, o que foi prontamente acatado.

O estado ficou em polvorosa. O governador imediatamente noticiou a construção de uma piscina olímpica, uma pista oficial de atletismo e um ginásio poliesportivo coberto<sup>50</sup>. Colunistas sociais, a exemplo da jornalista Clara Angélica, exultavam com as possibilidades de eventos sociais, sobretudo com a "afirmação do reconhecimento social do estado"<sup>51</sup>. A chegada do ano de 1971, no entanto, veio com o anúncio de que Sergipe não teria como financiar a realização dos III JEBs em suas terras. Para o governador João Andrade Garcez, eram precárias as condições financeiras do estado devido à seca a qual assolava a região e consumia os recursos do estado<sup>52</sup>. A "indústria da seca" no Nordeste possibilitava a sustentação das oligarquias no poder, bem como servia de justificativa para a impossibilidade administrativa de gerir os cofres públicos, na definição do que era prioridade. A realização dos JEBs não pode ser prioridade em qualquer gestão, mas a construção de parques esportivos que efetivamente democratizem o acesso às práticas de esporte e lazer, seguramente sim, o que também não se materializou nessa gestão.

A não realização dos JEBs em Sergipe deveu-se, portanto, à completa falta de estrutura do estado no campo esportivo, conforme atesta o professor Cândido Pereira:

---

<sup>49</sup> TERCEIRO Jogos Estudantis: inscrições segunda-feira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 13 set. 1972.

<sup>50</sup> SERGIPE será sede dos III Jogos Estudantis. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 19 ago. 1970.

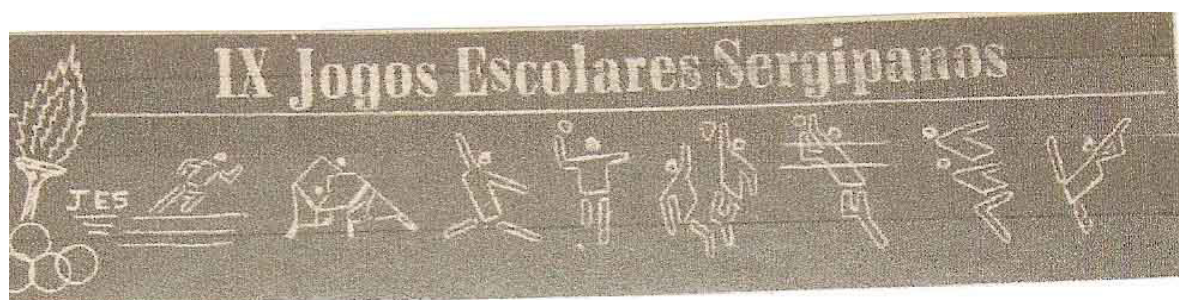
<sup>51</sup> ANGÉLICA, C. Jogos estudantis. Coluna "Vida social". **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 16 ago. 1970.

<sup>52</sup> JOGOS Estudantis não serão em Sergipe. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 29 jan. 1971.

Quando nós retornamos pra aqui nos deparamos com a pobre realidade sergipana, nós não tínhamos uma pista, a pista do quartel estava em péssimo estado, era de carvão. Se tivesse em boa situação se fazia, mas não tinha pista. Nós não tínhamos ginásio, nós praticamente não tínhamos nada. Como é que ia se fazer? Naquela época, Félix [D'Ávila] mandava lá no Departamento de Educação [Física], lá no Ministério e.... O governador do estado, Paulo Barreto, se ele tivesse.... Se nós... Eu não vou colocar a culpa em ninguém. Se nós da educação física que éramos poucos, eu e Edma [Professora Maria Edma de Barros] tivéssemos tido a força heróica que era preciso que se tivesse na época. Chegasse lá, chamasse Félix, botasse Félix na frente do governador do estado, numa época em que a revolução facilitava essas coisas, nós tínhamos feito. Mas nós sentimos que, na época, era muito difícil se fazer algo sério em Sergipe porque não tinha nada, nada, nada, nada<sup>53</sup>.

A frustração e a "culpabilização" do professor Cândido revela que persistia a idéia de que os professores deveriam se responsabilizar pelas iniciativas de fazer acontecer a educação física no estado. Ao Estado cabia uma série de encargos, mas dependia da força política de professores como Félix D'Ávila ou das benesses da "revolução". Fato é que a falta de estrutura repercutiria nos próprios JES e, conseqüentemente, imobilizariam a crescente tentativa de "esportivização" da escola. Não obstante, em suas origens, os JES impulsionaram a chama do esporte, como elemento aglutinador da mocidade e prática cultural disseminadora do nacionalismo.

Ampliando a tradição dos Jogos da Primavera que elegeram como símbolo os arcos olímpicos, os JES agregaram novos ícones ao seu símbolo:



**Figura 10** - Símbolo dos IX Jogos Escolares Sergipanos  
**Fonte:** Jornal da Cidade, Aracaju, p. 1, 10 nov. 1978. 1 gravura, p&b.

A tocha, simbolizando a chama olímpica, acima dos arcos, se fez acompanhar pelos símbolos universais das práticas esportivas do atletismo, judô, ginástica rítmica, handebol, basquetebol, voleibol, natação e ginástica olímpica<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio. Entrevista concedida ao autor em 21 de novembro de 2007. op. cit.

<sup>54</sup> Note-se que a tentativa de acompanhar os desdobramentos dos JEBs aparece no símbolo dos Jogos em Sergipe. Assim como os JEBs alteraram sua nomenclatura de "Estudantis" para "Escolares" (Cf. BORGES, E.

Revelou-se simbolicamente a tentativa de se assemelhar ao grande parâmetro esportivo do século, o evento subsidiado pelo Comitê Olímpico Internacional. A escola e seus componentes deveriam incentivar a juventude à prática esportiva, alimentando o ápice da formação atlética ou o "sonho olímpico".

Esse incentivo se refletiu na participação das escolas. Considerando a ampliação da rede escolar, tanto pública quanto particular, o desenvolvimento das rodovias e transportes e os interesses nacionais de disseminação da prática esportiva, pela primeira vez no estado, os jogos estudantis oportunizaram a participação de escolas do interior do estado, tornando-se um evento de movimentação da cidade de Aracaju, com várias possibilidades de inserção dos indivíduos. Para os alunos do interior, as viagens à capital eram tão ou mais importantes que as disputas esportivas. Além do Colégio Agrícola Benjamin Constant, os JES assistiram à participação de escolas particulares, como o Centro Educacional Nossa Senhora da Salette, do município de Lagarto e o Colégio Professor Dondal, de Nossa Senhora do Socorro, além das escolas públicas: Murilo Braga, de Itabaiana; Escola Normal Nossa Senhora da Piedade, de Lagarto; Possidônia Bragança e João Ribeiro, de Laranjeiras; e o Ginásio Paulo Sarazarte, de São Cristóvão, única escola do interior a participar de todas as edições dos JES<sup>55</sup>. As cores e sons da movimentação das escolas, professores, alunos e familiares ampliavam seu alcance.

No terreno esportivo, os JES alimentaram tradições, ratificaram o discurso nacionalista e a imersão da juventude neste sentimento. Se o rito de desfile da tocha olímpica nas ruas de Aracaju, lançado pelos Jogos da Primavera, era o germe dessa tradição, a mesma foi catapultada às estrelas, com o acendimento da pira olímpica no novo lugar de memória do esporte sergipano, o Batistão.

Carregada pelo jovem atleta Pedro Jorge Menezes<sup>56</sup>, orgulho e espelho da juventude sergipana, pelo destaque nos II JEBS, na modalidade de ginástica olímpica, a tocha olímpica, o acendimento da pira e o juramento do atleta transformaram-se, conforme Connerton, em um poderoso instrumento mnemônico<sup>57</sup>.

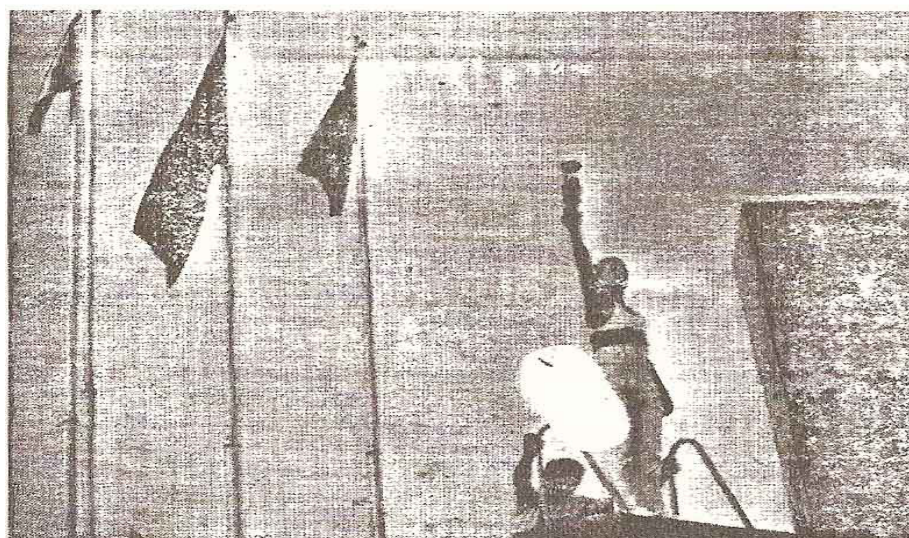
---

C.; BUONICORE, A. **Memória do esporte educacional brasileiro: breve história dos Jogos Universitários e Escolares.** op. cit), em Sergipe, os Jogos foram alterados para "Jogos Escolares Sergipanos".

<sup>55</sup> Remeto novamente o leitor ao **APÊNDICE B**, onde consta a relação de escolas participantes de cada edição dos Jogos Estudantis Sergipanos.

<sup>56</sup> Pedro Jorge de Moraes Menezes formou-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e tornou-se membro do corpo docente do Curso de Educação Física da UFS em 1976, onde atua desde então. Doutorou-se em "Ciências da Atividade Física e do Esporte" pela Universidade de León (Espanha) em 2003.

<sup>57</sup> CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam.** op. cit.



**Figura 11** - Pira Olímpica nos "I JES"

**Fonte:** Gazeta de Sergipe, Aracaju, p. 1, 11 out. 1970. 1 fotografia, p&b.

O aspecto performático frente aos pavilhões nacional, estadual e dos JES, erguendo a tocha aos céus; a linguagem ritualizada do juramento, as atitudes e estética do corpo, dos gestos e movimentos enraizaram em Sergipe a condição de se perceber como um espaço civilizado, um espaço onde se respirava um "ar olímpico". Um dos fundadores dos Jogos da Primavera, Curt Vieira, assim se refere à consolidação dessa tradição e seus reflexos no povo sergipano:

Não se conhecia em Aracaju, o que era acender a pira olímpica, o juramento do atleta, nada disso se conhecia. Quando chegava a época, no Estádio Estadual de Aracaju, que ia acender a pira, prestar o juramento, que se apagavam as luzes do Batistão, eu mesmo presenciei muita gente chorar de emoção. Foi um fato que marcou, mas o embrião, eu acho, veio da década de 60<sup>58</sup>.

Se a população emocionava-se, os discursos conclamavam a responsabilidade dos jovens frente aos desafios da nação. Na abertura dos "I JES", o governador João Andrade Garcez pronunciara-se assim:

O Governo está cômico de sua responsabilidade no campo da Educação. E o fim precípua da educação é dotar o homem de instrumentos culturais capazes de impulsionar as transformações materiais e espirituais, exigidos pela dinâmica da sociedade moderna. A educação aumenta o poder do homem sobre a natureza, e ao mesmo tempo, busca fazê-lo conforme aos objetivos do progresso e equilíbrio social da coletividade a que pertence. Mas, ao lado do desenvolvimento cultural, também devemos dar ênfase ao desenvolvimento físico. E este é alcançado pelo esporte, que coopera

<sup>58</sup> **VIEIRA, Curt.** Entrevista concedida ao autor em 26 de novembro de 2007. op. cit.

admiravelmente pela aproximação dos indivíduos, pela união dos jovens, tão necessários à Pátria.

A juventude tem procurado demonstrar, praticamente, que o esporte é o caminho certo de aprimoramento do físico, e a sua prática tem sido motivo pelo qual se solidificam amizades e se aproximam os grupos. O esporte é a língua que todas as raças falam e entendem. O processo educacional não é só produto das aulas didáticas, mas da convivência de seus colegas, pois é nessa convivência que eles recebem o reconhecimento do mundo.

O esporte produz bem-estar e alegria. Queremos jovens felizes, com as mentes povoadas de idéias generosas e patrióticas. Se a saúde é a alegria do corpo, a alegria é a saúde da alma. As Páginas Sagradas firmam que "a alegria dos jovens é a sua força". O esporte estimula a confiança em si, dá espírito de iniciativa, que é tão produtiva quanto a experiência dos adultos. Daí respeitarmos os adultos pelo que são, e os jovens pelo que prometem ser. Jovens da minha Terra! Preparai-vos para o amanhã, uma vez que se constituí a esperança de nosso Estado. Estudai, porque, para uma mente rica de conceitos, há um mundo de oportunidades. Conservai sempre a disciplina, pois somente sabe mandar, quem sabe obedecer. Tudo isso é em benefício de vosso próprio futuro.

Externo aqui o meu aplauso e apoio integral à JUVENTUDE ESTUDIOSA de minha terra, a este CERTAME ESPORTIVO, aos COLÉGIOS PARTICIPANTES, porque da união é que nasce a força; da compreensão é que nasce o diálogo; da valorização do jovem de hoje é que nascerá o adulto responsável pelo Sergipe do porvir.

Para frente, JUVENTUDE!<sup>59</sup>

É possível perceber, que no discurso proferido da tribuna de honra do Batistão, aparecem todos os elementos caros à tradição política do momento: a educação, a juventude, o nacionalismo. Um nacionalismo de mão-dupla, via organização de cima e os interesses, aspirações e anseios de baixo. Uma juventude responsabilizada pelo futuro do país o qual delega ao indivíduo as opções pelo sucesso ou fracasso, individual e coletivo. Uma concepção utilitarista de esporte, visando a conservação da saúde e da raça, e também, moralista, indicando rumos socialmente salutar ao desenvolvimento da mocidade. Somada a esses caracteres-chave da modernidade, uma base religiosa, que também subsidiara o golpe de Estado de 1964, impingia uma aura sagrada ao esporte, enquanto prática da juventude, responsável pelo futuro organizado e disciplinado da nação brasileira.

Nesse ambiente, aos estudantes, cabia inserirem-se no cerne propugnado da festa; o congraçamento e a troca de experiências. Lígia Almeida, que vivenciara este momento como estudante e atleta, destaca a euforia e participação dos alunos:

Participei dos Jogos Estudantis Sergipanos como atleta de basquete, como atleta de natação e como atleta de atletismo. Não sei se pela minha idade — era adolescente — era maravilhoso. Porque assim, era menos pessoas, era menos atletas, todo mundo se confraternizava mesmo, as escolas suspendiam

---

<sup>59</sup> DISCURSO de abertura dos "I Jogos Estudantis Sergipanos". **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 19 out. 1970.

as aulas. A gente, quando a gente não estava jogando, a gente estava torcendo. O pessoal ia, as quadras enchiam, todo mundo gostava. Era um momento! [*ênfase*]. Isso depois foi se diluindo, foi se acabando, até por que as escolas não mais suspenderam as suas aulas. [...] Antes a gente saía de turma, de galera: "ah, o Atheneu vai jogar!". Então vamos torcer. "Ah, fulano vai jogar!", então a gente vai. A gente saía de uma quadra pra outra... Olhe que a gente saía do Atheneu e do Batistão e ia pra quadra do Clube do Trabalhador assistir jogo [*uma média de três a quatro quilômetros*]. E era aquela galera!<sup>60</sup>

O movimento dos alunos pela cidade pode revelar como as múltiplas experiências possibilitam infinitos olhares sobre as relações sociais (educacionais, esportivas, de poder), sobre o espaço urbano e sua organicidade. Independente de projetos políticos nos quais a lógica espetacular das tradições vise à acomodação da juventude, é possível percebermos que os comportamentos daqueles que consomem as ofertas culturais, jamais são irracionais ou reféns de ideologias. Nas relações entre os homens, neste plano de consumo, existe uma série de mediações, de apropriações, de combinações e distinções sociais entre o pragmático e o apazível<sup>61</sup>. As mediações destes jovens, portanto, eram impossíveis de serem aprisionadas aos muros escolares e às linhas das quadras ou raias de piscina e pista.

De modo complementar, mesmo os alunos que eram excluídos das "elites escolares" sabiam destacar os valores, e os limites dos JES, enquanto congraçamento:

Eles faziam de uma forma que era muito dinâmica, pro adolescente é uma sensação do que é bonito no jogo esportivo, dessa manifestação, da relação das equipes. É meio que uma lavagem cerebral, mas o movimento das coisas dentro da escola é bonito. Eu sempre ficava a mercê, por que eu nunca fui atleta, eu nunca era escolhida, porque eu não jogava nada, então... Se tira uma elite, de um grupo de tantos tira uma elite pra representar a escola. Mas eu me lembro da euforia da gente nos Jogos era uma coisa bonita, esse sentido do jogo, da coisa lúdica, essa coisa gostosa do congraçamento<sup>62</sup>.

Existem limites entre a participação e a exclusão das relações sociais. Os limites estão postos no "fazer-se", no estar presente no centro das ações, no campo das experiências sociais. Os JES, sob a intenção de selecionar atletas para os JEBs, ampliaram o fosso entre os participantes ativos e passivos, que era apenas ensaiado nos Jogos da Primavera.

Na década de 1960, com uma oferta de educação física ainda incipiente, os "atletas" eram participantes das equipes. Já na época dos JES, os atletas eram vistos como "elite esportiva", ainda que circunscrita ao microcosmo da cidade de Aracaju. Não obstante, além da ampliação deste fosso, as intenções permaneceram neste plano, sem conseguir revelar

<sup>60</sup> ALMEIDA, Lúcia Menezes. Entrevista concedida ao autor em 17 de outubro de 2007. op. cit.

<sup>61</sup> CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. op. cit.

<sup>62</sup> SILVA, Margarida Maria Rodrigues da. Entrevista concedida ao autor em 05 de dezembro de 2007. op. cit.

atletas de representação nacional. O selecionamento inócuo, a ausência do espetáculo dos desfiles e a atuação insípida do Estado contribuíram, sobremaneira, para o enfraquecimento dos JES e para o enfraquecimento da tentativa de "esportivizar" a escola ou torná-la o centro revelador de talentos esportivos.

Os primeiros sinais de que os JES se enfraqueceriam diante da tentativa de seguir o ritmo dos JEBs se manifestaram logo no segundo ano. Pouco antes da abertura dos "II JES", o jornal "Gazeta de Sergipe" expôs duras críticas à ausência dos Jogos da Primavera em detrimento dos JES, vistos como mais sisudos e pouco empolgantes. Em um Editorial, de 21 de setembro de 1971, o editor da "Gazeta de Sergipe" defendeu a "festa da juventude", ainda que fazendo críticas ao uso dos desfiles para benefício dos diretores escolares:

Os Jogos da Primavera são festas da alegria, da juventude exuberante e carente dessas promoções sadias, já que está cansada das festas sofisticadas em ambientes fechados. [...] Não resta a menor dúvida que a realização dos "Jogos da Primavera" dá trabalho e preocupação, mas a bem da juventude todo sacrifício é pouco. E ninguém poderá negar que atraindo os jovens, sem prejuízo das aulas, às quadras ou piscinas, desviamos-lhes de outras práticas que autoridades, pais e educadores se esforçam por fazer, motivo porque estranhemos o esquecimento da realização dos mencionados jogos<sup>63</sup>.

Nas edições seguintes, pipocaram as revelações de problemas estruturais e de dinâmica social. Os "III JES" foram imersos em confusões e tumultos: brigas entre torcidas, críticas a favorecimentos ao Atheneu, proibição de alunos em assistir aos jogos finais<sup>64</sup>.

Na IV edição dos JES, a falta de investimento do Estado foi notória, refletindo na compra de troféus somente para os campeões<sup>65</sup>, repercutindo na organização, sem desfile de abertura, com competições apenas nos fins de semana e somente nas modalidades de handebol, basquetebol e voleibol, fatos que desmotivaram a participação popular e refletiu em possível fracasso social do evento:

Sem desfile, sem a animação dos anos anteriores e sem o interesse que sempre despertava no seio da estudantada sergipana, serão abertos no dia de hoje os IV Jogos Estudantis. Esperava-se que os Jogos Estudantis Sergipanos de ano para ano ganhassem a aceitação dos estudantes e merecessem um maior apoio das autoridades responsáveis pela realização dos jogos<sup>66</sup>.

<sup>63</sup> JOGOS da Primavera. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 3, 21 set. 1971.

<sup>64</sup> POLÍCIA não comparece aos Jogos Estudantis. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 1, 18 out. 1972.; FALTA de policiamento suspende Jogos Estudantis. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 21 out. 1972.; BAGUNÇADOS Jogos Estudantis foram encerrados. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 23 out. 1972.

<sup>65</sup> SOMENTE campeões receberam troféus. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 8, 23 out. 1973.

<sup>66</sup> JOGOS Estudantis começam hoje. **Jornal da Cidade**, Aracaju, p. 7, 27 set. 1973.

O governo do estado, em meio à motivação criada pelos "*Cursos Internacionais de Educação Física*" promovidos pela UFS, voltou a realizar o desfile de abertura dos V JES no Batistão, lançando como estratégia motivadora, a apresentação da equipe de saltos ornamentais do Fluminense Football Club, no recém inaugurado parque aquático do Batistão. A equipe do Fluminense apresentava em sua formação, o então estudante de Educação Física Pedro Jorge Menezes. O retorno do sergipano — que maximizara a tradição de acendimento da pira olímpica no estádio, que compusera as seleções brasileiras de ginástica olímpica e saltos ornamentais — à sua terra, abrilhantando novamente os JES, foi largamente utilizado como via de identificação social<sup>67</sup>. Tal iniciativa articulava-se com o projeto de identificação dos sujeitos como cidadãos, unidos em torno de práticas, instituições e cerimônias, que se respirava nos anos de 1970 no Brasil. Uma medida necessária, considerando que,

[...] a maioria das ocasiões em que as pessoas tomam consciência da cidadania como tal permanecem associadas a símbolos e práticas semi-rituais (por exemplo, as eleições), que em sua maior parte são historicamente originais e livremente inventadas: bandeiras, imagens, cerimônias e músicas<sup>68</sup>.

Mesmo com as iniciativas, os esforços redundaram infrutíferos. Diante da enormidade do Batistão, os largos espaços vazios nas arquibancadas no desfile de abertura dos "V JES", revelavam que os mesmos vinham empolgando apenas os estudantes e alguns familiares<sup>69</sup>. Os "V JES" reuniram somente quinze escolas na competição e apenas a persistente Escola de 1º Grau Paulo Sarazarte, da pacata e histórica cidade de São Cristóvão, distante 25 km da capital, representou o interior do estado na disputa.

No momento em que o esporte, principalmente o futebol de bairros, já se massificara em Aracaju<sup>70</sup>, em que as televisões já transmitiam os resultados esportivos nos telejornais e o discurso nacionalista do esporte era a tônica, é de se estranhar tal esvaziamento? Entendo que as análises as quais indicam o alto investimento no esporte escolar, como política de Estado com fins de acomodação da juventude brasileira, novamente precisariam atentar para as peculiaridades regionais do país.

A falta de investimento massivo nos JES, a desmotivação da população em participar das cerimônias, a representação dos mesmos nos jornais locais, agora relegados às pequenas notas, diferentes das manchetes de primeira página dedicadas na década anterior aos

<sup>67</sup> JOGOS Estudantis serão abertos com atletas do Flu. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 10 out. 1974.; DESFILE abre Jogos Estudantis. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 12 out. 1974.

<sup>68</sup> HOBBSAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. op. cit. p. 20.

<sup>69</sup> PÚBLICO pequeno no Batistão. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 1, 13 out. 1974.

<sup>70</sup> Cf. BATALHA, J. **As peripécias do esporte sergipano**. Aracaju: [s.n.], 2002.



Jogos da Primavera, revelam o distanciamento entre intenção e realização, entre o discurso e a prática, entre o fato e as interpretações do fato. Os JES, idealizados para acompanhar a proposta dos JEBs de tornar a escola o espaço de formação da elite esportiva nacional, distanciou-se gradativamente, ao longo da década, das possibilidades de realização de seu intento.

De igual modo, enquanto os JEBs dedicavam-se a estruturar moldes científicos para a detecção de talentos esportivos, em Sergipe, os JES jamais estabeleceram quaisquer normas de avaliação e seleção de atletas. As escolhas dos técnicos das modalidades representadas nos JEBs ou eram políticas, indicadas pela SEC e federações esportivas, ou eram baseadas no estatuto da autoridade acadêmica quando eram indicados os professores da UFS. A seleção dos atletas era pautada em critérios técnicos subjetivos, de autoria dos treinadores indicados, sem qualquer planejamento científico. De modo otimista, porém crítico, o professor Cândido Pereira relembra a dificuldade da representação sergipana nos JEBs, principalmente pela falta de bases científicas de sustentação:

A participação [*nos JEBs*], não poderia deixar de ser, era simbólica. Quando uma equipe passava da primeira ou segunda, terceira rodada era um milagre. Porque lá se fazia esporte, aqui nós arremedávamos o esporte. Mas foi uma época interessante. Uma época que se tomou consciência de que esporte estudantil era coisa séria. E naquela época se respirava isso no Brasil. O papel dos Jogos Estudantis, nessa época, foi de tomada de consciência. Há atletas estudantis? Há. Em que situação Sergipe está? Na pior possível. Porque aqui não se faz esporte estudantil, aqui se faz algum..... Por mais que se leve a sério não tinha um embasamento científico. Por isso, os Jogos daqui serviram como se fosse uma tomada de consciência<sup>71</sup>.

Considerando as críticas de que, neste período histórico, adotou-se o paradigma da aptidão física, como orientação ao amoldamento do esporte aos princípios do capitalismo, é possível perceber que, em Sergipe, as bases científicas não encontravam eco; e as práticas, a exemplo do Atheneu, tinham caráter formativo, ainda que sem muita base de teoria pedagógica. As contingências, com as quais se deparavam os professores, e a tentativa de legitimarem suas práticas e a própria educação física, são muito mais reais que os pretensos discursos cientificistas os quais habitavam o imaginário dos setores acadêmicos que administravam os JEBs. Pode-se concluir que, independente das razões de Estado e das intencionalidades científicas de setores universitários, as experiências destoavam e revelavam problemáticas distintas entre as várias histórias da educação física e do esporte no Brasil.

---

<sup>71</sup> PEREIRA, Cândido Augusto Sampaio. Entrevista concedida ao autor em 21 de novembro de 2007. op. cit.

Nesse contexto, a tentativa de "esportivização" da escola resultou infértil, pois, não obstante os esforços dos professores e a demanda das práticas pelos alunos, os jogos escolares enfatizaram mais seus interesses políticos, que os educacionais. A massificação esportiva em Sergipe, a construção de grandes locais para a prática, a ampliação das escolas participantes nos JES (das 24 escolas de 1970, passando pelas 15 de 1975 até as 37 escolas de 1978), principalmente a realização de grandes eventos nacionais como os I e II Campeonatos Escolares Brasileiros (CEBs), em Aracaju nos anos de 1978 e 1980<sup>72</sup>, não foram suficientes para garantir e consolidar a existência dos JES.

Germinavam as condições para a "esportivização" da escola, todavia o que aconteceu foi apenas um ensaio do que viria mais à frente. O "aperfeiçoamento" resultou eficiente para passar ao "treinamento", no entanto, tal passagem se daria com outro nome e ideário ao engendrar-se uma nova jogada de reconstrução das tradições e radicalização do espetáculo.

Após assumir, em 1979, o governo do estado, indicado pela Presidência da República, o usineiro Augusto Franco nomeou Secretário de Estado da Educação, o Sr. Antônio Carlos Valadares, ex-prefeito do município de Simão Dias, ex-deputado estadual e à época eleito deputado federal. Uma trajetória política meteórica no partido da ditadura, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

Na administração da Educação, o secretário Valadares incentivou o esporte amador, encampou o projeto de retorno dos Jogos da Primavera e ratificou uma tradição política brasileira, principalmente de raízes oligárquicas: desconsiderar as realizações de governos anteriores. A perspectiva era de fazer uma "*démarche*" política — a exemplo da de Washington Luís, em São Paulo na década de 1920 — ou seja, tornar-se referência da promoção e catalisação do ativismo urbano generalizado em torno do esporte, às expensas do Estado<sup>73</sup>.

O retorno enfático ao espetáculo dos Jogos da Primavera ampliaria seu alcance, tornariam mais nítidas as vinculações dos eventos públicos à imagem privada de alguns políticos e, conforme o ritmo de abertura democrática, consolidaria o ensino privado e a "esportivização" da escola pelo viés mercadológico. Percebia-se então, que o Estado vai

---

<sup>72</sup> Os I CEBs foram realizados no Ginásio Constâncio Vieira, em 1978, com as modalidades de basquetebol, ginástica olímpica e ginástica rítmica desportiva, enquanto os II CEBs foram realizados em 1980 no mesmo ginásio para as disputas de voleibol, além do parque aquático do Batistão para as provas de natação, saltos ornamentais e pólo aquático. Ver: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Jogos Estudantis Brasileiros. Jogos Escolares Brasileiros. Campeonatos Escolares Brasileiros:** retrospecto geral. op. cit.

<sup>73</sup> Tal movimento é descrito e analisado por SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

aonde o povo está ou quer estar: às ruas, às escolas, aos clubes, aos estádios, às pistas, aos ginásios, às piscinas. Seria também, nesses espaços em que o embate iria acontecer.